

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS
CURSO DE MESTRADO

THAÍS MONIQUE BATISTA CONSTANTINO

CORPO ENCANTADO:

a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá

AQUIDAUANA – MS
SETEMBRO DE 2023

THAÍS MONIQUE BATISTA CONSTANTINO

CORPO ENCANTADO:

a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos Culturais.

Orientador: Miguel Rodrigues de Sousa Neto.

AQUIDAUANA – MS
SETEMBRO DE 2023

CONSTANTINO, Thaís Monique Batista. **CORPO ENCANTADO: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 179 p., 2023.

BANCA EXAMINADORA

Miguel Rodrigues de Sousa Neto
presidente, PPGCult/UFMS

Robson Pereira da Silva
arguidor, UPM; CNPq

Murilo Sebe Bon Meihy
arguidor, PPGCult/UFMS; UFRJ

Aguinaldo Rodrigues Gomes
arguidor, PPGCult/UFMS

Dedico este trabalho para minha família que, mesmo em grandes tempestades, sempre foi minha âncora e estrela guia. Caminhar com a certeza de que todos os percursos levam ao acolhimento, ao incentivo, ao amor e compreensão da mãe, do pai e do irmão aguça a vontade de viver. Que este trabalho possa encontrar diferentes caminhos e leituras, e possibilite pensar a vida e os corpos a partir de múltiplas possibilidades de existências.

AGRADECIMENTOS

Estar num programa de pós-graduação *strictu-sensu*, especificamente mestrado, numa instituição federal e pública, para mim, está para além do sonho. Para pessoas cujo percurso sempre se mostrou mais longo e cheio de pedregulhos, cujos dizeres da sociedade sempre apontavam para o lugar da não existência ou para as periferias que muitos insistem em mantê-las, é um ato de resistência. Formações como esta, para pessoas que trilham os mesmos caminhos nos quais estive, não estão na esfera do sonho. Por isto, antes de qualquer pessoa, reverencio e agradeço a mim, que transformou e tem transformado atos de resistência em atos de conhecimento. Cuja escuta atenta tem revisitado lugares e memórias para tornar escrita, palavra, corpo, para (in)corporar outras formas de existência e transformar em potência criadora.

À minha família, eterna gratidão por acreditar e incentivar todas as minhas escolhas. Agradeço por me soltarem no mundo, como sempre é lembrado pela minha mãe, para ir em busca de formação. Agradeço principalmente minha mãe Maria Rosa, cuja importância do estudo sempre esteve como pilar importante da vida. Obrigada por cada escola, projeto e curso que me fez estudar, mesmo quando nada parecia fazer sentido; cada lugar e pessoa enfrentada para que pudesse ter as melhores oportunidades e experiências que me pudessem ser experimentadas. Obrigada por sempre me oferecer amor, ensinar a ser resistente e buscar no estudo a orientação necessária para a vida.

À minha família, através de parentes, minha gratidão por acreditarem, por me cuidarem em vários momentos e, por dividirem e comemorarem comigo minhas conquistas. Vocês também foram importantes para minha trajetória. Sou a primeira a atingir o mestrado e espero poder ser símbolo de caminhos abertos¹ para que mais possam alcançar esta formação acadêmica. Ainda somos poucas (somente mulheres) a chegarem ao nível de graduação. Que possamos honrar a memória de nosso querido avô João Batista, cujos esforços da lavoura sempre foram voltados ao alimento da carne e do intelecto.

Amigas e amigos, principalmente de graduação, cujo acolhimento em terras sul-mato-grossense fez dela minha morada, minha gratidão pela escuta, cuidado e incentivo diário para que pudesse concluir mais uma etapa da formação acadêmica. Às mestrandas e aos mestrandos,

¹ A expressão é utilizada no meio umbandista. Está ligado aos trabalhos de esquerda, ou seja, aos Exus, Pombagira e Ciganas e representa as novas estradas e oportunidades que as entidades promovem.

pela escuta atenta e empática, pelo incentivo, diálogos mais diversos e elaborados possíveis. Meu profundo desejo que todas e todos encontrem êxito em suas pesquisas.

Ao meu parceiro, Diego Pimentel, pela extrema paciência, sabedoria e palavras de incentivo. Por todos os momentos de cuidado, que não foram poucos, para com minha saúde física, emocional, mental e espiritual. Pela leitura atenta de meus rascunhos e diálogos. Você foi fundamental para persistência e realização desta pesquisa, por isso minha gratidão.

Ao meu orientador, Miguel Rodrigues de Sousa Neto, por acreditar na minha proposta de pesquisa e aceitar orientá-la. Sua paciência e acolhimento para o meu processo de escrita e minha pesquisa ficarão marcados enquanto acadêmica. Minha gratidão por me conceder todo tempo necessário para me curar fisicamente e emocionalmente das doenças e vivências que atravessaram meu caminho. Miguel, trouxe diálogos e olhares ampliados para a pesquisa. Que Oxalá continue lhe abençoando.

Agradeço a oportunidade de aprendizado e escuta proporcionadas pelas minhas professoras Iára Quelho de Castro e Vera Lúcia Ferreira Vargas, e aos professores Miguel Rodrigues de Sousa Neto, Murilo Sebe Bon Meihy, Marcelo Victor da Rosa e Tiago Duque.

Minha banca de qualificação, meu orientador Miguel, os professores Aguinaldo Rodrigues Gomes e Murilo Sebe Bon Meihy, que procuraram contribuir de forma positiva com a minha escrita. Foi um momento de grande aprendizado poder ouvir as leituras feitas e as possibilidades de discussão encontradas. Agradeço ainda por toda orientação feita para o crescimento e aperfeiçoamento da minha escrita.

Agradeço aos componentes de minha banca de defesa dessa dissertação, meu orientador Miguel, os professores Robson Pereira da Silva, Aguinaldo Rodrigues Gomes e Murilo Sebe Bon Meihy, por aceitarem mais uma vez dialogar a partir do texto por mim escrito e pela possibilidade de mais uma vez aprender com suas questões.

Agradeço ao Templo de Umbanda Pai Oxalá, na figura do pai de santo² Luis Otávio Mongelli, por ter aberto as portas do terreiro para minha chegada primeiro enquanto consulente, depois enquanto médium e ainda como pesquisadora. Obrigada por todo cuidado com meu desenvolvimento espiritual e acadêmico.

Aos entrevistados, minha irmã e meus irmãos de fé, pela confiança em minha pesquisa e em partilhar suas experiências e conhecimentos comigo.

² Líder religioso.

Agradeço aos meus guias e entidades. Ao Exu por abrir os caminhos e preparar minha chegada na Templo de Umbanda Pai Oxalá, ao Caboclo por contribuir com suas sabedorias para a discussão que aqui proponho, à Preta Velha por me ensinar a importância do amadurecimento na vida, ao erê por me lembrar da importância das brincadeiras para o desvendar da vida, ao Baiano por me mostrar coisas além do horizonte, e todas as outras entidades por contribuírem e cuidarem de cada passo.

E por fim, agradeço a quem direta ou indiretamente esteve do meu lado incentivando meu caminhar, mesmo que não percebido por mim.

Que Oxalá proteja e abençoe cada uma e cada um de vocês!

SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo 1 – Os territórios do encantamento	24
Terreiro.....	26
Sobre território.....	39
Onde estão situados.....	41
Umbanda em Campo Grande/MS.....	44
O encantamento do terreiro ou terreitório.....	47
Umbanda(s).....	50
O terreiro onde me assentei.....	57
“Oh, gira, deixa a gira girar”.....	73
Capítulo 2 – O encantamento dos corpos	78
O corpo que performa.....	81
O que pode um corpo?.....	83
(In)corporação.....	89
O transe antes e agora.....	96
Corpo terreiro: corpo dançante.....	100
Capítulo 3 – O encantamento pelas folhas: caboclas e caboclos no terreitório	105
“Caboclo não tem caminho pra caminhar”.....	108
Caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá.....	115
Os segredos das folhas.....	120
Terreitório: gestos e símbolos.....	124
Considerações Finais	128
Referências	133
Anexo 1	137
Anexo 2	181

CONSTANTINO, Thaís Monique Batista. **CORPO ENCANTADO: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 179 p., 2023.

RESUMO: Esta dissertação tem como tema de reflexão os corpos de terreiro, especificamente a (in)corporação de caboclas e caboclos em terreiros de Umbanda. A escrevivência de Conceição Evaristo é utilizada enquanto ferramenta metodológica, uma vez que as reflexões apresentadas evocam meu corpo-memória e se cruzam/somam às bibliografias, construindo, questionando, criando e compreendendo conceitos e construções histórico-sociais ligados à religião Umbanda, à (in)corporação, seus elementos e seus sujeitos. Os temas abordados perpassam o terreiro, tanto em suas dimensões físicas e simbólicas, e exploram a relevância do corpo nas religiões afro-brasileiras, especialmente no contexto da (in)corporação. Adicionalmente, a pesquisa discute a importância e a identidade das caboclas e caboclos em terreiros de Umbanda. A pesquisa adota uma perspectiva decolonial, visando devolver/reconstituir ao corpo, e a religião como um todo, historicamente subalternizados suas próprias noções de significação. Utilizo a revisão bibliográfica como metodologia de pesquisa, observação participante nas giras de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá, localizado em Campo Grande – MS, e entrevistas com médiuns de (in)corporação e algumas entidades caboclos a partir de questionário pré-estruturado. Os principais autores e conceitos utilizados são Graziela Rodrigues com corpo mastro, experivivência e coabitação; Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas que discutem o carrego colonial, supravivência, caboclos e encantamento. Diante da constatação de que a colonialidade se fundamentou na descredibilização de diversas formas de ser, saber e fazer, bem como na dominação, perseguição e na morte, tanto física quanto simbólica, este estudo revela que a (in)corporação representa uma subversão desse projeto de desencanto. A (in)corporação possibilita o contato com diversas memórias de existência e energias vitais, sendo o corpo o local onde o axé está presente, permitindo assim a ruptura com a disciplinação dos corpos e dos cultos, desafiando a lógica imposta.

Palavras-chave: Umbanda, Cabocla e Caboclo, Corpo, Incorporação, Estudos Culturais.

CONSTANTINO, Thaís Monique Batista. **CORPO ENCANTADO: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Campus de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 179 p., 2023.

ABSTRACT: This dissertation focuses on *terreiro* bodies, specifically the (in)corporation of *caboclas* and *caboclos* in *Umbanda terreiros*. Conceição Evaristo's writing is used as a methodological tool, since the reflections presented evoke my body-memory and intersect/add to the bibliographies, building, questioning, creating and understanding concepts and historical-social constructions linked to the *Umbanda* religion, the (incorporation, its elements and its subjects). The themes covered permeate the *terreiro*, both in its physical and symbolic dimensions, and explore the relevance of the body in Afro-Brazilian religions, especially in the context of (in)corporation. Additionally, the research discusses the importance and identity of *caboclas* and *caboclos* in *Umbanda terreiros*. The research adopts a decolonial perspective, aiming to return/reconstitute the body, and religion as a whole, which have historically subalternized their own notions of meaning. I use a bibliographic review as a research methodology, participant observation in the *caboclas* and *caboclos* tours at the *Templo de Umbanda Pai Oxalá*, located in Campo Grande – MS, and interviews with (in)corporation mediums and some *caboclo* entities based on a pre-structured. The main authors and concepts used are Graziela Rodrigues with a strong body, experience and cohabitation; Luiz Rufino and Luiz Antonio Simas who discuss colonial occupation, survival, *caboclos* and enchantment. Given the observation that coloniality was based on the discrediting of different ways of being, knowing and doing, as well as domination, persecution and death, both physical and symbolic, this study reveals that (in)corporation represents a subversion of this project of disenchantment. (in)corporation enables contact with different memories of existence and vital energies, with the body being the place where *axé* is present, thus allowing a break with the discipline of bodies and cults, defying the imposed logic.

Keywords: Umbanda, Cabocla and Caboclo, Body, Incorporation, Cultural Studies.

INTRODUÇÃO

[...]
 Laroyê, agô, Exu Odara
 Senhor da alegria rara
 Dono do corpo que samba
 Mojuba ô, Elegbara!
 [...]

Fabiana Cozza, **Bravum de Elegbara**.

A reflexão que proponho surgiu como desdobramento de estudos vivenciados nas disciplinas de Danças Afro-Brasileiras e Danças Indígenas do curso de Artes Cênicas e Dança - Licenciatura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), no ano de 2017. Qual é o corpo que dança nos terreiros de matriz afro-brasileira? Que corpo é este que dança fora da academia e, principalmente, dentro dos terreiros? Quais são as performances destes corpos? Esses e outros questionamentos foram lançados a fim de provocar e refletir sobre as noções de corpo, movimento e territorialidade sobre as danças afro-brasileiras e indígenas na construção das danças brasileiras.

As religiões de matriz afro-brasileira e as danças das diferentes comunidades indígenas do estado de Mato Grosso do Sul foram requisitadas como um campo de observação e coabitação para pensar o corpo. Porém, este processo de coabitação não foi concretizado para mim em sua totalidade, visto que identifiquei que os carregos coloniais (SIMAS e RUFINO, 2019) ainda me constituíam em maior parte. Assim, minha participação esteve focada em leituras e na apreciação de vídeos.

Mais tarde, ainda reverberando os questionamentos que vivenciei na graduação, passei a integrar a Cia de Artes Rob Drown em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, cuja base de pesquisa cênica está voltada para a cultura popular brasileira, principalmente as danças populares que pesquisam e que tem como influência e eixo principal as danças de matrizes africanas, afro-brasileira e ou indígenas. E dei início a minha participação na capoeira angola, visando reconhecer nestas práticas cênicas e corporais esse corpo de terreiro, a fim de não precisar dialogar necessariamente com eles nos territórios de culto. Dito de outra forma, fui me acercando aos poucos do terreiro, chegando a ele por suas fronteiras porosas com outras práticas.

À medida que buscava me afastar/aproximar dos terreiros, reconhecia e se mostravam mais fortes em meu corpo-memória as experiências, ensinamentos e conhecimentos que sustentam hoje minha noção de corpo de terreiro. Foi sobretudo pelo viés do projeto colonialista

que, utilizando de um de seus dispositivos – a religião –, se formaram minhas experiências e noções de corpo, um viés branco, eurocêntrico: era a noção de um corpo em posseção.

Em linhas gerais, foi a partir do estranhamento da noção de meu próprio corpo – seja ele pelo viés cultural ou religioso –, ou melhor, do corpo afro-brasileiro que dança, que foram evidenciados em minha formação como a subalternização, a demonização e o apagamento operavam sobre os corpos, em especial aqueles que não operam pelas normativas branca, cis gênero, heterossexual, cristão e burguês. O corpo, seja nas relações de gênero, sexualidade, relações étnico-raciais, religiosidade, manifestação artística, entre outros, sempre foi o primeiro e principal lugar de ataque, silenciamento, subalternização, produção da diferença, apagamento etc. O projeto colonial não havia somente cerceado a dimensão corporal, mas toda a minha noção de relação de diversidade de existências, saberes e experiências. A partir do corpo evidenciei como minhas referências de ser/saber (SIMAS e RUFINO, 2019) foram sempre submetidas a uma condição de subalternização do outro (negro e indígena).

Mediante as perguntas que me foram lançadas ainda na graduação, das minhas experiências nos grupos cênicos corporais e do reconhecimento da colonialidade que operava sobre as visões que possuía a respeito das práticas religiosas afro-brasileiras e os corpos de terreiro, surgiram novos questionamentos: quais são os limites impostos na minha formação subjetiva que enquadrava e repulsava todo corpo e prática cultural não branca? O que é (in)corporar? O que é terreiro? O que me conduziu a uma revisitação de meus saberes teóricos e práticos a respeito do corpo e a busca por vivenciar o terreiro por meio da Umbanda.

Por meio deste percurso, surgiu o interesse em pesquisar o corpo de terreiro em comparação com o corpo étnico, ou seja, o corpo da cabocla e do caboclo em comparação com o corpo indígena. O projeto apresentado para seleção tinha como título *Corpos de terreiro: entre o sacro e a tradição*, cujo objetivo de discussão principal era analisar de que forma as teorias fundamentam as culturas populares tradicionais e sacras brasileiras em torno do corpo e refletir como o limiar entre prática ritualística/manifestação e técnica/representação podem ser entrelaçados. Eu intencionava realizar um paralelo entre as danças indígenas e as movimentações de caboclas e caboclos em terreiros de Umbanda.

Diante dos diálogos que foram, gradualmente, construídos nas disciplinas cursadas ao longo do curso de mestrado, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, evidenciou que a interação entre as performances corporais da cabocla e do caboclo e indígena que propunha não se concretizava. O corpo do e no terreiro é aquele que ritualiza a ancestralidade, enquanto o corpo indígena é aquele que vive a própria ancestralidade, é um

legado que é passado de geração a geração. Ao tentar estabelecer relações ao modo como primeiramente fora apresentado, era ressaltado que se trata de sujeitos, de práticas, de lugares que, embora dialoguem, são subjetivos. E forçar essa comparação seria mimetizá-los e reduzi-los. Portanto, uma vez que meu maior interesse estava em dialogar com os corpos de terreiro, a ideia de comparação entre as performances corporais de cabocla e caboclo e indígenas foi substituída pelo diálogo entre as noções de corpo e terreiro.

Assim, **CORPO ENCANTADO: a (in)corporação de caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá**, surge, acima de tudo, da evidência de um corpo que era desconhecido e que precisou ser re-descoberto, encantado. Tem como objeto de discussão os corpos de terreiro a partir da (in)corporação de caboclas e caboclos em terreiros de Umbanda. Compreende o corpo como fronteira e território do divino e do humano, ou seja, que corpovivifica³ o sagrado, é encontro/travessia/encruzilhada de mundos e que aponta para outras perspectivas de significação de ser, estar, sentir e explicar o mundo. A (in)corporação ou o transe, portanto, desafia/subverte/rompe/negocia/dialoga com a lógica colonial binária ao propor maneiras plurais de existência por meio do encanto, unindo corpo e espírito, separados pela lógica colonizadora.

Se o colonialismo se edificou a partir da descridibilização das diferentes formas de ser, saber e fazer, pela dominação física e simbólica, pela perseguição, criminalização e morte, propor o corpo (in)corporado enquanto objeto de pesquisa é restituir os sujeitos hoje pertencentes desse lugar de manifestação religiosa de seus significados e de encantar os corpos mortos físico e simbolicamente enquanto entidades do ser, saber e fazer. “O corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória” (MARTINS, 2022, p. 89 apud SANTOS, s.d., p. 2). O corpo fundamentado enquanto noção de existência, experiência e ritualização da ancestralidade.

Neste sentido, a pesquisa adota uma perspectiva decolonial, visando devolver/reconstituir ao corpo historicamente subalternizado suas próprias noções de significação. Utilizo a revisão bibliográfica enquanto metodologia de pesquisa, valendo-me principalmente das leituras contempladas nas disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, curso de mestrado, pela Universidade Federal de Mato Grosso

³ Este termo vai ser mais bem abordado no capítulo seguinte. De forma breve, corpovivificação ou corporificação diz respeito a (in)corporação de caboclas e caboclos a partir do transe pela/o médium. Ao (in)corporar o corpo vivifica uma narrativa, um sujeito de outra era e, assim, transforma o corpo.

do Sul/UFMS. Minha preferência recai sobre autoras e autores que tecem críticas à colonialidade e ou exploram temas relacionados ao terreiro, tais como transe/(in)corporação/estado alterado de consciência, cabocla e caboclo, corpo, ritualísticas, entre outros.

Em relação a bibliografia, se vale dos estudos de Graziela Rodrigues (2018) a respeito do *corpo* a partir do contato com o sagrado, enquanto *mastro* que estabelece comunicação entre céu e terra [ou, em termos mais umbandistas, entre o plano dos encarnados e o plano dos ancestrais], expandindo sua energia cotidiana. A partir do corpo, a autora também discorre sobre os *terreiros* enquanto laboratório existencial e identitário do povo brasileiro. Também contempla o conceito de *experivivência* – conceito abordado também pelos autores Bessa-Oliveira e Santos (2020) –, em que a experiência é entendida e construída a partir da vivência; a *coabitação com a fonte* enquanto método indispensável para o diálogo com os corpos e sujeitos se efetive e não se trata apenas de objetos de contemplação para pesquisa e, a *incorporação* enquanto um fenômeno em que o corpo se expande, ganhando e perdendo e fazendo surgir um novo corpo.

Os autores Luiz Rufino e Luiz Antonio Simas (2018, 2019, 2020), a partir do conceito de *pedagogia das encruzilhadas* pensada como confronto à lógica colonial, me auxiliaram na discussão em relação aos corpos e seus sujeitos, e terreiros. Para os autores o *carrego colonial* é a condição de desencante, imposta pela colonialidade, das diversidades de *ser/saber*. Assim o *caboclo* é a antinomia mais potente ao ser civilizado, por esta razão se tornam *supraviventes* – aquele capaz de driblar toda condição de subalternização e afirmar a vida a partir das múltiplas relações, como o corpo e a espiritualidade. O terreiro é compreendido como um campo inventivo e do encantamento. O corpo é abordado enquanto experiência em todas as suas dimensões. Assim, o *encantamento*⁴ surge enquanto política da vida que fala sobre outros modos de existir e praticar o saber.

Associada a esta autora e a estes autores, recorro ao conceito de *escrevivência* de Conceição Evaristo, no qual a escrita nasce do cotidiano, das lembranças, das experiências e da própria vida da autora e de seu povo, ganhando vida em sua literatura. Escrever a vivência é, sem dúvidas, o maior aporte teórico e ferramenta metodológica – se assim posso referir – à qual irei me embasar para construir a escrita e as reflexões que proponho. Nesta pesquisa, memórias, vivências, diálogos, observações, leituras, vídeos, poemas, músicas, entrevistas compõem e

⁴ Os termos encantado, encantamento, encantar vão ser constantemente utilizados ao longo da pesquisa. Diz respeito ao processo de passagem do espírito da experiência terrena para a atuação no plano espiritual.

orientam a discussão a respeito das caboclas e dos caboclos, da (in)corporação, dos terreiros, da Umbanda e dos corpos e seus sujeitos.

Escrever é estar atenta a tudo que está a sua volta, transformar em literatura os atravessamentos de vivências. A partir disso utilizo do confronto entre duas concepções de corpo que terreiro que me formavam: a que vem dos atravessamentos religiosos que me fora apresentada durante anos e estava ligada visão colonialista de corpo em possessão e, a de corpo poético e corpo encantado, apresentado em primeiro momento a partir de literaturas e depois da vivência, buscando transgredir a disciplinarização e o medo do corpo.

Assim, as reflexões que aqui apresento evocam esse corpo-memória como maneira de situar-me historicamente e subjetivamente. Memórias e vivências que ora me ajudam a questionar conceitos, ora me ajudam a criá-los, mas sobretudo a compreender através de minhas experiências as construções histórico-sociais.

Neste sentido, o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo me é potente e importante para pensar essa escrita vivida. A memória que reivindico está para além da noção de uma escrita histórica ou reflexão distanciada, parte do meu corpo-memória. Assim este corpo, objeto de reflexão, parte de mim para o todo e do todo para este corpo-memória, para minhas experiências. Me valho das minhas experiências e memórias enquanto pessoa que já sofreu com o carregamento colonial para questionar e tensionar o pensamento hegemônico, branco e cristão enquanto única possibilidade de existência que fora financiado pela colonialidade.

Evaristo utiliza sua posição enquanto mulher, negra, de origem africana, ligada aos ancestrais, pesquisadora, para que também se coloque em seu texto, celebrando e transformando em potência seus saberes que por muito tempo foi silenciado por colonizadores desde o período escravocrata (MATOS, 2022, p.15).

Eu utilizo minha posição enquanto mulher, pesquisadora-participante, médium de terreiro de Umbanda, artista, observadora e já pertencente as religiões cristãs, para falar sobre saberes, experiências e corpos de terreiro. Assim, situo a leitora e leitor ainda que, ao buscar dialogar com o terreiro de Umbanda não estava em busca de uma religião, mas pretendia pôr à prova⁵ a concepção religiosa que possuía a respeito das manifestações afro-brasileiras.

⁵ Durante o último ano de graduação (2017) e os dois anos seguintes após a minha formação, diálogos sobre as práticas ritualísticas dos terreiros de Umbanda eram constantemente realizados por mim no intuito de investigar e validar quais teorias estavam certas: a noção de corpo poético, corpo cênico de que algumas teóricas, como Rodrigues (2018) e Salvador (2014) discursavam e tivera acesso na graduação ou a noção de corpo em possessão que estava ligado a minha doutrinação religiosa que formava a minha experiência religiosa até o momento.

Como aporte teórico-prático utilizo a pesquisa de campo para elaboração das fontes. Para tal estudo e diálogo, optou-se pelo Templo de Umbanda Pai Oxalá, localizado na cidade de Campo Grande/MS⁶, sendo que já pertenço ao terreiro enquanto médium de (in)corporação. Além da observação e participação em e de todos os elementos que compõe o território, especialmente as (in)corporações de caboclas e caboclos, foram feitas entrevistas a fim de dialogar com os sujeitos. Como critério de participação estabeleceu-se as seguintes condições: todos os entrevistados participantes deveriam ser médiuns⁷ de incorporação pertencentes ao Templo de Umbanda Pai Oxalá, maiores de idade e que autorizassem via termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) a sua participação.

No total, foram realizadas seis entrevistas, incluindo a do pai de santo e apenas uma mulher, além de três caboclos (in)corporados em seus respectivos médiuns. A entrevista contou com 30 perguntas, organizadas de forma a abordar aspectos identitários e das relações/experiências a respeito da Umbanda, caboclas e caboclos e (in)corporação. Inicialmente, buscava-se compreender a trajetória religiosa de cada entrevistado até sua chegada ao Templo de Umbanda Pai Oxalá, bem como suas atribuições dentro do terreiro. Em seguida, as perguntas direcionavam-se para a temática central da pesquisa, com o objetivo de compreender a partir da vivência e compreensão de cada um o que é o terreiro, quem são as caboclas e os caboclos, o que é (in)corporação e qual é a relação do corpo durante o transe mediúnico.

As questões de pesquisa, inicialmente, concentravam-se na identificação e formulação de respostas acerca dos limites que influenciavam e atravessavam a minha formação subjetiva, limitando, enquadrando e repulsando qualquer manifestação corporal e prática cultural não branca. Nesse sentido, foi conduzido um estudo preliminar/introdutório para compreender o significado de (in)corporar e o conceito de terreiro. Posteriormente, o foco da pesquisa direcionou-se para uma compreensão mais profunda dos temas em que as entrevistas, a imersão em giras de Umbanda no Templo de Umbanda Pai Oxalá, minhas experiências e leituras se articulam. Surge, então, a indagação de como podemos abordar a incorporação das entidades⁸ caboclas e caboclos nos terreiros de Umbanda, especificamente no Templo de Umbanda Pai Oxalá. A pesquisa também busca desvendar a importância do corpo no processo de

⁶ Seu endereço completo é: Avenida Joana Darc, 819, Bairro Pioneiros. Campo Grande – MS.

⁷ É o intermediário entre os espíritos e os seres encarnados. A mediunidade se expressa de diferentes maneiras. Algumas das modalidades são a intuição, o olfato, a vidência, a audição, a psicografia e a incorporação.

⁸ O termo entidade é adotado dentro da Umbanda como o espírito que é incorporado pelo médium. Também é comum ouvir o termo guia espiritual. Adoto o significado previamente atribuído e adiciono o sentido de indivíduo de grande eminência, notável, importante, de grande elevação espiritual e sabedoria.

incorporação e como as entidades caboclas e caboclos podem ser concebidas a partir do transe e da incorporação.

Para além da mera observação, esta pesquisa insere-se no contexto do método de observação participante. Dessa forma, ao dialogar com o Templo de Umbanda Pai Oxalá e os sujeitos que o compõe, meu interesse não se limita à mera observação, mas estende-se à interação com os sujeitos e ao ambiente em questão. Como aponta a pesquisadora Graziela Rodrigues (2018), trata-se de um estado de coabitação, onde o diálogo com os participantes da pesquisa se torna essencial. Isso visa romper com a postura distante e possibilitar que as perspectivas e conhecimentos dos sujeitos, suas culturas locais e práticas religiosas, ganhem força tanto na sociedade em geral quanto dentro dos círculos acadêmicos.

A dissertação está organizada em três capítulos, sendo cada um voltado a um tema, sendo o território, a (in)corporação e caboclas e caboclos, respectivamente.

No primeiro capítulo, *os territórios do encantamento*, são discutidas noções de terreiro, território, traz aspectos de ordem de localização, apresenta o Templo de Umbanda Pai Oxalá, as materialidades utilizadas, as dimensões sociais que compõem o terreiro, trata o conceito de *terreitório*⁹ enquanto terreiro que sofreu o processo de encantamento a partir das práticas que são exercidas e, dos elementos que são utilizados por toda ritualística que compõem o terreiro e não apenas o transe.

O segundo capítulo, *encantamento dos corpos*, tem como principal tema de discussão o corpo na religião afro-brasileira, na Umbanda. Especificamente a (in)corporação de caboclas e caboclos. Para isto, inicia-se com a contextualização histórica da concepção do corpo passando pelo processo de colonização e suas heranças. Busco evidenciar como o carrego colonial difundiu e promoveu a ideia dos corpos de terreiro em transe enquanto o corpo do pecado, do macabro, da possessão e, em contraponto, apresento as poéticas de terreiro por meio de minha experivivência neste espaço de culto e autores que discutem o terreiro, o transe, a performance corporal e tecem críticas ao colonialismo.

Por último, o terceiro capítulo, *o encantamento pelas folhas: caboclas e caboclos no terreitório*, toma como principais sujeitos de discussão as caboclas e os caboclos em terreiros

⁹ Farei uso das duas terminologias em minha escrita. A palavra *terreiro* é utilizada pelos adeptos da Umbanda e indica o lugar onde são realizadas as cerimônias religiosas. Também é comum ouvir as terminologias: casa, templo ou barracão. Estes espaços estendem-se ainda a celebrações feitas ao ar livre, junto à natureza. São presididas por uma/um líder religiosa/o a/o qual recebe o nome de “mãe” ou “pai” de santo. Já a terminologia *terreitório* – proposta por mim – visa olhar para este território do terreiro para além das dimensões físicas e entendê-lo como um lugar de manipulação de energias a partir de vários elementos, como também espaço destinado à (in)corporação. Seja terreiro ou terreitório, o que busco é enfatizar este espaço enquanto local de pertencimento, de manutenção da energia vital e de encantamento.

de Umbanda a partir do transe. O principal interesse está em expor como o território se concretiza a partir do encantamento das folhas, ou seja, a manipulação das diferentes materialidades que compõem a ritualística a partir da (in)corporação de caboclas e caboclos nos terreiros de Umbanda. Ou seja, enquanto um espaço que é vivenciado e construído a partir das relações, símbolos e vínculos. A reflexão perpassa pela problematização da formação do conceito de caboclo criado pelos europeus como forma de sistematizar as diversas práticas de diferentes etnias; problematização a respeito dos arquétipos; reflexão sobre as diferentes concepções de caboclas e caboclos encontradas nas religiões; exposição sobre quem as caboclas e caboclos no terreiro de Umbanda; e (in)corporação de caboclo a partir de minha vivência em terreiro.

São temas que se entrelaçam com as vivências pessoais que apresento. As autoras e autores vão dando forma e sustentação para críticas e propostas que defendo.

Para discutir o transe de terreiro opto por usar a nomenclatura (in)corporação para ressaltar a manifestação espiritual a partir do corpo. Na (in)corporação a soma dos corpos físico e espiritual ocorre. É no e pelo corpo que a entidade é percebida.

Já território é utilizado por mim como território do terreiro. Ou melhor dizendo, território do encantamento, do axé¹⁰. Lugar onde baixam orixás¹¹, guias¹² e mensageiros. Onde segredos e mistérios da calunga¹³ são revelados pela (in)corporação, elementos e ensinamentos que compõem a prática de terreiro. É lugar onde o axé está vibrante.

O objetivo principal da pesquisa é apreender de que forma as teorias fundamentam os corpos de terreiro, especificamente a manifestação da(s) cabocla(s) e do(s) caboclo(s), refletindo sobre os estados corporais a partir do transe. A partir desse objetivo, desenvolvo as seguintes propostas: investigar e discutir os estados corporais que emergem durante o transe; analisar as concepções históricas do corpo sob uma perspectiva religiosa; promover uma análise e discussão do surgimento da Umbanda com base em um breve aprofundamento histórico; discutir o limite entre a prática ritualística/manifestação e a técnica/representação; refletir sobre

¹⁰ Energia primordial presente em todo o universo, é abundante na natureza, nas folhas, animais, minerais, que é manipulado e distribuído no terreiro em benefício de todos os participantes.

¹¹ Divindade do povo Yorubá, que foi incorporada pela Umbanda e cultuada à sua maneira.

¹² Também chamados de entidade, espíritos humanos, considerados de grande conhecimento, sabedoria, espiritualidade, poder mágica, que se manifestam nos terreiros de Umbanda. Apresentam-se sob formas astrais que simbolizam diferentes povos presentes no território brasileiro: caboclos, preto velhos, exus, pombagiras, baianos, boiadeiros, marinheiros, entre outros.

¹³ Calunga pode estar associada à duas definições, geralmente é compreendida como um lugar onde as entidades atuam. Calunga pequena que está associada ao cemitério, já calunga grande ao mar. Assim, é comum associar Exus enquanto trabalhadores da calunga pequena e, sereias, marinheiros, marujos e pescadores a calunga grande.

a(s) caboclas e caboclo(s) tomando a (in)corporação como principal aporte de discussão; explorar os espaços de culto, rituais e tradições e sua influência na transformação do corpo; observar as manifestações corporais das caboclas e dos caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá; refletir sobre os estados corporais percebidos nos outros e em mim, bem como a partir dos diálogos estabelecidos durante as entrevistas.

Noto a inobservância de estudos e pesquisas que discutem o corpo enquanto sagrado visível no processo de (in)corporação/transe de caboclas e caboclos em terreiros de Umbanda. Ou ainda, discussões que abordam de forma sistêmica os conhecimentos que permeiam esses espaços de crença e que os tomam enquanto suporte para outras discussões. E, ainda, o entrave de artistas pesquisadores em refletir sobre estados corporais sem, contudo, mimetizá-los.

Os cultos religiosos em terras brasileiras resultam do cruzo de diferente nações e crenças. Logo, o corpo que encontramos nesses espaços dizem respeito, ou deveria, a uma variedade de culturas expressas nas suas maneiras de manifestação. No entanto, ao que muitos chamam de sincretismo, se tratou muitas vezes do apagamento e da imposição de poder de uma crença sobre a outra. Como nos lembra Renato Ortiz (1999), o sincretismo surge como o apagamento das tradições africanas e indígenas e a assimilação de seus elementos pela tradição cristã. Ocorre um processo de fragmentação e surgem inúmeros problemas sociais. É, sobretudo, um processo ambivalente: de um lado há o reconhecimento de uma nova religião que se forma a partir da combinação ou junção de elementos de diferentes tradições religiosas e, do outro, o apagamento. A colonialidade ao impor e validar uma forma de crença, culto, manifestação religiosa não levou em consideração a diferença.

Neste sentido, o corpo sacro brasileiro não é único, mas vários. Assim, pensar o corpo e os sujeitos a partir da (in)corporação é a possibilidade de romper com todo carrego colonial e reivindicar a condição de encantamento que está para além da noção de vida e morte, da separação de corpo e espírito impostos pelos moldes eurocêtricos. (In)corporar é possibilidade de contato com as diferentes memórias, energias vitais, sujeitos, tempos e espaços de forma real. O corpo é fronteira onde tudo acontece, e onde circula a energia do encontro do humano e divino.

I - OS TERRITÓRIOS DO ENCANTAMENTO

Oxóssi vivia com sua mãe Iemanjá e com seu irmão Ogum. Ogum cultivava o campo e Oxóssi trazia caça das florestas. A casa de Iemanjá era farta. Mas Iemanjá tinha maus pressentimentos e consultou o babalaô. O adivinho lhe disse que proibisse Oxóssi de ir caçar nas matas, pois Ossaim, que reinava na floresta, podia aprisionar Oxóssi. Iemanjá disse ao filho que nunca mais fosse à floresta. Mas Oxóssi, o caçador, era muito independente e rejeitou os apelos da mãe. Continuou indo às caçadas. Um dia ele encontrou Ossaim, que lhe deu de beber um preparado. Oxóssi perdeu a memória. Ossaim banhou o caçador com *abôs* misteriosos e ele ficou no mato morando com Ossaim.

Ogum não se conformava com o rapto do irmão. Foi à sua procura e não descansou até encontrá-lo. Finalmente livrou Oxóssi e o trouxe de volta a casa. Iemanjá, contudo, não perdoou o filho desobediente e não quis recebê-lo em casa. Ele voltou para as florestas, onde até hoje mora com Ossaim. Ogum, por sua vez, brigou com a mãe e foi morar na estrada. Iemanjá passou a sentir demais a ausência dos dois filhos, que ela praticamente expulsara de casa. Tanto chorou Iemanjá, tanto chorou, que suas lágrimas ganharam curso, se avolumaram e num rio Iemanjá se transformou.

Reginaldo Prandi, **Mitologia dos Orixás**.

As matas são morada de Oxóssi; as estradas são de Ogum; nas pedreiras mora Xangô; as cachoeiras são morada de Oxum; no mar reside a força de Iemanjá; Iansã habita em todos os lugares por meio da ventania e tempestades; Obaluaê é o senhor da terra de onde tira seus mistérios para a cura; a mesma terra pertence a Nanã que tira do barro os princípios do início e do fim; Oxumarê, o senhor do arco-íris vibra na terra e tira dela a renovação e fertilidade; Oxalá é o senhor da suprema paz, que caminha pelas estradas com o passo lento e cadenciado, amparado em seu opaxorô¹⁴.

¹⁴ Como uma espécie de cajado, é o instrumento utilizado pelo orixá. Possui de três a quatro discos e um pombo branco na ponta. Opa significa cajado/cetro, já xorô vem da palavra xaorô e designa algo que faz barulho. Algumas interpretações falam que o som emitido lembra chuva e por isso é o cajado que traz chuva como sinal de revitalização do universo. Há também a compreensão de que o opaxorô representa nossos antepassados.

De nada adianta estar em cima da pedreira, na morada de Xangô, se não souber como saudar, imantar¹⁵, respeitar e receber as energias e vibrações que de lá são manifestadas. Da mesma forma, não ainda entrar nas matas de Oxóssi e pedir ao guerreiro de uma flecha só a direção sem antes conhecer os segredos que vibram para que sua flecha aponte para a direção correta. Cada elemento firma e vibra a força do orixá. Não são apenas representações materiais ou elementos naturais, são as representações das forças de cada orixá. Aquela ou aquele que não sabe o poder que uma pedreira possui, jamais irá entender a força de um orixá. A natureza é o assentamento dos orixás e de onde são extraídos elementos ritualísticos e é nela onde se encontra o primeiro terreiro.

Relembremos que, para alguns africanos dos diferentes grupos étnicos que foram trazidos escravizados para o Brasil, e para os originários da terra, os indígenas, os deuses não residem no plano astral, mas sobre a terra, entre a natureza. Há pouco interesse em desvendar as outras camadas de energias ou aquilo que chamamos de cosmo. São das conversas com as montanhas, rios, trovões; das rezas e cânticos que são aprendidos a partir da observação e da apreensão das energias que estão na natureza que acreditam que são onde residem seus deuses, onde está a força que rege a vida.

No terreiro, e fora dele, a natureza não é apenas passiva, mas uma força viva e atuante que desempenha um papel fundamental para sustentar e despertar a energia espiritual e amplificar a conexão com o divino. A natureza é protagonista ativa do encantamento.

Terreiro é terra onde orixá faz sua morada. É onde está a sua força. Está em todo canto: na natureza, nas casas de cultos, nas firmezas¹⁶, nos elementos, na vestimenta, nas palavras, nas comidas. Em tudo há força de orixá, basta saber como reivindicar e encantar. Terreiro é força que expressa a força do orixá, onde estão assentadas as energias e vibrações capazes de conectar com o sagrado. “E mais além: cada um dos orixás vive em nós, com maior ou menor intensidade, revelando-se ao longo dos momentos de nossa vida em detalhes sutis ou preponderantes. Isso significa que as forças que regem o Cosmo se ligam a cada fagulha de nosso ser” (STEVANIM, 2021, p. 82).

O terreiro é a extensão desses tantos territórios do sagrado. Nele encontramos um conglomerado de energias, firmezas e representações de diferentes povos e religiões que juntos formam a identidade de uma só: a Umbanda. Cada energia firmada, cada elemento natural

¹⁵ Procedimento ritualístico que sacraliza os elementos materiais.

¹⁶ Termo corrente nos terreiros de Umbanda, trata-se de uma simples oferta de elementos materiais, tais como velas, água, flores, frutos, comida, bebidas, com o objetivo de atender algum pedido específico ou se aproximar de uma entidade ou orixá.

reivindicado, cada pessoa que compõem o espaço é uma linguagem simbólica que compõe a ritualística e o espaço de culto.

O terreiro é um catalisador de energias e de conexões. Nele ressoam forças de diferentes elementos. Cada canto é impregnado de uma energia e de um significado. Sua capacidade está em acolher e amplificar as vibrações que o constituem. Como símbolo da natureza, morada de orixá, é um espaço ativo para a manifestação divina.

Através das práticas ritualísticas, as forças da natureza são reivindicadas, os mistérios de Aruanda são apreendidos, a entidade é (in)corporada, o ancestral se torna memória viva. O terreiro, seu propósito, seus elementos e território se tornam abundantes em axé. Assim, as palavras entoadas se tornam preces; os cânticos, pontos cantados¹⁷; a fumaça, defumação¹⁸...são inauguradas novas formas de ser, fazer e viver.

Terreiro...

O terreiro-aldeia é como o ofá de Oxóssi. Toda a flecha precisa do arco para impulsioná-la. O arco é o sustento, a base, o fundamento. A flecha é a direção, a ação, o movimento. A flecha é o que vai, o arco é o que fica. A flecha voa, o arco sustenta e dá cobertura. Cada um de nós é uma flecha lançada ao infinito. O terreiro é o grande arco que nos ampara.

Luiz Felipe Stevanim, **Terreiro de caboclo**: a raiz indígena na Umbanda.

Terreiro é solo sagrado!

Terreiro é terra de caboclas e caboclos, pretas velhas e pretos velhos, crianças, exus, pombagiras, ciganas, baianas e baianos, marinheiro, sereias, boiadeiros... “Terreiro é chão que sustenta, solo sagrado, morada da espiritualidade, vínculo com a Mãe Natureza. Sua força vem de longe, de outros planos [...]” (STEVANIM, 2021, p. 43). Terreiro é espaço de encanto, onde baixam os ancestrais. Onde inventam-se mundos, onde abrem-se caminhos. É cruzo.

¹⁷Conjunto de cantigas de terreiro entoadas durante os rituais umbandistas.

¹⁸ Prática ritualística que consiste na queima de ervas com auxílio de turíbulo. A partir da fumaça e da exalação da essência através da queima das ervas a defumação é utilizada com a finalidade de limpeza, preparação para a manifestação do transe mediúnico, aumento da vibração e a própria manutenção do axé.

Terreiro é cheiro de erva que defuma, som de atabaque, saia que roda, erva que benze¹⁹, limpa, harmoniza e energiza; vela que é firmada, pés descalços, fios de contas²⁰, folhas sagradas, é a vibração das palmas. É corpo que celebra, voz que canta, palavra que imanta o sagrado. É orixá, é entidade, é gira. Terreiro é morada de entidade.

Terreiro é movimento, é celebração, é culto, é o divino. Terreiro que benze, faz e desfaz. É cura, ensinamento. É a pisada das caboclas e dos caboclos, o brado, a flecha lançada, o giro. O café da preta velha e do preto velho, a fumaça do cachimbo, o canto que limpa. É gargalhada dos exus, pombagiras e ciganas, é marafo, saia que roda e limpa, é ponto riscado²¹. É brincadeira de criança. É balanço do mar nos passos dos marinheiros. É a alegria e a ginga das baianas e baianos. É o canto profundo e sereno das sereias que chegam...

No terreiro se (re)afirmam as forças ancestrais das divindades que baixam nos corpos daqueles que fazem parte. Lá são invocadas forças da natureza, os mistérios da vida. Nele “[...] vibram as forças das águas, do fogo, do ar, da terra, dos animais, vegetais e minerais. O mistério da Calunga” (STEVANIM, 2021, p. 44).

Terreiro é solo sagrado. É mito, segredos e histórias. Terreiro está nas cores, substâncias, nas rezas, nas curas, no firmamento das velas. Seu firmamento se dá a partir de tudo que o compõe. Terreiro é espaço de encantamento! Terreiro é chão, mata, pedreira, quilombo, estrada, cachoeira, mar, ventania, encruzilhada. Terreiro que é corpo. É espaço do Axé!

Terreiro também é lugar onde se almejam curas físicas, espirituais e emocionais. É lugar de pedidos, agradecimentos, aconselhamentos, firmezas, direção, limpezas, descarrego, trabalhos, desobsessões. Terreiro que é casa, é hospital, lugar de passagem, chegada e também saída. Terreiro é escola: dá e toma lição.

Território que assume várias identidades, tamanhos e localidades. Sua força não está no tamanho de suas casas, na quantidade de materiais ou no tamanho de sua fachada. Muitos operam nos fundos de quintal, na terra batida, em meio as matas, nas cachoeiras, etc. Muito mais do que serão feitas as paredes, para estes terreitórios as materialidades compõem e vibram o axé. São templos, tendas, casas, centros, barracões, mas todos terreiros!

¹⁹ A benzedura é usada para curar doenças, tendo em vista orações, práticas e cantos feitos dentro do terreiro pela entidade incorporada.

²⁰ São colares ritualísticos que também recebem o nome de guia. Geralmente representam a entidade ou Orixá a qual está ligado. São feitos de fios de nylon, miçangas de porcelana, sintéticas, cristais ou sementes. Antes de serem usadas, é comum que sejam lavadas e defumadas com ervas específicas e firmadas pela entidade chefe de cada terreiro.

²¹ Conjunto de símbolos desenhado com uma espécie de giz branco especialmente preparado – a pemba -, a qual se atribui a capacidade mágica de invocar diferentes energias.

Terreiro que é lugar/morada de entidade, de orixá. Onde tempo, espaço, planos, espírito, corpo e mente rompem com a lógica colonialista. No terreiro aprendemos a inventar e encantar mundos, a descobrir-se natureza. “[...] passamos a viver nas folhas, na terra e nos rios, assim como os seres da mata, das águas e do vento vivem em nós” (STEVANIM, 2021, p. 35). Cada gesto, palavra, toque, dança, música, erva, etc usada pelas entidades alimenta e convoca as forças sagradas que há em nós. O que aos nossos olhos não passam de elementos simples da natureza, carregam essências divinas das quais as entidades fazem parte e se conectam.

Terreiros são territórios dotados de grande energia e sabedorias visíveis e invisíveis. Onde segredos ancestrais são repassados de forma concreta e direta a partir de toda ação que se é feita. Muito mais do que um espaço apenas para a manifestação mediúnica, é também um espaço pedagógico. É no chão e na prática de terreiro que as mirongas são apreendidas.

Aprende-se a firmar vela, levantar ponto, entrar e sair, a limpar chão, a importância de cada elemento utilizado na gira. Tudo que compõe o terreiro é dotado de energia. Aprendemos a encontrar a espiritualidade na natureza, a sentir a vibração divina que pulsa dentro de nós, a despertar o olhar para o divino que se mostra nas relações de vida que possuímos.

É no terreiro que aprendemos a encantar a vida. Os mistérios da calunga são muitos e desvendá-los requer sabedoria e firmeza para se apropriar de seus segredos. Por isso, ao chegar em terreiro pede licença, chega com respeito: lá já se encontram orixás, guias espirituais e entidades. Saúda a entrada; pede a benção: aquela/e que pisa em terreiro está na morada do sagrado!

É assim que início minha escrita: saudando, pedindo licença e a benção para os caminhos que esta pesquisa vai trilhar.

Laróyè Exu, Exu é Mojubá!

Saúdo em primeiro lugar aquele que me deu passagem para pudesse chegar na Umbanda que hoje é minha religião.

No começo de tudo, reverenciamos Exu. Sem ele, não se cria, não se caminha, não se festeja, não se tem boa sorte, não há prosa nem poesia. Exu é o abrir dos olhos e dos caminhos, o primeiro estalar de dedos, o primeiro raio de sol da manhã e a primeira sombra derramada sobre a noite. O canto do galo que corta o silêncio da madrugada traz o anúncio: Exu está de sentinela na porteira, pelas vielas, encruzilhadas e esquinas, no breu da noite e na Calunga pequena. Senhor dos contraditórios, ele é o sim, o não e o talvez. O ontem, o hoje e o amanhã. Dono da terceira cabaça, ele nasce dos encontros cotidianos e das descobertas imprevisíveis da vida. Morador das encruzilhadas, a ele demonstramos respeito e gratidão e pedimos que nos propicie o sentido da comunicação na travessia que iniciamos (STEVANIM, 2021, p.25).

Exu é dono das encruzilhadas, aquele que cuida dos caminhos. Louvado nas religiões de matrizes africanas e afro-brasileira, é grande conhecedor dos mistérios da calunga pequena²², da vida humana e das leis divinas. Age conforme o merecimento de cada um. Por ser considerado aquele que mais se aproxima do ser humano, é mensageiro entre os planos terrenos e espirituais. Exu ensina e toma lição. Ninguém pode passar pela encruzilhada sem saudar Exu. É ele o dono da terceira cabaça²³, aquela que é o caminho das possibilidades.

No interior dos terreiros, é realizada uma distinção entre Exu orixás e os exus-entidades. O Exu orixá é uma divindade do povo yorubá, força cósmica presente na natureza, que simboliza, entre muitos domínios, os caminhos, a comunicação, o movimento. Ele é o mensageiro entre os homens e os outros orixás e, por este motivo, é o primeiro a ser oferendado. Por outro lado, o exu entidade é uma alma humana, um desencarnado, que desempenha na Umbanda o papel de guardião ou protetor dos médiuns e templos. O exu entidade se manifesta pelo transe de incorporação e se apresenta por diversos nomes tais como Tranca Rua, Treme Terra, 7 Calungas, Exu Caveira, entre outros.

Foi numa gira de esquerda a partir das (in)corporações de exus, pombagiras e ciganas que a poética dos corpos em transe me foi apresentada. Entre movimentos ora suaves, ora intensos e gargalhadas que me percebi com o sagrado diante dos olhos. Peço a benção e proteção, “*salve o povo da encruza, sem Exu não se faz nada !*”²⁴

A gira é a principal cerimônia Umbandista. Com origem na palavra quimbundo Ngila, o qual significado caminhos, é o momento que as entidades descem ao terreiro. Ao som de palmas, tambores e cantos, os caboclos e outros se manifestam nos corpos de seu cavalo²⁵ para cuidar daqueles que procuram o terretório. Nas giras, todos os elementos e sujeitos que compõem o terreiro sofrem o processo de encantamento. Imantadas por preces, firmamento de velas, toques do tambor, palavras, palmas, defumação, canto e dança o sagrado se manifesta. A espiritualidade se une a própria essência do terreiro. Nas giras, o encantamento não é apenas um fenômeno, mas sim a própria essência do ritual, transformando o terreiro em um portal para o divino.

²² A Calunga pequena significa “cemitério” na linguagem corrente de terreiro. No contexto do texto, entende-se que exu possui o domínio e o conhecimento sobre as complexas dinâmicas entre a vida e a morte.

²³ Exu é visto como o guardião dos caminhos. Responsável por abrir e fechar portas. Tem o poder de transformação. Ver *itan* na obra: PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

²⁴ Ponto cantado nas giras de esquerda em louvação a Exu.

²⁵ O termo *cavalo* é utilizado na Umbanda em referência ao médium de incorporação que recebe a entidade. O termo vem sendo substituído por *médium*.

Aos meus ancestrais peço a benção e orientação para que possa transcrever em palavras o que se apresenta a mim pela espiritualidade. A ancestralidade não está fadada ao esquecimento, ao espaço da memória. Atua como uma potência vibrante que apesar da morte é capaz de atravessar os tempos. Concede um amplo repertório para lidar com a escassez de diversidade, de pensamento, conhecimento e existência dos limites coloniais. É o que nos lembra Krenak (2020a): “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (p. 14).

Não são apenas nossas mães, pais, avós e avôs, mas toda força natural que antecede a nós e pela qual fomos gerados. Descendemos da natureza e de sua força e todo espírito que antecede a nós. “Nossos ancestrais vivem nos pontos de força naturais e nos atributos divinos irradiados sobre o nosso ser” (STEVANIM, 2021, p. 53). Se sou é porque vocês foram antes de mim. Que eu tenha capacidade de repassar os ensinamentos e tomar a lição.

Ao chefe do Templo de Umbanda Pai Oxalá, caboclo Pena Branca, peço a benção para meu desenvolvimento espiritual e para esta reflexão que proponho a respeito dos caboclos, (in)corporação e do terreiro. Peço licença para divulgar aos leitores os ensinamentos que foram me passados dentro e fora do terreiro. Agradeço a condução e proteção espiritual dada a mim. Salve a sua força!

E aos caboclos, especialmente a seu Flecha Dourada, aquele que cuida de minha coroa, da minha condução espiritual, que me ensina a força e a doçura, a valentia e a leveza, o lado guerreiro e o lado sereno, aquele que é responsável por grande parte das experiências aqui compartilhadas, que vem das matas de Oxóssi e se banha nas águas das cachoeiras de mamãe Oxum, peço a benção, a proteção e a sabedoria.

Flecha Dourada é caboclo guerreiro, de uma flecha só, é matador de feiticeiro. Traz a força daquele que conhece os mistérios da mata e sabe onde se banhar para encontrar a cura. Quando precisa, é nas forças de mamãe Oxum que limpa e transforma as doenças da alma em ensinamentos. Nas giras de caboclas e caboclos é ele quem vem me dar a força e direção para os trabalhos que serão realizados. Caboclo Flecha Dourada é aquele que me deu e me dá direção. Okê Arô seu Flecha Dourada! Okê Arô Oxóssi, senhor das matas. Okê Arô, caboclas e caboclos!

“Eu conheci e (me) reconheci (no) meu deus enquanto ele dançava [...] (SIMAS, 2019, p. 113)” no corpo do médium que (in)corporava, se terreirizava. No som do atabaque que marca a batida do coração e o compasso da dança. Entendi a poesia no riso das entidades que baixam

no terreiro, na saia que roda, nos pés descalços. O corpo ritualizava aquilo que pela palavra é indizível.

Estes mesmos corpos ao tempo que despertavam em mim o encantamento, também evidenciaram o processo de carrego colonial (SIMAS e RUFINO, 2019) que também sofri. Herdei durante mais de duas décadas a condição de desencante, de dominação e de morte simbólica do ser, saber e fazer dos corpos, saberes e tradições sobre os corpos não brancos financiados pela colonialidade. Foi a partir da retirada das cortinas físicas e colonialistas que aprendi que terreiro também é lugar do sagrado. Se o carrego colonial se edificou pela barbárie, aqui trago o terreiro, o transe, as caboclas e os caboclos, os povos de terreiro como transgressão. Ritualizar e encantar o corpo é torná-lo terreiro e, portanto, território do sagrado, do axé.

A retirada da cortina física foi a que me proporcionou ter um contato outro com os corpos de terreiro e evidenciou em meu corpo como o carrego colonial havia se edificado em minha história. Portanto é por ela que dou início.

Adentrei o Templo de Umbanda Pai Oxalá, numa sexta-feira dedicada aos trabalhos de esquerda. Havia tecidos vermelhos e pretos que tapavam as imagens do altar. No centro da terreira²⁶ estava riscado o ponto de trabalho e havia velas que mais tarde seriam firmadas. Tudo estava preparado para o trabalho que viria ocorrer. Um pouco antes do início dos trabalhos o pai de santo explicou que as cortinas que eram usadas durante a incorporação de Exus, Pombagiras e Ciganas estavam em manutenção e, por este motivo, tudo ocorreria a olho nu. Era possível observar cada detalhe até onde o olho alcançasse e a curiosidade de quem adentrava pela primeira vez um terreitório afro-brasileiro conduziu.

Quando o vermelhão – lugar destinado às giras de esquerda – não é possível ser usado, a terreira é sempre o local onde ocorrem os trabalhos. Quando isto ocorre, o uso das cortinas é uma prática recorrente. E como naquela época a terreira era o principal local de giras, a cortina era um elemento sempre presente nas (in)corporações de esquerda. A consulência – pessoas que procuram os terreiros a fim de tomarem passe mediúnico e receber aconselhamento com as entidades (in)corporadas para diferentes finalidades – acompanhava apenas a abertura do trabalho e quando as (in)corporações se iniciavam, as cortinas eram fechadas voltando a ser abertas novamente quando os atendimentos se iniciassem. A consulência acompanhava apenas as silhuetas que eram mostradas através da influência da luz. Mas naquele dia, as cortinas haviam sido retiradas!

²⁶ A terreira é a parte interna no terreiro, localizada diante do altar. Deve-se saudar o chão antes de adentrá-la e estar com os pés descalços. Onde realiza-se a gira, os transes e os atendimentos dos consulentes.

No meu primeiro contato com este território e os corpos de terreiro, esta prática havia sido abolida. A consulência passou a observar diretamente as (in)corporações que ocorriam também em giras de esquerda, visto que isto já ocorria em outras giras. Assim, observá-los sem qualquer limitação visual foi, para mim, de suma importância: me (re)conheci nos corpos de terreiro a corpovivificação do sagrado, do invisível. Exu, Pomba-Giras e Ciganas desfez todo e qualquer trabalho colonialista, afastou o kiumba²⁷ de preconceito, descarregou a noção de um corpo inferior e demoníaco que me acompanhava e no local firmou saberes para um novo mundo.

Em consonância às cortinas físicas, as cortinas da colonialidade também me foram retiradas. A noção de transe a qual tivera conhecimento até o dado momento era “patrocinado” por um discurso preconceituoso, racializado e criminoso que demonizava toda e qualquer perda de consciência ou manifestação religiosa que não estivessem assentados aos modelos do cristianismo.

Ao praticar Exu [e toda religião não branca] enquanto demônio, reduziu-se a complexidade das culturas negro-africanas, esfaeceram-se modos de vida, visões de mundo, princípios explicativos e saberes necessários para a formação de uma sociedade que se oriente pela diversidade como princípio ético. Nesse sentido, o projeto colonial e sua agenda política assumiu a responsabilidade de passarmos – como na narrativa popular – a eternidade nas profundezas do inferno da negação e de outras possibilidades.

Consideremos que a construção do pecado, do inferno e da morte como não salvação são prerrogativas ocidentais-cristãs disseminadas durante o longo processo de colonização/catequização (RUFINO, 2019, p. 51).

A colonialidade não retirou apenas as terras de negros e indígenas, sujeitou os corpos a uma domesticação de sentimentos, à marginalização. Contrariamente à vasta diversidade cultural e religiosa, moldou a sociedade em torno de hierarquias opressivas, fundou sua civilização com base na desigualdade, estereótipos, preconceitos e repressão. A colonialidade resultou na marginalização sistemática dos povos não ocidentais.

Se existe algum tipo de possessão, com toda a certeza se trata da possessão de um discurso racista, preconceituoso, discriminatório, colonialista, eurocêntrico, que ainda insiste em promover a subalternização e a morte simbólica e física dos corpos não brancos. São, acima

²⁷ “São espíritos trevosos ou obsessores. Estes espíritos se encontram desajustados perante à Lei, provocando muitos distúrbios morais e mentais nas pessoas” (DICIO, s.d., n.p.). **Referência:** KIUMBA. In: DICIO, Dicionário online inFormal. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/exu/kiumba/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20Kiumba%3A,morais%20e%20mentais%20nas%20pessoas>. Acesso em 16 de out. de 2022.

de tudo, discursos que ainda são sustentados pela falácia do processo civilizatório. Ora, o que muitos ainda insistem em entender como um processo de avanço e de humanização, foi na verdade o maior massacre e desterritorialização de corpos e culturas físico e simbólico que já existiu.

[...] ninguém coloniza inocentemente, que ninguém coloniza impunemente; que uma nação colonizadora, uma civilização que justifica a colonização – portanto a força – já é uma civilização doente, uma civilização moralmente atingida que, irresistivelmente, de consequência em consequência, de negação em negação, chama seu Hitler, quero dizer, seu castigo (CÉSAIRE, 2020, p. 21).

As consequências do carregamento colonial (SIMAS e RUFINO, 2019) foram percebidas por mim a partir de minha própria concepção de corpo, de rito, de crença, religião, de transe, entre outras categorias, e foi evidenciada a partir da rejeição e negação do outro – neste caso o corpo de terreiro.

[...] o *carregamento colonial* se manifesta como uma condição de desencante perpetrada e mantida pelos efeitos dominantes em relação à diversidade de formas de ser/saber e inscrever sua experiência. O ser é produzido como não existente por ter suas referências de saber submetidas a uma condição de permanente descrédito, subalternidade e por ter sua enunciação interdita (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 21, grifo dos autores).

Os espaços sagrados estavam para a ordem, a restrição corporal e de pensamento. O corpo era o lugar da condução, da lucidez e do controle. O mundo terreno cabia aos sujeitos encarnados e o mundo espiritual a Deus e, geralmente, aqueles que se sacralizaram santos.

O espaço de culto a que tivera conhecimento e pertencimento organizavam e conduziam os corpos para uma restrição de sua manifestação. Se tratava de territórios que conduziam a elevação mental, porém sem perda ou alteração de consciência, e a doutrinação das normas corporais. Carregava um grande kiumba²⁸: a demonização de religiosidades não ocidentais, de seus cultos, elementos...do seu sagrado!

A noção de religião sustentada pela colonialidade entendia/entende e validava/ valida as práticas a partir de um cristianismo único. A religião, dentre tantos outros fatores, se tornou um mecanismo de poder. Assim, o cristianismo como mecanismo de validação de prática religiosa elegida pela colonialidade, colocou e difundiu a ideia do outro, e tudo que dele faz parte (raça, crença, sexo, gênero, conhecimento). Ou seja, atuou como um dispositivo

²⁸ Embora o termo se refira a espíritos trevosos na concepção umbandista, utilizo-o para descrever as teorias que formavam minha compreensão do corpo no contexto do terreiro, especialmente quando eram permeadas por discursos preconceituosos e desvinculados de sua base territorial.

colonialista, atacando o sistema de crença do outro a fim de doutrinar e atribuir uma ideologia limitante, excludente, preconceituosa e criminosa se baseando somente numa experiência: a experiência branca e eurocêntrica sobre o espaço da crença. A religião como uma de suas categorias, exerceu o controle de manifestação e saberes, de sujeitos, de crenças, de divindades, etc. O sagrado que manifestava/manifesta fora dos modelos eurocêtricos passou a ser criminalizada, seus deuses foram rebaixados, os corpos demonizados, o território perseguido.

O inferno são os *outros* – negros, indígenas, silvícolas, adoradores de deuses pagãos, primitivos, incivilizados, bárbaros, animais, desalmados, em suma, desumanos. Em uma perspectiva de mundo em que se compreende a contínua batalha da luz *versus* a escuridão, para esse modelo de ser/saber/poder só há um caminho, o extermínio (RUFINO, 2019, p. 49-50, grifo do autor).

Justifico ao leitor que a tentativa desta reflexão não é inverter ou impor posições hierárquicas religiosas, nem tampouco atribuir juízos de valor sobre essa à aquela religião, mas de evidenciar por meio de fatos históricos e de experiências pessoais o lugar que o cristianismo ocupou enquanto mecanismo colonialista (e ainda ocupa em certa medida), em relação à subalternização, ao apagamento, à discriminação e à perseguição das religiões não brancas e de seus povos.

A Umbanda é uma religião complexa e multidimensional, híbrida, assentada no cruzo das formações culturais que habitam o território brasileiro. Apesar de defender e ressaltar nesta dissertação seu aspecto mais decolonial, não posso deixar de mencionar que ela é ainda atravessada por diferentes matrizes religiosas tais como o catolicismo, na sua expressão mais popular e o espiritismo kardecista. E o templo de Umbanda Pai Oxalá não é diferente: seus frequentadores e participantes são em grande medida brancos e de classe média; no altar predominam as imagens de santos católicos (ver imagem 01 – página 66). No entanto, a partir de minha experiência pessoal e dos conceitos que chamo para este texto, busco trazer à tona sua potência político/poética/decolonial/espiritual.

Se para Zélio Fernandino de Moraes – há uma grande discussão em torno dele, visto que muito atribuem o surgimento da religião Umbanda a ele e outros contradizem – o contato com guias espirituais se deu pela busca da cura física de enfermidades não explicadas, a mim esse processo se deu pelo descarrego colonialista que estava incorporado na minha noção de terreiro, gira e transe. A concepção de corpo desses sujeitos e territórios que me fora apresentado por muitos anos, versavam pela concepção de manifestações demoníacas.

Condição essa que é (foi) transgredida pelo transe. Se a vigência de projeto colonial é a de morte, é pela via do encanto, da macumba, que a subversão se dá. Se o projeto colonial

produziu negros e indígenas não humanos, o encante é o brado em resposta. “Ao ser cultuado e baixar entre nós através dos corpos em transe, o ser caboclo se afirma como a antinomia mais potente ao ser civilizado” (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 102). É preciso descolonizar não apenas as terras, mas toda a estrutura de poder ainda vigente. A humanização e o processo civilizatório só será realmente possível a partir de uma sociedade verdadeiramente plural nas suas diversas formas de existências, e manifestações culturais e religiosas.

Entendi que (in)corporar é o trânsito entre lugares, épocas, terreno e espiritual. Os corpos observados resgatavam em mim uma essência poética a partir do transe a qual desconhecia. O corpo em movimento não era racional, estudado, mimetizado, mas assumia a própria representação de terreiro. “[...] existem aqueles que praticam o rito porque sabem que o poder ali está encantado, como também há aqueles que na dúvida o assentam ao praticarem o ritual” (SIMAS e RUFINO, 2018, p.44).

Foi numa sexta-feira, numa gira de esquerda, em que me assentei no terreiro. Vi a noção de mal sustentada pela colonialidade e que fazia parte da minha visão a respeito das práticas religiosas afro-brasileiras, se tornar sagrado a partir das (in)corporações; o macabro se transmutou em belo; o impróprio em minha religião.

Fiz do terreiro meu terreitório: lugar onde corpovivifico as forças do meus ancestrais seja pela (in)corporação dos guias que me acompanham, pela firmeza de cada elemento, pelo ponto cantado, pelos ensinamentos repassados pelo passe com cada entidade que baixa, pela cabeça que bato no congá²⁹, por cada prática que traz grandes ensinamentos e ajudam a firmar o axé.

O transe é, talvez, a forma mais próxima que um médium pode ter com o guia que lhe acompanha, mas não é só por ele que as forças da calunga são presentificadas. Não chega à toa e não vem desacompanhado, é a soma de vários elementos e firmezas que o terreiro se firma antes do transe acontecer. Assim, antes de (in)corporar uma entidade é preciso antes terreirizar o corpo: prepará-lo por meio das práticas de terreiro a fim que o axé já esteja presente. Assim o corpo também é um importante elemento do terreiro, pois é a fronteira que conecta humano e divino. É pelo transe que o sagrado é colocado diante dos nossos olhos.

O corpo (in)corporado, por meio de sua gestualidade, recebe, representa e expressa a ancestralidade de nosso território. Seja pelo arco dos caboclos, a coluna envergada dos pretos velhos, a gargalhada e deboche dos exus e pombagiras, as traquinagens das crianças, o gingado

²⁹ “Protetor do terreiro de Umbanda. Pegi. Altar” (PINTO, 2007, p. 50).

dos baianos, entre tantos outros movimentos típicos do terreiro umbandista, o corpo é marcado, físico, espiritual e simbolicamente, pelas múltiplas identidades de nossos antepassados. Nesse sentido, podemos afirmar que o corpo é um terreiro, e, por sua vez, o terreiro também é um corpo.

Não podemos, também, esquecer o aspecto mais “profano” do corpo. Há tabus e interditos sobre ele, no caso específico do Templo de Umbanda Pai Oxalá, chamamos de preceito uma série de abstenções que os médiuns e cambones³⁰ devem realizar 24 horas antes do início da gira: evitar consumo de álcool e carne, não praticar relações sexuais. No terreiro, o corpo não é visto de acordo com a binaridade ocidental, em que a matéria é considerada negativa e o espírito “divino”. Profano e sagrado coabitam o corpo.

Por outro lado, empresto de Prandi (2001) as definições que atribui ao se referir a religião sob a perspectiva africana.

A religião é a ritualização [da] memória, [do] tempo cíclico, ou seja, a representação no presente, através de símbolos e encenações ritualizadas, desse passo que garante a identidade do grupo – quem somos, de onde viemos, para onde vamos? É o tempo da tradição, da não-mudança, tempo da religião como fonte de identidade que reitera no cotidiano a memória ancestral (p. 10).

Partindo do contexto histórico em que a religião serviu como um dos dispositivos do poder colonialista, ao mesmo tempo, compreendendo a religião sob a perspectiva africana que o autor apresenta, em consonância com Simas e Rufino (2019), percebo o terreiro sob duas visões que estão em constante disputa. A primeira está ligada a colonialidade em que são produzidos dispositivos de poder a fim produzir incessantemente uma máquina de morte contra os corpos e saberes que vibram em qualquer tom que não seja o eurocêntrico. E a segunda visão que diz respeito ao teretrório do encantamento onde os mistérios da calunga, aos saberes das matas, rios e cachoeira, onde o transe desenham e ensinam a relação com o divino e inauguram uma nova forma de se relacionar com a vida que aprendi com a vivência de terreiro.

Terreiro é um território de reunião espiritual e humana. Há muitas maneiras de se entender o que é o terreiro. Uns vão descrevê-lo como um lugar mágico, encantado, poético. Outros, o expressarão de uma maneira mais técnica e racional. Nas palavras do pai de santo (2022), *“Terreiro é um espaço de trabalho, onde nós nos reunimos para executar a Umbanda como nós a praticamos, onde nos concentramos em relação ao espaço da pessoa, para que possamos receber as pessoas, onde nesse espaço do terreiro tem os fundamentos compostos,*

³⁰ São membros que do terreiro que não entram em transe durante os atendimentos. Assistem e servem as entidades. Pegam velas, ervas, acendem charutos, acompanham, ajudam os consulentes a entender a fala das entidades.

fundamentados lá, altar, ponto de força. E dali a gente se reúne pra convergir energias, através do momento, e usando no caso a incorporação e essa relação com a entidade, para atendimento". É o espaço multidimensional destinado às práticas religiosas afro-brasileira.

Nele se encontram todos os elementos referentes a ritualística, como: imagens, velas, firmezas, descarregos³¹ etc. É formado pela união de pessoas (médium e consulência), elementos e entidades. É composto por diferentes pontos de força que vibram axé – energia vital e de diferentes simbolismos religiosos.

Suas principais características são as influências religiosas e culturais (indígena, africana, kadercista e católica) manifestas nas práticas e elementos ritualísticos; pelas misturas de conhecimentos, pelos compartilhamentos de práticas, pelo encontro de diversos povos e pelo contato direto com a entidade pelo transe. *“Eu fui, eu lembro que estranhei quando cheguei e vi, tinha um “Pai Nosso”, tinha imagens católicas. Porque eu não conhecia nada, imaginava que ia ser algo do que eu idealizava que era uma religião afro”* (Diego Pimentel, 2022).

Possui diferentes identidades a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos que o compõe: são lugares de cura, de pertencimento, de espiritualidade, de aconselhamento, de laços afetivos, de socialização, entre outros. Sobretudo, são lugares em que diferentes pessoas, culturas e tradições se agrupam a fim de professar sua crença religiosa. Se tratam de lugares onde o sagrado é manifestado nos corpos pelo transe.

Nos terreiros são guardados práticas ritualísticas, danças, cantos, rituais e mitos que representam as culturas e as tradições durante o passar do tempo. Desempenham o compartilhamento dos saberes e práticas com enquanto papel fundamental para a manutenção e preservação da ancestralidade.

O terreiro é a continuidade das tradições negras em terras brasileiras. Além de sagrado, estende-se a um lugar de pertencimento, de ancestralidade. São lugares de permanência, memória, compartilhamento e encantamento. São lugares sacralizados pelos ritos. Suas extensões vibram essência divina. Diz respeito a condição de pertença, identidade.

Mais do que lugares físicos, representam a conexão com diferentes histórias e povos que o compõem. Nele circulam diferentes identidades e tradições. O terreiro não é regido por uma temporalidade linear tal como no Ocidente; ele apresenta uma maneira própria de fundamentar o tempo.

Assim, o *terreiro* aqui inscrito não se limita às dimensões físicas do que se compreende como espaço de culto das ritualísticas religiosas de matrizes

³¹ É o ato pela qual se retira as energias consideradas densas e negativas de uma pessoa ou espaço.

africanas, mas sim como todo o ‘campo inventivo’, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento do tempo/espço (RUFINO, 2019, p. 101, grifo do autor).

As dimensões do terreiro são físicas e simbólicas. Nas dimensões físicas, - não falo apenas o espaço de culto e sim todo lugar de rito – serão encontrados todo elemento material ou não que demarcam seu caráter religioso. Já nas dimensões simbólicas se refere a reinvenção e encantamento do tempo e do espaço ao qual o autor se refere.

Assim, o adepto se depara com a necessidade de compreender o terreiro enquanto as materialidades e espaços que o compõe. Terá que entender o que constitui e ao mesmo tempo terá de apreender a considerar o tempo e o espaço sob outras dimensões. O que antes parecia ser apenas uma sala, agora é morada de orixá onde estão assentadas suas forças. Consonante a isto, conforme Prandi (2001) terá de aprender a considerar o amadurecimento, o merecimento, o entendimento e a compreensão dos elementos que o compõe o teretrório enquanto noções de tempo. Nas religiões afro-brasileira “[...] tudo tem seu tempo, e cada atividade se cumpre no tempo que for necessário. É a atividade que define o tempo e não o contrário” (PRANDI, 2001, p.).

É o lugar do rito. “Não se sabe exatamente o que vai acontecer no minuto seguinte, o planejamento é inviabilizado pela intervenção dos deuses” (PRANDI, 2001, p. 5). Ainda que as relações já estejam pré-determinadas, a realização das tarefas dependem da conexão com o sagrado, o divino. Assim, o tempo é uma composição daquilo que já aconteceu, que está acontecendo e sua continuação. Neste sentido, pode ser entendido como aquilo que foi vivenciado, que aconteceu. A exemplo, como comenta Prandi (2001), um mito ao mesmo tempo que pode falar do passado, explica a vida no presente e traz perspectivas do futuro.

É no terreiro corpo e território que as entidades baixam. Onde a ancestralidade é (in)corporada por meio dos cantos, dos aconselhamentos, dos diferentes tipos de encantamentos, onde a gira acontece.

Como lugares de pertencimento, expressam a identidade cultural e espiritual afro-brasileira e dos sincretismos que o compõem. Lugares de permanência, continuam a vibrar, celebrar e encantar mundos, tempos e sujeitos.

O terreiro não está preocupado em estabelecer uma verdade única, mas de garantir diferentes formas de atuação. Não se trata de tolerância, mas de coabitação das diferenças, das diversas formas de existência. Cada terreiro traz suas próprias tradições e interpretações.

São espaços de ritualização, do sagrado, da conexão e (in)coporação com outras dimensões da vida. São feitos de diferentes chãos, permeiam diferentes lugares. São por excelência lugares-ritos.

As perspectivas *macumbísticas* me possibilitam pensar que, se antes de atravessar uma encruzilhada ou dobrar uma esquina devo pedir licença e reverenciar o seu dono, seu morador, esse espaço é visto por muitos como apenas uma dimensão do espaço público é para mim um espaço ritual, por isso as esquinas e encruzilhadas serão sempre, para mim, parte do que compreendo como terreiro (RUFINO, 2019, p. 101, grifo do autor).

Sobre território

As noções de território são flutuantes. Para cada sociedade, povo, cultura, política e região as relações de poder que estão presentes e, principalmente, sujeitos que dele fazem parte, vão (re)construindo e atribuindo uma identidade única. Neste sentido, é comum que num mesmo território/lugar sejam atribuídos a eles várias interpretações diferentes, como: pela relação de trabalho, religião, etnia, raça etc. Não diferente, essa mesma lógica se aplica a noção do que é terreiro ou não.

Para alguns a nomenclatura dada a este espaço é o que vai caracterizá-lo como terreiro. Já para outros o tamanho, as dimensões físicas que o compõe, a região onde está localizado, o tipo de estrutura (a céu aberto, em barracão, no fundo do quintal), entre outros serão características importantes que vão validá-lo enquanto terreiro. Estes aspectos afirmam, portanto, a pluralidade de leituras sobre este mesmo espaço e várias identificações que o terreiro assume ao incorporar em sua identidade os vários indivíduos e culturas que vão formando e delineando sua organização.

Em outros aspectos, a identidade do terreiro também está atrelada a influência das linhas de trabalho atuantes neste espaço. A manifestação de mais ou menos linhas de trabalho, o direcionamento da linha mais atuante, a maior ou menor influência de outras práticas religiosas dentro do ritual, a ritualística e o maior ou menor grau da influência kadercista são também demarcadores da identidade que o terreiro vai assumir.

Mais além, ainda que a identidade deste território seja uma soma de vários fatores, a tradição³² a qual está ligada também vai influenciar na maneira como se constitui. O que quero dizer é que, à medida que este território se consolidou desde seu surgimento e perdurou durante muito tempo operando sob uma determinada lógica, é passível de identificar estas primeiras noções de identidade na atualidade. Somado a isso, observo que a constituição deste território, muitas vezes passa pela interpretação que a mãe ou pai de santo tem sobre as dimensões e representações físicas, espirituais, sociais e religiosas sobre terreiro. Certamente a identidade do terreiro é, portanto, também influenciada pelas noções pessoais da ou do dirigente sobre este território.

E, se ampliarmos ainda mais nosso olhar e direcionarmos nossa discussão para os materiais e simbolismos que são manipulados dentro destes terreiros, as diferentes falanges³³ que atuam, as diferentes maneiras de manipulação de um mesmo elemento, os diferentes corpos e histórias que fazem parte deste território, veremos que fica ainda mais difícil encontrar uma noção de representação/identidade única.

Assim, o *terreiro* aqui inscrito não se limita às dimensões físicas do que se compreende como espaço de culto das ritualísticas religiosas de matrizes africanas, mas sim como todo o “campo inventivo”, seja ele material ou não, emergente da criatividade e da necessidade de reinvenção e encantamento do tempo/espaço. Nessa perspectiva, a compreensão física para abranger os sentidos inscritos pelas atividades poéticas e políticas da vida em sua pluralidade (RUFINO, 2019, p. 101, grifo do autor).

Território, portanto, é um espaço de apropriação de determinado grupo que abarca as concepções de identidade(s) que são expressas pelos sujeitos que o constituem, como: prática social, cultural ou, neste caso, religiosa. Assim, este espaço empresta/toma pra si as identidades dos sujeitos que os constituem. Portanto, é caracterizado pelo estado de pertença e partilha. É resultado do processo de apropriação do espaço, das relações que são estabelecidas e, principalmente dos sujeitos que o ocupam. Ao mesmo tempo que diz respeito a uma identidade, diz respeito também a identidades múltiplas. “Como o grande espaço cênico das manifestações

³² Não compreendo a tradição como algo fixo e imutável, mas como qualquer coisa fluida que acompanha as transformações que requerem o tempo em que está sendo executada, o indivíduo que compõem e noções de representações e identidades que vão sendo repensadas e requeridas. “[...] quando falo de Tradição, não me refiro a algo congelado, estático, que aponta apenas a anterioridade ou à antiguidade, mas aos princípios míticos inaugurais constitutivos e condutores de identidade, de memória, capazes de transmitir, de geração à geração, a continuidade essencial e, ao mesmo tempo, reelaborar-se nas diversas circunstâncias históricas, incorporando informações estéticas que permitem renovar a experiência, fortalecendo seus próprios valores” (SANTOS, 1989, p. 1 apud SANTOS, 2017, p. 111).

³³ “Falange em Umbanda significa a subdivisão de Linhas onde cada Falange é composta de um número incalculável de espíritos orientados por um Guia chefe da mesma” (PINTO, 2007, p.82).

culturais brasileiras, o terreiro possui a capacidade de multiplicar-se em diferentes representações. De uma aldeia de caboclo vira tenda de cigano, que passa a ser navio negreiro em alto mar. O terreiro é o laboratório existencial do povo brasileiro” (RODRIGUES, 2018, p. 111).

Insistir numa manifestação religiosa que se quer fixa em suas representações, nega as vastas influências e linhas que se entrelaçam e a formam. “[...] cada terreiro possui sua própria especificidade, fruto da tradição de que faz parte, e da idiossincrasia do pai ou mãe-de-santo” (CAPONE, 2004, p. 21 apud FERNANDES, 2014, p. 65). Talvez, o erro consista em dizer que existe a religião Umbanda – no singular -, quando na verdade o que vemos na prática é uma religião que se manifesta de modo diverso e plural: templo, tenda, casa, centro, barracão...terreiro! “Que cada um tenha o direito de encontrar o mistério do que lhe é pertencimento, em gentileza e gestos de silêncio, toques de tambor e canto de celebração da vida” (SIMAS, 2019, p. 113).

Para aqueles que frequentam a Umbanda, terreiro é território sagrado. Ou seja, um espaço que reúne elementos, práticas e sujeitos que operam via encante. Terreiro guarda, portanto, a noção de transfiguração da realidade, daquilo que é cotidiano para inaugurar novos significações nas quais universo físico e simbólico ocupam o mesmo espaço.

Nos ritmos, nas palavras, nos gestos, nas comidas, nos preceitos, nas estéticas das roupas, nas danças e organizações de festas. Seja nas histórias, nas intrigas, nas fofocas, nos bens passados de mão em mão, nas alianças, nas crenças, nos encantamentos ou nas confluências de pessoas que entram e saem dos barcões, cruzam as esquinas, giram na roda, desfilam na avenida, firmam o chão...há sempre algo a ser cruzado (SIMAS, 2018, 55).

Onde estão situados...

Quando falamos em territorialidade cabe discutir as localidades que os terreiros ocupam na organização social. Em outras palavras, se faz necessário compreender que a estrutura social e noção de localidade que foram pautadas – e ainda são – das organizações das cidades, estados, países se estruturam na concepção de centro e periferia e nas relações que essas estabelecem entre si. De forma mais clara, é preciso levar em conta que os espaços destinados a manifestação do sagrado não branco, está destinado muitas vezes aos locais invisíveis, leia-se: ao redor do centro da cidade, muitas vezes funcionando em fundos de

quintais, em outros momentos sem identificação na porta, com arquiteturas singelas, construções simples.

Esses espaços sagrados e de encantamento estavam e, em certa medida ainda estão situados nas regiões consideradas periferias da cidade. Ao contrário das casas de culto de outras vertentes religiosas que ocupam os centros da cidade, os pontos de maior destaque e acessibilidade. Isso mostra como a sociedade ainda organiza e entende os territórios de culto afro-brasileiro:

Trata-se de um processo mais profundo, que busca aniquilar assepticamente modos de vida, atribuições de sentido, laços de sociabilidade, terreirização de espaços, construção de pertencimento de mundo. É uma nova faceta da aniquilação colonial e de sua política de extermínio de saberes (SIMAS, 2019, p. 99 – 100).

O colonialismo foi e ainda é responsável pela territorialidade onde as casas, templos e centros de Umbanda se estabeleceram e se estabelecem ainda hoje. Nos centros observo a recorrência de templos religiosos católicos e de denominação neopentecostal. São muitas vezes templos grandiosos, com fachadas enormes e que tomam grande espaço nos centros das cidades. São facilmente reconhecidos pelo tamanho e luxuosidade de suas arquiteturas e, portanto, de conhecimento de sua localização até mesmo daqueles que não frequentam.

Já as manifestações religiosas de matriz afro-brasileira formaram-se e formam-se, na maior parte das vezes, nas periferias da cidade. Por vezes não colocam nomes em suas fachadas, que frequentemente são simples, se estabelecem em barracões, casas, fundos de quintais, entre outros. Com frequência, ainda que as religiões de matriz africana, brasileira ou afro-brasileira estão crescendo e reivindicando seus territórios, poucos – com exceção daqueles que frequentam – sabem de sua localização.

Como explica Conceição Evaristo, este fenômeno é facilmente entendido pelo sistema falho que é a colonialidade. Em outras palavras, a colonialidade não dá conta e nem possui a intenção de incluir a todos enquanto sociedade. Neste sentido, ele isola, criminaliza e desumaniza aqueles aos quais não dá conta ou, melhor dizendo, que não possui a intenção de valorizar. Assim estes corpos, crenças, raças, gêneros, entre outros ocupam as periferias daquilo que a colonialidade concebe enquanto sociedade.

“Sabe-se que a criminalidade se desenvolve sobretudo nas zonas marginais da sociedade; ora é justamente nestas regiões que a religião umbandista floresce no início de sua história” (ORTIZ, 1999, p. 196), e na maior parte das vezes são estes os espaços ainda demarcados pela sociedade. Como observa o autor, a história de repressão contra as religiões

de matriz afro-brasileira ainda não é possível ser contada em sua totalidade. Muitos são os fatos históricos de repressão e perseguição e ainda hoje, mesmo que de forma velada, muitos são os problemas enfrentados.

O conceito de periferia nada mais é que um modo excludente e, portanto, colonialista de demarcar os limites geográficos, delimitando aos espaços de existência de um determinado povo, crença e cultura. É um conceito político que demarca o local permitido a existência de cada povo. Ou seja, os centros são espaços que circunscreve o pertencimento ao branco, cristianismo, enquanto aos espaços distantes dos centros ficam destinados ao negro, indígena, crenças africanas ou afro-brasileiras. Hoje é notado que esta relação entre centro e periferia vem pouco a pouco se desfazendo, porém ainda os espaços são notadamente demarcados, principalmente em relação a crença.

Simplificando, não é nada mais, nada menos que uma repetição histórica: ou seja, o carrego colonial perseguiu, matou, julgou e condenou de diabólico toda prática religiosa que não estivesse assentada no cristianismo. Fez com que praticantes de religiões africana, brasileira e afro-brasileira buscassem lugares afastados das grandes movimentações sociais em meio às matas e lugares pouco habitados; buscavam o anonimato; estabelecimentos de pouca visibilidade como uma forma de resistência e permanência de suas práticas. Essa condição de afastamento dos considerados grandes centros se estende até os dias atuais. Quantos templos de Umbanda existem na região central? Quantos são conhecidos? Quantos identificam na sua porta que se trata de templo religioso de matriz afro-brasileira? Quantos ainda se escondem atrás da autodenominação espírita e acabam por enaltecer os mecanismos de poder colonialista? Quantos abrem suas giras nos fundos de quintais pela impossibilidade de aquisição de terrenos ou prédios para construção de seus templos? Quantos ainda possuem medo de se declarar praticante de religião afro-brasileira?

É neste espaço que se dá a transmissão e aquisição de conhecimentos práticos referentes a Umbanda. Muito pode-se aprender em livros, sites, conversas informais, mas a maioria desses conhecimentos e signos só são apreendidos no chão de terreiro. Outros nem mesmo sacerdotes antigos são capazes de explicar a complexidade mística que estão por trás dos elementos e signos utilizados pelas entidades.

As vistas da religiosidade, se torna símbolo do encontro entre diferentes religiosidades, uma vez que é possível ver diferentes práticas sincretizadas no rito. Sobretudo, ainda que muito influente as práticas e signos judaico cristãos, afirma atrás das manipulações, das curas e

benzimentos pelo uso das forças da natureza o enlace entre as práticas africanas e indígenas propondo outras maneiras de se relacionar com o sagrado.

Territórios do encantamento, de ritualização da ancestralidade, da transmissão dinâmica de símbolos, das múltiplas possibilidades existência, do corpo fronteira do sagrado, do axé, da natureza enquanto relação integrante da humanidade deveriam ser tratados enquanto territórios de permanência e, assim, serem territórios de liberdade.

Umbanda em Campo Grande-MS...

Numa pesquisa rápida na plataforma *google* a partir do descritor “*Umbanda Campo Grande-MS*” é possível encontrar a localidade de aproximadamente 70 (setenta) terreiros de Umbanda ou terreiros afro-brasileiros que estão espalhados pela cidade. Dentre eles o Templo de Umbanda Pai Oxalá. As identificações de territórios versam em sua maioria por templo, terreiro, tenda, centro, reino e casa. Vale lembrar que este número pode se referir a uma pequena parcela destes territórios de Umbanda, uma vez que muitos podem ainda estar na informalidade, outros buscam a anonimidade e há aqueles que preferem não se identificar dada a perseguição das religiões de matriz afro-brasileira que ainda ocorre nos dias atuais.

Em Mato Grosso do Sul a FECAMS – Federação de Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios de Mato Grosso do Sul é responsável pela coordenação, fiscalização e supervisão dos terreiros de Umbanda e candomblé. Segundo Fernandes (2014) seu início se deu em 1985 e mãe Elzira foi co-fundadora da federação. Pensá-la na atualidade como esclarece a Cartilha Religiões Afro-Brasileiras publicada pela Defensoria Pública do Estado da Bahia em 2016, é fundamental para que “[...] seja garantida a proteção de seus locais de culto e as suas liturgias” (p. 11) e estabelecer dois polos protetivos:

O primeiro deles diz respeito à necessidade de liberdade para a execução dos atos religiosos conforme a respectiva crença, sendo vedada ao Poder Público qualquer ingerência em sua realização e não podendo realizar atos que dificultem a sua concretização. Por outro lado, e aqui vemos o segundo polo protetivo, esta norma também possui uma eficácia horizontal vinculando outros particulares e garantindo que também estes respeitem a crença alheia (FERNANDES, 2014, p. 11).

A cartilha ainda se reporta sobre leis e regulamentações das religiões de matriz afro-brasileira nos quesitos: regularização dos territórios, direito ao culto, intolerância religiosa, instrumentos de proteção, registros de bem imateriais e tributos. Ainda que seu foco de atenção

seja o estado da Bahia, as discussões nela apresentada são facilmente transferíveis a outros locais uma vez que traz importantes pontos quanto a garantia e liberdade de credo.

Não é possível dizer com exatidão a quantidade de territórios de matriz afro-brasileira localizadas em Campo Grande/MS ou no região Centro-Oeste nem, portanto, a linha de trabalho de cada um, visto que não há registros passíveis de consultar por meio eletrônico e o contato com o presidente da Federação de Cultos Afro-Brasileiros e Ameríndios de Mato Grosso do Sul não foi exequível. Não se pode dizer o motivo, uma vez que houve tentativa de contato com o presidente, mas o retorno não ocorreu. Porém, vale lembrar que aquelas/es que geralmente estão à frente das presidências são mães e pais de santo que exercem funções em seus terreiros e muitas vezes possuem outra profissão para além do cargo de presidência.

Assim, o levantamento destes territórios se deu por via mais ampliada e distante, ou seja, a partir de descritores que levassem a maior localização e busca por pesquisas que tivessem o mesmo viés de discussão.

As principais buscas se deram a partir da plataforma de pesquisa *google acadêmico* e por livros que pudessem trazer dados mais concretos. Nem uma, nem outra colaborou para isto de forma efetiva, assim voltei minha atenção para o que os trabalhos tinham como discussão “*Umbanda em Campo Grande/MS*” ou “*Umbanda no Centro-Oeste*”.

Em relação a obras publicadas, encontrei o título *Religiões Afro-Brasileiras: múltiplos olhares no Centro-Oeste*, uma organização de Mario Teixeira de Sá Júnior, Léo Carrer Nogueira e Saulo Conde Fernandes publicada pela Arché Editora em 2020, cujo próprio nome já evidencia, busca compreender a inserção das religiões afro-brasileiras no Centro-Oeste. Para eles “A diversidade/multiplicidade é inerente às religiões afro-brasileiras, e é isto o que podemos notar no campo religioso afro-brasileiro presente na região Centro-Oeste” (SÁ JÚNIOR et al, 2020, p.21). A obra traz quatorze artigos que refletem justamente essa diversidade por meio das várias abordagens trazidas:

Os enfoques e temáticas variam desde análises histórias, abordando os processos de transformação destas religiões em suas regiões; antropológicas, buscando destacar aspectos culturais e elementos religiosos e metafísicos que compõem as práticas religiosas; até geográficas, enfatizando a territorialização e disputas simbólicas no mercado religioso entre práticas no interior de seus campos religiosos (SÁ JÚNIOR et al, 2020, p. 21)

Já em relação aos descritores “*Umbanda AND campo grande AND Mato Grosso do Sul*”, “*Umbanda AND Campo Grande/MS*” e “*Umbanda AND Campo Grande/MS*”, por meio da plataforma de pesquisa *google acadêmico*, o número de artigos varia de três mil (primeiro descritor) à seis mil (último descritor). Assim como a obra citada acima, os enfoques e temáticas

variam desde análises históricas, linhas de trabalho, reflexão de determinado terreiro, aspectos culturais e locais da prática da Umbanda, intolerância religiosa, processos de sincretismo. Nenhum, no entanto, esteve preocupado em mapear a quantidade de territórios afro-brasileiros, principalmente no que se refere a região Centro-Oeste.

Outro importante meio capaz de ilustrar de forma prática a quantidade de praticantes das religiões afro-brasileiras é o censo – amostra religião. O último censo – amostra religião cadastrado na plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE data o ano de 2010. Por se tratar ser o principal provedor de informações geográficas e estáticas do Brasil, é possível ter uma noção mínima daqueles que se autodenominam praticantes de tradições indígenas, Umbanda, Umbanda e candomblé ou outras declarações de religiosidades afro-brasileira - classificações dadas pelo site. Porém, vale lembrar que mesmo o censo não é capaz de elucidar precisamente a quantidade de praticantes, visto que a pesquisa se dá por amostragem e muitas vezes não chegam aos praticantes estas pesquisas e, ainda há que se levar em conta que muitos preferem não se identificar como praticantes de religiões afro-brasileiras devido o preconceito e ataque religioso ainda existentes.

Ainda há a problemática do ano em que a última amostragem foi cadastrada, onde há um atraso de doze anos no novo mapeamento e cadastro das práticas religiosas.

Em relação aos dados, são eles:

Tabela 01: Censo – Amostra Religião.

Religião	Total de entrevistados	Total de praticantes	Local
Tradições indígenas	63.082	398	Campo Grande-MS
Umbanda	407.331	1.551	Campo Grande-MS
Umbanda e candomblé	588.797	2.029	Campo Grande-MS
Outras declarações de religiosidades afro-brasileira	14.103	41	Campo Grande-MS

Fonte: IBGE, 2020

De certa forma os dados que foram possíveis de serem acessados mostram uma problemática ainda encontrada em relação as religiões de matriz afro-brasileira: a falta de registros oficiais e ou a divulgação destes. Como também mostra, principalmente ao que se refere ao censo, que sociedade ainda busca fundamentar a religiosidade e a entende a partir do cristianismo. A quantidade de entrevistados, assim como aqueles que se autodenominam

cristãos são o dobro ou mais daqueles amostrados na tabela 01.

Assim o que observo, principalmente em relação as pesquisas encontradas pelos descritores, é que mesmo tardiamente, a migração das religiões afro-brasileiras está acontecendo e, à medida em que se fortalecem e se consolidam seus campos religiosos, há também um despertar de interesse por parte dos pesquisadores que procuram “[...] compreender como este complexo sistema simbólico se relaciona com as sociedades em que tais campos estão inseridos” (SÁ JÚNIOR et al, 2020, p.9). É natural, portanto, encontrar pesquisas que se interessem em entender o fenômeno ao que se refere a sua base e, por isso, acabam se repetindo. Vale lembrar que não se trata de um fenômeno bom ou ruim, mas de um certo princípio de quase todo tema que vem à luz das discussões acadêmicas.

O encantamento do terreiro ou terreitório...

Louvamos e honramos as figuras dos pretos velhos, caboclos, ciganos, marinheiros, boiadeiros, entre tantas outras categorias que foram marginalizadas. Aqueles que quando encarnados foram privados de sua mínima dignidade ganham relevo em nossos terreiros. Damos voz para aqueles que, em outros contextos, foram silenciados. Vejam, não há linha dos banqueiros, nem dos reis e príncipes; e sim dos que, embora privados da riqueza e poder, adquiriram imensa sabedoria espiritual.

Umbanda com simplicidade³⁴. **O racismo é um problema dos umbandistas também.**

Nos terreiros, negros, povos originários, mulheres, crianças, ciganos, pobres, entre tantos outros, que foram massacrados, silenciados, descorporificados, subalternizados, hierarquizados agora são (in)corporados enquanto instâncias de ser, saber, fazer. Através de seus arquétipos, não são mais reclamadas suas vozes e, sim, os ouvidos daquelas e aqueles que buscam aconselhamento. Os terreiros são, portanto, territórios do encantamento. Espaços destinados a manifestação corporal, do transe, do descarrego, da gira, da corpovivificação do divino e da subversão dos valores colonialistas. Neles, povos de diferentes culturas, etnias, tempos e planos se encontram para celebrar a vida.

³⁴ Página na rede social *Instagram* que visa divulgar práticas e ensinamentos umbandistas a partir de conteúdos originais, mantida e produzida por um dos médiuns entrevistados no Templo de Umbanda Pai Oxalá, e por este motivo é trazida para discussão nesta dissertação.

O terreiro surge como espaço de encantamento (SIMAS e RUFINO, 2018; 2019) intercultural: entidades, médiuns e consulentes; negros, brancos, indígenas; passado, presente e futuro. Reinventa-se o espaço, transgride-se o tempo, subvertem-se as estruturas: onde baixam esses sujeitos encantados são invocadas novas dimensões/significações de ser. “Quero dizer que reivindicar a heterogeneidade e a possibilidade de múltiplas hibridações é um primeiro movimento político para que o mundo não fique preso sob a lógica homogeneizadora [...]” (CANCLINI, 2011, p. XXXVIII).

Um terreiro não é apenas um espaço físico localizado geograficamente, mas ainda um território de expansão espiritual, de afirmação do eu, de trânsitos, atravessamentos, entre outros. Assim, qualquer pessoa que tente padronizar seus significados estará cada vez mais longe do que esses territórios carregam em seus simbolismos, conceitos, encantamentos e, sobretudo, em seus ensinamentos divinos. No território o corpo em transe opera na diferença. Cada movimento e elemento utilizado pelo médium (in)corporado revela a identidade daquela/e que chega para trabalhar. Ele é atravessado pelas energias da entidade (in)corporada e ao mesmo tempo age com e sobre esses fluxos. O corpo age na mediação entre ação e recepção. Ou seja, o corpo do médium que é acometido por comportamentos sociais, históricos, culturais, religiosos, etc que orientam sua expressividade passa, ao (in)corporar, a mediar também as influências históricas, culturais, sociais das entidades (in)corporadas. Assim, pensar esse território vai além do plano físico.

Existem lugares de esquecimento, territórios do efêmero, e lugares de memória, territórios de permanência. Esses últimos são espaços que, sacralizados pelos homens em suas geografias de ritos, antecedem a sua própria criação e parecem estar aí desde a véspera da primeira manhã do mundo (SIMAS, 2019, p. 36).

Este território não é encantado por si só, mas torna-se a partir do exercício da mediunidade, das palavras, dos gestos, da manipulação energética dos elementos da natureza, do aconselhamento espiritual, da comunicação com o astral, da (in)corporação das entidades e dos próprios sujeitos de que dele fazem parte.

Diferente da concepção do homem branco de limite, da fronteira, do espaço delimitado, nos terreiros ou territórios – como utilizo aqui – de Umbanda não há delimitação entre o que é ou não sagrado. A relação dos sujeitos e as materialidades que compõem este espaço não é a de propriedade, mas de pertencimento e manutenção do axé. A sua instalação é repleta de simbolismos que funcionam como extensão do axé, auxiliam nos trabalhos realizados

pelas entidades, servem como pontos de força e muitas vezes estendem a força das entidades fazendo reverberar pelo tempo, espaço e pessoas as energias que foram trabalhadas.

Em outras palavras, aquilo que em nosso mundo e espaços distintos – segundo a lógica colonialista – seriam considerados apenas enquanto objetos, uma pedra, uma planta, uma vestimenta, uma fumaça, um som, etc se manifesta enquanto fonte de sabedoria, de axé e encantamento nos terreiros de Umbanda. Ou seja, tudo o que compõem a Umbanda, é fundamental para a articulação entre o mundo espiritual e terreno.

Assim, terreiro é território social, mítico, simbólico, sagrado, em que seus praticantes buscam viver uma realidade distinta daquela encontrada no cotidiano. Território do humano e do divino; do antes, do agora e do depois; do mistério, do devir, do inacabado. Como nos lembra Ailton Krenak (2020a, 2020b) sobre a cosmovisão indígena, as montanhas, o vento, o mar e todos os elementos da natureza são locais onde residem o sagrado, concepção que se estende aos terreiros.

Os elementos ritualísticos e da natureza e os simbolismos são extensões do próprio corpo e vida. Assim, território e vida são a mesma coisa. É na e pela natureza que a conexão com ancestrais são feitas. Portanto, a linha que divide sagrado e terreno é inexistente. Em tudo há ensinamento. As montanhas, as cachoeiras, o vento, o canto dos pássaros, entre outros são grandes aconselhadores, curadores e considerados seus ancestrais. É pela conversa e manipulação dos elementos da natureza que o encanto acontece. “Nas tradições que eu compartilho, não existe poder sobrenatural. Todo poder é natural, e nós participamos dele. Os xamãs participam dele. Os pajés, em suas diferentes cosmogonias, saem daqui e vão a outros lugares no cosmos”. (KRENAK, 2020b, p. 56 – 57). Da mesma forma em que a natureza é o corpo dos indígenas e indígenas pertencem a natureza, todas as materialidades, os elementos da natureza que são manipulados, os cantos, os diferentes elementos que compõem o espaço de ritual, são extensões desse corpo que habita este lugar, ao mesmo tempo que este corpo também o é do espaço.

A constituição de um terreiro se dá pela sacralização dos elementos que compõem este espaço. As palavras, as imagens, as roupas, os objetos, o canto, toques, os atos, os fios de conta e os milhares de signos que ocupam o espaço do terreiro, passam por distintos processos que os sacralizam a partir do contato com sagrado, com o divino. Para a cultura de terreiro, o espaço de culto não se limita em atos, adornos e simples representação sagrada por meio de objetos, mas da transformação do mundo material em um lugar abundante de axé, em templo, ou seja, em que o sagrado seja parte integral de tudo que compõem o terreiro.

O terreiro é repleto de simbolismos religiosos que são extensões das energias manipuladas pelos guias/ entidades espirituais. Congá, velas, imagens, firmezas, descarregos, plantas diversas, pontos riscados, colares de conta, atabaques, pembas, marafos³⁵, e outros elementos condensam as forças das entidades e auxiliam na manutenção e reverberação constante do axé. E é constituído de diferentes forças que as entidades manipulam, como: pontos de energia corporal; elementos da natureza (terra, mar, fogo, ar, vento, mata, folhas, entre outros); assentamentos; pontos riscados e cantados; irradiação e o próprio axé, ou energia sagrada dos orixás representadas por eles que simbolizam a energia da divindade cultuada.

Nos terreiros se incorporam saberes ancestrais, sejam pelas práticas e costumes por aqueles que hoje dão continuidade a prática religiosa ou pela (in)corporação das caboclas e caboclos que são responsáveis pelos processos de cura, ensinamentos, orientação, energização, perpetuação de saberes, entre outros.

Esses territórios expressam a resistência em suas diferentes formas: dos processos de dominação, das tentativas de apagamento, da perseguição religiosa, dos processos de coisificação, da morte, do racismo, entre muitos outros.

O território não é apenas um lugar físico, mas também onde o corpo se torna território de manifestação e expressão do sagrado. O corpo como fronteira entre humano e sagrado é receptáculo de energias que compõem e vibram no território. Sem corpo não há território. O terreiro ao mesmo tempo que é encantado pelos elementos que o compõem, também é pelo corpo. A intersecção direta entre o mundo espiritual e o mundo material, entre visível e invisível acontece pelo e no corpo. Através de gestos, danças, palavras e cantos o corpo utiliza de linguagens e simbolismos capazes de comunicar com o divino. É no corpo que a dança do sagrado encontra expressão.

O território é uma construção que transcende as fronteiras físicas. É construído e identificado a partir de cada indivíduo e das relações que nele são estabelecidas. São muitos seus significados e identidades.

O território é o encantamento. Território do sagrado, é a lembrança constante de que lá se encontram elementos e corpos que vibram e conectam com o divino.

³⁵Bebida alcoólica destilada, a famosa cachaça, que é utilizada ritualisticamente nos terreiros de Umbanda.

Umbanda(s)...

A Umbanda é como um caldeirão, onde vários conhecimentos estão sendo cozinhados juntos. Alguns ingredientes, mesmo quando passados por um bom tempo, permanecem inteiros e você pode identificar sua origem e raiz. Outros, dissolvem-se e misturam-se. Neste caldo, há diferentes fundamentos, doutrinas, saberes ancestrais, memórias, experiências, valores. Ele representa as diferentes forças que cruzam os nossos terreiros.

Umbanda com Simplicidade. **O racismo é um problema dos umbandistas também.**

A Umbanda é uma religião múltipla e híbrida. Ela é construída a partir da simbiose de diferentes manifestações religiosas que estão em franca disputa e estruturação. “[...] nitidamente brasileira, é portadora de uma complexidade e riqueza simbólica em constante elaboração. Em cada lugarejo do território brasileiro o terreiro de Umbanda ocupa um espaço, segundo uma identidade própria” (RODRIGUES, 2018, 35).

Para muitos praticantes, seu marco fundador ocorre a partir de uma sessão espírita que data o dia 15 de novembro de 1908. Conforme divulgado nos relatos, o caboclo das 7 Encruzilhadas ao se manifestar em uma mesa espírita anuncia a nova religião. Zélio Fernandino de Moraes, médium que recebeu a entidade, diante da não aceitação por parte dos participantes da mesa espírita perante a manifestação do caboclo, passa a receber em sua casa o caboclo das 7 Encruzilhadas e a partir das orientações dadas por este funda o primeiro terreiro de Umbanda que recebeu o nome de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e, conseqüentemente, funda também a própria religião Umbanda.

O que chama a atenção é justamente o fato de que a Umbanda, a religião que nasce reclamando e assumindo uma identidade brasileira, toma como data de início de suas manifestações mediúnicas, e mais tarde data de comemoração, o dia 15 de novembro, dia em que se celebra a Proclamação da República. Sob o estigma de eleger novos símbolos e uma nova identidade nacional, diferentes categorias da sociedade passam a ecoar a visão de modernidade da nova nação, entre elas a religião.

A Umbanda, ao agregar em maior ou menor influência, a depender do terreiro, as influências africanas, indígenas e europeias, reclama pra si o caráter de religião sincrética. Assim, como aponta Ortiz (1999), a complexidade de seus rituais opera entre dois polos: o mais ocidentalizado ou menos ocidentalizado. “[...] vamos encontrar assim, no pólo mais

ocidentalizado, uma maior integração com a ideologia dominante; no pólo menos ocidentalizado esta integração se encontra de maneira menos pronunciada” (ORTIZ, 1999, p. 97).

O autor se refere ao surgimento e prática da Umbanda como uma solução original para as mudanças e aspirações sociais. O cruzamento de religiões e povos da época fez com que a necessidade de uma nova crença surgisse. Por um lado, havia as religiões ocidentais e brancas e, do outro, as diferentes religiões africanas que atravessaram os mares junto a seus povos escravizados e as crenças dos povos da terra, os indígenas. O contrabando não fora apenas cultural, mas também religioso. Se estabeleceu diferentes relações entre esses sujeitos e suas crenças: a de assimilação, a de imposição, de troca, entre outras. A Umbanda surge, portanto, como uma forma de agregar e reinterpretar as diferentes crenças numa só religião a fim de atender uma demanda social. Ortiz (1999) ainda chama a atenção para o fato de que o Brasil acabava de se “libertar” do jugo colonial, o que tornava importante assentar os valores brasileiros e isso passaria também pela religião. A Umbanda nasce a partir da necessidade de afirmação da sua brasilidade, ou seja, de atender uma demanda social que visava uma representação nacional. O sincretismo se torna a melhor resposta de integração cultural que se buscava na época.

A Umbanda surge como uma necessidade de atender as demandas sociais. Ainda que hoje suas práticas e filosofias estejam voltadas para uma identidade de terreiro pautada nas matrizes afro-brasileiras, é possível dizer que este não era seu primeiro interesse. Antes a Umbanda nasce da necessidade de uma religião que estivesse em acordo com a nova identidade nacional que se aspirava na época. Ao longo do tempo vai assumindo e afirmando sua identidade afro-brasileira mais ou menos ocidentalizada.

A exemplo, o Templo de Umbanda Pai Oxalá está localizado enquanto um terreiro mais ocidentalizado. Nele encontramos imagens de santos que sincretizados representam orixás, não há qualquer tipo de abate animal, as vestimentas são apenas brancas, os orixás não dançam por meio do transe nos corpos dos médiuns, mas apenas vibram enquanto essência divina, entre outros. Por outro lado, a (in)corporação de entidades acontecem, o culto aos orixás mesmo que enquanto essência divinas que vibram por meio das entidades acontece, são feitas firmezas, trabalham com o encantamento de diferentes elementos, entre outros.

Ademais, outro fato que deve ser levado em consideração é que o sincretismo religioso já acontecia antes da consolidação da religião Umbanda. Para os bantos, negros trazidos para terras brasileiras por meio da escravidão, reconhecer e pedir a benção aos sacerdotes adorados

na região era uma prática importante. Os negros passam a reconhecer as práticas medicinais através de ervas naturais e incorporam a sacralização desses sacerdotes a seus ritos de diáspora banto, surge o Candomblé de Caboclo, agora assumindo o caráter afro-brasileiro. O Candomblé, desempenhou um papel fundamental na constituição da Umbanda no início do século XX, conforme aponta Prandi (2001).

Além do que, o sincretismo não é apenas o reconhecimento das crenças do outro, mas também pode ser entendido como uma estratégia de resistência e controle, principalmente em terras brasileiras.

Do encontro das tradições religiosas africanas com as religiões cristãs e ameríndias, foram elaboradas diferentes combinações e criações culturais que resultaram nas distintas religiões afro-brasileiras, dentre elas o candomblé e suas nações, a Umbanda, tambor de mina, os xangôs, o terecô, entre outras. Os negros africanos tiveram que conviver com outras culturas e em outra localização geográfica, em virtude do sistema de escravidão a que foram forçados a viver. Esse processo de reterritorialização e da assimilação de diferentes imaginários religiosos originou “novas formas cognitivas, perceptivas e organizacionais”. (GOLDMAN, 1990, 2005 apud PREVITALLI, 2013, p.22).

A Umbanda, ao assumir em seus cruzamentos religiosos e culturais diferentes povos, empresta da filosofia africana os princípios de incorporação e acumulação. Ou seja, ela constrói sua identidade a partir da compreensão e incorporação de práticas religiosas de outras culturas. É portadora de uma complexa mistura simbólica e disputas que estão em constante reelaboração. Em cada lugar assume uma identidade própria a partir do grau de influência de uma religião em relação a outra (africana, indígena, oriental ou europeia), dos interesses daquele que pratica e da identidade assumida pelo terreiro.

O sincretismo, portanto, possibilitou essas criações de novas religiões – ou variações das existentes – no Brasil -, mas não apenas como algo novo, mas como espaços de resistência como já mencionado, originados principalmente pela necessidade de mediação de conflitos (MATOS, 2022, p. 47).

Logo, o panteão de entidades com a qual trabalha vai transpor esse sincretismo e essa multiplicidade. “Através de uma única entidade podemos observar as misturas culturais que se entrelaçam e que em seguida são transformadas para adquirir nova roupagem no corpo” (RODRIGUES, 2018, p. 36). As entidades manifestadas provêm de divindades africanas (os orixás), da Europa, do Oriente e dos povos de terras brasileiras.

As misturas culturais e religiosas vão transparecer nas diferentes formas de ritualização, vestimentas, linguagens assimiladas, organização e disposição do terreiro e outros,

chegando até as entidades que são recebidas e influenciando na sua forma de trabalho, bem como quais elementos de trabalho serão oferecidos para as entidades.

Em relação a crença, a Umbanda, se assume monoteísta, ou seja, se fundamenta na existência de um Deus, Olorum ou Zambi³⁶. A regência divina é exercida por uma existência. Possui os mesmos atributos de Deus, supremo. Da mesma maneira se baseia na Santíssima Trindade Católica (o Pai, o Filho e o Espírito Santo) e da mitologia africana Iorubá para sua concepção divina, ficando a Santíssima Trindade da Umbanda estabelecida por *Olorum – Oxalá – Ifá*, que representam respectivamente o criador, o filho do criador e o espírito santo. Oxalá, por sua vez, assume a figura de Jesus Cristo na Umbanda e é considerado o Pai Maior. É para Oxalá que se bate cabeça e que se pede a condução espiritual.

Entretanto, como bem assinala, Ortiz (1999) a Umbanda não é uma religião messiânica. Ou seja, que tem seu surgimento na figura de messias ou um sujeito em específico.

[...] ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente ao processo das transformações sociais que se efetuam. Não se trata, portanto, de reencontrar o seu foco de irradiação (onde e quando a palavra Umbanda aparece pela primeira vez, tarefa que se revela aliás inútil), mas de compreender como um movimento de desagregação das antigas tradições afro-brasileiras pode ser canalizado para formar uma nova modalidade religiosa (ORTIZ, 1999, p. 32).

São reverenciadas também as entidades superiores, os orixás. Na crença Umbandista são eles que governam o mundo e são intermediários de Deus e do humano. Estão ligadas as forças da natureza e acredita-se que a natureza é próprio orixá. Novamente são encontrados cruzos religiosos quanto a representação dos orixás em terras brasileiras: diante da repressão sofrida por negros e indígenas pelos colonizadores que impunham a prática do catolicismo enquanto religião única, os povos passam a assimilar e cultuar os santos da Igreja Católica como uma maneira de representação de suas divindades, iniciando-se o que muitos chamam de sincretismo religioso.

São cultuados: Oxalá considerado o pai maior (sincretizado enquanto Jesus Cristo), é o senhor absoluto da vida e da morte, há ele pertence o ar que se respira; Oxum, senhora das águas doces é a responsável pela manutenção da vida (sincretizada enquanto Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Aparecida); Iemanjá (sincretizada por Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da

³⁶ Diferentes nomenclaturas em referência a existência suprema e única.

Piedade e Virgem Maria), rainha das águas salgadas é considerada a “grande mãe” ou a “protetora de todas as cabeças”; Iansã (sincretizada por Santa Bárbara), guerreira valente é dona das tempestades, ventos, relâmpagos e trovões; Xangô (sincretizado por São João Batista ou São Jerônimo), o senhor das pedreiras é símbolo dos estudos e da justiça; Oxóssi (sincretizado por São Sebastião ou São Jorge), o caçador das matas de uma flecha só está ligado a tudo o que é natural; Ogum (sincretizado por São Jorge da Capadócia, São Sebastião e até mesmo como Santo Antônio), é o orixá dos metais e estradas é o orixá vencedor de demandas; Nana Buruquê (sincretizada por Nossa Senhora Sant’Ana ou Santa Ana) senhora dos pântanos é a responsável pela criação e, Obaluaê ou Omulú (sincretizado por São Lázaro e São Roque) é conhecido como o médico do orixás, pois a ele são confiados os axés de cura. Como salienta Ortiz (1999), as relações entre santos e orixás dependem da região onde se é cultuado podendo passar por adequações da região. Além disso, é preciso considerar que cada terreiro possui uma identidade única. Mesmo que semelhantes em grande parte da sua estrutura, organização e ritualística, qualquer uma ou um que tentar empregar padrões e fazer comparações perderá toda diversidade de expressões e manifestações do sagrado que compõem estes lugares.

Também estruturam a Umbanda os guias espirituais que assumem o papel de mentores e protetores que estão relacionados de forma direta a vida individual de cada pessoa. E as entidades que são espíritos considerados de uma elevação espiritual maior que os humanos e que são (in)corporados a fim de prestar aconselhamentos, curas, descarregos, limpezas, desenvolvimento, entre as muitas funções assumidas por elas.

“A religião umbandista fundamental no culto dos espíritos e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas divindades [...]” (ORTIZ, 1999, p. 69). Diferente de outras religiões, as entidades não são deuses inacessíveis e distantes ou santos – seres que praticaram em terra bondades heroicas – como geralmente são encontrados em outros cultos religiosos, não se comunicam apenas por meio de orações. São entidades que por meio do transe, da (in)corporação estabelecem uma relação direta com aqueles que os recebem e que os procuram.

No geral, as caboclas e caboclos, preta velhas e preto velhos e crianças firmam a linha da direita formando aquilo que se entende enquanto triângulo da direita. E na esquerda, são os exus, pombagiras, ciganas e exu mirins que trabalham. Mas é de conhecimento que em alguns terreiros também baixam ciganos, marinheiros, marujos, boiadeiros, ciganos, orientais e

malandros para trabalhar³⁷.

Ainda que não seja o intuito aprofundar nesta discussão, chamo a atenção para o fato da possível representação de três povos: a de caboclas e caboclos que vão estar ligados a noção de representação do indígena, a de preta velhas e preto velhos que estão associados aos negros africanos e a criança que está ligada ao europeu. Assim não só se sincretiza religiões, mas povos que passam ter o território de Umbanda enquanto um espaço de pertencimento e representação de muitos.

Os cruzos religiosos entre as várias culturas de origens africanas, ritos ameríndios, tradições, europeias, vertentes do catolicismo popular etc., dinamizaram no Brasil vasta gama de práticas religiosas fundamentadas em três aspectos básicos: a possibilidade de interação com ancestrais, encantados e espíritos através dos corpos em transe de incorporação (é o caso da Umbanda) e expressão (é o caso dos candomblés); um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital – que reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor etc., e na modelação de condutas estabelecida pelo conjunto de relatos orais e na transmissão de matrizes simbólicas por palavras, transe e sinais (SIMAS, 2018, 91-92).

É uma religião coletiva. Ou seja, se firma a partir da mistura de diferentes religiões; de diferentes povos, raças, culturas, gêneros, classes sociais, sexos e escolaridades; de diferentes linhas de trabalho; da comunicação entre diferentes planos e tempos entre tantos outros aspectos, mas que se expressa de forma única a cada um que dela faz parte; que possui sua própria identidade em cada terreiro; que manipula os elementos de forma subjetiva; que entende e se relaciona com o sagrado de forma única.

Embora presenciemos atualmente um verdadeiro mercado em torno dos conhecimentos de Umbanda, com cursos, livros, conteúdos pagos nas redes sociais, compreendo que é no chão do terreiro que todos eles são apresentados e colocados em prática. É no terreiro que se tem a experiência compartilhada pela transmissão oral dos mais velhos, que os mistérios da gira são transmitidos e colocados em prática, que a identidade da Umbanda é re-afirmada a partir de suas práticas.

O primeiro, e o mais importante, local para aprender sobre a Umbanda é no chão do próprio terreiro. Não há livro, texto, curso ou vídeo que substitua a experiência direta. Há saberes que não são possíveis de serem transmitidos por meio das palavras; somente sentindo o axé (UMBANDA COM SIMPLICIDADE, 2022b, n.p.)

³⁷ O termo refere-se as ações desempenhadas pelas entidades (in)corporadas. Assim está ligada aos aconselhamentos, aos descarregos, cura, etc que são exercidos por elas.

A Umbanda é uma religião dotada de ritual. Engana-se aquele que pensa ser somente a partir da (in)corporação que seu exercício se dá. É no levantar de um ponto riscado, no aprendizado da firmeza das velas, na limpeza da terreira, na manipulação das ervas, nas conversas informais de corredor que grande parte dos ensinamentos são repassados, que as tradições são mantidas e reelaboradas quando necessárias e que o axé começa a ser trabalhado e firmado.

A Umbanda é feita de símbolos. Em toda sua materialidade e linguagem há símbolos que concretizam o fazer ritualístico da Umbanda. Em cada gesto, objeto, palavra, sons ou ritualística, encontramos representações que transcendem o visível. Nos pontos riscados, desenhados com pomba (giz) ou outro material, símbolos mágicos representam caminhos espirituais, forças divinas. Cada traço é carregado de um encantamento, de um poder e serve como ponte entre o mundo material e o espiritual. Nos atabaques e cantos, os versos e as batidas entoam o divino. Nos alimentos e materiais, a troca e sustentação de energia são firmadas. Nas guias (colares feitos de diferentes materiais) cada cor, cada pedra conta e comunicação com uma energia, com uma espiritualidade.

Cada símbolo, gesto ou materialidade, seja ele desenhado no chão, entoado nos cantos ou dançado nos corpos; esteja oferecido as entidades ou firmado nos terreiros estão repletos de significados. É uma lembrança constante que a Umbanda é feita de símbolos e identidades únicas, ainda que mais ou menos ocidentalizada, será sempre afro-brasileira.

O terreiro onde me assentei...

Nessas viagens que a vida nos proporciona e nos abençoa com tantos encontros sagrados, cheguei em uma casa, à beira de uma estrada. A porta estava aberta e logo fui recepcionado. Acolhido, já de imediato me senti bem-vindo. Após a entrada, feita de palhas de alguma planta que sabia ser sagrada, vi um grande salão. Homens e mulheres sentados em troncos, redes e cadeiras, crianças brincavam e faziam do ambiente uma festa. Cada um podia escolher a forma de se chegar.

Luiz Felipe Stevanim. **Terreiro de caboclo:** a raiz indígena na Umbanda.

Escolhi chegar no Templo de Umbanda Pai Oxalá numa sexta-feira qualquer, com toda

a pretensão de provar algo e medo que cabe a qualquer ser humano. Escolhi chegar com preconceito, miúda, sorradeira como quem não quer ser notada. Escolhi ir com medo mesmo, pois sabia que não poderia estender por muito tempo meu contato com este território do sagrado. Principalmente porque cabia a mim também um compromisso ético diante de uma das ocupações que possuo: o de arte-educadora. Sabia que a qualquer momento poderia caber a mim falar sobre estes corpos, não no lugar do preconceito, mas da diversidade, do respeito e potência que lhes cabem. Por este motivo, mesmo vestida do medo, escolhi – como define a autora Rodrigues (2018) – experivivenciar com estes corpos e conduzir a dança que deles produziam pelo viés poético e criativo.

Pedi licença e proteção a meu anjo da guarda, me vesti de toda proteção que se pode conseguir através de orações, mal sabia que eram estes que já me acompanham a muito tempo. Adentrei o terreiro com os olhos esbugalhados e pernas trêmulas procurando por toda parte algo que pudesse comprovar o discurso colonialista que trazia, que pudesse comprovar. Adentrei o terreiro não em busca de uma religião, mas em busca de respostas.

Nada do que observava era capaz de sustentar todo carrego que trazia em forma de “sabedorias”. Resolvi ficar até o final sem saber ao certo o motivo. Olhei atenta em volta e tudo era plena vibração. Cada coisa pela qual perguntava estava em vibração seja com o orixá, seja com a gira, com os guias, as pessoas que estavam nesse território ou até mesmo com a natureza. Senti essas vibrações no canto, nas palmas, nas saudações que eram feitas, tudo parecia brotar de um invisível, uma força que só podia ser explicada para mim pelo sentir.

Quanto mais tempo eu ficava, quanto mais eu observava mais sentia e se desmanchava dentro de mim todo carrego colonial e o medo que levava comigo. O que vi no meu primeiro contato não se comparava a nada que sabia sobre ritos. Os corpos dançavam e gargalhavam, os cantos vibravam, os tambores pareciam pulsar junto ao coração. Havia uma força invisível e pulsante que parecia tomar e transformar aos poucos todos que estavam ali. Estava no território do sagrado e foi lá que me assentei.

Foi no Templo de Umbanda Pai Oxalá onde aprendi a me comunicar com a espiritualidade. Aprendi a sentir e entender a força dos orixás que atuam na natureza e dentro de nós.

Cada pessoa que chega nestes territórios chega com uma vivência, uma história, uma visão. Chega por algum motivo, em busca das mais diferentes coisas. Em sua maioria porque necessitam de respostas, sejam elas financeiras, amorosas, relacionadas a saúde e, no meu caso, para testar teorias. Algumas só visitam, outras retornam pontualmente em situações específicas

que aparecem ao longo de sua trajetória e outras ao se depararam com outras formas de entender a vivenciar as energias que compõem o mundo, ficam.

Cada terreiro trabalha com materialidades e forças de formas diferentes. E por esta maneira assumem identidades variadas. É esta variedade de elementos e maneiras de manipulá-los, os diferentes indivíduos, a formação e direcionamento religioso que a mãe ou pai de santo tem e projeta no terreiro, entre outros elementos que vão estruturando estes territórios e atribuindo o caráter intercultural.

Os terreiros de Umbanda, normalmente, possuem dois eixos estruturantes: o primeiro diz respeito aos cargos que são exercidos dentro da corrente mediúnica e, o segundo, à estrutura física do terreiro. Ainda que mudem algumas interpretações sobre a forma em que devem ser realizadas as giras, composição e organização espacial deste lugar de culto, representações sociais que são trabalhadas, dentro outros, as estruturas básicas, geralmente, permanecem as mesmas ou muito próximas.

No que diz respeito a primeira – cargos –, é possível notar uma similaridade nos diferentes territórios de Umbanda. Contam, geralmente, com mãe ou pai de santo, mãe ou pai pequeno, atabaqueiros, responsáveis pela administração e médiuns que transitam entre a responsabilidade de (in)corporar e prestar atendimentos e cambonear. Integram também esta estrutura os consulentes, que chegam a fim de se consultar pelos mais diversos motivos.

Cada membro assume um papel importante para o funcionamento do terreiro e para a composição da corrente mediúnica. Assim como o nome sugere, numa corrente toda peça é indispensável para o entrelaçamento e formato total daquilo que se pretende. Numa corrente mediúnica, todo indivíduo faz parte de um todo e estão vibrando em e a sua essência de forma a aumentar a projeção mediúnica e as energias que compõem este território. Ainda sem o transe concretizado cada indivíduo assume um papel importante para a firmamento do axé. “O mundo da aldeia é coletivo e nos ensina a superar o individualismo. Somos um todo. Eu sou nós” (STEVANIM, 2021, p. 45).

A Umbanda é experiência essencialmente coletiva! E é em sua coletividade que o amadurecimento mediúnico se dá, que a práxis de terreiro é apreendida, os mistérios são apresentados e as energias somadas. Ainda que se tente praticá-la sozinha/o não será possível. Para além dos indivíduos, é pela conexão com os guias e orixás, pelos ensinamentos deixados pelos antepassados, pela conexão com os elementos que compõem o espaço e vibram a essência de cada orixá, entre tantos outros elementos que a gira se firma e que em sua essência firmam, também, a coletividade.

A hierarquia ou cargos assumidos demonstram muito mais a importância de seu ocupante, a maturidade dentro do terreiro. A mãe ou pai de santo – a depender do terreiro – é o cargo mais alto daqueles encarnados. São responsáveis pelo direcionamento e condução do desenvolvimento mediúnico de suas filhas e filhos de santo. Além disso, é a/o única/o que é capaz de exercer qualquer função no terreiro, devido a sua maturidade e, geralmente, longa trajetória dentro do ritual de Umbanda lhes dar um grande arsenal de conhecimentos sobre as firmezas, os cantos, os elementos, os pontos riscados, entre tantos outros que compõem o rito. Responsáveis pela gira, a ela (mãe de santo) ou a ele (pai de santo) são direcionadas todas as demandas do terreiro, sejam elas de ordem de organização ou de cunho espiritual.

Esta responsabilidade é dividida com a mãe pequena ou pai pequeno que auxilia de forma mais próxima a mãe ou pai de santo. São elas ou eles que contribuem diretamente com as firmezas da casa, contribui com os desenvolvimentos e condução espiritual das filhas e filhos de santo, e assumem a frente do terreiro no caso de ausência, doença ou morte da mãe ou pai de santo. É o que ocorreu com o pai de santo atual do Templo de Umbanda Pai Oxalá. É possível notar a transição de chefias no relato de Fernandes (2014):

Mãe Elzira entrega a chefia do terreiro para Pai Mongelli, que é nomeado de Templo de Umbanda Pai Oxalá, e constrói outro para ela. A ialorixá (mãe-de-santo) fez questão de ponderar, durante a entrevista: “essa história era pra ser do Mongelli”. Quando esta pesquisa foi realizada (2011), Pai Mongelli ainda se encontrava a frente dos trabalhos; mas logo seu filho Luis Otávio Mongelli assumiu a direção do terreiro (p. 69).

Como revelado por Fernandes (2014), o Templo de Umbanda Pai Oxalá atualmente é dirigido pelo pai de santo Luís Otávio Mongelli. Hoje conta com um efetivo de aproximadamente quarenta filhas e filhos de santo que atuam em diferentes funções/cargos. O pai de santo também acumula a responsabilidade de administrar o terreiro. Ele é responsável pela orientação, cuidado e direcionamento do desenvolvimento mediúnico de todos os médiuns e pela organização, manutenção e assuntos administrativos. Em sua ausência a mãe pequena, cujo nome será preservado, é quem é responsável por suas atribuições.

Outro cargo de grande importância são as atabaqueiras e atabaqueiros, responsáveis por aprender os toques, pontos e ritmos, e por transmitir e sustentar o axé do terreiro por meio do canto dos pontos e do toque dos tambores. No Templo de Umbanda Pai Oxalá, essa função é desempenhada por dois homens e duas mulheres. Tradicionalmente, essa responsabilidade é atribuída apenas aos homens e é conhecida como "ogã". No entanto, no terreiro em questão, devido à sua abordagem particular em relação a tradição, a nomenclatura foi substituída para incluir tanto homens quanto mulheres.

No processo histórico do próprio terreiro, essa função foi desempenhada exclusivamente por homens durante muitos anos. Mas devido as mudanças ocorridas na ritualística e as mulheres passarem a exercer a função, deixou-se de designar ogã e substituiu-se por atabaqueiras e atabaqueiros.

O papel do ogã na religião afro-brasileira transcende em muito a simples tarefa de tocar o atabaque. Embora a percussão seja uma parte fundamental de seu trabalho, o ogã desempenha um papel multifacetado e de grande importância no contexto do terreiro. Ele é um guardião das tradições, um transmissor de conhecimento ancestral e um condutor de energia espiritual. Além de dominar os ritmos e toques, o ogã atua como um elo entre o mundo material e o espiritual, auxiliando nos rituais, evocações e na manutenção do axé do terreiro. Sua presença é fundamental para criar uma atmosfera espiritual propícia e manter a conexão com os ancestrais e os orixás, tornando-se, assim, um pilar essencial da comunidade religiosa afro-brasileira.

Entendendo a tradição e a ritualística, assim como também acolhendo as inquietações internas, o Templo de Umbanda Pai Oxalá passa a atribuir a responsabilidade dos tambores para participação tanto de homens quanto de mulheres. Diferente da função ogã, que possui um papel multifacetado e é direcionada exclusivamente ao toque dos tambores e canto, dentro da ritualística do terreiro coabitado, as atabaqueiras e atabaqueiros são responsáveis pelo toque e sustentação do axé durante a abertura e finalização dos trabalhos, estendendo sua função a médium de atendimento ou cambone. Ou seja, ainda que exerçam funções similares, suas atribuições e identidades são únicas.

Dentro do Templo de Umbanda Pai Oxalá, não há o desempenho da função de ogã, mas sim de atabaqueiras e atabaqueiros. É importante ressaltar que minha intenção aqui não é fazer comparações nem emitir juízos de valor, mas sim compreender como as mesmas atribuições ocorrem de acordo com a tradição e a identidade específica do terreiro em questão. Isso reflete a riqueza da diversidade de abordagens e práticas dentro da Umbanda e religiões afro-brasileiras e respeita a singularidade de cada espaço religioso. É necessário para além do discurso, pensar nesses terreitórios como um lugar de identidades múltiplas e de pertencimento para todas e todos que desejarem fazer parte.

A Umbanda, ao assumir um ideal de religião que se pretende representar as diferentes etnias e povos, tem um dever social e religioso em se atentar aos lugares de representação de seus adeptos e entidades, bem como às linguagens, vestimentas, cantos, toques, entre os muitos elementos que compõem a prática ritualística.

É certo que, nos cultos africanos e afro-brasileiros, há sempre um tambor alimentando o ritmo, o movimento e materializando a palavra-canto e o movimento-toque em energia vibrante que alimenta e chama o divino. Como afirmou Rodrigues (2018) “Os instrumentos são responsáveis pela pronúncia do Divino. [...] Como uma entidade, eles transfiguram-se num corpo que pede outro corpo para fundir-se a eles e bailar” (p. 104). Nesse contexto, os tambores são mais do que simples instrumentos musicais; são portadores da espiritualidade e da conexão com o divino.

Se o tambor firma o ponto cantando, ecoa energia e sustenta a vibração que está circulando pelo terreiro, é quem toca o instrumento que tem que a finalidade de dar o tom necessário. Responsáveis pela musicalidade da gira, são elas e eles que dão sustentação musical tanto por meio da vibração que é emitida tanto pelos pontos cantados, quanto pelo próprio tambor e ou outros instrumentos, como agogô³⁸ e afoxé – a depender do terreiro. “O ato de saber tocar exige que as mãos do indivíduo, materializando a força da motricidade, brindem com a energia ou espírito do próprio instrumento” (RODRIGUES, 2018, p. 104).

Os tambores assumem o papel de entidades materializadas, pois é pelo som que o axé é conduzido e se intensifica a interação entre o médium e entidade, entre humano e divino, entre o plano terreno e o espiritual, entre o corpo e o espírito. A dinâmica dos terreiros e as performances corporais são conduzidas pela pulsação emitida dos tambores. O som é a força vital que ecoa dos tambores a cada batida.

Deve-se observar que os cantos umbandistas têm uma dupla função: eles louvam a existência e a manifestação das entidades espirituais, ao mesmo tempo que se impregnam de uma força mágica que tem o poder de atrair as divindades para o mundo dos homens. Cada espírito tem seu *ponto cantado*; escutando a música que lhe é própria, ele responde ao chamando dos cânticos [...] (ORTIZ, 1999, p. 106-107, grifo do autor).

Nas vozes dos médiuns, nas palavras, nas histórias contadas a partir da música, nas saudações há um chamado que reafirma o inaugura o sagrado. Os toques e os pontos cantados não são apenas elementos que compõem a ritualística, mas extensões do próprio terreiro que se materializa de muitas formas.

As cambones e os cambones são fundamentais para o direcionamento e andamento da gira. Quando o médium está (in)corporado ocorre, em maior ou menor grau, a alteração de consciência e a/o cambone será a pessoa responsável por atender as demandas que surgirem

³⁸ “É o nome de um instrumento musical muito original, pois que é composto de duas campainhas de ferro” (PINTO, 2007, p.13).

durante o trabalho, desde auxiliar na tradução de ensinamentos que são passados pelas entidades, pegar elementos de trabalho, atender os consulentes e principalmente, auxiliar no firmamento da gira. Mesmo que não estão em transe, estão em conexão com a espiritualidade seja pelas diferentes formas que a mediunidade se manifesta ou a partir da manipulação de elementos e auxílio nos passes. São grandes conhecedores dos segredos dos terreiros, uma vez que tudo a ele se direciona num trabalho. Dessa forma, muitos mistérios da calunga são apresentados. Sem cambone a gira não se firma, portanto se numa casa é importante o médium de (in)corporação, tão importante é o cambone. A cambonagem chefe é dividida entre duas mulheres que ficam à frente durante a gira quando o pai de santo e mãe pequena estão (in)corporados.

A organização financeira do terreiro também é de suma importância para os terreiros. Geralmente, contam com colaborações espontâneas dos consulentes que chegam em busca de atendimento. E, em outras, com contribuições pelas/os filhas/os das casas que nem sempre estão em dia. Há aqueles que cobram por trabalhos realizados, mas no Templo de Umbanda Pai Oxalá este método não é adotado. Lá a prática de Umbanda é entendida como caridade³⁹, ou seja, todo trabalho de cura deve ser prestado sem cobrança.

Por outro lado, tudo que é utilizado nas giras geram custo. Poucos são os elementos que são facilmente adquiridos em meio a natureza e mesmo estes requererem um cuidado de manutenção para que se mantenha. Há aqueles que ainda pagam por aluguéis de seus barracões – no Templo de Umbanda Pai Oxalá não há este gasto. Assim o trabalho de administrar um terreiro é uma tarefa de grande esforço. Numa gira, não bastam apenas as (in)corporações, são necessários as materialidades que compõem o campo energético para os trabalhos sejam feitos.

Compõem estes territórios as/os consulentes que são indispensáveis para a dinâmica da gira. Sem a pessoa para quem os ensinamentos serão passados, onde estas energias serão trabalhadas e que muitas vezes serão repassados a missão de assumir os atendimentos ao longo dos anos, o terreiro não se firma. É muitas vezes na consulência que a mediunidade se concretiza.

Já em relação à estrutura física, cada terreiro terá sua organização própria ainda que muitos elementos sejam próximos. Isto se dá principalmente pela influência da matriz religiosa que tem maior peso no terreiro. Além disso, também irá interferir em sua estrutura a época em foi fundado, tradições a qual pertenceu ou pertence e forma de reger o trabalho. Outro fator

³⁹ Zélio Fernandino de Moraes associa a Umbanda como uma prática de caridade e amor. É possível encontrar estes valores ligados a vários terreiros.

preponderante diz respeito a formação religiosa do dirigente que vai interferir diretamente na organização do culto religioso e linha de trabalho de maior atuação. Enfim, cada terreitório terá estruturas únicas, ainda que muito similares.

O Templo de Umbanda Pai Oxalá é considerado o maior e mais antigo terreiro de Umbanda da cidade de Campo Grande-MS. Atualmente é dirigido e administrado pelo pai de santo Luiz Otávio Mongelli, que recebeu de seu pai biológico e de santo, pai Mongelli, a missão de coordenar os trabalhos. Anterior ao pai Mongelli quem dirigia os trabalhos era mãe Elzira – quem iniciou pai Mongelli após a cura de uma enfermidade. O terreiro passa a se chamar Templo de Umbanda Pai Oxalá após mãe Elzira passar a direção para o pai Mongelli – anterior a isto carregava o nome de Cacique Tartaruga em homenagem ao caboclo com o qual mãe Elzira trabalhava – e, com auxílio do pai de santo, fundar outro terreiro.

Mãe Elzira foi a pioneira da Umbanda na cidade de Campo Grande, começando com os “trabalhos” por volta do fim da década de 1940, início da seguinte. Antes de fundar seu primeiro terreiro, num local mais afastado da cidade, ela “tocava” o culto num “quartinho no fundo da casa”, de uma forma bem discreta, já que a rua 7 de setembro – onde se localiza sua residência – está na área central, e os vizinhos poderiam não aceitar essa situação. [...] foi responsável pela iniciação de muitas pessoas na Umbanda e vários terreiros [...] (FERNANDES, 2014, p. 68).

Orlando Mongelli, ou como era comumente conhecido, pai Mongelli, era professor, referência no teatro do Mato Grosso do Sul e pai de santo do Templo de Umbanda Pai Oxalá onde orientou, foi responsável pela iniciação de diversas filhas e filhos de santo e esteve à frente dos trabalhos realizados no terreiro até que sua idade não permitisse mais, passando a direção para seu filho de sangue e santo, Luiz Otávio Mongelli, que já atuava como pai pequeno. Faleceu aos 85 anos, em 2018.

Quanto a historiografia do terreiro, o pai de santo Luiz Mongelli, em entrevista concedida a mim em 2022 fala um pouco sobre o processo de mudança de direção, estruturação e até mesmo do nome escolhido: *“Eu tenho algumas atas da época. Falava-se sobre a incubação, até se não engano a mudança de nome, que era Cacique Tartaruga do Pará, da Mãe Alzira (sic). Meu pai não era nem Pai Pequeno, eu acho, eu não lembro. Porque tinha o Pai China, o Antônio China Neto. Daí o meu pai virou Pai Pequeno. O China saiu, aí o meu pai entrou. Mas quando ele assume, tinha uma história, não sei se em 75, 77, eles mudam o nome. Porque o nome era Cacique Tartaruga do Pará, e não era ali, e era da Mãe Alzira...(sic). carregava o nome dela, da entidade dela. Ela sai, não sei por qual motivo, aí ficou aquela questão, e eu não sei se foi por eles mesmo enquanto dirigentes, enquanto corpo mediúnico*

tomar esta decisão de mudar o nome ou exigência dela, ou alguma orientação espiritual dizendo que ali fecha-se um ciclo e abre um novo, e aí um novo templo, e mudar o nome. Aí muda para Templo de Umbanda Pai Oxalá, aí fica esta história. E como eu me lembro, sempre foi naquele espaço, nunca mudou, dizem “era ali no estacionamento, desmontou, e montou ali, era para frente, no fundo”, sempre foi ali. Algumas mudanças foram feitas de posicionamento, todas as imagens eram no altar. A parte de Oxóssi, de Xangô, a sala dos Pretos velhos, Ogum, Iemanjá. Oxum, Yansã, não tinham. Eram todas juntas ali naquele espaço do altar, do peji. E foram mudando, foram fazendo né. Eu não fazia parte nesta época, eu não sei se isto tá em ata, talvez tenha, mas também em certo momento pararam de produzir [...]. Mas historicamente era assim, a estrutura é a mesma, o lugar do altar é a mesmo, o chão foi mudado, a muretinha é a mesma, aqueles pilares de sustentação da consulência não existia, foi colocado. Ali para o fundo eu não lembro 100%, mas já existia, mas ali a cambonagem, a salinha onde guarda vassouras eram dois banheiros. Eu lembro quando criança quando ia no banheiro dos médiuns era um corredor, tinha quarto, tinha umas coisas... tinha uma sala administrativa ali onde era o Exu, era aberto ali, eram umas salas. A entrada era pelo lado ali onde era o vermelhão, estruturalmente. Era mais gente, muito novo, tinha bastante integrantes, tinha bastante criança, tinha bastante adolescentes. Eu me lembro muitas estripulias, brincadeiras, quando estava nos atendimentos, era o passe das crianças, a gente tomava, e ia brincar, brincava nos estacionamentos com a molecada com os filhos dos outros médiuns”.

A estrutura física do Templo de Umbanda Pai Oxalá dispensa de uma extensão de terreno pouco habitual – ou pouco vista por mim – em relação ao que geralmente se observa nos templos, casas e terreiros de Umbanda. Conta com um complexo de salas e repartições. O maior espaço e mais importante deles é a terreira, onde geralmente acontecem as giras de direita e onde está firmado o axé.

Este espaço é dividido ainda em três lugares de força, sendo: o altar, conga ou peji⁴⁰, o axé e a própria terreira. O congá é o lugar onde se inicia e termina a gira e trabalhos. É o primeiro e o último a ser saudado. Onde a coroa é firmada antes e após os trabalhos. É onde as energias são constantemente renovadas pelos elementos que o compõem, é condensador de todas as energias que compõem o terreiro e lugar onde se bate a cabeça⁴¹; “O gesto de ‘bater a cabeça’,

⁴⁰ A depender do terreiro é utilizado um nome para denominar o mesmo espaço: o altar das divindades, seus símbolos e objetos de culto.

⁴¹ Gesto ritualístico das religiões de matriz afro-brasileira. Com uma espécie de reverência faz-se uma ou três batidas de cabeça, seja no peji ou em respeito a algum guia que esteja incorporado, como sinal de respeito, entrega e cumprimento.

mais do que um cumprimento, uma saudação, significa entregar-se às forças divinas e assim estabelecer a união do interior com o exterior” (RODRIGUES, 2018, p. 64).

No congá geralmente encontram-se imagens de fé, representadas pelos santos sincretizados e imagens de orixás; imagens de afeto; imagens de representações de entidades; objetos cruzados; folhas; ervas; copo com água; em alguns casos velas acesas. São vários os elementos e objetos utilizados que geram força e firmam a energia do congá.

O Congá é a projeção de um mundo maior e melhor que a terra, é o receptáculo das dores e das esperanças, é a fonte protetora que cuida com desvelo de cada passo do devoto. Trata-se do espaço que confere uma localização geográfica ao sujeito e representa o direito dele ocupar um lugar no mundo (RODRIGUES, 2018, p. 110).

Como uma espécie de altar, é o espaço onde se inicia e termina a gira. Onde o médium pelo ato de bater cabeça se entrega e permite o contato com o sagrado que irá se apresentar a partir das (in)corporações.



Imagem 1: Congá do Templo de Umbanda Pai Oxalá ornamentado para festa de Obaluaê.

Fonte: Arquivo pessoal, setembro/2022.

Na imagem, ao centro e mais ao alto está a imagem de Jesus Cristo, de braços abertos sincretizado com Oxalá. Também ao centro e um pouco abaixo, há uma cruz ornamentada com pipocas, ligadas às representações e à mitologia de Obaluaê. Ao centro e em menor tamanho está a imagem do orixá homenageado. Da esquerda para direita, vasos com plantas, folhas de colônia, folhas de mamona e de cedro, ornamentam o altar. Há ainda uma vasilha com água,

símbolo de vida, imagens de Cosme, Damião e Doum, imagem de Santo Expedito sincretizado com o orixá Logun Edé. Imagens de preto velho e preta velha, duas imagens de São Jorge, sendo uma maior e outra menor (sincretizando com Ogum), imagem de caboclo Pena Branca, simbolizando o caboclo chefe dos trabalhos realizados no terreiro, São João Batista (sincretizado com Xangô) também fazem parte da composição. Mais uma imagem de preta velha e uma de preto velho, Santo Antônio (sincretizado com Exu), imagem de cabocla Jurema, simbolizando a entidade que trabalha com a mãe de santo do terreiro, imagem de Iemanjá branca também estão ali. Compõe o congá fios de pipoca e tecido de estopa. É possível verificar na imagem uma bengala e um banco que são utilizados pelas entidades da linha das pretas-velhas e dos pretos-velhos, uma vez que se associa Obaluaê ao trabalho desta linha. No chão estão espalhadas folhas de mamona e pipocas.

O axé é construído a partir das relações/interações entre pessoas e coisas. Não existe de forma física, mas sobretudo de forma simbólica. É destinado um pequeno espaço no chão no centro da terreira onde são firmados elementos naturais e imantados de axé por meio de pontos cantados, orações, rezas e passe energético que ficarão irradiando energia para todo o espaço de ritualização.

No terreiro, além do espaço onde fica plantado o axé⁴², esta força vital pode conservada, manuseada e transmitida de diferentes maneiras. Nas instalações do terreiro existem diferentes simbolismos religiosos que sustentam e irradiam o axé, outros que são a extensão da força vital dos orixás e entidades, e os que conservam, renovam e protegem a força circulante deste espaço.

O axé é uma força, um poder transmitido. Ele é veiculado ritualmente por meios simbólicos e espirituais. Como qualquer força, ele pode ser transmitido a objetos ou a seres humanos, O axé recebido dos antepassados, trazido pelos Africanos ao Brasil, foi, no início, colocado nos lugares de adoração, consagrando-os e lhes transferindo o poder da hereditariedade; ele foi assim transmitido iniciaticamente aos sacerdotes e sacerdotisas, de geração em geração. Como poder transmitido, sua força pode ser, seja aumentada, seja diminuída. [...] O axé não se aprende, se recebe, se enriquece através da prática ritual e da experiência mútua; ele se divide, se distribui (DEOSCOREDES; SANTOS apud ORTIZ, 1999, p. 177).

A terreira é o espaço amplo onde propriamente acontecem as (in)corporações. Num primeiro momento é reservado aos médiuns e depois ao atendimento da consulência. É neste

⁴² “ É a força mágica do terreiro representada pelo *segredo* composto de diversos objetos pertencentes às várias Linhas, Entidades, Falanges etc, e que são enterrados no centro do terreiro, ou embaixo” (PINTO, 2007, p. 25, grifo do autor).

espaço onde a ligação entre mundo material e imaterial, humano e espiritual é possível. É nela que os médiuns se reúnem para conduzir os rituais e práticas religiosas. Serve como ponto de encontro entre o mundo sagrado e mundo terreno. Na terreira estão presentes grande parte dos elementos que sustentam o axé e que compõe o terreiro. Onde também ocorrem a maioria das práticas religiosas, sejam festividades religiosas, atendimentos, dança, limpezas espirituais, rituais, entre outros. A terreira é delimitação do espaço do sagrado dentro do próprio terreiro mais perceptível.

No Templo de Umbanda Pai Oxalá, além do próprio espaço amplo ainda integram a terreira a gruta das águas que é uma espécie de salinha destinada ao firmamento de Iemanjá, Oxum e Iansã e a sala das pretas velhas e pretos velhos onde destina-se ao firmamento desta linha e de Nanã Buruquê. Compõe também esse espaço uma espécie de recuo onde ficam os atabaques: elemento importante para vibração de axé, influência do transe, limpeza, auxílio na concentração e elemento facilitador para abertura vibracional de forma a auxiliar na (in)corporação.

À frente da terreira a consulência conta com um amplo espaço e diversas fileiras de bancos, acesso a banheiros, estacionamento e ao primeiro firmamento do terreiro destinado às forças da cachoeira. As demais dependências ficam restritas para o uso do pai-de-santo e mãe pequena e à suas filhas e filhos de santo.

A estrutura conta ainda com escritório, jardim onde são colhidas as ervas de trabalho, cozinha, vestiário, despensas e outras salas que são utilizadas para armazenamento e preparos de elementos da gira.

Quanto aos locais de firmamento das energias dos orixás, há diferentes salas: a tronqueira para exu, pombagiras, ciganas e exu mirim; uma choupana para Obaluaê; uma gruta das águas destinada ao firmamento de Iemanjá; uma pequena gruta representando a queda de água sob o firmamento de Oxum, e outra sala, “buraco”, onde são realizados trabalhos e limpezas de maior intensidade. Também há uma sala ampla em que ocorrem as giras de esquerda, chamada de vermelhão justamente por ser pintado nesta tonalidade. Estes locais desempenham um papel vital para a manutenção e sustentação das energias do orixá. Cada orixá possui características, atribuições e energias específicas e os locais onde são realizados os firmamentos ajudam a manter a conexão e a reverenciar os diferentes tipos de força à qual cada um está ligado.



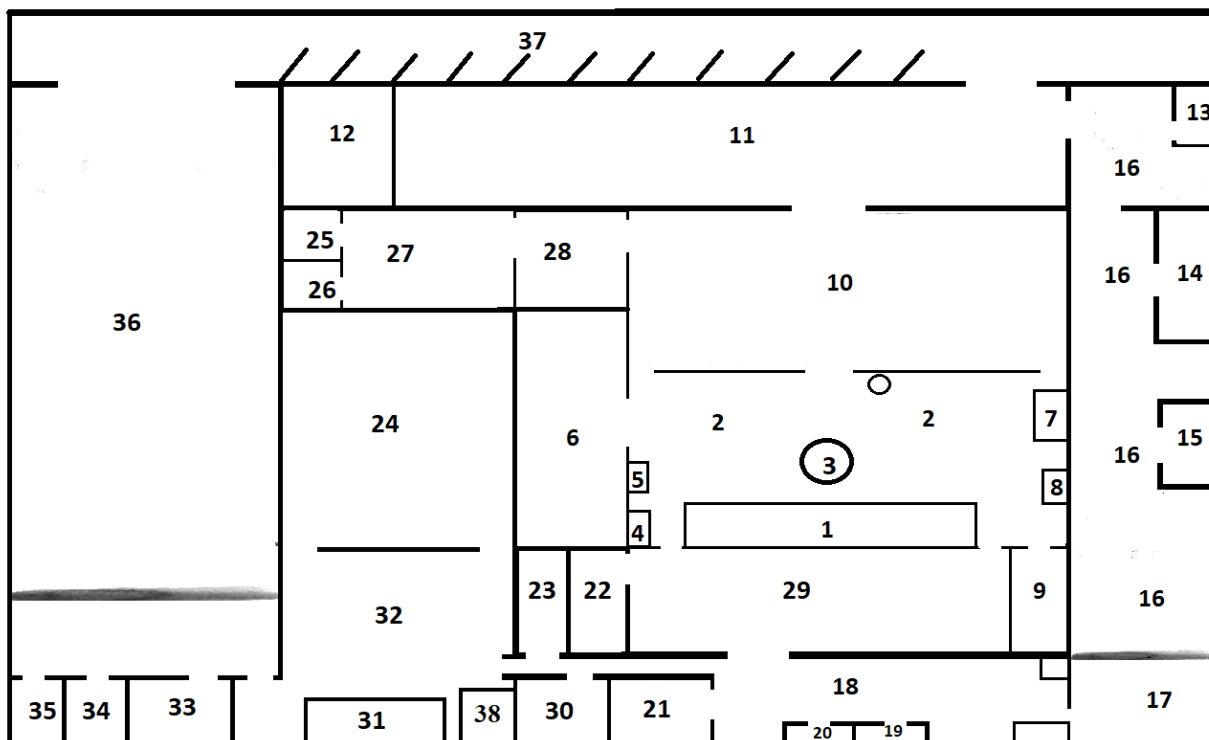
Imagem 2: Firmeza de Oxum.

Fonte: Arquivo pessoal do Templo de Umbanda Pai Oxalá, dezembro/2018.

Localizada na entrada do terreiro estão as firmezas de Orixás. Na imagem, a firmeza de Oxum, dois médiuns em suas vestimentas de vestimentas rituais. Em todas as firmezas são utilizados cores, plantas, elementos e imagem associados à força e à representação do orixá.

Na imagem vê-se Nossa Senhora da Conceição, sincretizada por Oxum, no centro da foto. A imagem é rodeada por pedras formando uma espécie de gruta e remetendo a cachoeira, domínios da orixá. Em torno da imagem uma luz azul - cor associada a Oxum. O pai de Santo e sua filha de santo fazem saudação a imagem remetendo a Oxum. Quanto a vestimenta, são utilizadas apenas roupas brancas, distinguindo calça para homens e saia pra mulheres.

Imagem 3: Planta baixa do Templo de Umbanda Pai Oxalá.



LEGENDA

1- CONGÁ	21-COZINHA
2- TERREIRA	22-SALA DE FIRMEZA DOS CABOCLOS
3- AXÉ	23-DISPENSA –MATERIAIS DIVERSOS
4- FIRMEZA DE OXÓSSI	24-TAPETE VERMELHO: LUGAR ONDE OCOR- REM AS GIRAS DE ESQUERDA
5- FIRMEZA DE XANGÔ	25-BANHEIRO FEMININO CONSULÊNCIA
6- SALA DOS PRETOS VELHOS	26-BANHEIRO MASCULINO CONSULÊNCIA
7- ATABAQUES	27-BEBEDOURO
8- FIRMEZA DE OGUM	28-SALA DE APOIO PARA CRIANÇAS
9- FIRMEZA DE IEMANJÁ, OXUM E YANSÃ	29-SALA DE APOIO DE MATERIAIS DE TRA- BALHO
10- CONSULÊNCIA	30-BURACO: SALA ONDE SÃO REALIZADOS TRABALHOS DIRECIONADOS
11- ENTRADA DA TERREIRA	31-GRUTA DAS ÁGUAS
12- FIRMEZA DE OXUM	32-ESPAÇO EM FRENTE A GRUTA DAS ÁGUAS –VOLTADO A GIRA.
13- TRONQUEIRA DE EXU, POMBA-GIRAS, CIGANAS E EXU-MIRIN	33-COZINHA DESATIVADA
14- SALA ADMINISTRATIVA E QUARTO PESSOAL DO PAI DE SANTO	34-VESTIÁRIO MASCULINO
15- CHOUPANA DE OBALUAÊ	35-VESTIÁRIO FEMININO
16- JARDIM	36-ESTACIONAMENTO DOS MÉDIUNS
17- MEIA ÁGUA (DESTINADO À ALGUNS TRABALHOS DE CABOCLO)	37-ESTACIONAMENTO CONSULÊNCIA
18- SALA DE PREPARAÇÃO DE MATERIAIS	38-ATABAQUES PARA GIRAS DAS ÁGUAS
19- MATERIAIS DE LIMPEZA	
20 – DISPENSA – MATERIAIS DE TRABALHO	

As giras acontecem em dois dias da semana, sendo uma aberta e outra fechada. As giras fechadas são destinadas ao desenvolvimento e firmamento dos médiuns do terreiro e, também, atender eventualmente consulentes que necessitam de trabalhos. Já as giras abertas são destinadas ao atendimento de toda consulência. O terreiro ainda dispõe de um dia voltado exclusivamente para o atendimento de consulentes que necessitam de trabalhos e limpezas de maior intensidade energética. Trabalhos estes que são orientados pelas entidades que baixam no terreiro.

Geralmente são atendidos no mínimo cem⁴³ pessoas por gira – este número pode aumentar a depender da linha de trabalho e, se se tratar de alguma festividade⁴⁴, podendo chegar até por volta de setecentas pessoas –, sendo atendidos com prioridade crianças, idosos, gestantes, pessoas com crianças de colo, pessoas com deficiência, pessoas com mobilidade reduzida permanente ou temporário. A dinâmica consiste em direcionar de forma aleatória a consulência para os médiuns (in)corporados em atendimento. Todos os atendimentos são feitos de forma gratuita.

A maior procura da consulência por atendimentos acontecem nas giras de esquerda e em datas festivas. Como o Templo de Umbanda Pai Oxalá trabalha com a divulgação prévia dos trabalhos por meio da rede social *Facebook*, é notável o aumento de pessoas. Talvez esse fenômeno possa ser explicado, principalmente no que se refere as giras de esquerda, pela ideia que transita pelo imaginário das pessoas de se tratar de uma linha de trabalho de maior força e, sendo assim, é capaz de resolver qualquer demanda.

Contudo, a vivência de terreiro nos ensina que não existe maior ou menor força nas linhas de trabalho, mas atuações diferentes. Existem problemas que somente a linha das crianças serão capazes de atuar, pois através da brincadeira e do açúcar atua na quebra de demandas e na falta de alegria no olhar as circunstâncias da vida. As crianças ensinam que através da brincadeira descobrem-se mundos e formas de atuar e aprender que não podem ser aprendidos aos moldes do adulto. As caboclas e caboclos serão outros os ensinamentos que

⁴³ Como comenta Fernandes (2014), este número de fiéis é comum as religiões cristãs, mas se tratado de uma religião em espaço de disputa pelo seu reconhecimento e ainda criminalizada, trata-se de uma quantidade extensa de consulentes.

⁴⁴ É esperado que festividades atraiam maior atenção da consulência como também despertar atenção de curiosos, estudiosos e simpatizantes que vem a oportunidade em participar das atividades desenvolvidas. Geralmente, são voltadas a homenagem aos Orixás que atuam na Umbanda e atraem maior número de filhas e filhos do Orixá a qual a festividade está direcionada. Os trabalhos movidos para a maior canalização das energias que o Orixá rege. Ao todo são realizadas anualmente dez festas no Templo de Umbanda Pai Oxalá, sendo: Festa de Xangô, Festa de Cosme e Damião, Festa em homenagem à Umbanda, Festa de Yansã, Festa das Águas, Festa de Oxalá, Festa de Obaluaê, Festa dos Pães, Festa de Ogum e Festa de Oxóssi.

serão transmitidos e outras demandas que serão trazidas. A cada demanda é requerido uma força, um ensinamento, uma perspectiva diferente, por este motivo é que são muitas as linhas de trabalho e a cada linha é dado a devida atuação. Cada linha transmite uma lição e atua de forma diferente com as energias. O que existe, muitas vezes é uma maior afinidade com uma linha de trabalho ou ainda a necessidade de maior atuação das energias que esta linha atua. O que quero chamar atenção é para a não hierarquização das linhas de trabalho, entidades e orixás atuantes dentro dos terreiros de Umbanda.

No que diz respeito às vestimentas, há três cores que são utilizadas: branca e vermelho com preto. A vestimenta branca são usadas nas giras de direita, ou seja, caboclas e caboclos e pretas/os-velhas/os e em giras internas de outras linhas, como baianos e linha das águas onde firma-se sereias e marinheiros. E a vestimenta preta e vermelha que são destinadas exclusivamente para as giras de esquerda, em que o trabalho é direcionado a exus, pombagiras, ciganas e exu mirins. Em datas festivas utiliza-se vez ou outras camisetas com a cor ligada ao orixá homenageado e que regerá a energia trabalhada no terreiro.

A vestimenta parte sobretudo da tentativa – a sociedade em contexto geral ainda não dá conta de desvincular e não atrelar gênero as vestimentas e outras categorias, essa condição se estende aos lugares de culto também – de representação do feminino e masculino. Ou seja, camiseta e saia para as mulheres e camiseta e calça para os homens. Contudo, esta lógica não se aplica à toda gira já que é possível notar uma diferenciação entre as linhas de trabalho. Dito de outro modo, nas giras de esquerda essa designação da vestimenta para representação do feminino e masculino parte da necessidade de identificação de gênero da entidade e não da e do médium. Portanto, a calça será usada como símbolo que identifica que a entidade (in)corporada está atrelada a representação masculina. Neste caso, mulheres podem vestir calças. Em giras internas de baianos também é possível verificar o uso da calça por parte da mãe pequena.

No entanto, o contrário não acontece. Ainda que os médiuns homens recebam entidades que estão ligadas a representação feminina, todos permanecem de calça. Em giras de caboclas e caboclos e pretas velhas e pretos velhos a vestimenta segue padronizada usando a vestimenta como símbolo que representa feminino e masculino, mas ligada a/o médium e não mais a entidade.

O terreiro, ainda que seja um espaço de identificação e hibridização de várias práticas, raças, etnias, corpos, gêneros, saberes e culturas, que seja um lugar de produção de conhecimentos outros que não somente os eurocêntricos, é parte constituinte da sociedade em

que está inserido e isto significa, que muitas vezes os processos de disputa que ocorrem fora destes lugares, vão atravessar os muros dos terreiros. Isto se estende tanto ao que diz respeito as práticas e normas sociais, quanto a religiosidade.

No terreiro, há um grande paradoxo: as religiões que operavam de forma separada, convivem num processo de troca e hibridização. Não existe uma hierarquia, mas há maior influência que esta ou aquela religião exerce sobre o trabalho. Assim, como qualquer terreiro, há uma influência religiosa que predomina e é mais fácil de ser notado por meio dos elementos, da organização da gira e dos fundamentos em que se baseia. Neste caso, o espiritismo é que exerce maior atuação, mas não é somente ele que pode ser percebido. Isto se dá exatamente pela Umbanda ser uma religião híbrida, e com Templo de Umbanda Pai Oxalá não é diferente.

As imagens de santos católicos sacralizados na Umbanda, a manipulação de ervas e outros elementos da natureza, o culto aos orixás, as imagens de orixás, o tambor, as guias, as vestimentas, os pontos riscados, o canto, o descarrego, a defumação, o axé que é firmado no centro da terreira, a relação com os pés descalços, os cumprimentos, entre tantos outros elementos explicitam as várias influências religiosas que organizam a gira.

Não existe uma Umbanda pura. Não há uma fórmula fixa. Ela é, em sua essência, misturada. Sua realidade é múltipla, plural, em que coexistem diferentes conhecimentos e fundamentos, articuladas de uma maneira única em cada terreiro. Até mesmo quando um filho de Santo, ao abrir [seu] próprio terreiro, tenta apenas repetir o que aprendeu com seu sacerdote, realiza uma série de inovações (UMBANDA COM SIMPLICIDADE, 2022a, n. p.).

Sua essência é híbrida. Os simbolismos e elementos utilizados são resultantes de processos de apropriação e disputa. A mistura de influências religiosas encontradas nos terreiros são, por certa vez, também uma afirmação da identidade da Umbanda e, em grande medida, resultado dos processos de colonização que descredibilizou, criminalizou, perseguiu e colocou em disputa manifestações religiosas não brancas.

O inferno são os *outros* – negros, indígenas, silvícolas, adoradores de deuses pagãos, primitivos, incivilizados, bárbaros, animalescos, desalmados, em suma, desumanos. Em uma perspectiva de mundo em que se compreende a contínua batalha da luz *versus* a escuridão, para esse modelo de ser/saber/poder só há um caminho, o extermínio (RUFINO, 2019, p. 49-50, grifo do autor).

Se nos terreiros hoje baixam guias espirituais, são os corpos físicos resgatados pela história que guardam os massacres sofridos. “Estou falando de milhões de homens em que foram inteligentemente inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, desespero, o servilismo” (CÉSAIRE, 2020, p. 25).

Ainda que se subvertam as estruturas coloniais, inaugurando outras dimensões de existência e organização da vida, os conflitos não estão todos resolvidos. Se de um lado temos a/o caboclas e caboclos que sustentam seus trabalhos a partir do encanto e manipulação da natureza, mantenedores de sabedorias ancestrais das medicinas naturais¹² que cruza e inventa mundos, do outro, temos as estruturas sociais e culturais do mundo onde as entidades estão sendo incorporadas: a colonialidade ainda é vigente: discriminações raciais e religiosas que se esforçam em demonizar, subalternizar e exterminar o divino.

Incorporar em um mundo tão desencantado, em que o extermínio e ou a subalternização – epistemicídio (CARNEIRO, 2005) – são as únicas possibilidades, é estar em constante demanda para desobsessão colonial. Por isso, tomo emprestada as palavras de Rufino (2019): O colonialismo venceu?

“Oh, gira, deixa a gira girar”⁴⁵...

Corre gira pai ogum
Filhos quer se defumar
A Umbanda tem fundamentos
É preciso preparar
Com incenso e benjoin
Alecrim e alfazema
Defumar filhos de fé
Com as ervas da Jurema

Umbanda. **Defumação.**

Neste movimento contínuo giram os corpos, as energias e as histórias. Corre os mundos, as sabedorias e os cantos. Cria-se uma grande espiral, onde o tempo parece suspenso, as fronteiras dissipadas, as energias infinitas no seu modo de manifestar. Giram as preces, as intuições e cada intenção ao entorno do congá. Giram os médiuns em transe. Rodopia no terreiro o sagrado. Giram os corpos, as mentes e os fazeres. E nesse fluxo contínuo e intenso, giram as entidades nos corpos dos médiuns.

O ponto de defumação acima, escolhido para abertura da reflexão que proponho e usado por muitos terreiros na abertura de gira, retrata um ponto fundamental para a Umbanda: é preciso preparo. Para religiões de matriz afro-brasileira, como é o caso da Umbanda, a gira

⁴⁵ Título toma emprestado a obra “Deixa a Gira Girar” de autoria dos Os Tincoãs.

não tem início no espaço destinado a prática da religiosidade, mas estende-se a vivência, ações e preparos dentro e fora do terreiro. A gira se baseia na ritualização e transmutação do cotidiano em sagrado, na potencialização, condensação e direcionamento das energias para um determinado fim, o do rito. Como sugere a origem do termo no idioma quimbundo, njira ou gira, como costumeiramente é falado, significa caminho. Para um girante, caminhar aponta necessariamente uma direção. Envolve pontos de força que o levarão ao contato com o sagrado. Girar não é apenas o ato de incorporar entidades, mas antes de incorporar sabedorias.

As giras de Umbanda são marcadas por rituais simbólicos carregados de significados que buscam estabelecer uma conexão entre o plano terreno e o espiritual. Eles proporcionam um ambiente propício para a manifestação das entidades, a conexão e manifestação do divino.

É a via pela qual se preparam corpos e território para a chegada das entidades que serão incorporadas. Se trata da ritualização dos elementos que compõem o terretório e que é capaz de transmutar e fazer vibrar energias tornando o lugar, objetos e pessoas oscilantes em axé. É o ritual! Gira é a invocação, a (in)corporação e subida das entidades.

Não são apenas os elementos visíveis no momento de incorporação, como velas firmadas, o ponto cantado, as imagens, o rodopio dos corpos etc. Converte-se um universo de sutilezas que em si guardam grandezas e energias que firmam o axé da casa, do templo e ou do terreiro. É a soma do antes – o preparo, do agora – as firmezas e incorporação e, do depois – a vibração. Está em constante movimento e renovação, sejam daqueles que firmam, dos elementos que compõem, daqueles que procuram a entidade, das ervas utilizadas, entre outros.

“O som do atabaque, a vibração das palmas, o cheiro dos banhos de ervas, os sabores da cozinha de santo e a alegria da dança são experiências de encantamento. (STEVANIM, 2021, p. 35). A gira se baseia na ritualização da ancestralidade, na transmissão dinâmica dos símbolos, “[...] reside em cada um, na coletividade, em objetos sagrados, alimentos, elementos da natureza, práticas rituais, na sacralização dos corpos pela dança, no diálogo dos corpos com o tambor [...]” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 89). É constituída por diferentes símbolos, pelo hibridismo religioso, pela soma de saberes, pela variedade de corpos, pela vibração e transmutação da energia cotidiana. É feita a partir preceitos, das firmezas, dos pontos riscados, da defumação, da ronda, de rezas, dos pontos cantados, de médium, do transe e de entidade.

Girar, afinal, não é apenas o ato de (in)corporar entidades, a manifestação corporal gerada pelo ato de receber a vibração, ou ato de rodopiar gerando um estado alterado de consciência como é comumente interligado. Considerada uma expressão popular dentro dos terreiros é o nome dado ao ritual sagrado que é realizado. É composto por uma série de

ritualísticas que é desempenhada a fim de firmar o terreiro e preparar tanto o espaço, como médiuns e consulência para a incorporação das entidades que irão trabalhar.

Assim como o terreiro não se limita as dimensões físicas do que geralmente se compreende enquanto espaço de culto das religiões de matriz afro-brasileiras – como nos lembra Rufino (2019) –, a gira também não está limitada aos fazeres que ocorrem apenas dentro desse lugar. É todo material que emerge da necessidade de encantamento e reinvenção do tempo, espaço, corpos, objetos, símbolos etc. Ressalta o significado do idioma quimbundo, em que gira ou njira, é caminho.

Também pode ser encontro. Encontro entre consulentes, médiuns e entidades. Entre o terreno e o sagrado. Entre o corpo e a entidade. O encontro para trocas de saberes ancestrais, de linguagens corporais, das histórias compartilhadas. A reunião entre diferentes povos representados tanto pelos arquétipos e pelos diferentes indivíduos que compõem o terreiro, independente das origens étnicas, de crenças individuais, posições sociais, sexualidade, orientação sexual, cor, entre outras categorias. O cruzamento das diferentes religiosidades e suas práticas que permeiam a construção da Umbanda. É o lugar onde as diferenças se somam e tornam uma unidade: a construção identitária da Umbanda.

Assim como também é a afirmação da ancestralidade, do conhecimento repassado de geração para geração pelo fazer e, principalmente, pelo (in)corporar. Onde as fronteiras físicas do terreiro são desfeitas.

Geralmente está estruturada em três momentos: anterior aos trabalhos, na abertura e realização dos trabalhos e no fechamento. A gira começa em casa, no banho de descarrego, no encantamento das folhas, na palavra que consagra, na água que é consagrada e que limpa. Está no resguardo, nas orações, na roupa que é lavada, cuidada e preparada para o trabalho. Acontece na limpeza da terreira, quando os segredos são repassados verbalmente por meio do fazer. Está nos bancos, e muitas vezes na longa espera para ser atendido, onde pensamentos e anseios começam a ser trabalhados. A gira começa na porta do terreiro, onde a filha e filho de santo saúda o dono da porteira⁴⁶, pede licença e benção. Gira é o preparo dos alimentos que vão ser servidos as entidades e consulência. É a benção pedida ao pai e ou mãe de santo. Gira é o preparo, a constância, a sabedoria, a disciplina, a ancestralidade, a vivência e as mirongas que só se aprendem no chão do terreiro.

Ela é sustentada por uma prática diária de renovação de energia. É a constância. O

⁴⁶ Entrada do terreiro.

movimento capaz de conectar o presente ao ancestral e a tradição. Está firmada em cada canto, cada pessoa, cada objeto, cada elemento que compõem o território. É o momento em que o sagrado se manifesta, os corpos são (in)corporados, o canto se torna ponto falado, as palavras são sussurros divinos, o espaço se torna morada do sagrado, as rezas são benzimentos e a entidade se apresenta no corpo dançante.

Antes de abrir a gira⁴⁷, existem um universo de sutilezas que já estão dando a firmeza necessária para que o trabalho dê início. O contato com o divino começa antes da abertura e é sustentado pela renovação constante do axé.

O significado de abrir [...] uma gira de Umbanda tem relação direta com os pontos específicos do espaço que guardam e recebem a memória daqueles que realizam o rito. O abrir também representa a possibilidade de dinamizar os espaços, envolvendo o movimento interior e exterior integrados nas mínimas ações. Dessa forma, dá-se a conversão dos espaços cotidianos em espaços sagrados, estando a sua arrumação relacionada ao tempo necessário de ocupação para que a memória dos antepassados possa se reinstaurar no presente. (RODRIGUES, 2018, p. 109).

O ato de abrir uma gira implica necessariamente à uma ritualização que cada terreiro terá sua própria maneira de fazê-lo, mas que estão direcionados a um único propósito: o de potencializar as energias presentes naquele terreitório afim de estabelecer uma conexão entre o mundo material e o espiritual. Dentro desta dinâmica encontra-se alguns materiais e processos que se repetem e são fundamentais na prática religiosa, como: o acendimento ou firmamento de velas, este último termo mais utilizado dentro dos terreiros, representam a conexão por meio da chama entre a pessoa e a entidade e ou orixá. Há também a diferenciação de cores que atribuem um significado específico e representa as diferentes energias e intenções, como a cor verde atribuída à Oxóssi, senhor de uma flecha só.

A chama da vela ou o fogo, elemento natural, também é um conhecimento e energia importante para os trabalhos. Dela são irradiadas ondas de calor muitas vezes imperceptíveis ao olho, mas que auxiliam na fruição, alimentação e transmutação de energia.

O uso de ervas sagradas seja no descarrego, nas bebidas, nos banhos, na defumação, nos quintais, nas comidas, no benzimento, na firmeza, entre tantos outros locais aos quais são possíveis ser encontradas, está diretamente relacionado as suas propriedades curativas, a sua natureza vibracional, a capacidade de purificação e cura e, ao firmamento da energia do terreiro. As ervas são parte integrante da natureza e carregam em si a energia da terra, da água, do fogo,

⁴⁷ “Significa o início ou abertura dos trabalhos nos terreiros de Umbanda” (PINTO, 2007, p.8).

do ar, do sol, da lua etc. Cada erva possui uma propriedade e está ligada diretamente a um campo vibracional. Nos terreiros, os mistérios das matas são ensinados em cada atendimento feito pelas entidades e sustentado pelo fazer diário onde os ensinamentos são repassados e firmados.

Ao adentrar um terreiro, o ambiente está preenchido pela sabedoria das matas. Exalam aromas de defumação, dos quintais de onde saem grande parte das ervas utilizadas nos atendimentos vibram energias, nos altares o axé está também sustentado pela força da natureza. No terreiro aprende-se que a natureza está viva e por isso vibra, ecoa, alimenta, nutri, esvazia, transmuta.

Os pontos cantados e as batidas dos tambores também sustentam a energia circulante da gira. Por meio do som e da prece cantada as vibrações do terreiro são transmutadas a fim de evocar e preparar para a manifestação divina. Nos pontos são contadas as histórias de cada entidade, revela a sua ligação com força de cada orixá, muitas vezes apresenta o nome daquela cabocla ou daquele caboclo que baixa no corpo do médium.

Ainda que existam uma diversidade de elementos que compõem e sustentam a gira, esta é realizada, nos rituais de Umbanda, com a finalidade da manifestação das entidades no corpo do médium por meio da (in)corporação. É o momento em que as entidades no plano espiritual transcendem o mundo material e trazem suas energias, sabedorias e mirongas afim de prestar diferentes atendimentos. A gira se concretiza na chegada da entidade (in)corporada.

2 – O ENCANTAMENTO DOS CORPOS

Um dia Oxum Iopondá conheceu o caçador Erinlé
e por ele se apaixonou perdidamente.
Mas Erinlé não quis saber de Oxum.
Oxum não desistiu e procurou um babalaô.
Ele disse que Erinlé só se sentia atraído
pelas mulheres da floresta, nunca pelas do rio.
Oxum pagou o babalaô e arquitetou um plano:
embebeu seu corpo em mel e rolou pelo chão da mata.
Agora sim, disfarçada de mulher da mata,
procurou de novo seu amor.
Erinlé se apaixonou por ela no momento em que a viu.

Um dia, esquecendo-se das palavras do adivinho,
Iopondá convidou Erinlé para um banho no rio.
Mas as águas lavaram o mel do seu corpo
e as folhas do disfarce se desprenderam.
Erinlé percebeu imediatamente como tinha sido
enganado
e abandonou Oxum para sempre.
Foi-se embora sem olhar para trás.

Oxum estava grávida; deu à luz a Logun Edé.
Logun Edé é metade Oxum, a metade rio,
e é metade Erinlé, a metade mato.
Suas metades nunca podem se encontrar
e ele habita num tempo no rio
e noutro tempo habita o mato.
Com o *ofá*, arco e flecha que herdou do seu pai, ele
caça.
No *abebé*, espelho que recebeu da mãe, ele se mira.
abeb.

Reginaldo Prandi. **Mitologia dos Orixás.**

Logun Edé é a constante mudança. Reinventa-se a todo instante. Seu corpo, metade rio, metade mato, recria espaços, lança possibilidades, nunca é uno. Transita entre as energias das águas e das matas, é constante devir. Seu *ofá* (arco e flecha) e seu *abebé* (espelho) são símbolos sagrados da extensão de seu corpo. Eles carregam a energia e o encantamento de Logun Edé. Deles são retiradas as forças das águas e das matas permitindo ao orixá o poder de transformação.

Seu corpo, extensão das forças da natureza, reflete a constante renovação. É a manifestação da dualidade da existência. Nele forças das matas e das águas habitam e regem ao mesmo tempo, transcendendo a limitação do corpo. Não se limita a uma existência, pode ser muitos.

Ele nos ensina que o encantamento é capacidade de equilibrar diferentes energias. O corpo é a possibilidade do encantamento. Onde as memórias ancestrais, os gestos simbólicos, os segredos das matas, as rezas, os benzimentos, as danças e tudo aquilo que atravessa os tempos despertam o sagrado.

Assim como Logun Edé incorpora a dualidade, metade rio metade mato, o corpo terreiro que é encantado pelo transe é metade divino e metade humano. Ele reflete a dualidade necessária para a prática mediúnica: a manifestação das entidades a partir da (in)corporação e o corpo, memórias, energias do médium. Ambos em existência, (in)corporados em um corpo. Logun Edé nos ensina a compreender o corpo como um local do encantamento, da dualidade, conexão e possibilidades de existências. No e pelo corpo memórias ancestrais e segredos sagrados são despertados.

Os aprendizados de terreiro acontecem no corpo. É nele que a entidade se apresenta, dança, brada, gira, benze, aconselha e reinventa possibilidades de ser, estar, praticar e encantar o mundo (SIMAS e RUFINO, 2018). Ao (in)corporar entidades, ouvir seus conselhos, zelar e guardar os ensinamentos que são passados na vivência de terreiro, as extensões do terreiro físico também passam a ser este terreiro corpo. No corpo e pelo corpo são cruzados saberes de outro tempo, plano e sujeito, é a concretude da identidade da entidade que se apresenta. É a evidência da coabitação (RODRIGUES, 2018) entre o ser divino e o ser humano.

Que preto é esse, oh Calunga
Que chegou agora, oh Calunga
É o Pai Joaquim oh calunga
Que veio de Angola⁴⁸.

Ora Pai Joaquim, ora Pai Guiné, Pai Gregório, Maria Redonda e mãe Cabinda⁴⁹. Chegam também exus, pombagiras, ciganas e exus mirins⁵⁰. Cantam as baianas e baianos⁵¹. Brincam os Pedrinhos, Mariazinhas e Mariozinhos⁵². Dançam as Iaras, as sereias e marinheiros⁵³. Dançam as Juremas, Jaciras, Iracemas, Indaiaras. Bradam Sete Flechas, Flecha Dourada, caboclos Flecheiros. São muitos os chegam para trabalhar.

⁴⁸ Ponto de (in)corporação em giras de pretas/os-velhas/os. Geralmente canta-se para a entidade Pai Joaquim.

⁴⁹ Estes nomes referem-se às entidades de pretas/os-velhas/os que baixam nos terreiros de Umbanda. Há muito mais nomes que os citados. Estes por sua vez servem apenas como referência das entidades existentes.

⁵⁰ Falanges da linha de esquerda.

⁵¹ Uma das 7 linhas de trabalho da Umbanda.

⁵² Estes nomes referem-se às entidades de Cosme e Damião, Ibejis ou Ibejada, como costumam ser chamada a linha de trabalho das crianças. Há muito mais nomes que os citados. Estes por sua vez servem apenas como referência das entidades existentes.

⁵³ Uma das 7 linhas de trabalho da Umbanda, a linha das águas é utilizada como atendimento em alguns terreiros.

Quando chegam para trabalhar no terreiro trazem consigo a força das pedreiras, onde reina Xangô. Carregam na cinta a cobra coral como símbolo todos os mistérios que habitam a mata de Oxóssi. Saem das águas onde estão os domínios de Yemanjá e Oxum. Habitam o desconhecido, o invisível nos ventos de Yansã. Se vestem das armas de São Jorge, onde cuidará das estradas. Emanam a sabedoria da vida, transmutando energias e curando a partir de Obaluaê. Pedem a benção e a sabedoria à grande yabá, anciã da sabedoria, responsável pelos portais da vida e da morte, Nanã Buruquê.

Quando entidade chega no terreiro ela/e gira, canta, brada, brinca, ri e gargalha. Lança flechas, pisa forte, bate no peito, dança gingado, risca ponto, abre e fecha estrada. Se encurva, senta-se no chão, senta-se no toco, abre o peito, roda, balança mais não cai. Fala manso, fala alto, fala bravo, não fala. Pergunta e dá resposta. Vem de longe, vem de perto, vem das matas, das cachoeiras, das calungas, da estrada, vem de muitas moradas. São velhos, crianças, boiadeiros, marinheiros, sereias, curandeiros, indígenas, ciganas e tanta gente que em solo brasileiro se firmaram. “Aqueles que quando encarnados foram privados de sua mínima dignidade ganham relevo em nossos terreiros. Damos voz para aqueles que, em outros contextos, foram silenciados” (UMBANDA COM SIMPLICIDADE, 2022d, n.p.).

Sua chegada inaugura uma lógica outra. Rompe o tempo, os planos e a lógica eurocêntrica. Une mente e corpo, razão e emoção, espírito e corpo separados pela colonialidade. Assim como cada planta e ser que habita a terra, sua força está na diversidade. Cada (in)corporação é a assinatura de sua chegada e sua força a qual está vinculada. A (in)corporação inaugura um sujeito de outra era e de outro plano e apresenta outras possibilidades de mundo por meio do transe. Da mesma forma que cada flecha lançada ao ar pelos caboclos ensinam um caminho único, a sabedoria dos terreiros está na diversidade de corpos que (in)corporam e baixam nos terreiros.

“É vento que balança a folha, Pai Guiné”⁵⁴. Seja pela intuição, o tremor, um calor que toma conta do corpo de forma inexplicável, as pernas que perdem o tônus, a sensação de alguém se aproximando, o coração disparado, entre tantas experiências narradas por aqueles que experienciam o transe, é no corpo que o as primeiras experiências mediúnicas podem ser percebidas. O “vento” que balança o corpo do médium, é o primeiro sinal de algo está acontecendo. A entidade é percebida no e pelo corpo.

⁵⁴ Ponto cantado as entidades da linha das pretas velhas e pretos velhos. Geralmente cantada para as entidades que se identificam por Pai Guiné.

Cada entidade que baixa no terreiro traz a força de um povo, de uma nação e de um tempo. É a ancestralidade e sagrado que é presentificado pela (in)corporação.

No corpo pulsam as energias da calunga, que é suporte e elemento de trabalho e reivindica seu lugar na humanidade transgredindo a morte colonialista. “O corpo é o primeiro tambor, como também é o primeiro terreiro. É a partir da sua fisicalidade e de suas potências que se inventam caminhos enquanto possibilidades” (RUFINO, 2019, p. 157).

O corpo que performa...

O corpo de terreiro também representa! Em todo lugar, assumimos em certa medida uma noção de representação. Isso porque cada lugar atribui aos sujeitos e seus corpos uma identidade que é assimilada, discutida e até mesmo contrariada por aquelas/es que fazem parte.

Isto fica mais evidenciado se entendermos que a noção de civilidade e sociedade foi construída aos moldes colonialistas nas bandas de cá. Com a colonialidade, ainda vigente, o corpo passa a ser produzido e pensando a partir da noção de representação branca, europeia, cis hétero, masculino e cristã. Como lembram Simas e Rufino (2019) se trata de um modelo que se nutre dos privilégios da desigualdade, do trauma e da produção incessante da diferença. Que visa o encarceramento dos saberes, a domesticação e o ataque as epistemologias que não tomam como referência a racionalidade moderna-ocidental.

No terreiro, ainda que seja um espaço de construções sociais outras, firme sua identidade a partir de multiplicidade de corpos, povos e culturas, busque reafirmar e restaurar saberes e valores de várias épocas, culturas e povos; praticar uma religiosidade que esteja vinculada a saberes ancestrais, a ligação e manipulação de energias da natureza, ainda assim opera por meio de regras e condutas que dão e validam uma identidade de terreiro. Necessariamente e de forma não intencional também direciona os corpos que compõem este lugar – consulência, médium e entidade (in)corporada – a uma norma/roteiro de terreiro. Ao mesmo tempo em que pode facilitar a comunicação, identificação e estabelece uma identidade, também, em certa medida, conduz à arquétipos sociais.

E aqui podemos entender os arquétipos por dois vieses. Por se tratar esta reflexão a respeito da religião Umbanda, o arquétipo é naturalmente entendido como a corporeidade assumida, ou que é estabelecida, pela/para a entidade segundo sua linha de trabalho. As caboclas e caboclos passam a ser assimiladas/os somente com antepassados indígenas e que por

esta razão deve ser grande conhecedor das ervas, das manipulações dos elementos da terra, deve bradar, lançar flechas, usar cocares, entre tantos outros elementos aos quais são associados. A/o preta-velha é aquela/e que se necessariamente precisa se sentar no toco, ter a coluna encurvada, falar de devagar, etc. Já os exus, pombagiras e ciganas assumem o arquétipo do bravo, daquela/e que gargalha, que muitas vezes anda encurvado, é misteriosa/o, entre outros.

Esse corpo assume, assim, uma simbologia que se identifica pela gestualidade a entidade que veio trabalhar. Também está assimilada e condicionada a ideia social coletiva de representação da categoria a qual a entidade pertence. “Através de uma única entidade podemos observar as misturas culturais que se entrelaçam e que em seguida são transformadas para adquirir nova roupagem no corpo” (RODRIGUES, 2018, p. 36). Ou seja, as entidades muitas vezes assumem a linguagem corporal, gestualidade e falas que já estão postas pelo imaginário coletivo. Sua força muitas vezes passa a ser atrelada a manifestação corporal.

À medida que estes arquétipos se fortalecem, começa a surgir no imaginário coletivo a noção de maior ou menor elevação ou força das entidades (in)corporadas. Seria as caboclas e caboclos menos caboclas e caboclos se não lançar flechas, bradar ou falar em linguajar rebuscado, buscando evidenciar sua ligação com os indígenas? Ou a preta velha e o preto velho menos sábia e sábio ao não se sentar no toco, não utilizar de café, entre outros?

A força ou elevação, pontos que costumeiramente são associadas a manifestação corporal da entidade (in)corporada, não se mede pela quantidade de flechas lançadas ao ar, pela curvatura da coluna ou pela gargalhada. Ou ainda, pela quantidade de elementos manipulados.

Estes arquétipos são formas pelas quais as entidades se apresentam no terreiro através do corpo do médium em transe e que validam, esclarecem, anunciam muitas vezes a qual grupo esta entidade trabalha e estão muito mais ligados ao inconsciente coletivo do que propriamente a entidade manifestada em si. Assim, na Umbanda, ao mesmo tempo que se trata de arquétipos a inscrição corporal da entidade que a qualifica e determina sua linha de trabalho, é ao mesmo tempo uma representação de corporeidade ligados aos estereótipos da vida humana.

Não podemos, por esta razão, julgar a evolução de uma entidade pelo vocabulário [verbal ou corporal] utilizado. Não são termos rebuscados que assegurarão qualquer patamar espiritual. Pouco adianta usar palavras difíceis se elas não forem capazes de modificar quem as escuta. Transformar conhecimentos complexos em mensagens de fácil compreensão é competência dos sábios (UMBANDA COM SIMPLICIDADE, 2021, n.p.).

Da mesma forma, o contrário também não expressa a manifestação mediúnica em sua essência. Seja barrando ou exaltando/exagerando a corporeidade, a linha tênue da representação sempre vai existir.

A linguagem [verbal e corporal] não é meramente um ato a ser executado, é a própria existência do ser em sua radicalidade, diversidade e imanência. Na linguagem, o ser se encarna em muitos e encarna tantos outros, dribla, finta, ginga e desdiz (RUFINO, 2019, p. 115).

As entidades ao mesmo tempo em que re-presentam ao assumirem seus arquétipos, também estão em grande medida reivindicando os lugares de existência dos povos que tiveram seus corpos retirados. Os subalternizados subvertem a lógica e as estruturas coloniais, rompem com o tempo e o espaço, se encantam, são cultuados, honrados e divinizados...se tornam entidades! Se as estruturas são dominantes/homogeneizantes e pela subversão que as vozes são restituídas.

Assumir estes arquétipos é, portanto, inscrever outras formas de vida em que os corpos e saberes apenas brancos não são capazes. É retomar os espaços das sabedorias indígenas, negras, do povo de rua, povo da noite, das fronteiras, curandeiros, etc e devolver-lhes seu espaço de direito: entidade.

Por outro lado, a resposta não é tão simples. A colonialidade ao produzir e retirar os corpos dos indivíduos, automaticamente atribuiu valores e definições. E enquanto pautarmos a experiência mediúnica apenas pelos constructos ideológicos a respeito da (in)corporação – entenda-se corpos e entidade - sobre os arquétipos, estaremos longe de desvendar minimamente os mistérios da calunga. Neste sentido, temos dois contrapontos: o primeiro diz respeito a categorização dos corpos – que não passa de uma norma instituída pela colonialidade e ainda praticada – que insiste em tentar padronizar e ditar a manifestação dos corpos e o segundo que contraria toda lógica colonialista ao tomar o transe como potência de ser, saber e fazer, enquanto transgressão de todo binarismo e por restituir as vozes e corpos daqueles que foram mortos, atacados, subalternizados e mortos fisicamente e simbolicamente.

O corpo do terreiro possui simbolismos próprios que são provenientes da linguagem de terreiro. Ele está unido a este espaço e por esta razão completa e é inteiro quanto aos significados.

O que pode um corpo?

[...] o corpo não é nem sagrado, nem profano, o corpo é uno, é um SIM vibrando no mundo, é um otá, que assenta as forças cósmicas que impulsionam a vida e a experiência em todas as suas dimensões.

Luiz Rufino. **Pedagogia das encruzilhadas.**

O corpo sempre foi atacado. “[...] o colonialidade concentrou seus ataques primeiramente nas dimensões do corpo” (RUFINO, 2019, p. 132): em primeiro lugar por meio do contrabando, encarceramento, subalternização, racialização e morte dos corpos negros trazidos pela atlântico e, depois, pela catequização destes mesmos corpos e dos corpos indígenas e pela aniquilação de seus saberes. “[...] a política colonial sempre foi e sempre será uma biopolítica” (RUFINO, 2019, p. 129).

Por meio do desencadeamento de dominação territorial e cultural, iniciadas no século XV junto às expansões marítimas portuguesas, instaura-se em solo brasileiro, um projeto de dominação europeia sobre os indígenas e negros (trazidos por meio de contrabando escravagista) dando início a um extenso e doloroso processo de subalternização, de governo dos corpos, da inferiorização e sepultamento cultural, da coisificação (CÉSAIRE, 2020), de epistemicídio (CARNEIRO, 2005) e da racialização sobre o pretexto de uma visão deturpada de civilidade. “A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível” (KRENAK, 2020a, p. 11). É o que também expõe Santos (2006):

Tais esforços de classificação de culturas não implicavam apenas a justificação do domínio das sociedades capitalistas centrais, que naqueles esquemas globais apareciam no topo da humanidade, sobre o resto do mundo. Ideias racistas também se associaram àqueles esforços; muitas vezes os povos não europeus foram considerados inferiores, e com isso era usado como justificativa para seu domínio e exploração (p. 15).

Como comenta Rufino (2019), o colonialidade sempre produziu diabos buscando formas de negar e condicionar o corpo não branco. Seu interesse era – e ainda é vigente – pela produção da diferença do outro, entenda-se: cria o outro e toma como modelo o próprio eu, ou seja, o corpo branco. Dessa forma, estes indivíduos e seus corpos tem sua identidade negada, são atacados e mortos físico e simbolicamente. “A morte do corpo físico acompanha a lógica de expurgar os saberes e as subjetividades produzidas e incorporadas pelos sujeitos que vibram em outro tom e se referenciam por outros modos da racionalidade” (RUFINO, 2019, p. 138).

A noção de um corpo doutrinado, não racional, que desmembra mente e corpo ou corpo e espírito, que é objetificado, símbolo da propagação do pecado, é reflexo da mentalidade e das práticas dominantes colonialistas. Ou seja, refere-se a um corpo uno, padronizado e, principalmente, direcionado aos interesses econômicos, sociais, religiosos e, principalmente,

controláveis seja pela via do desencanto, da invenção do pecado, da punição, da subordinação, da coisificação ou até mesmo da morte.

A tríade colonialidade, igreja e ciência operou no desmembramento da integralidade entre mente, corpo e espírito e na transformação dessas três instâncias como partes a serem cultivadas de forma separada. A invenção do ser via essa lógica dominante perpassa, então, pela vigilância do corpo (pecado), a edificação da mente (racionalidade) e a salvação do espírito (cristianização) (RUFINO, 2019, 133).

Isto porque as gramáticas e sabedorias das tradições e crenças não eurocêtricas passam, muitas vezes, pelo ensinamento através das experiências vividas. Aquilo que não poderia ser verbalizado, encontrava pelas vias corporais uma forma outra de criação e manifesto. O corpo funde-se assim, a este lugar de memória e aprendizagem, de campo de possibilidades, de sagrado e, neste caso, de axé. É via pela qual se conecta as múltiplas dimensões de ser e fazer.

Desde os mitos iorubanos até as ressignificações de Exu nas travessias pelo Atlântico, o corpo cumpre função elementar como via existente, explicativa e possível. Não só uma visão de mundo, mas o próprio conceito de mundo perpassa pelas potências e pela fisicalidade do corpo. Assim, a concepção de que o corpo (individual) é apenas parte de um mundo é rasurada para a inscrição de uma lógica que rompe com o binarismo ‘todo e parte’. O corpo é o registro do ser no mundo, e também do mundo no ser (RUFINO, 2019, 136).

Prender, matar, categorizar, subalternizar e toda e qualquer forma de padronizar o corpo são necessariamente interferir na vida. Os saberes não brancos se manifestam e consolidam, na maior parte das vezes, quando praticados e se dão pela oralidade. Quando corporificado ou corpovivificado as experiências, não há mais volta, “[...] por onde o corpo passa não há como fazer o caminho de volta, o que resta é somente um novo curso” (RUFINO, 2019, 155).

No entanto, mesmo com o fim do sistema político colonial, ideias de dominação e subalternização cultural ainda persistem em moldar, separar, impor e dimensionar as culturas e corpos por meio de relações de poder diretamente ligadas às definições de projetos políticos e, sobretudo, a um passado histórico vivo: “[...] é o resultado de uma estrutura estatal de prestígio que foi imposta pelas elites do país desde o Brasil Colônia” (CARVALHO, 2010, p. 43).

Se avaliarmos do ponto de vista da dança, notaremos o histórico colonizador: para além do estado, as autoridades eclesásticas impediam o movimento livre, cultural, de tradição e de cultos próprios, como sinaliza Martins (2011):

Do ponto de vista da atividade catequética, houve ampla utilização da cultura popular no teatro, na dança e na música, sendo, no início da colonização, bastante mitigada pela ação missionária, a luta contra infiltrações pagãs na liturgia católica. Ao longo dos séculos XVII e XVIII, foram inúmeras as regulamentações impondo limites à dança, ao vestuário, aos gastos com festas, tanto na metrópole como na colônia, o que, no entanto, só evidencia, pela reiteração das proibições, a persistência dessas práticas populares até nas instâncias mais oficiais da vida cultural e religiosa (p. 28).

As atividades de dança deveriam seguir padrões previamente definidos pela igreja e Estado, com o intuito de evitar a permanência de práticas consideradas pagãs e, assim, conter os corpos e as manifestações – ainda que, na prática, as danças coloniais não passassem de apropriação e adaptação para um ambiente estilizado de danças de negros e indígenas. Assim, a palavra e o gesto – o corpo – chegam já subalternizados.

Dançar é, para muitos povos, a inscrição de suas tradições. É pelo corpo, é no corpo que guardam suas memórias, resgatam suas tradições, inscrevem seus saberes e se inventam mundos.

Nesse seguimento as práticas religiosas – corpo, crença e rito – também foram submetidos a tentativas de apagamento. A colonização trouxe consigo o cristianismo e a prática do evangelho. Os indígenas eram considerados pagãos, enquanto os negros com sistemas religiosos animistas.

Essa imagem distorcida dos povos indígenas e a ideia de que a evangelização protestante era uma necessidade continuaram ao longo das primeiras décadas republicanas, quando as igrejas de origem missionária iniciaram atividades com o fim de incluir os povos indígenas como meta para a evangelização. [...] uma fé cristã capaz de proporcionar aos povos indígenas uma suposta civilização, advogada também pelo então Serviço de Proteção ao Índio (SPI) (GONÇALVES e LOURENÇO, 2015, p.588).

Ora, a colonialidade nunca foi resolvida no Brasil. Em primeiro lugar porque não é a intenção resolvê-la, isto levaria a pensar uma nova forma de relação social em que as noções de hierarquização não serão mais aceitas, e em segundo porque as relações de poder garantem lugares de privilégio e mais que isto, de existência. À medida que a manifestação corporal se diferencia e se mostra enquanto potência criativa e expressiva, são produzidos dispositivos de descredibilização, subalternização, hierarquização e morte. Atribuem-lhe via única de existência, tempo e espaço; ele é disciplinado. O corpo ocidental é aquele que pode ser explicado e aplicado da mesma forma a diferentes sujeitos. É o corpo que controla e é controlado. Um corpo que se interessa em explicar e moldar as possibilidades que este é capaz.

Por outro lado, o corpo pensado a partir das cosmovisões dos povos originários e negros é um corpo múltiplo, corpo-passagem (SANT'ANNA, 2001). Está em constante ressignificação simbólica e semiótica. Um corpo que é constituído de energia e é que possibilidade de encontros, cruzos e diálogos de sujeitos, tempos, planos etc.

Divinizamos os homens e humanizamos os deuses para construir uma civilização amorosa nos confins do ocidente. Em nome do oxê de Xangô, do pilão de Oxaguiã, do xaxará de Omolu e do ofá de Oxossi não há um só genocídio perpetrado na face da terra. Nunca houve qualquer guerra religiosa em que se massacraram centenas de milhares de seres humanos em nome da fé nos encantados e orixás. A insígnia de nossos deuses nunca foi a mortalha de homens comuns – nós apenas batemos tambor e dançamos, não morremos ou matamos pela nossa fé (SIMAS, 2019, p. 113).

Nos terreiros, os negros, povos originários, mulheres, crianças, ciganos, pobres, entre tantos outros, que foram massacrados, silenciados, descorporificados, subalternizados, hierarquizados agora são (in)corporados enquanto instância de ser, saber, fazer. Através de seus arquétipos, não são mais reclamadas suas vozes e, sim, os ouvidos daquelas e aqueles que buscam aconselhamento. Contudo, o que se propõe não é a inversão dos lugares de ocupação de subalternizador (o que fala) e subalternizado (o que escuta), mas a interlocução, coabitação, hibridismo (CANCLINI, 2011), encruzilhada:

O que defendo é o intercruzamento de conhecimentos que coexistem no mundo. Podemos dizer, de maneira sacana, que saio em defesa do *cruzo*. Saberes que em seus encontros, confrontos, atravessamentos e diálogos gere possibilidades de pensarmos o mundo percorrendo suas esquinas (RUFINO, 2019, p. 40, grifo do autor).

Rodrigues (2018) nos lembra que é esse corpo colocado à margem da sociedade que é receptáculo do inconsciente coletivo. Logo, ao estabelecer um espaço/região hierárquica acaba-se promovendo a desvalorização cultural num processo de aculturação. Em outras palavras, o sujeito não é considerado nessa relação, quando, no entanto, esse lugar epistêmico passa pelo sujeito: o lugar é e o faz sujeito, enquanto o sujeito faz e é o lugar. “Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20).

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “superviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, afirmando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência (SIMAS e RUFINO, 2020, n.p.).

Assim, ao tomar o terreiro, as sabedorias que lá são construídas e transmitidas, os corpos e sujeitos que dele fazem parte estabelecem-se alternativas ao paradigma colonialista, criando relações que rompem/negociam/emprestam/transformam a epistemologia colonial. Com base nisso, o terreiro evidencia que os saberes sacros são conhecimentos tão válidos quanto os modernos; as práticas tão sensíveis quanto as eruditas e os povos providos de saberes tão válidos quanto os acadêmicos (não se trata de inverter os valores – estaríamos criando nossas hierarquizações –, mas de propor entrelaçamentos e colocar novas “vozes” em foco).

O corpo de terreiro é aquele que é capaz de (in)corporar e somar por meio do transe as sabedorias que atravessa os tempos e dimensões, é aquele que está para a diversidade e multiplicidade das experiências e que é suporte das sabedorias circuladas entre os mundos.

O corpo ritualisticamente preparado – ou, como normalmente é chamado, ‘iniciado’ ou ‘feito no santo’ – representa um chão, morada do sagrado, da individualidade, da possibilidade de procriação e extensão do território de pertença a que se vincula durante seus processos ritualísticos. Tratemos, nesse caso, o corpo do iniciado como extensão do referencial tempo/espacial, sagrado/ancestral, como se entre o corpo, a sua referência tempo/espacial e o mundo houvesse um grande cordão umbilical que os conectasse (RUFINO, 2019, p. 102-103).

Corpo que é terreiro: o sagrado visível. Corpo onde o santo baixa, que são corpos. Sem corpo (matéria física) o diálogo entre terreno e espiritual não se estabelece. Da mesma forma, o corpo é possibilidade da percepção das entidades por aqueles que observam e daqueles que as (in)corporam. Assim a (in)corporação é possibilidade tanto de diálogo com outro mundo (espiritual) como a percepção da manifestação desse mundo. As caboclas e os caboclos são percebidos e recebidos pelo e no corpo. Assim, pensar as caboclas e os caboclos é, sobretudo, compreender esse corpo que é vivificado através da manifestação da entidade.

Pensar o corpo como terreiro parte da consideração que o mesmo é assentamento de saberes e é devidamente encantado. O corpo codificado como terreiro é aquele que é cruzado por práticas de saber que o talham, o banham, o envolvem, o vestem e o deitam em conhecimentos pertencentes a outras gramáticas. Tais ritos vigoram esses corpos os potencializando ao ponto que os saberes assentados nesses suportes corporais, ao serem devidamente acionados, reinventam as possibilidades de ser/estar/praticar/encantar o mundo enquanto terreiro (SIMAS, 2018, p. 50).

Nas religiões de matriz afro-brasileira a linguagem corporal é proeminente. A plasticidade dos movimentos expressa e concretiza o invisível em visível. O orixá ou entidade (in)corporada assina sua identidade pelos movimentos expressivos e linguagem utilizada, além dos elementos que manipula e sua vestimenta. O corpo expressa por seus movimentos a

amplitude simbólica. Não é preciso que uma cabocla das águas esteja no mar para que sejamos capazes de olhar a imensidão da calunga grande, basta apenas que sejamos capazes de sermos banhados por seus movimentos.

Quando reconhecemos o corpo enquanto terreiro, passamos a reconhecê-lo muito além da estrutura biológica. Ao envolvê-lo em práticas ritualísticas e transformá-lo enquanto terreiro, reconhecemos o corpo enquanto lugar também do divino. O corpo ritualizado não se limita somente ao momento do transe, se estende às práticas cotidianas. São (in)corporados os saberes enquanto saberes de existência.

(In)corporação...

Quando danço o outro em mim dança.

Graziela Rodrigues. **Bailarino-pesquisador-intérprete:
processo de formação.**

A frase captura a essência da (in)corporação. O transe mediúnico transcende os limites do corpo individual e permite que este se torne outros. Através do médium, ao som dos atabaques e pontos cantados, envolto no fluxo de energia que circula o terreiro a entidade se apresenta pelo movimento dançante. Entre o apresentar-se da entidade e deixar pertenc(er) da/o médium a fronteira entre o sagrado e terreno se dissolvem. Quando a/o médium dança, a entidade dança nela/e. Ou ainda, quando a entidade dança, a/o médium dança através desta. O indivíduo deixa de ser apenas ele mesmo e se torna território do divino. O corpo terreiriza-se.

Cada entidade (in)corporada revela uma gestualidade e movimentação únicas. O corpo é o primeiro a sentir e revelar a presença da entidade (in)corporada. Em cada movimento, cada giro, cada brado, cada palavra dita, cada gesto revelam o sagrado neste corpo terreiro. Pela dança os limites entre o eu (médium) e o outro (entidade) são dissolvidos e uma nova corporeidade, uma nova identidade é construída. É a soma dos corpos: do físico e do espiritual. Se trata de uma experiência individual em que as somas, as misturas, o ganhar e o perder, o deixar ser e o deixar de ser permitem que divino se expresse e se apresente através de nós.

O instante preciso de Incorporação é o *momentum* em que ‘se perde o próprio corpo’ para em seguida adquirir ‘um novo corpo’. Isto demonstra que se desenvolve uma soma do corpo da entidade com o do médium que a recebe. Neste estágio há o perder, o ganhar, e o somar. No corpo do médium há uma

entrada e uma saída de conteúdos que se misturam, gerando impulsos, fluxos e pontuações (RODRIGUES, 2018, p. 95, grifo da autora).

A dança e os movimentos executados durante o transe são muito mais do que simples passos coreografados. São a expressão viva e visível do sagrado. Por meio da dança, o médium materializa a presença e a energia da entidade incorporada, transmitindo simultaneamente sua própria individualidade e a identidade da entidade. Cada movimento carrega consigo a intensidade e a força do sagrado, transcendendo as palavras e alcançando uma comunicação direta e profunda. A corporeidade assumida pelo médium durante o transe é uma das linguagens de terreiro. É o apresentar-se da entidade. Cada gesto, cada movimento é carregado de significado, revelando não apenas a presença da entidade, mas gestualidades ou arquétipos corporais que identificam a vibração energética à qual está ligada.

A dança é a linguagem do corpo. Ultrapassa a verbalização, transcende as limitações da fala e o entendimento daqueles que ainda não possuem. Sinestésica, ela atua no campo das sensações e das percepções. Diante do congá, o corpo pulsa, sua, vibra, expande, transpira, mergulha, se estende e se (in)corpora. Nele residem as sensações. O corpo se torna uma narrativa viva, contando histórias, transformando-se em outros.

Quando um orixá [ou entidade] está em terra, incorporado em um de seus filhos-de-santo, presenciamos esta força no corpo. Porém, qualquer descrição pormenorizada do movimento não revelaria a dimensão de que o corpo é tomado. O corpo sua, bufa, aumenta de volume e de largura. Expande-se. Há pulsações, dínamos, contensões e impulsos. Todo corpo-emoção faz com que, ao olharmos, fiquemos antes de qualquer entendimento, arrepiados (RODRIGUES, 2018, p. 77-78).

Na (in)corporação os braços se projetam em arcos e flechas, do chão do terreiro brotam rios, mares, cachoeiras e matas; vê-se serpentes...Os movimentos fluem pelo terreiro e a cada entidade anunciada pela corporeidade assumida pela médium e o médium vão se transformando as projeções. É como se a própria natureza manifestasse através dos movimentos. A energia serpenteia, vibra e gira pelo terreiro transformando os fluxos energéticos, firmando o axé e convidando que outros corpos sejam tomados pela dança da entidade ou orixá.

É uma linguagem silenciosa. *“Ah menina, é uma energia muito boa, é um fluído muito bom. [...] Quando começa os trabalhos. Quando o Pena branca começa a incorporar. Quando a mãe recebe a Jurema, eu sinto uma energia muito forte, eu não sei é por causa da falange que é muito próxima. Eu já começo a sentir ali, ela perto de mim, os seus fluidos. E não só dela, das outras entidades também, cada entidade é diferente, o fluído de uma para outra, a energia é diferente”* (Luanna, 2022).

Pelo movimento corporal é possível perceber como a energia da entidade se funde ao do médium. É um diálogo silencioso entre corpo e divino, revelado apenas através dos gestos e das intensidades que são geradas a partir desse encontro. Este se torna o primeiro meio de expressão visível para quem observa.

Na Incorporação a união de várias imagens corporais firmam-se em um só corpo. No reverso deste ato há o desdobramento, pois coexistem o ‘ganhar corpo’ e o ‘perder corpo’. Observa-se metamorfoses, nas quais a plasticidade é um argumento irrefutável – nossos olhos vêem e por isso cremos que ‘uma entidade está chegando à terra’ (RODRIGUES, 2018, p. 94).

O corpo assume uma linguagem própria, que ecoa a essência da força à qual o guia está ligado e revelam sua identidade. É uma dança performática e simbólica ao mesmo tempo: cada gesto carrega uma mensagem previamente – ainda que não totalmente – codificada, mas ao mesmo tempo grafa no espaço uma movimentação única. A incorporação é uma dança sagrada, cheias de símbolos e significados onde a essência da entidade é revelada. É a possibilidade de contato com diferentes memórias de existência, de energias vitais, sujeitos, narrativas, corporeidades, linguagem, tempo e espaço. Onde circula a energia do humano e do divino.

O tema (in)corporação aponta para uma das finalidades pela qual o transe ocorre, por outro lado, os sujeitos buscam a mediunidade para diferentes fins. Há aqueles interessados na manifestação do divino, os que buscam sanar problemas pessoais das mais variadas categorias e se deparam com a mediunidade, há também aqueles que possuem episódios mentais que extrapolam a psique e vão buscar respostas, como também há aqueles que buscam compreender as oralidades que operavam a sua construção identitária e como elas influenciavam as concepções corpóreas e de transe e ao se colocarem diante do transe são emergidos numa nova visão: a do corpo encantado – como é o meu caso. São muitos os caminhos pelos quais a (in)corporação acontece. Alguns destes exemplos podem ser visualizados nas falas dos médiuns de (in)corporação que foram entrevistados: *“Incorporar para mim é se abrir para uma consciência maior. Estar receptivo, se preparar para receber uma força maior que vai atuar, né. Vai através de você, mas ele vai atuar para o bem maior. Eu não tenho controle sobre isso, sobre este bem que será feito né, o bem que será feito no dia.”* (Aprendiz de Oxóssi, 2022). *“A incorporação é o momento em que a gente tem a oportunidade de entrar em contato íntimo com as entidades. [...] Que você sente a entidade por dentro de você e te envolvendo como um todo. A incorporação é este encontro que a gente tem com os guias espirituais”* (Diego Pimentel, 2022). *“Mas para mim acho que é um momento tão... tão único, no sentido de*

incorporar é uma realização da mediunidade, não... mas eu vejo aquilo como um encontro, talvez um encontro reencontro de uma entidade, um astral, em relação ao corpo físico, em desenvolvimento e fazer crescimento pros dois lados em prol de ajudar as pessoas. Muitos vão tentar conceitualizar incorporação é energia, não sei o que, vou falar de sentimento. Para mim, é um momento único, porque para mim, quando estou neste propósito, para mim é brevidade [...]” (Pai de Santo, 2022). “[...] mais do que incorporar os espíritos, é incorporar os valores divinos, os valores celestiais, a prática do amor, para a gente se ajudar, e conseguir ajudar o próximo” (Pietro Lara, 2022).

A incorporação é um balanço e um equilíbrio entre o eu individual e o não eu – o da entidade. Um processo em que ocorre uma fusão entre as duas identidades e permite que o divino se manifeste de forma singular, criando uma terceira identidade, o eu-nós. A entidade manifestada no corpo do médium, por sua vez, é uma expressão do sagrado que transcende tanto o eu individual como a da própria entidade: se trata de uma interconexão. O médium se torna um veículo para a manifestação do divino, uma ponte entre o mundo físico e o espiritual, torna corpo o espiritual; ao mesmo tempo em que a entidade também se torna um veículo de intercruzamento de mundos, da ancestralidade, de saberes, diálogos, transgressão de tempo e espaço, da conexão direta com o sagrado e da sacralização do corpo.

A incorporação é uma identidade única assumida por mim pela (in)corporação da entidade, um eu-nós. Ela é criada a partir da comunhão momentânea por meio do transe, onde as fronteiras entre mundos são dissolvidas, entre a minha identidade individual e a identidade da entidade que se manifesta em mim. É uma experiência compartilhada entre o médium e a entidade (in)corporada, onde ambos desempenham um papel ativo na manifestação do divino.

[...] o corpo que incorpora, ou que sabe que nele dançam deuses (NIETZSCHE, 1983), é um corpo vivo, que sente e diz, sente e imagina, incluído no processo do pensar, mas também e sobretudo, é um corpo aberto à experiência do *outro*, um corpo cuja identidade só se constitui mediante essa experiência do *outro* (DRAVET, 2016, p. 289).

“Incorporação é isso mesmo, eu tentar elevar o máximo minha energia, e ele juntar o máximo da energia dele comigo, e a gente se acopla. Porque quando estou incorporado eu não sinto que estou de lado e o meu caboclo tá fazendo. Parece que é tudo um só, não sinto uma diferença. A incorporação é eu permitir que o caboclo chegue até mim, acople as energias para trabalhar para o bem (Diego Paulino, 2022).

Ao mesmo tempo em que ocorre uma ampliação da consciência – aumento da percepção do ambiente, capacidade de sentir energias, ver, ouvir, receber mensagens, entre

outros – também ocorre a redução ou alteração da consciência minha para um mergulho na consciência da entidade. Em outras palavras, no momento do transe, o eu individual se dissolve temporariamente, dando espaço para a entidade se expressar e atuar através do corpo e da mente do médium. Neste processo, são transcendidos os limites da individualidade do médium para a manifestação de uma consciência maior, a da entidade e do médium.

“Incorporar é esta permissão, de se sintonizar com a fé, mas se esvaziar e tirar o seu, os seus achismos e convicções, para uma coisa maior, sabedoria ancestral possa se manifestar, para mim isto é incorporar” (Aprendiz de Oxóssi, 2022). “O ‘cavalo’ não escolhe o que vai incorporar. Trata-se de uma verdade que não depende do gosto da pessoa. A pessoa abre mão da sua auto-imagem para receber em seu corpo o que for preciso, necessário” (RODRIGUES, 2018, p. 97).

No momento da (in)corporação, ocorre uma reinvenção do espaço, uma transgressão do tempo e a invocação de novas dimensões de ser e estar. As dualidades entre corpo e espírito, eu e entidade são rompidas, criando um ambiente propício para a expressão e atuação do divino.

Há o instante único em que este encontro ocorre, enunciado pelo *momentum* do movimento forte, preciso e com alto grau de energia. [...] Na passagem do perder e do ganhar, o corpo apresenta uma comoção e em seguida se reorganiza, se reequilibra para transforma-se em uma nova configuração – o da entidade que recebeu (RODRIGUES, 2018, p.38).

No corpo, durante o transe mediúnico, passam a residir duas consciências. Ambos são seres culturais, dotados de valores, histórias, pensamentos e corporeidade. A (in)corporação transcende a simples manifestação de uma entidade; nesta dinâmica entre a identidade individual e a identidade do outro inaugura-se um confronto do eu individual e a integração do outro manifestada pela experiência do transe mediúnico. Os limites do ser são expandidas, as fronteiras entre o eu e o outro são rompidas, no corpo não reside mais apenas a identidade do eu individual, mas o eu-nós ou eu-entidade. Há uma coabitação, uma copresença (DRAVET, 2016).

Esse outro é um ser identificável. Possui nome, identidade, família, sobrenome, história pessoal, quase como seu ‘cavalo’. Nisso, são semelhantes, mas o reconhecimento dessa semelhança é fruto de um processo de construção em que a identidade do sujeito é confrontada com a alteridade (DRAVET, 2016, p. 299).

O movimento entre a minha identidade e a identidade do eu-entidade assumida por meio da (in)corporação é o que possibilita a manifestação do divino. Este divino por sua vez é

uma terceira identidade, uma expressão do sagrado que transcende tanto o eu quanto o nós-entidade.

Neste processo de afirmação também implica perda. Ao me tornar eu-entidade, há uma perda ou anulação do eu individual, um deixar de ser individual para deixar-se ser o outro, a entidade, manifestada em mim. A incorporação é um movimento, um fluxo entre o eu, o não eu e o eu outro, entre o eu individual e nós-entidade. Uma abertura dinâmica à presença e a atuação da entidade.

Por outro lado, a perda também ocorre porque quando me afirmo eu-entidade há o perder, a anulação, o deixar ser para que o outro (entidade) se manifeste em mim.

Em suma, na Umbanda, assim como em outras religiões de matriz afro-brasileira, a incorporação é uma prática central e de extrema importância religiosa. Ainda que esta não se resume apenas ao transe mediúnico e disponha de vários fundamentos que a organizam e alicerçam, a consulta às entidades é uma premissa da religião, logo a (in)corporação é um princípio fundamental.

O culto aos espíritos, divindades, guias, entidades e orixás tem como premissa a manifestação no corpo do adepto – a/o médium – pela incorporação, ou seja, pelo transe mediúnico. Distintamente de outras práticas religiosas em que o contato com o divino é estabelecido em sua essência somente pela elevação mental, por orações, preces, entre outros sem a manifestação corporal, na Umbanda além de serem realizadas estas formas de contato com o divino, a principal forma é a incorporação. Nela, os deuses não só ficam diante dos olhos, mas (in)corporam nos corpos de seus adeptos.

São inúmeras as razões pelas quais as entidades (in)corporam no corpo do médium. *“as entidades que se manifestam através do meu corpo podem prestar auxílio a quem procura, seja levar uma palavra, um consolo, uma sabedoria, uma orientação, seja curar, abrir caminho, libertar, descarregar, seja este processo, estes objetivos que falei anteriormente, cumprir missão, se desenvolver emocionalmente, se tratar”* (Diego Pimentel, 2022). Elas possuem a habilidade de trabalharem em diferentes campos, direcionando energias para o fim procurado ou identificado através do passe mediúnico. Por isso é frequente que a cabocla ou caboclo, a preta velha ou preto velho, a criança, a pomba-gira, cigana e exus atuem em mais de um campo, ainda que se tente fazer uma separação.

Além disso, acredita-se que a manifestação espiritual compreende também a uma jornada evolutiva da própria entidade ou um acompanhamento feito para com o médium. *“Eles já estão nos acompanhando desde que a gente nasceu, mas naquele momento há uma*

oportunidade de sentir de forma muito intensa, quase como se tornasse tangível, concreto” (Diego Pimentel, 2022).

Em geral, se trata da possibilidade de contato com uma consciência outra, uma oportunidade de troca de conhecimento, da manifestação da ancestralidade. Como também de um mergulho para a autodescoberta e das nossas próprias narrativas.

Quando uma entidade se manifesta, se manifesta também uma memória, uma história, um ser. Ao presenciar o fenômeno, uma consciência coletiva é requisitada: são repassadas memórias vivas da ancestralidade, são firmados os fundamentos da ritualização, são imantadas as forças da natureza, são narradas histórias e experiências que se entrelaçam com nossa própria vida, onde o passado e o presente se encontram e projetam o futuro.

Além disso, a manifestação das entidades também reforça os fundamentos da ritualização da Umbanda. Através dos gestos, das danças, dos pontos cantados, dos sons, cheiros, de todo elemento que permeia a construção do terreiro, somos levados a um estado de comunhão com as energias sutis que permeiam o território.

Por último, vale lembrar que, na Umbanda, são várias as faces das incorporações aos quais o adepto passa a desenvolver. Há a (in)corporação da entidade no corpo do médium, da filosofia umbandista, das práticas ritualísticas, das relações sociais, das energias adquiridas pelo uso das ervas, entre outros. A (in)corporação não se restringe ao transe mediúnico, embora essa seja uma prática central e fundamental no culto umbandista a presença do outro. Portanto, ao mesmo tempo em que cada pessoa conhece, vivencia e experiencia as faces da (in)corporação de um modo próprio, existe também, como defende Dravet (2016), uma dose de representação codificada e controlada pela própria expressão do médium e das práticas da filosofia umbandista. A experiência mediúnica é única e como será manifestada e conduzida também é único, ao passo que, o desenvolvimento dessas manifestações ocorre ou diz respeito a um contexto coletivo em que as referências e códigos serão próprios da prática religiosa e permearão a fazer de muitos, ainda que com suas singularidades.

Dessa forma, o processo é multifacetado. Ora abrange aspectos individuais, ora coletivos. Ora se trata da expressão identidade do eu e, ora do eu-nós. É uma experiência e expressão individual, mas de caráter coletivo uma vez que está inserido como prática fundamental da religião.

(In)corporar abrange um conjunto de experiências e conexões que extrapolam o momento específico do transe. Revivo, recorro e me conecto as sabedorias dos meus ancestrais, dos ensinamentos aprendidos no terreiro e da filosofia umbandista em diferentes dimensões do

meu fazer-viver diário. “Os poros da pele são também meios de incorporação: banhar-se em sangue, em leite, em mel e ervas para absorver os benefícios dessas substâncias: suavizar, tonificar, adoçar, rejuvenescer são práticas correntes em várias culturas” (DRAVET, 2016, p. 290). O corpo se constitui por diferentes camadas: percebe, recebe, absorve, assimila, suaviza, tonifica, integra, mistura, reaviva, penetra. O fenômeno de (in)corporar é composto por um intenso movimento interno e externo.

Entre a incorporação, o firmar e o desincorporar nota-se como as intensidades do movimento variam e dão significados aos gestos. Ora intensos, ora suaves, expansivos ou comedidos, a gestualidade adotada pelo médium (in)corporado, seja codificada ou espontânea, apresenta símbolos que representam a força à qual está ligada. Na movimentação estão guardados segredos sagrados dos quais somente entidade e médium, quando assim permitido, terão a sabedoria de desvendar.

O transe antes e agora...

É por tudo isso ainda, senhores, que afirmo: não queremos converter e não queremos ser convertidos. Queremos crer apenas que o Pai maior, em Sua sabedoria, revelou-se a cada povo trajando a roupa que lhe pareceu mais conveniente para que os homens o reconhecessem, feito Zambiapungo e Olorum nos infinitos e Tupã nas matas.

Luiz Antônio Simas. **Pedrinhas miudinhas:** ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros.

Antes de tudo, para aqueles que tiveram o trabalho de se debruçar na leitura das reflexões que proponho aqui desde o início, peço desculpas por repetir uma história já compartilhada. Julgo necessário retomar minha chegada na Umbanda a fim de evidenciar a partir das minhas próprias experiências (BESSA-OLIVEIRA e SANTOS, 2020) um pouco do processo discriminatório em relação a prática do transe, (in)corporação, estado alterado de consciência, entre outras nomenclaturas pelas religiões de matriz afro-brasileira.

Cheguei na Umbanda numa sexta-feira, gira de esquerda, revestida de medo e fundamentada em toda herança que me formava religiosamente: a do preconceito e, muitas vezes, do ódio. Há quem me pergunte se estava em busca de uma religião (como é o caso de

muitos que chegam nos terreiros, além dos outros motivos aqui já observados), mas o que me guiava mesmo era a necessidade de comprovar: seria o corpo da possessão ou o corpo diabólico que encontraria neste território? Ou ainda: seria possível a academia a certa ao falar de um corpo potente, poético e expressivo? Embora já tivemos concluído a graduação, as discussões trazidas nas disciplinas de Danças Afro-brasileiras e Danças Indígenas ainda me eram pulsantes no pensar-fazer. Era preciso vivenciar, co-habitar com a fonte⁵⁵ (RODRIGUES, 2018) a fim de despir-me de uma ou outra teoria.

Bessa-Oliveira e Santos (2020) são assertivos ao proporem uma reflexão sobre o corpo e compreender o sujeito enquanto “somos corpo, *biogeografia*, herança, corpo que sente, que fala, que vive, que produz arte, cultura e conhecimento a partir de suas *experivivências* e herança” (p. 157, grifo dos autores). Ou seja, o que somos emanam de nossa corporeidade.

Minha narrativa sobre o corpo em transe ou em estados alterados de consciência, no entanto, foi inicialmente moldada por uma herança prejudicial. Ela foi influenciada por ideias preconceituosas enraizadas na cultura brasileira, que se desenvolveram ao longo de séculos como uma forma de subalternização das práticas religiosas não brancas, não cristãs e não ocidentais. Essa herança colonial persistente é uma prova de que a colonialidade no Brasil nunca foi completamente erradicada.

Historicamente, a atividade catequética desempenhou um papel significativo na disseminação e imposição de uma única ideia de crença em terras brasileiras. Durante longos períodos da história, a catequização de indígenas e negros escravizados, suprimiram suas práticas religiosas e seus ritos tradicionais. Isso não apenas representou uma forma de controle cultural e social, mas também refletiu o domínio do poder colonizador sobre as populações indígenas e africanas escravizadas, impondo a visão religiosa europeia.

A incorporação do negro livre à sociedade que surgiu da Abolição produziu um fenômeno central da cultura brasileira: a fratura do universo religioso dos escravos e a assimilação de seus elementos pela tradição cristã. O resultado não foi a africanização do cristianismo nos trópicos, mas a cristianização das religiões africanas, que só assim puderam ser aceitas num ambiente dominado por uma elite que se pretendia europeia (ORTIZ, 1999, n.p.).

O transe, que muitas vezes fazia parte dessas práticas religiosas não ocidentais, foi especialmente estigmatizado e demonizado. O estado alterado de consciência que acompanhava cerimônias e rituais tradicionais foi frequentemente interpretado como possessão demoníaca ou

⁵⁵ Nas disciplinas mencionadas a prática de co-habitação com os sujeitos dançantes é um dos requisitos, mas respeitando uma das normativas para a observação de despir-se dos preconceitos este processo não foi possível a mim. Neste caso, recorri a co-habitação com outros corpos dançantes respeitando as matrizes afro-brasileiras.

como evidência de práticas malignas. Esse estigma em torno do transe contribuiu para a perpetuação de preconceitos e intolerância religiosa, marginalizando e matando simbolicamente as tradições espirituais não cristãs.

Espremida pelo preconceito e pelas ações terroristas de ataques aos terreiros por designações político-teológicas, a prática é ainda desqualificada por discursos essencialistas que erguem bandeiras de purezas no meio da encruzilhada em que o Brasil foi assentado (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 70).

Ainda como pontua o autor, a desqualificação e discriminação dos cultos de terreiro se estabelece desde a desqualificação da crença até a forma de educar, passando por todos os aspectos que compreende uma sociedade. Geralmente vem acompanhado de adjetivos como “malignos” ou “diabólicos”.

Em 2017 quando fui convidada a co-habitar esses espaços de encantamento, passei a estranhar a minha noção de corpo. Nas bibliografias às quais tive acesso era convidada mesmo que teoricamente a pensar o corpo sob uma nova perspectiva: a do transe. Descreviam um corpo outro ao qual nunca tivera acesso. Um corpo que não se bastava corpo, espaços que transcendiam os limites e extensões antes conhecidas por mim. Os registros que encontrava não falavam de um corpo que se torna sagrado, tampouco de um espaço que se restringe a dimensão física, falavam sobretudo da dimensão sagrada que existe em tudo. Ou seja, um corpo que é sagrado e por isso não se torna, um espaço que transcende a noção física e que, sendo encantado, contém extensões infinitas de possibilidades de existências e representações.

Mas afinal o que é o transe?

Transe, estado alterado de consciência, incorporação, sonho, entre outros está relacionado a mudança de consciência. Estão presentes tanto em religiões de matriz afro-brasileira, como nas tradições de alguns povos, como é o que de comunidades indígenas. São vistas como meios de acesso ao sagrado, à sabedoria da cura, aos mistérios da vida, a conexão com a natureza, conexão com a dimensão espiritual, entre outros. Pelo transe buscam-se explorar aspectos de si mesmas, do outro, do passado, do presente e do futuro, questões físicas, emocionais e espirituais.

O transe não é a supressão da consciência, mas a interiorização e expansão para uma consciência outra. Não ficamos sem consciência, mas ocorre um processo de comunhão com uma consciência outra, a da entidade, do orixá, da ancestralidade. O estado de percepção é ampliado. São muitas as maneiras que o transe ocorre.

Passa a ver mais que os olhos permitem, orientações são formuladas na mente, são sentidos pontos energéticos, escutam palavras que não são de conhecimento do médium. O

médium passa a exprimir, gesticular, olhar, cantar a partir de suas próprias experiências e partir do novo corpo assumido pela (in) corporação da entidade.

A (in)corporação é uma das manifestações da mediunidade, entre elas estão: o sonho, a psicografia, a clariaudiência, entre outros. A mediunidade é um fenômeno e enquanto fenômeno é passível de ser observada. A (in)corporação é o fenômeno da mediunidade que em que a manifestação espiritual é percebida no e pelo corpo.

A maneira como o transe ocorre em cada indivíduo é único. Nem sempre é possível perceber alguém sob transe, da mesma forma há pessoas em o corpo comunica de forma clara que houve um estado de alteração de consciência.

A mediunidade é uma experiência anômala, ou seja, não é passível de ser explicada em toda sua concretude justamente porque não pode ser reduzida a uma explicação, a uma experiência. Há relatos, há experiências que podem ser compartilhadas, mas a manifestação da mediunidade não é regular. Da mesma maneira seus fenômenos não acontecem de forma regular. Cada (in)corporação possui uma espécie de roteiro, mas sua execução é sempre diferenciada e única. Em cada momento novos saberes são revelados, novas consciências são acessadas. *“É tipo um iceberg, a gente só vê a pontinha do iceberg. E grande parte dele tá submersa né. E a gente tem medo de dar este mergulho, que é sair do controle. E no começo a gente vai com medo mesmo, vai indo, vai indo, só que a gente vai começando a gostar disso. Tem uma hora que a gente não quer sair lá de baixo, a gente quer descobrir cada vez mais”* (Pietro Lara, 2022).

A mediunidade pode ser considerada um estado alterado de consciência. Para muitos povos o processo de transe ou alteração da consciência é parte constituinte de suas tradições. Por meio da alteração da consciência se estabelecem conexões com o cosmos, com sua ancestralidade, guiam muitas vezes sua visão de mundo.

Assim o transe se expressa de acordo com cada tradição e território específico, se apresentando de diversas formas nos rituais e práticas culturais. Seu valor e sua função são determinados com base na relação que cada povo estabelece com o transe. Além disso, também leva em conta o indivíduo, suas vivências e função que atribui ao transe. *“A mediunidade é uma experiência muito única e pessoal para cada pessoa. Embora a gente esteja todos dentro da mesma coletividade que é o terreiro, que tenha os mesmos ensinamentos sendo passados, as mesmas tradições e doutrinas sendo passado, cada pessoa vai estar experimentado a incorporação de forma bem única. Ela é uma jornada pessoal, íntima e interna, mas que de*

alguma forma se relaciona com toda a minha história de vida. Ela faz o encontro do que tá fora, o macro, com o micro, o que tá dentro, o interno” (Diego Pimentel, 2022).

A mediunidade é uma experiência espiritual e, na maior parte das vezes, religiosa. Nesta perspectiva, acontecem em contextos religiosos e culturais que o legitimam a proporcionar diferentes tipos de auxílios. É frequentemente associada à capacidade de uma pessoa, conhecida como médium, de atuar como intermediária entre o mundo espiritual e o mundo material.

A partir da minha experiência corporal dentro do terreiro, senti minhas percepções e significações se alterarem em relação ao que é sagrado e o que é transe. Antes, eu enxergava os estados de transe como algo potencialmente demoníaco. No entanto, ao vivenciar essa experiência em meu próprio corpo, passei a compreender o quão divino é compartilhar nossos corpos com nossos ancestrais.

Deixei de viver a espiritualidade apenas como uma prática de "evitar o pecado"; inseri-me numa ampla comunidade, composta de corpos, mirongas, folhas, fundamentos, axé e sujeitos encarnados e desencarnados. No transe conheci o divino. Como explicou o caboclo da Pedra Verde (2022): *“A Umbanda não está preocupada com o abstrato, mas traz o divino diante de você. O contato do divino não vai ficar apenas na sua mente, mas vai sentir através do calor, outras do contato com o divino. Esse contato que é indireto, mas também é direto para fugir da abstração. Incorporação é dentro da infinidade abstrata se tornar singular, concreta com você. Com que homens e mulheres simples se conectem com o sagrado. O que estava nas mãos de poucos sacerdotes possa ser acessado no dia a dia o calor, sabedoria espiritual”*.

Nessa jornada, descobri que o divino se manifesta de maneira tangível e palpável, permitindo que todos se conectem com o sagrado. Essa experiência calorosa e repleta de sabedoria espiritual transcendeu as fronteiras do que antes parecia ser um conhecimento reservado a poucos, tornando-se uma parte essencial do meu cotidiano.

Corpo terreiro: corpo dançante...

[...] Chega Iansã
Vem dançando o barravento
Alinhando o movimento
Na força do firmamento [...]

Tay Muller. **Oiá, Oiá, Eparrei, Oiá.**

O corpo humano é, inegavelmente, um fenômeno multifacetado. Ele é o recipiente que abriga nossa essência, mas é também um condutor e mediador das experiências que moldam nossa vida. Nessa abordagem, o corpo transcende sua mera dimensão física e se revela como um portal que nos conecta a várias camadas de significado e experiência.

"O corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória" (MARTINS, 2022, p. 89 apud SANTOS, s.d., p. 2), abre as portas para uma profunda reflexão sobre a natureza do corpo humano e seu papel na nossa existência, experiência e ligação com nossas raízes ancestrais. Não é apenas um instrumento físico, mas um veículo de expressão que reflete a cultura, a identidade e as experiências coletivas de uma sociedade.

O aprendizado da dança pode resultar de vivências coletivas e/ou a partir da observação e execução de movimentos tradicionalmente realizados por determinados grupos, sem que ninguém precise deter-se a ensinar passos de dança. Do mesmo modo, pode-se criar técnicas pessoais, que reinventarão gestos, passos e movimentos, propiciando um modo particular de se dançar. Mas, certamente, tais técnicas estarão ligadas, de alguma maneira, às experiências dos indivíduos em sociedade (DANTAS, 2020, p. 33 - 34).

Nas Umbandas pelas quais tive a experiência de observar os corpos em transe foi possível notar a afirmação que autora traz sobre o corpo em movimento. Diferente de outras religiões de matriz afro-brasileira, africana ou indígena em que se pode encontrar maior presença de uma coreografia, como é o caso do Candomblé em que os orixás (in)corporados passam por um processo de aprendizado do movimento dançado, na Umbanda a execução da dança resulta de vivências coletivas, a partir da observação e execução dos movimentos tradicionalmente realizados, pela manifestação da entidade (in)corporada, pela construção social dos padrões de movimento/ gestualidade esperada e pela própria relação da médium ou do médium com dança.

Não existe, pelo menos nos terreiros que visitei e, principalmente, no Templo de Umbanda Pai Oxalá, o aprendizado direto das danças realizadas nesses territórios, seja durante a ritualística ou durante a (in)corporação. Por outro lado, existem e se manifestam nos corpos (in)corporados de forma bastante evidente, os arquétipos esperados para cada entidade que dança com e no corpo da médium e do médium. Se por um lado não há ensinamento direto, há o indireto que resulta de um processo de construção e idealização social e cultural.

Um caboclo quando chega no terreiro é aguardado por aqueles que observam com a idealização de uma dança que represente o povo das matas ou mais precisamente, a idealização de um indígena. O lançar de flechas simbólica, o bater no peito, o grito, a saudação, o banhar-

se nas águas, o serpenteio de uma cobra, entre tantas outras gestualidades são as danças esperadas nos corpos em transe. Aquele que fugir a performatividade, certamente será questionado.

Abro um parêntese para salientar que não se busca a movimentação de uma comunidade indígena, nem tampouco se espera que a manifestação mediúnica seja de indígena, mas que seja a sua representação. E, como tal, parte muito mais da noção romântica e muitas vezes primitiva, social e cultural, das performatividades desses povos. O que se esperam são os arquétipos, ou seja, a noção de representação de um povo a partir de gestualidades pré-definidas e partem muito mais de um ideal imaginário coletivo do que de uma ancoragem ou proximidade com a realidade. São (re)representações e, sendo assim, representam, não são. “O corpo humano é sempre construído [...]. Um corpo dançante é igualmente um corpo em permanente construção. E um corpo onde os movimentos são possíveis a partir do que se informa e do que se oferece a esse corpo” (DANTAS, 2020, p.32 - 33).

Os arquétipos de que trato são performances corporais assumidas no terreiro, especificamente a partir da (in)corporação, que dão representação aos povos aos quais a Umbanda faz alusão. É uma terminologia bastante utilizada dentro dos terreiros e quer dizer respeito a forma corporal assumida, aos gestos, materialidades, vestimentas, entre outros utilizadas pelo médium (in)corporado.

A idealização social e cultural vincula a cabocla e o caboclo às matas e, naturalmente se estende a Oxóssi e ao indígena. Ambos representam o ideal de cabocla e caboclo: relação direta com a natureza. Sendo assim, empresto uma reflexão cujo autor não me recordo para elucidar melhor esta questão: um caboclo que chega para trabalhar, chega sabendo das construções sociais e culturais. As performances de terreiro ao mesmo tempo que sustentam essas construções, ampliam por meio das (in)corporações identidades únicas sobre a representação de caboclas e caboclos.

A cabocla e o caboclo que participam dessas performances não são apenas um reflexo passivo das expectativas sociais, mas também agentes ativos que negociam suas identidades e seus papéis na sociedade. Eles trazem consigo a complexidade de suas próprias experiências, que podem transcender as simplificações culturais. Assim, as performances de terreiro não apenas sustentam as construções sociais, mas também podem ser um meio de questioná-las e desafiá-las.

A dança nas Umbandas não são processos coreográficos, ou seja, que passa por um processo de escrita do movimento de forma sistematizada, não são ensinadas, ensaiadas, entre

outros, mas é apreendida a partir do contato com a espiritualidade. “Coreografia: palavra de origem grega. O termo *choreia* designa dança; já *grapho* designa escrita. Originalmente, tem-se escrita da dança” (DANTAS, 2020, p.55, grifo da autora). Pelo viés sistematizado da dança, coreografia necessariamente implica no estudo do movimento e na sua escrita, ou melhor dizendo, na construção de um movimento a partir da pesquisa, experimentação, improvisação, etc.

Que dança é produzida nos terreiros de Umbanda? Não se trata de uma coreografia como costumeiramente se é produzida, não utiliza os mesmos meios, não há possibilidade de descarte de movimentos para a experimentação de novos, não são feitos testes, tampouco são utilizadas despertadores de movimentação como sensações, imagens etc. Ela acontece no agora a partir da (in)corporação da entidade no médium. Sua movimentação, sua dança, seu brado, seu lançar, balancear, saltar, girar, tremer, pisar, entre outras gestualidades assumidas pelo médium (in)corporado é a escrita da sua dança, é a escrita da identidade que se apresenta pelo movimento.

Ela não apenas guia, mas também incorpora o médium, fundindo-se com o corpo físico deste último. Essa fusão resulta em movimentos que podem inicialmente parecer descontrolados, mas que, na verdade, são a manifestação da entidade espiritual através do corpo humano. É uma performance corporal e como tal, as danças realizadas não buscam um valor estético, mas sobretudo significativo da identidade representada.

Pelo viés somente artístico, nem sempre seria possível afirmar a presença de coreografia nas danças de terreiro de Umbanda, mas pelo olhar e lugar que ocupo – pesquisadora, artista da cena, médium de (in)corporação, observadora – ousou sugerir que a coreografia está presente. Não com os mesmos métodos já conhecidos, mas acontece a partir de mecanismos próprios. Servem acima de tudo para inscrever sua identidade no espaço e no corpo do médium. “[...] a dança [das entidades] é uma festa pública, ela não celebra o mundo dos homens, mas revive a mitologia dos deuses” (ORTIZ, 1999, p. 110). Elas ressaltam sua natureza ritualística e simbólica. Não se limita a uma manifestação individual, mas é uma experiência coletiva que envolve toda a comunidade religiosa. É uma celebração da espiritualidade que transcende as fronteiras do tempo e do espaço.

A entidade é quem ensina a ou o médium a dançar, porém ambos os lados contribuem para a construção da dança, sugerindo, escolhendo e guiando os movimentos. É um processo de colaboração que requer de ambas as partes.

A entidade, por meio de seu corpo espiritual, acopla no corpo físico da ou do médium e conduz este corpo para uma movimentação própria. Esta movimentação num primeiro momento não possui definição. Ora vê-se o corpo balancear sem controle, ora treme, outras brada, vê-se giros etc. A entidade ainda apresenta ao médium as gestualidades e, neste apresentar, testa possibilidades de movimentação corporal daquela ou daquele que está (in)corporado. Como uma espécie de dança em pares, ambos os lados, o espiritual e o terreno, a entidade e a ou o médium, sugerem, escolhem e conduzem a movimentação para a construção da dança que será apresentada. É preciso um deixar-se ser de ambos os mundos.

3 – O ENCANTAMENTO PELAS FOLHAS: CABOCLAS E CABOCLOS NO TERREITÓRIO

Ossaim, filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluayê,
era o senhor das folhas, da ciência e das ervas,
o orixá que conhece o segredo da cura e o mistério da vida.

Todos os orixás recorriam a Ossaim
para curar qualquer moléstia, qualquer mal do corpo.
Todos dependiam de Ossaim na luta contra a doença.
Todos iam à casa de Ossaim oferecer seus sacrifícios.
Em troca Ossaim lhes dava preparados mágicos:
banhos, chás, infusões, pomadas,
abô, beberagens.

Curava as dores, as feridas, os sangramentos;
as disenterias, os inchaços e fraturas;
curava as pestes, febres, órgãos corrompidos;
limpava a pele purulenta e o sangue pisado;
livrava o corpo de todos os males.

Um dia Xangô, que era o deus da justiça,
julgou que todos os orixás deveriam compartilhar o
poder de Ossaim,
conhecendo o segredo das ervas e o dom da cura.

Xangô sentenciou
que Ossaim dividisse suas folhas com os outros orixás.
Mas Ossaim negou-se a dividir suas folhas com os
outros orixás.

Xangô então ordenou
que Iansã soltasse o vento e trouxesse ao seu palácio
todas as folhas das matas de Ossaim
para que fossem distribuídas aos orixás.

Iansã fez o que Xangô determinara.

Gerou um furacão que derrubou as folhas das plantas
e as arrastou pelo ar em direção ao palácio de Xangô.
Ossaim percebeu o que estava acontecendo e gritou:
“Euê uassá!”.

“As folhas funcionam!”

Ossaim ordenou às folhas que voltassem às suas matas
e as folhas obedeceram às ordens de Ossaim.

Quase todas as folhas retornaram para Ossaim.

As que já estavam em poder de Xangô perderam o *axé*,
perderam o poder de cura.

O orixá-rei, que era um orixá justo,
admitiu a vitória de Ossaim.

Entendeu que o poder das folhas devia ser exclusivo de
Ossaim

e que assim devia permanecer através dos séculos.

Ossaim, contudo, deu uma folha para cada orixá,
deu uma *euê* para cada um deles.

Cada folha com seus *axés* e seus *ofós*,

que são as cantigas de encantamento,
sem as quais as folhas não funcionam.
Ossaim distribuiu as folhas aos orixás
para que eles não mais o invejassem.
Eles também podiam realizar proezas com as ervas,
mas os segredos mais profundos ele guardou para si.
Ossaim não conta seus segredos para ninguém,
Ossaim nem mesmo fala.
Fala por ele seu criado Aroni.
Os orixás ficaram gratos a Ossaim
e sempre o reverenciam quando usam as folhas.

Reginaldo Prandi. **Mitologia dos Orixás.**

Ewé Ó!

Salve as folhas! Salve o grande curandeiro!

Senhor das folhas, conhece toda variedade de ervas, plantas e árvores; é o grande possuidor de seus segredos. Ossaim, pelo encantamento das folhas faz e desfaz qualquer magia. Carrega consigo cabaças de onde são tiradas suas mirongas que não revela a ninguém. Aquele que faz uso das folhas, deve pedir a Ossaim o seu encantamento, a sua força, pois sem isso não existe axé.

“Kò sí ewé, kò sí òrìsà” (sem folha, não há orixá). Ossaim ensina que cada folha está dotada de um *ofó*, e somente o grande conhecer de seus mistérios é capaz de encantá-la com axé. Ainda que cada orixá possua suas próprias folhas, é Ossaim que sabe como despertá-las. A folha possui grande energia para o ritual e sem ela é impossível realizá-los. “Ossaim seduz as folhas com seu canto. Ele é o próprio espírito nelas reside, aquele que conhece os segredos mais profundos da vida, sua diversidade e ambivalência, podendo ora ser o remédio, ora ser veneno” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 64).

Aquele que cultua orixá, entidades das matas, que tira das folhas todo e qualquer poder de cura, fonte de vida e a força que vibra deve saudar e agradecer a Ossaim por usar os mistérios do reino vegetal. *Ewé asà!* (“a folha é proteção). Por isso, saúdo Ossaim e seus domínios porque antes de ser morada de caboclas e caboclos, as folhas estão cercadas dos mistérios do grande curandeiro.

A folha está nos banhos e descarregos que limpa as impurezas, abre o corpo divino – centro de força, prepara o corpo para a conexão com o sagrado. Está na entrada do terreiro e nos quintais a fim proteger aquele que passa pela porta, de firmar a energia das matas e delimitar o espaço do sagrado. Está nas mãos das entidades que usam variadas ervas para benzimento de diferentes finalidades, para invocar a força dos orixás no auxílio do trabalho, para proteger o

médium (in)corporado dos trabalhos que serão realizados e para fazer suas firmezas. Está no altar como ponto de força que imanta e representa também o sagrado. E está nas matas, na morada de Ossain sob seus domínios.

Ossain está dentro e fora do terreiro, permeia a casa de todos aqueles que respeitam e entendem o poder das folhas. “Aquele chazinho de boldo para aliviar a ressaca, o galho de arruda na mão da benzedeira, a ardência da pimenta no prato que se consome, e tudo o que traz, cheiro e sabor é o reino invisível de um orixá que, além de seu conhecimento, é sinônimo de discrição” (MEIHY e FREITAS, 2021, p. 57). Ainda como apontam Meihy e Freitas (2021), das folhas são evocadas diferentes significações que transcendem a cura fármaco. Todo tipo de reposta para infortúnios, curas, fortalecimentos, limpezas e firmezas vem do encanto das folhas. Onde existir vida, existe a força e o conhecimento de Ossain. As plantas são fonte de axé, a força vital sem qual nenhum culto pode ser realizado, onde o movimento não existe, na qual a vida se finda.

Os saberes dos terreiros nos ensinam e reafirmam por meio de suas práticas ritualísticas que dependemos e somos parte da energia que vibra o reino vegetal. A relação com a natureza é estabelecida de diferentes maneiras, sobretudo no equilíbrio e sustentação do axé, força vital dos terreiros e de seus membros. Sem folha, não há orixá. Sem folha, não Umbanda. Sem folha, não há caboclas e caboclos. “Erva é sutileza, por isso Caboclo caminha sobre elas com passo leve” (STEVANIM, 2021, p. 190). Antes mesmo de acolher a manifestação das entidades, somos chamados a compreender e aprender a linguagem das folhas, a sintonizar nossa energia com o axé presente nas dimensões da natureza. “*Incorporar energias da natureza do Universo, e não só espíritos*” (Pietro Lara, 2022). Em cada chá, em cada banho, em cada gesto de benção, em cada ritual, cada ramo, em cada baforada, as folhas persentes ecoam a força e a voz de Ossain.

Nas folhas encontram-se mistérios que curam, alimentam, limpam e transformam. Além de ser um importante elemento que traz a força do orixá, simbolizam o elo entre o ser humano e o espiritual, permeando as práticas dentro e fora do terreiro. Para aqueles que praticam as religiões de matriz afro-brasileira, os domínios de Ossain transcendem os usos de terreiro, espalha-se e se manifesta em múltiplas dimensões da vida. Reverenciar as folhas é reverenciar o sagrado e seus mistérios, é perpetuar a dança eterna entre sagrado e humano a partir dos mistérios que são revelados.

Aprendi desde cedo a pedir licença ao tomar posse de uma erva para curar algum mal. No quintal de casa tomava lição diariamente dos usos de cada planta, cada forma de manipular,

seus usos e preparos. Aprendi ainda criança que as folhas tinham o poder de cura, mas para usá-las era preciso conhecer seus mistérios. Pois como me lembrou um preto velho mais tarde: “*a mesma erva que cura, mata*”. As ervas sempre foram o primeiro e principal recurso de cura de qual me lembro ainda criança. Para cada mal, uma beberagem, uma garrafada, um chá, um banho e muitas delas acompanhadas de rezas e resguardos. São as primeiras mirongas que tive acesso. Não basta apenas as folhas, mas é preciso saber como, quando e em que circunstância as usar, pois uma folha sem intenção e sem seu devido cuidado e encantamento é apenas uma folha.

Mais tarde, exercendo a função de cambone, entendi que o que trazia em minha vivência familiar iria ser concretizada nas práticas de terreiro. Conhecer onde cada erva, planta e árvore estava localizada no quintal do terreiro foi um dos primeiros e importante aprendizado ao adentar a corrente do Templo de Umbanda Pai Oxalá. Para cambonear não basta apenas vestir o branco, é necessário conhecer os segredos de cada elemento utilizado nos trabalhos, saber como saudar, preparar, colher, cantar, manter a energia da erva colhida e saber como encantá-la. Assim como para pisar no espaço sagrado é preciso saber entrar e sair, para colher uma erva é preciso saber seus segredos. A observação e a escuta atenta para as manipulações, cantos, ervas usadas, palavras, baforadas e os diversos tipos de encantamento foram somando às minhas experiências.

Aprendi que até mesmo cabocla e caboclo, grandes conhecedores das matas, se comunicam com Ossaim pelos seus cantos, rezas, danças, movimentos, entre outros a fim de encantar as folhas e desvendar seus segredos. O chão do terreiro se reafirma enquanto espaço sagrado com a chegada da entidade. Entre ervas, fumaças, pontos cantados, sons dos tambores, palmas, dança etc. os corpos manifestam o ancestral, o divino, o sagrado.

“Caboclo não tem caminho para caminhar”⁵⁶

Chegou a hora
Quem lá no mato mora
É que vai agora
Se apresentar
No chão do terreiro
A flecha do Seu Flecheiro
Foi que primeiro
Zuniu no ar

Vi Seu Aimoré
Seu Coral, vi Seu Guiné,
Vi Seu Jaguará,
Seu Araranguá,
Tupaíba eu vi,
Seu Tupã, vi Seu Tupi,
Seu Tupiraci,
Seu Tupinambá

Vi Seu Pedra-Preta se anunciar,
Seu Rompe-Mato,
Seu Sete-Flechas,
Vi Seu Ventania me assoviar
Seu Vence Demandas eu vi dançar
Benzeu meu patuá

Vi Seu Pena-Branca rodopiar
Seu Mata-Virgem,
Seu Sete-Estrelas,
Vi Seu Vira-Mundo me abençoar
Vi toda a falange do Jurema
Dentro do meu gongá

Seu Ubirajara
Trouxe Seu Jupíara
E Seu Tupiara
Pra confirmar
Linha de Caboclo,
Diz Seu Arranca-Toco,
Um é irmão do outro
Quem vem lá

Com berloque e jóia
Vi Seu Araribóia
Com Seu Jibóia
Beirando o mar
Com cocar, borduna,
Chegou Seu Grajaúna,
Com Baraúna
Mandou chamar

Vi Seu Pedra-Branca se aproximar
Seu Folha-Verde,
Seu Serra-Negra,
Seu Sete-Pedreiras eu vi rolar
Seu Cachoeirinha ouvi cantar
Seu Girassol girar

Vi Seu Boiadeiro me cavalgar
Seu Treme-Terra,
Seu Tira-Teima,
Seu Ogum-das-Matas me alumiar
Vi toda a nação se manifestar
Dentro do meu gongá.

Maria Bethânia. **Linha de Caboclo.**

⁵⁶ Frase em referência a ponto cantado em giras de Umbanda para incorporação de caboclas e caboclos.

Cabocla(s) e caboclo(s) das águas, das matas, das pedras, das estradas, dos ventos e toda força que a natureza pode expressar. São de laço, de pena e de flecha. Atiram uma, duas, três...sete flechas. Atiram quantas precisarem. Usam bodoque, trazem na cinta uma cobra coral, balançam a aldeia com sua pisada. Trazem pemba branca, ramos, velas, orações, banhos e tudo aquilo que da natureza podem utilizar. São guerreiras(os), flecheiras(os), caçadoras e caçadores, donas(os) de aldeias, conhecedoras e conhecedores das matas e todos os segredos que nela habitam. Cabocla(s) e caboclo(s) nos ensinam a encontrar a espiritualidade nas matas, a compreender o canto dos pássaros, a respeitar o ramo de erva, a ler o percurso do rio, saudar e encontrar a vibração da vida nas diferentes expressões da natureza. *“Donos da terra, rezadores que cuidam das estações e agem de acordo com as leis da terra” (caboclo Pena Branca, 2022).* *“Caboclo [...] expressa firmeza, que tem pés plantados no chão, que tem firmeza e traz a força das matas. Caboclo é terra onde você faz sua morada e aonde está a força onde você faz sua morada. Caboclo é iniciador de transformações com sabedoria, mudança de olhar, valores que trazem firmeza” (caboclo Pedra Verde, 2022).*

“Ao ser cultuado e baixar entre nós através dos corpos em transe, o ser caboclo se afirma como a antinomia mais potente ao ser civilizado” (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 102): nos ensinam a nos reconhecer nas pedras, nos ventos, nos raios, cachoeiras, matas etc., a inaugurar novas formas de ver, ler e se relacionar com a vida. Nos recomendam a experienciar a natureza como parte integrante de nós.

O culto as caboclas e aos caboclos não tem início na Umbanda, tampouco os são privilégio. “[...] Sambam nos Candomblés de Caboclos, onde são saudados como Caboclos de Pena ou de Couro; descem na guma do Tambor de Mina ou na Encantaria; e sopram as baforadas que curam na ciência da Jurema Sagrada” (STEVANIM, 2021, p. 63), benzem, aconselham e curam nos terreiros de Umbanda. São vários os caminhos, matas, estradas e encruzilhadas percorridas em chãos de terreiros. São entidades que manifestam sua sabedoria de diferentes maneiras e em diferentes espaços de culto. Com sua dança, invocam os segredos da natureza, tornam o invisível em visível: vê-se flechas, matas, cobras, escutam-se por seu bradar os sons dos pássaros, das águas. É possível sentir a força dos ventos, dos raios, a firmeza das pedras e a imensidão das matas.

Mas afinal, quem são as caboclas e caboclos?

Segundo a definição do dicionário cabocla e caboclo é “mestiço de branco com índio, de pele acobreada” (AMORA, 2009, p. 109). De acordo com a plataforma de pesquisa *google*,

cabocla e caboclo é “filho de pais de etnias diferentes, sendo um indígena e outro branco, e que tem a pele acobreada e os cabelos negros e lisos; mestiço de branco com indígena; curiboca”.

Na literatura, Iracema, a indígena do romance de José de Alencar, está ligada a noção de representação das caboclas e caboclos e sua identidade estava associada de forma pejorativa a noção do não civilizado. Segundo Ortiz (1999) ao fazer referência a Edson Carneiro, a noção que se construiu do indígena que se manifesta enquanto cabocla e caboclo nos terreiros está alicerçada no Romantismo brasileiro, especialmente difundido pela literatura, como um modelo simbólico nacional e que servia como fundamento estereotipado religioso. O mimetismo do transe, das vestimentas, da linguagem corporal e verbal fortalecia – porque ele se volta ao passado, ou seja, ao surgimento da Umbanda – o símbolo nacional e a noção de sincretismo religioso.

Já pelo viés dos terreiros de Umbanda, comumente as caboclas e caboclos estão ligados a ao arquétipo indígena. Ou seja, é feita a associação dos padrões de comportamento, linguagem corporal e verbal, forma de trabalho, usos de elementos naturais, alguns adornos visuais, forma de (in)corporação etc ao indígena, ou melhor dizendo, a figura imaginária, a um personagem social construído pelas literaturas e que são percebidas da mesma maneira. Ora, a(s) e o(s) indígena(s) até pode(m) se manifestar(em) enquanto cabocla(s) e caboclo(s), mas generalizar seria retomar o mesmo romance de José de Alencar em que Iracema se torna a representação de toda etnia indígena. *“O caboclo... vai querer associar o caboclo a figura do índio. Mas na Umbanda, uma característica que identifico dos caboclos é eles serem intermediários aos orixás. Por que as outras linhas estão mais associadas a um orixá. Os pretos velhos estão muito ligados à linha das almas e Obaluaê, os Exu ao próprio exu, as crianças, têm a própria questão das crianças, mas os caboclos tem uma certa versatilidade. Tem os caboclos de Oxóssi, de Ogum, de Oxalá, de Iansã. Então os caboclos tem uma capacidade de trabalhar com todas as linhas, e isso que identifico como uma das suas principais características. Seres porta-voz dos orixás, mestres de diferentes energias. Eles são também muito diferentes entre si, é muito difícil falar sobre o caboclo em geral, mas são vários caboclos, cada um tem suas características únicas, alguns são muitos sérios com as palavras, outros falam muitos, outros são brincalhões, alguns trabalham com ervas, um mais com oração. Então eles cheios de mandiga, de fundamento, de segredo, de magia, mas cada um é muito único entre si. De certa forma estão muito ligados à natureza, às ervas, aos rios, cachoeira, matas e à figura do indígena, de alguma forma faz referência a eles. Caboclo não é a mesma coisa que o índio, caboclo não é a mesma coisa que o caboclo histórico, a mistura do índio com o branco, mas de alguma forma faz*

referência aquilo que o terreiro, o médium entende o que é o índio, o que é o caboclo. Muitas vezes a gente vê isso de uma forma estereotipada, e outra formas vemos de uma forma muito única, muita autêntica, que traz uma relação com a terra, com a natureza, com as forças vivas da natureza. (Diego Pimentel, 2022).

Importante ressaltar que a fala do entrevistado acima se refere especificamente à experiência do Templo de Umbanda Pai Oxalá e sua experiência pessoal como médium. Em outros terreiros, podemos encontrar outras linhas de trabalho, tais como os exus e pombagiras, associados a diferentes orixás. Considerando a predominância dos trabalhos de caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá (mais de 50 % das giras, sejam internas ou externas, são com as caboclas e os caboclos), não surpreende que a versatilidade e flexibilidade estejam entre suas características. Eles precisam ser capazes de lidar com qualquer problema que os consulentes trazem.

Facilmente vemos esta representação nas linguagens corporais por meio da gestualidade utilizada nas (in)corporações, nas falas, nas materialidades de trabalho utilizadas pelas entidades e muitas vezes até mesmo reforçada nas vestimentas e nos objetos de culto que compõe o terreiro.

Ademais a identidade da cabocla e do caboclo foram construídas na e pela colonização. Nasce da exploração, da dominação, da objetificação, do epistemicídio (CARNEIRO, 2005) e subalternização dos corpos, saberes e crenças dos povos originários por parte dos europeus. A cabocla e o caboclo, ainda que esteja fundamentada dentro dos terreiros enquanto entidade que referencia suas práticas nos toques de tambores, nas sabedorias das matas, no movimento dos corpos etc, tem sua identidade assentada no indígena e europeu. Ainda que dentro dos terreiros tenham sua representação afirmada no indígena, na perspectiva histórica o projeto colonial é quem determinou a construção identitária. Ou seja, a civilização em solo brasileiro tem seus alicerces na inferiorização e sepultamento cultural, na noção de humanização produzida sob a condição de desumanização do outro (negro e indígena). “Colonização: uma cabeça de ponte, em uma civilização, da barbárie que, a qualquer momento, pode levar à pura e simples negação da civilização” (CÉSAIRE, 2020 p. 21).

Por outra perspectiva o culto às caboclas e caboclos nasce do hibridismo de raças e crenças. Se concretiza no cruzamento, na incorporação de deuses e crenças do outro.

Quando os povos de origem banto foram forçados a vir para o Brasil como escravizados, trouxeram consigo uma maneira peculiar de olhar para a espiritualidade: os bantos cultuam os ancestrais (*Bakuru*), mas não somente os antepassados diretos, pois sua cosmovisão incorpora saberes das terras e

dos povos com quem têm contato. Dessa forma, espíritos ancestrais indígenas também começaram a chegar, principalmente nos Candomblés de nação angola, de matriz banto (STEVANIM, 2021, p. 65).

Para a cultura banto, reconhecer e pedir a benção aos sacerdotes e ancestrais cultuados na região era uma prática importante. Assim, as práticas medicinais já conhecidas e praticadas na região através dos usos de ervas são incorporadas também nos cultos e cultura, assumindo um caráter afro-brasileiro. “Não custa lembrar que a incorporação de deuses e crenças do outro é vista por muitos povos como acréscimo de força vital; e não diluição dela ou estratégia pensada com a frieza dos devotos da razão” (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 69).

Seriam as figuras da cabocla e do caboclo uma mistura entre as visões espirituais africanas, os arquétipos do “índio” do romance brasileiro e as crenças e práticas ritualísticas dos povos originários em relação a natureza, forjados pela colonização? Talvez a resposta mais sensata esteja pautada na compreensão de que não se trata apenas de uma cabocla ou caboclo, mas de uma multiplicidade. As fronteiras são dinâmicas e as representações que cada sociedade, território e sujeito atribui a uma questão são diversas. Cabe lembrar que se trata, sobretudo, de manifestações genuínas.

Indiscutivelmente, a Umbanda tem a sua própria concepção do que seja um Caboclo; porém, como tudo dentro da cultura é vivo, as maneiras de compreender e se relacionar com o mundo espiritual são mutáveis e intercambiantes. Como diz acertadamente Ferretti (1994, p. 21), a busca de “pureza” na religião afro-brasileira tem se mostrado inconsequente, porque “puro” não existe, uma vez que não há cultura estática. Somos formados no amálgama da pluralidade (STEVANIM, 2021, p.69).

Mais do que uma reprodução ou a busca de um símbolo nacional, ou ainda de um arquétipo indígena, é preciso ter em mente que nenhum discurso será capaz de esvaziar a diversidade de leituras e identidades associadas a figura da cabocla e caboclo. *“É muito difícil dentro da Umbanda a gente falar do caboclo de forma única e geral. Mas como eu me sinto por dentro o que é caboclo. Então não tem como eu falar da Umbanda como um todo, mas só a partir dessa experiência”* (Diego Pimentel, 2022).

Cabocla e caboclo representam uma linha de trabalho, que se reúnem como grupo de acordo com propósito: a sabedoria ancestral, o conhecimento das ervas, dos banhos, das defumações e dos mistérios da natureza. *“Acho que talvez... talvez, as entidades, os caboclos trazem esta ancestralidade muito forte de pertencimento, principalmente dos povos indígenas do Brasil e não só do Brasil”* (Aprendiz de Oxóssi, 2022). Mas estas não são verdades únicas. “Caboclo é, acima de tudo, um grau ou um mistério para designar uma coletividade de espíritos ancestrais” (STEVANIM, 2021, p. 87).

Vale lembrar que possuem grande representatividade e importância dentro da Umbanda uma vez que a religião se firma a partir da manifestação do caboclo das Sete Encruzilhadas. Geralmente a maior parte das giras e trabalhos são feitas por caboclas e caboclos. A exemplo o Templo de Umbanda Pai Oxalá: “[...] no Pai Oxalá, a linha que a gente mais trabalha é caboclo, como se fosse a entidade básica assim. Quando não é caboclo é como se fosse uma linha diferente, quando é caboclo é uma linha comum. Ela é a entidade básica, é como me sinto” (Diego Pimentel, 2022).

É sobre a regência dos orixás que as entidades trabalham. Na Umbanda, os orixás não são (in)corporados diretamente nos corpos dos médiuns, mas são compreendidos enquanto essências, atributos, energia, axé que irão vibrar através dos guias: “Esse caboclo é intermediário de Xangô, que não é só energia, trabalho etc, mas o que se conhece como axé, onde começa a mudar o contexto em que está envolvido, o que você chama de caminhos abertos” (caboclo Pedra Verde, 2022).

Ainda que possuam essência individual, nos terreiros de Umbanda, geralmente, é sob a regência de Oxóssi, o grande guerreiro de uma flecha só, senhor das matas e caçador destemido que as caboclas e caboclos se manifestam. Outros orixás também contribuem e são forças atuantes, como: Ogum, Xangô, Iemanjá, Oxum e Iansã, mas geralmente trabalham com o cruzamento das energias dos domínios da floresta, das matas, das folhas e da terra. Como é o caso do caboclo Flecha Dourada: caboclo flecheiro, sob os domínios de Oxóssi, mas que se banha das sabedorias de Oxum.

Representam não só o lugar de pertencimento nacional requerido no surgimento da religião, como também, de certa maneira, simbolizam o sincretismo ao qual a religião firma sua prática. Sem cabocla e caboclo não há Umbanda. Guiam e ensinam os adeptos para a compreensão das forças que regem o mundo. São grandes conhecedores da terra e tudo que dela provém. Se manifestam como caçadores, pescadores, guerreiros, flecheiros, encantados das águas, caciques, curandeiros, agricultores, rezadores, e tantas outras roupagens. São mensageiros das vozes da floresta, guardiões do axé e dos mistérios ancestrais. É mata, é água, a folha, a erva, o barro, o vento, é tudo aquilo que pulsa a energia da natureza. Mora entre as pedreiras, entre águas das cachoeiras, dos rios e grandes mares.

Caboclo é o termo que designa aqueles que dobraram morte através do encanto. Índio é invenção de kara’iwa, caboclo é morador da mata, come folha, se banha na areia e se veste de samambaia. Caboclo é rei, rainha, princesa, marinheiro, menino, pé de cana, capoeira, montador de vento, sereia de água doce, orixá brasileiro. Caboclo é aquilo que quiser, porque inventou a vida para além do desvio. Caboclo é o destruidor dos parâmetros da empresa

de desencanto. É a magia que afirma a vida sob a civilidade de um mundo morto (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 10).

*Caboclo não tem caminho para caminhar. Caminha por cima das folhas, por baixo das folhas, em todo lugar!*⁵⁷ Cabocla e caboclo é a diversidade, a flecha atirada que somente ela/e sabe onde caiu. “Caboclo das sete mil encruzilhadas corre gira, vira mundo a baixa onde quer. Abra caminho, vença a demanda, deste o nó, se levante e quebre as pedras, se banhe de outros sentidos” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 12).

Suas formas de existências são diversas: *“Caboclo é uma entidade antiga. Que tem uma conexão, eu sinto, muito forte com a natureza, com a mata, que sabe do tempo das coisas, que tem o domínio da mente, da concentração, que sabe dominar a si mesmo, que entende dos caminhos abertos. Caboclo é força, caboclo é sabedoria, caboclo é entendimento, caboclo é expansão para a gente” (Aprendiz de Oxóssi, 2022); “[...] o caboclo é um mensageiro” (Pai de Santo, 2022).*

E, se o colonialidade se edificou a partir da descridibilização das diversas formas de ser, saber e fazer; pela dominação física e simbólica, pela perseguição, criminalização, subalternização e morte, a Umbanda os tem como, primordialmente, sobreviventes (SIMAS e RUFINO, 2018, p.11).

Caboclas e caboclos no Templo de Umbanda Pai Oxalá

Sou filho do Vento da Mata,
Do Vento que vem e que vai,
Ocanhe me olhe e me ajude.
Oxóssi que é meu Pai.
[...]

Umbanda. **Guerreiro da Mata.**

A presença das caboclas e caboclos nos terreiros de Umbanda – e em todo espaço de culto afro-brasileiro que são (in)corporados – é uma lembrança constante de que a espiritualidade não é separada da vida cotidiana, mas que está em cada folha, gota d’água, cada sopro do vento, cada raio de sol, em cada fagulha de fogo, cada grão de terra, pedaço de madeira ou pedra. Personificam a sabedoria do saber viver (KRENAK, 2020a, 2020b). Na maioria dos

⁵⁷Referência ao ponto cantado para (in)corporação de caboclas e caboclos nos terreiros de Umbanda. Autoria desconhecida.

ensinamentos aos quais tive acesso, seu trabalho está voltado em fazer compreender a natureza enquanto elemento da e para a vida, além de outros aspectos aos quais estão ligados.

Utilizam e recomendam ervas, elementos naturais, água, a relação com a natureza para diferentes finalidades. Sua presença é frequentemente requerida para tratamentos físicos, espirituais e emocionais, justamente por estar vinculado a rituais de cura.

Para me aproximar das diferentes leituras, compreensões e definições que permeiam o chão do terreiro do Templo de Umbanda Pai Oxalá, além de minhas experiências enquanto médium de (in)corporação, das observações e leituras as quais alimentam as reflexões que trago aqui, entrevistei sete médiuns de (in)corporação, sendo: uma mulher e seis homens, dentre eles o pai de santo. Também foram concedidas três entrevistas com médiuns (in)corporados pelos caboclos com os quais trabalham. São diversas as reflexões, porém partem do mesmo ponto: da experiência.

O recorte para a participação se deu a partir das seguintes condições: ser médium de (in)corporação pertencente ao Templo de Umbanda Pai Oxalá, ser maior de idade e consentir sua participação por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram feitas de forma individual seguindo roteiro de entrevista estruturado e por meio de captação de áudio. As entrevistas foram transcritas literalmente e constam como anexo da pesquisa, além de serem citadas em momentos oportunos à discussão.

No Templo de Umbanda Pai Oxalá as caboclas e os caboclos são as entidades que mais baixam nas giras. Há aproximadamente cerca de 20 médiuns de atendimentos, isto é, aqueles que cumpriram o “desenvolvimento mediúnico” inicial e prestam atendimento, durante o transe, para os consulentes. Entre os caboclos que baixam no Templo de Umbanda Pai Oxalá estão: Pena Branca, Jurema, Jupira, 7 Flechas, Tupinambá, Cobra Coral, Ubiratã, Pedra Verde, Treme Terra, caboclo Roxo, Flecha Dourada, Iara. A maioria das cerimônias internas – aquelas destinadas ao desenvolvimento mediúnico da corrente – e externas – aquelas destinadas ao atendimento público – são destinadas ao trabalho de caboclas e caboclos. Como já falado aqui: *“Ela é a entidade básica” (Diego Pimentel, 2022).*

Geralmente trabalham na linha de Oxóssi. Ou seja, sob a vibração do orixá. Contrariamente a outros cultos afro-brasileiros, “[...] na Umbanda, os orixás não descem, eles se transformam em essências sagradas que transmitem seus atributos a outros executantes, por exemplo, os guias” (ORTIZ, 1999, p. 83). É como explica o caboclo Pedra Verde em entrevistas concedida a mim em 2022 enquanto estava (in)corporado no médium: *“Esse caboclo é intermediário de Xangô, que não é só energia, trabalho, etc, mas o que se conhece como axé*

[...] ”⁵⁸. Um aspecto que identifica a linha de trabalho a qual a cabocla e caboclos estão ligados é o nome que assumem. A partir do nome e da forma de trabalho, além do próprio Oxóssi, assumem as essências do(s) orixá(s) que regem seu trabalho. Mas elas não são imóveis, pois ainda que cada entidade possua sua linha de trabalho, na prática umbandista as entidades recorrem às diferentes energias quando se faz necessário: “[...] *durante os atendimentos das entidades, elas [as entidades] recorrem às diferentes energias dos orixás, que também são divindades. Então o meu caboclo pode cantar e chamar por Ogum, e Oxum, por Obaluaê, e essas energias passam por mim, passam pelo meu corpo para chegar a quem precisa*” (Diego Pimentel, 2022).

Oxóssi está associado à caça, à natureza e a fartura. Muitas vezes, as caboclas e caboclos (in)corporam nos corpos de seus médiuns representando caçadores com arcos e flechas, demonstrando sua ligação com a linha. Em outros momentos vemos seus corpos apresentarem cachoeiras, cobras, instrumentos de caça e te proteção. Oxóssi é o orixá que estará a frente dos trabalhos de caboclas e caboclos unindo assim as relações com a natureza que ambos estabelecem. “[...] *Os caboclos são muito mais naturais, muito mais da natureza. Acho que eles ensinam muito a respeitar a natureza, a respeitar o momento natural das coisas. Não precisam de muita erva, tomam água, usam muitas coisas naturais. [...] Os caboclos trabalham mais a energia da natureza, esta energia da terra*” (Diego Paulino, 2022).

Na Umbanda, Oxóssi é representado pela imagem de São Sebastião ou São Jorge, a depender da religião. Essa associação é feita com base em simbolismos criados durante o sincretismo. Assim, Oxóssi, divindade africana, em contato com o cristianismo se sincretiza com o santo, assumindo uma nova identidade na religião. Oxóssi na Umbanda não é apenas santo e nem somente divindade africana, é orixá que entre os cruzos de religiões e práticas, assume uma identidade única.

Em relação a indumentária não são utilizados adereços ou vestimentas que sirvam de signos do vestuário para a entidade (in)corporada, como penachos, flores, pulseiras, chapéus, entre outros. No Templo de Umbanda Pai Oxalá a vestimenta se limita ao uso do branco como uniforme oficial para todos os membros e o uso de colares de conta de são produzidos conforme orientação das entidades. Neste caso obedecem às cores, os materiais, quantidade e organização orientada pelo guia. Os fios de conta ou guia, são importantes elementos de trabalho e proteção

⁵⁸ Referência a esta fala já fora apresentada em momento anterior, contudo se faz necessário reforçar uma vez que explica a ligação com o divino que é estabelecida na Umbanda.

do médium. Geralmente fazem referência a energia da entidade ou orixá, são cruzados e encantados passando a irradiar axé.

A identificação é feita principalmente pela (in)corporação por meio da gestualidade, da dança, da linguagem corporal, dos pontos cantados e pela linguagem verbal, por exemplo “[...] *quando é caboclo ele costuma se ajoelhar, bater no peito*” (Diego Pimentel, 2022). A corporeidade estabelecida entre médium e entidade durante a (in)corporação é única. “*Cada entidade faz um movimento totalmente diferente [...]*” (Diego Pimentel, 2022). “*Não sei se o meu corpo muda, mas eu sinto que ele muda a forma como ele se expressa, que não é uma coisa natural minha. [...] há uma mudança, que não tenho controle, minha voz, forma de pensar, forma de agir, que é própria deles. Então são essas maior, fico maior, porque eu o sinto, é como se o corpo dele estivesse sobre mim*” (Aprendiz de Oxóssi, 2022).

A gestualidade corpovivifica o sagrado. Por meio dela, são apresentados signos e significados que identifica a entidade. O corpo se multiplica, assumindo novas formas de expressar. No corpo que é fronteira e território unem-se divino e terreno, espiritualidade e médium. “*Eu falo: tá eu e a entidade, café e leite. Mistura café e leite, dá um pingado. Sempre dá um pingado. Nunca vai ser só o café, nunca vai ser só o leite. Não tem como eu sair, não tem como a entidade sair. [...] Eu me fundo com a entidade, não tem essa, eu não saio, a entidade não sai, a gente tá junto, a gente conversa*” (Pietro Lara, 2022).

A mesma descrição se assemelha quanto a percepção da entidade que se aproxima antes da (in)corporação se concretizar. São diversas as sensações percebidas. Alguns associam como uma presença, outros a cheiros, alguns a partir de sentimentos, há sensações físicas, como arrepios, tremores, entre outros. A percepção por meio das sensações que são sentidas e despertadas no corpo vão aos poucos apresentando e firmando a energia que será trabalhada. “*Com o tempo eu comecei a identificar, é como se você tivesse um sexto sentido, que é a sensibilidade. [...] E com o tempo o que é uma energia indiferenciada se torna uma energia diferenciada. Você começa a identidade se é energia de caboclo, se é energia de preto velho. É como se fosse o olfato, eu sinto cheio e sei que é cheiro de café, eu sinto o cheiro e sei que é cheiro de maçã, mas eu não sei descrever o cheiro o que é cheiro de café, da mesma forma que eu sei descrever o que é um desenho, que sei falar os traços, as cores, a luz, eu não consigo descrever um cheiro*” (Diego Pimentel, 2022).

As relações descritas entre cabocla, caboclo e médium são diversas. Falam a partir do campo do sentir, do corpo (in)corporado por uma existência outra, o da entidade. Não estão preocupadas com sistematização, antes com a relação que será estabelecida. A partir das

(in)corporações são reveladas identidades únicas. Essa sensibilidade permite ao médium discernir as nuances das energias espirituais que manifestam pelo corpo, identificando a presença e a natureza das entidades (in)corporadas. A capacidade de distinguir a energia das diferentes entidades, seja antes do transe ou a partir do transe, é um aspecto importante para as religiões de matriz afro-brasileira. Cada entidade ou orixá trazem energias e formas de trabalhar única.

Além disso, a forma de conduta durante o trabalho revela, até mesmo para aqueles que visitam pela primeira vez, que há presença de caboclas e caboclos – isso se deve principalmente ao arquétipo corporal e pela forma de trabalho. *“Para mim o caboclo é mais dinâmico, eu já falei o meu caboclo trabalha de uma forma muito direta” (Gustavo, 2022). “É uma energia que é, digamos, mais objetiva” (Pietro Lara, 2022).*

Quanto a materialidade/elementos de trabalho, além do próprio uso de elementos da natureza, como ramos de plantas e água, fazem uso de descarregos (preparo de ervas com álcool) e charutos que auxiliam a limpar e trabalhar com a energia do consulente. Cada entidade irá manipular e utilizar os elementos conforme sua relação de trabalho e necessidade. O trabalho desenvolvido pelas entidades envolve a manipulação e a indicação de usos de elementos naturais para distintos fins. *“[...] Receita banhos, ajuda na cura, alivia, dá conselho, acho que conselho é uma palavra muito forte para eles” (Luanna, 2022)*, embora a médium considere “conselho” uma palavra deslocada da realidade, pois acredita que o que fazem as entidades é o direcionamento do caminho.

Por meio das entrevistas foi possível constatar que a forma como as caboclas e caboclos são compreendidas transcende as limitações de estereótipos predefinidos: *“Quando eu vi o meu caboclo, a primeira vez que eu o vi, ele não tinha a forma de um índio. Eu não trabalho muito com essas formas tipo de índio, de preto velho, de criança, até porque o espírito ele já teve muitas existências, ele já foi homem, mulher, sabe, ele já foi negro, europeu, asiático. Então eu não trabalho muito com formas. Eu não vejo uma entidade com penacho lá” (Pietro Lara, 2022).* As respostas voltadas a pergunta sobre quem são as caboclas e caboclos na Umbanda não estão preocupadas em descrever ou afirmar a identidade das entidades, antes versam sobre a relação, a forma de trabalho, em suma, as experiências corporais e ensinamentos que vivenciaram.

Os papéis assumidos pelas entidades são percebidas de várias maneiras: *“Caboclo é como eu disse antes é um pai para mim” (Aprendiz de Oxóssi, 2022); “[...] o caboclo é um mensageiro, é alguém que está ali nos ajudando, nos evoluindo, nos cuidando neste trabalho*

que temos como missão ajudar o próximo” (Pai de Santo, 2022); “Caboclo para mim é dos meus mestres espirituais [...]” (Diego Pimentel, 2022); “[...] É um amigo espiritual que eu tenho, que me ajuda e tem me ajudado muito. Não levo ele como alguém inalcançável que você olha e nunca vai ter uma proximidade astral se um dia desencarnar, mas é um ser de luz, amigo e me ajuda e tá comigo sempre” (Gustavo, 2022). Muito além das representações físicas, são compartilhados os princípios ou a essência estabelecida no contato entre médium e entidade.

Os segredos das folhas...

Defuma com as ervas da Jurema
 Defuma com arruda e guiné
 Defuma com as ervas da Jurema
 Defuma com arruda e guiné
 Benjoim, Alecrim e Alfazema
 Vamos defumar filhos de fé [...].

Umbanda. **Defuma com as ervas da Jurema.**

“[...] a Umbanda trabalha muito com a natureza, então a gente começa a aprender mais com a natureza, a observar, refletir mais” (Pietro Lara, 2022). Não existe Umbanda sem folha. Todo ritual afro-brasileiro começa com as folhas. Junto às águas, exaladas pelas fumaças, nos jardins, nas matas, descarregos, nos pontos riscados, nas firmezas e em pequenos ramos, elas circulam de diferentes formas nos terreiros e seus rituais.

Antes mesmo das giras, o ritual tem início na obtenção e preparo de ervas para o uso de banhos. Dentro do terreiro, elas são adquiridas para emanar sua energia de diferentes maneiras. Colocadas no altar, sustentam a energia do orixá ou da linha de trabalho que irá reger a gira. Cada orixá e ou entidade possui uma característica e está ligado a uma força da natureza: Nanã anciã da lama e dos pântanos; Omolu, dono terra; Oyá, rainha dos raios e senhora da tempestade; Xangô, rei das pedreiras; Oxóssi, dono das matas; Ossaim, senhor das folhas; Oxum, senhora das águas doces; Ogum, senhor das estradas; Oxumaré, senhor do arco-íris; Iemanjá, senhora das águas salgadas; Oxalá, pai da humanidade está representado no ar que respiramos.

Nas defumações, são feitas misturas cuidadosas que tanto auxiliam na sustentação da energia do terreiro, como limpam e preparam o território e os indivíduos presentes para o rito que se inicia. Nos quintais, é a representação reduzida das moradas dos orixás. Ali se encontram

tanto ervas que sustentam a energia do terreiro, como ervas e plantas que são usadas e orientadas pelas entidades (in)corporadas. Nas mãos das entidades por meio de cantos, rezas e benzeduras, as ervas e plantas são encantadas e despertadas. Suas energias são ampliadas, os segredos ancestrais são presentificados, são manipuladas para a diversas situações as quais são requeridas: descarrego, cura, limpeza, amplificação de energia, proteção, portal de comunicação com o sagrado, entre outros.

Os médiuns não só apreendem alguns dos segredos e usos que estão presentes nas folhas e elementos da natureza (água, terra, fogo, pedra, vento, etc) como desempenham o respeito ao pedir licença referindo-se e constatando as energias atuantes, como também o sagrado presente nestes: *“Eu sonhei que eu voltei lá, pedi licença, e toquei no pé de bambuzal, tinha vários bambuzais, sabe. Eu tive que tocar em cada bambuzal, para aí voltar. Quando eu acordei, cadê a minha dor de cabeça? Não tinha. Estou falando para você... então assim, entrou numa mata, tem que pedir licença”* (Luanna, 2022). Ainda que a entrevistada, ao referir-se a um episódio de sua vida e um elemento específico, é notável na prática umbandista a relação de respeito em variadas situações e elementos.

No encantamento das folhas, além de ser necessário conhecer os usos, onde encontrar e preparar, a palavra adquire um poder de grande relevância. As palavras são impregnadas de axé. Sem as palavras o encantamento não acontece. Nelas, sejam cantadas ou recitadas, estão guardados os segredos que despertam a energia presente nas folhas e todo elemento que é utilizado e conduzido.

[...] para descobrirmos o poder das palavras que equilibram veneno e remédio, cura e doença como dimensão dupla da existência, precisamos lembrar que os segredos cantados nas folhas de Ossain nos dizem que, enquanto a mata é o tempo/espço penetrado pela cultura da caça, a floresta é campo de domínio da magia. Na floresta reside aquilo que os sentidos humanos não podem alcançar, para tocá-las é preciso que sejamos parte dela: natureza (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 63).

As palavras, nas religiões de matriz afro-brasileira, não se limitam a dimensão linguística, elas adquirem um caráter sagrado, transformando-se num instrumento de conexão e transformação. Como nos lembra Verger [1995?], “as palavras, para que possam agir, precisam ser pronunciadas” (p. 20). Para isso não basta apenas falar, mas saber o poder que as palavras possuem e, assim, saber usá-las a fim de que seu axé possa despertar a energia pertencente as folhas. Cada entonação, cada expressão, canto ou reza são sentenças sagradas. O autor ainda destaca que conhecer as expressões as quais classifica como estereotipadas não garante que sua energia seja despertada. Nas tradições cuja oralidade possui grande

importância, como é o caso da Umbanda, as *encantações de palavras* são pronunciadas enquanto orações.

São diversos os usos, as combinações, as qualidades, as energias extraídas das folhas e das palavras. No terreiro, ainda segundo o autor, as virtudes atribuídas diferem e vão além do cotidiano. Os simbolismos atribuídos levam em conta as múltiplas possibilidades de existência. A classificação das plantas está referendada na experiência, no contato, na observação. “[...] a nomeação das plantas leva em conta seu cheiro, sua cor, a textura de suas folhas, sua reação ao toque e a sensação provocada por seu contato, entre outras” (VERGER, [1995?], p. 29).

A entoação de cantos, rezas e invocações agem como uma energia capaz de redimensionar e conectar o mundo terreno e espiritual. A palavra tem o poder de realização: ao ser dita invoca as forças da natureza.

O amaci, ritual que desempenha um papel significativo na Umbanda, uma vez que não existe um ritual de iniciação na religião como é caso de outras religiões, expressa a ligação entre palavra, folha e rito aqui expostos. O termo designa a prática de lavar a cabeça com ervas maceradas a fim de confirmar por meio do canto as entidades e orixás que acompanham a filha e filho de santo. Este ritual é especialmente ligado a Oxóssi, que empresta os encantamentos das folhas para firmar a coroa do médium.

O amaci é conduzido por meio de palavras, ritos e folhas. Desde o momento da colheita da folha, no preparo por meio da maceração das ervas, nas palavras e pontos cantos, no objeto onde é feito o preparo e o descanso, na ritualização da lavagem da cabeça, na vela firmada, no pano de cabeça e na confirmação de caboclas e caboclos, pretas velhas e pretos velhos e orixás são estabelecidas conexões com o sagrado. A folha, por sua vez, é o elemento central. Elas servem como um canal de comunicação e confirmação das entidades. É a representação da tradição ancestral que valoriza a conexão entre humano e natureza como expressão da vida. Na folha são guardados segredos das existências.

Vale ressaltar que o uso das ervas e plantas não é um uso exclusivo de práticas religiosas, antes são provenientes da própria cultura dos povos e se estendem, assim, aos rituais. No Brasil, e seguramente na Umbanda, tais conhecimentos advém em maior ou menor parte dos povos indígenas, africanos e europeus, e suas culturas. Seja para usos farmacológicos (infusão, maceração, compressa, xarope, inalação, emplastro, banho, gargarejo, pomadas, entre outros) ou ritualístico, sempre estiveram presentes no cotidiano. É na encruzilhada das práticas e saberes que as ervas adentraram o terreiro. Além da contribuição local por parte das etnias

indígenas, tanto das tradições quanto das espécies nativas, a utilização de plantas ritualísticas e seus usos tiveram grande influência dos africanos.

Outro fator histórico que ressalta as dimensões que as ervas e plantas sempre ocuparam na sociedade enquanto elemento de cura e expressão do sagrado se trata da medicina popular que os chamados curandeiros e benzedeiras praticavam e praticam. Detentores de saberes da natureza e conhecedores da espiritualidade, a comunhão dos dois elementos era utilizada para cura física e espiritual. Barbatimão, alecrim, cidreira, melissa, babosa, boldo-do-chile, camomila, maracujá do mato, canela, carqueja, arruda, guaco, louro, entre outras, são alguns dos exemplos de plantas que aliadas a rezas já foram recomendadas por benzedeiras e curandeiras das histórias que já ouvi de meus familiares. Há aquelas que afastam os males; aquelas que curam o espiritual e, também as que curam o físico; as que servem de proteção; as deixam mais vigoroso; aquelas que trazem calma etc. São conhecimento que são extraídos da própria natureza a partir da observação, do repasse de geração para geração, de estudos e da relação com a espiritualidade.

A exemplo dos ensinamentos repassados dentro do terreiro e da importância da natureza para a vida, Ailton Krenak (2020a, 2020b), compartilha a filosofia do saber viver enquanto condição para existência, já que somos parte dela. A energia vital (axé) a qual sustenta e dinamiza a vida estão em diferentes suportes, principalmente se quando se trata de um espaço de ritualização, contudo, é na natureza que a vida é sustentada e alimentada. “Ou seja, a natureza enquanto expressão imanente da vida em diversidade tem nos segredos da floresta, como uma espécie de gnose ancestral, os fundamentos e procedimentos da força das existências” (SIMAS e RUFINO, 2019, p. 64).

Na Umbanda, o culto à Ossain não se faz presente. Ou melhor dizendo, no Templo de Umbanda Pai Oxalá, o território escolhido para diálogo e de meu pertencimento religioso, não está presente. É Oxóssi, o senhor das matas, que está ligado as folhas. Seus segredos são associados a conexão com as ervas, folhas e plantas que são utilizadas em sua devoção. Oxóssi é frequentemente invocado nos chãos de terreiro como o orixá que irá emanar sua essência para os trabalhos de caboclas e caboclos na Umbanda. Portanto, ainda que Ossain não seja diretamente cultuado, o uso das folhas nas práticas de Oxóssi é significativo. Sem folha não tem cabocla e caboclo.

Terreirão: gestos e símbolos...

Um terreirão é mais do que um mero espaço físico. É um domínio físico e sagrado, visível e invisível; do passado, presente e futuro; dos gestos e dos símbolos; do médium e da entidade; do humano e do divino. Vai além do espaço físico onde o ritual acontece. Nele, o terreirão, os gestos e os materiais ritualísticos ganham uma nova dimensão simbólica.

É o espaço onde gestos e símbolos se entrecruzam para manifestação divina e ancestral. São a materialização dos rituais e mediadores entre os mundos. Os gestos moldam a realidade, inaugura novas formas de se relacionar, ser e estar e, os símbolos, ao passo que já são, viabiliza a manifestação do sagrado. São códigos que os olhos comuns não são capazes de decifrar. Representam uma parcela das linguagens de terreiro. No terreirão, a partir dos gestos e dos símbolos, o sagrado se manifesta diante dos nossos olhos.

No centro da construção está o corpo, que enquanto fronteira do humano e divino, corpovivifica o sagrado. Possibilita o contato com diferentes memórias de existência, energias vitais, sujeitos, tempos e espaço. Se encantam à medida que as entidades dançam, cantam, rompiam, saltam, se jogam ao chão, abençoam, bradam e falam. Ampliam e ressignificam os gestos, transformam. Os limites físicos se diluem: os gestos inauguram possibilidades de existência para além do que o corpo físico é capaz de mostrar. Vê-se arcos, flechas, matas, cobras, rios, pedreiras, pássaros. Vê-se para além do que é mostrado. Vê-se o corpo encantado.

O corpo não é apenas um recipiente passivo, mas um agente ativo na construção desse espaço de encantamento: terreirão. Através dele as entidades se comunicam, compartilham segredos, dão ensinamentos, manipulam energias e transmitem seus conhecimentos. Portanto aquele que buscar o corpo cotidiano, habitual dificilmente irá encontrar.

As linguagens corporais assumidas dentro do terreiro estão voltadas a comunicação com o sagrado, são a expressão das energias que permeiam o espaço e são porta voz das entidades (in)corporadas. Os gestos se tornam narrativas silenciosas das falas enunciadas pelas caboclas e caboclos que, através do transe, tecem histórias e saberes ancestrais. Expressam a identidade de cada entidade (in)corporada. Cada movimento das mãos, dos pés, do corpo como um todo; cada gestualidade, balancear, pisar, girar, é uma mensagem, uma palavra lançada ao espaço. Eles escondem nas entrelinhas a individualidade de cada entidade, expressam segredos e guardam mistérios do plano invisível.

Dentro do terreirão, os gestos se fundem aos símbolos, criando uma linguagem própria de terreiro. As folhas, os ramos, as velas, os pontos riscados, o descarrego, a água, todos

os elementos presentes na gira além de carregarem e energia da natureza e serem expressões da força dos orixás, possuem significados únicos e são transmutados pela força da entidade que manipula. São apenas objetos e elementos ritualísticos, são portadoras de energias sutis, de segredos e sabedorias ancestrais. Cada símbolo carrega consigo um universo vasto de significados expressos e ocultos. São portas para o infinito. Por meio dos símbolos e dos gestos são abertos portais entre o plano visível (terreno, dos objetos e dos materiais) e o plano invisível (sagrado, energias) para que o divino se manifeste. Cada traço, cada curva, cada erva e sua quantidade, cada combinação, cada vela firmada, ponto cantado, oração feita, traçam e expressam a comunicação entre os planos de existência. Cada símbolo ecoa uma tradição, um ancestral, uma expressão do sagrado. Neles estão guardados memórias e segredos, são a expressão concreta do sagrado.

Dentro do universo simbólico, ambos se complementam e se retroalimentam. Os gestos trazem significação aos símbolos transformando em ações rituais. Os símbolos, por sua vez, conferem aos gestos um significado mais profundo, ampliam as energias trabalhadas, conecta-se a tradição e expressa o sagrado.

No que confere ao corpo pode-se entendê-lo a partir de duas perspectivas: a linguagem (oralidade) e a performance. A linguagem é um recurso muito utilizado na Umbanda. Por meio dela é que entidades cantam, conversam, rezam e escutam. A comunicação entre consulência e entidade ocorre de forma direta. Ela é carregada de simbolismos próprios das entidades que (in)corporam e que permeiam a prática de terreiro.

Seu vocabulário é quase o mesmo da língua de santo (repertório que mescla iorubá, línguas bantas, assim como outras línguas africanas, e o português), com a especificidade de alguns termos indígenas, sobretudo do tronco tupi-guarani. Durante os transes, é comum que murmurem ou gritem onomatopeias, além de outros sons remissivos a animais ou fenômenos naturais, como assobios. Alguns religiosos creem que se comunicam assim quando mobilizam a língua dos animais, das plantas, das águas, numa inegável referência aos trânsitos e práticas xamânicas (SANTOS e HOSHIRO, 2020, p. 394).

Apesar da crescente disponibilidade de informação por meio de publicação literária, de pesquisas acadêmicas, palestras, aulas, etc., a respeito da prática e teoria umbandista, a oralidade ainda é o principalmente meio de transmissão de conhecimentos. Além disso, nem tudo o que permeia a prática de terreiro é possível de ser repassado por meio desses canais citados. Há saberes que somente com a vivência serão capazes de serem acessados. Nesses territórios conjuntos de expressões e frases são repassados, mantidos e expressam o contexto

religioso. São consideradas linguagens sagradas capaz de conectar, comunicar, chamar e encantar.

Expressam, também, a preservação da tradição. Muitas bibliografias que se dispõem a discutir os saberes que permeiam estes territórios tentam, em maior ou menor percentual, sistematizar os conhecimentos e as práticas de terreiro. Porém, ainda que as práticas e os conhecimentos possuam certa proximidade, são únicas. A linguagem representa a cultura a identidade de cada terreitório. “De acordo com Silva, ‘o conhecimento nestas religiões enfatiza sobretudo os contextos performáticos da fala: quem fala, para quem se fala, o que, quando e onde se fala’” (SILVA, 2010, p. 274 apud SANTOS e HOSHIRO, 2020, p. 396).

São vários os recursos linguísticos utilizados pelas caboclas e caboclos para se comunicar, a comunicação de terreiro vai além da palavra verbalizada. Seu conhecimento é demonstrado pela vastidão de palavras/termos que utiliza, pelas entonações, sonoridades, recursos sonoros, entre outros. A fala revela o secreto que é sagrado e ao mesmo tempo interpela o interlocutor a conectar com outras formas de conhecimentos. O que parece ser um simples som é carregado de potência.

Junto as palavras, as rezas e cantos, a entonação, os padrões rítmicos e melódicos tem um profundo impacto. Auxiliam a criar uma atmosfera ritualística, ampliam a energia que compõe o espaço, os elementos e a própria consulência.

Já a performance é uma dimensão visual e física. Ela muitas vezes indica a entidade in(corporada), pode sinalizar a linha de trabalho, como também rebusca a noção de arquétipo. Engloba gestos, movimentos, danças e expressões faciais que diferem de acordo com cada entidade ao mesmo tempo que identifica qual linha será (in)corporada. Ela se manifesta, principalmente, na (in)corporação.

Através das performances e das linguagens, são feitas referência a identidade da entidade, permitindo que sejam reconhecidos aspectos de seu trabalho. É o que também afirma o pai de santo (2022) em entrevista ao ser questionado sobre como é possível reconhecer que a (in)corporação é de caboclo: *“São as características físicas, que é o jeito de incorporar, o jeito de falar, e o jeito peculiar de conduzir a falar, conduzir a energia e a fala. São pelo menos esses três pilares que são mais característicos. Porque cada um tem sua característica, é o jeito de andar, o jeito de incorporar, desincorporar, o jeito de falar”* (Pai de Santo, 2022).

No corpo, pela (in)corporação, são carregadas histórias da humanidade, de diferentes tradições, lugares, tempos, vivências, sabedorias, entre outros. Ouvimos, cantamos, dançamos

o que nem sabemos existir. São mitos, narrativas, rezas, danças que vivem no corpo a partir dos encontros e (re)encontros com as diferentes existências acessadas por meio da (in)corporação.

O compromisso com o sagrado situa-se pela necessidade de pertencer a um mundo maior do que o aparente, de conviver com o cosmo, com a grande roda do mundo. Impelido pela devoção ao santo, entidade ou orixá o corpo realiza a memória afetiva, elaborando representações simbólicas [...] (RODRIGUES, 2018, p. 37).

À medida que o corpo se torna espaço de simbolização e pertencimento das tradições ancestrais, ele também se torna um repositório de segredos sagrados. Os gestos são expressões silenciosas que expressam o elo entre o humano e o divino. Os símbolos nos conectam com as memórias, os ritos, os segredos que perpetuam a tradição. Eles são expressões tangíveis da manifestação do sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouça no vento
 O soluço do arbusto:
 É o sopro dos antepassados.
 Nossos mortos não partiram.
 Estão na densa sombra.
 Os mortos não estão sobre a terra.
 Estão na árvore que se agita,
 Na madeira que geme,
 Estão na água que flui,
 Na água que dorme,
 Estão na cabana, na multidão;
 Os mortos não morreram...
 Nossos mortos não partiram:
 Estão no ventre da mulher
 No vagido do bebê
 E no tronco que queima.
 Os mortos não estão sobre a terra:
 Estão no fogo que se apaga,
 Nas plantas que choram,
 Na rocha que geme,
 Estão na casa.
 Nossos mortos não morreram.

Ismael Birago Diop. **Ancestralidade.**

Nos chãos dos terreiros, nos corpos em transe, em cada gesto e símbolo, em cada folha, a morte é transgredida. Em seus interiores, a cada materialidade e sujeito, mistérios sagrados são redescobertos. A Umbanda reconhece o elo divino nas forças da natureza e em tudo o que compõe e permeia a vida. A fala, o gesto, o canto, as folhas, as águas, entre outros, são formas de encantamento e meios de encantar. (In)corporar nesses territórios é materializar ou corpovivificar a ancestralidade.

Esta pesquisa nunca teve o intuito de esgotar as reflexões sobre Umbanda, (in)corporação, caboclas, caboclos e o corpo. Mesmo que muitos pesquisadores e praticantes – e mesmo que eu ocupe ambos os lugares – se proponham a discutir o mesmo assunto, muitas serão as visões e reflexões. Talvez seja esta a maior riqueza das práticas religiosas afro-brasileiras: não há uma verdade única, pronta e acabada. Antes, elas expressam uma rica e variada visão de mundo, possibilidades de existência e maneiras de ser, estar e fazer. Em cada terreiro, encontramos uma identidade. Aqueles que tentarem, seja por qualquer razão, olhá-los sob uma única lente perderão toda a riqueza das diversidades que pulsam nos corpos, territórios e sujeitos que compõem os terreiros.

Como bem nos ensina Krenak (2020a), para algumas pessoas não haveria sentido na vida se não pudessem ser informadas por sonhos, pelos cantos, por outras existências. Na perspectiva umbandista, ou melhor, para as religiões afro-brasileiras, abdicar do transe seria renunciar a lugares de memória, de ancestralidade, de outros mundos, tempos e saberes. Não estão interessados na conversão, mas em (in)corporar as sabedorias reveladas/compartilhadas pelo transe.

Nesta pesquisa, optei em traçar um caminho reflexivo que foi de questões mais amplas à relação subjetiva com a identidade do terreiro onde ocorreu a coabitação. Os saberes dos terreiros são muitos e diversos. Baseiam-se na experiência, no repasse dos saberes de forma vivenciada e no aprendizado a partir da prática de terreiro direta. Os cruzamentos religiosos que ocorrem na Umbanda moldaram as práticas religiosas e resultaram em uma religião mais ou menos ocidentalizada. Porém, os saberes dos terreiros são diversos.

Como bem pontuou meu orientador, Miguel Rodrigues de Sousa Neto, esta pesquisa não se enquadra enquanto pesquisa de dança, tampouco é uma pesquisa histórica. Da mesma forma, não se trata de uma pesquisa de cunho religioso que prega o proselitismo, mas está na encruzilhada dos saberes, das possibilidades, das existências e das discussões.

Num primeiro momento, foi preciso terreirizar-se, apresentando alguns aspectos relacionados à territorialidade, às materialidades, à conceitualização da Umbanda a partir de uma perspectiva histórica e como o terreiro se constitui terreitório: território do encantamento. Também foi apresentado o Templo de Umbanda Pai Oxalá e sua identidade como terreiro, a partir dos elementos que o compõem.

A experiência de terreiro é, por si só, anticolonial, política, transformadora e revolucionária. São lugares inventivos, de sustentação e permanência, que desafiam as estruturas coloniais e resistem às opressões.

Além disso, o corpo desempenha um papel fundamental nessa discussão. Logun Edé trouxe à tona aspectos importantes para contemplar o corpo como uma dualidade de existência. A perspectiva de Logun Edé nos permite vislumbrar encontros que, sob a influência da colonialidade, não seriam possíveis.

Esta reflexão atravessou questões relacionadas ao corpo do terreiro, que serve como uma fronteira entre o divino e o humano, um corpo que transcende sua mera biologia. Destacou-se, portanto, um aspecto crucial para a concretização das práticas ritualísticas das religiões de matriz afro-brasileira: a (in)corporação. É através do corpo e nele que o sagrado se torna perceptível, assumindo diferentes significados de acordo com as relações estabelecidas. O

corpo possui sua própria linguagem, sendo simultaneamente performático e simbólico. Dessa forma, consideramos o corpo como o principal campo de discussão para compreender o terreiro e as complexas relações nele estabelecidas.

Assim, ao pesquisar o corpo a partir da (in)corporação, foi possível compreender a Umbanda em toda a sua multiplicidade e encantamento, revelando a riqueza e profundidade das práticas religiosas afro-brasileiras.

Para finalizar, partindo de Ossain e suas folhas encantadas, somos lembrados da fundamental importância dos elementos e materialidades para as religiões de matriz afro-brasileira. Assim, podemos afirmar que o encantamento é o cerne da Umbanda. Neste contexto, as caboclas e caboclos no terreiro de Umbanda surgem como protagonistas em duas esferas de discussão: a abordagem mais histórica e a orientada para a vivência e entrevistas no Templo de Umbanda Pai Oxalá. O encantamento se revela como um elemento norteador do capítulo, no qual discutimos a relevância dos gestos, dos símbolos e das folhas para a construção do território e para o trabalho das caboclas e caboclos.

Acredito que esta pesquisa desempenha um papel fundamental e significativo ao contribuir para os debates no âmbito acadêmico sobre os temas abordados, ampliando as abordagens e as formas de relacionar-se com os sujeitos e seus territórios. Ao abrir espaço para esses saberes, a academia se torna mais inclusiva e enriquece seu repertório de conhecimento. Os estudos culturais desempenham um papel crucial na construção de conhecimento, permitindo uma compreensão crítica e horizontal da sociedade. Isso viabiliza a inclusão de ideias, valores, conhecimentos e epistemologias historicamente subalternizadas e ancestrais em um ambiente que ainda se mantém profundamente ocidentalizado.

Além disso, considero imperativo que, em tempos nos quais ainda ocorrem atos de violência contra terreiros e a depredação de imagens e espaços sagrados, promovamos estudos e pesquisas que contribuam para o entendimento e a valorização das religiões afro-brasileiras. É crucial que reconheçamos a relevância desses saberes espirituais e que os integremos à sociedade de maneira respeitosa e inclusiva. Nos chãos dos terreiros e nas matas de aruanda, encontramos muitos "mestres e doutores" cujos conhecimentos poderosos são essenciais para enriquecer nossa sociedade. Que esta dissertação seja tão certa quanto as flechas das caboclas e caboclos, territorializando os espaços acadêmicos e encantando suas epistemologias.

Também contribui socialmente para o fortalecimento da religião, desmitificando alguns conceitos e contribuindo, mesmo que indiretamente, para a valorização e liberdade religiosa, ultrapassando o racismo, o preconceito, o ataque ao corpo, a diversidade de

manifestação e o silenciamento e apagamento de suas tradições. Ademais, possibilitou a ampliação de diálogo junto à comunidade. Ao abrir um espaço para a pluralidade de vozes e tradições religiosas, essa pesquisa ajuda a consolidar a liberdade religiosa como um direito fundamental de todos os cidadãos. Portanto, seu valor transcende as fronteiras da academia e se estende para a promoção de uma sociedade mais justa e respeitosa com a diversidade religiosa.

Além disso, é fundamental lembrar que a religião é um componente essencial da diversidade cultural do Brasil, e o respeito pela liberdade religiosa deve ser promovido em todos os níveis da sociedade. É um dever de todos, cidadãos e acadêmicos, defender o direito de cada indivíduo praticar sua fé sem discriminação ou preconceito. Em um mundo cada vez mais globalizado, compreender e celebrar as diversas tradições religiosas torna-se fundamental para promover a tolerância e a coexistência pacífica entre as diferentes comunidades que compõem nossa sociedade diversificada.

O corpo de terreiro, plural, encantado, divinizado, coabitado pela ancestralidade, vai de encontro à lógica perversa do Ocidente, que tenta reduzir tudo a frieza das máquinas e da mercadoria. O território sagrado do terreiro amplia e enriquece nossas experiências de ser, estar e fazer no mundo. Somos atravessados por múltiplos saberes, valores, epistemologias e vibrações que mantêm nossos fundamentos vivos. Ensinam os antigos, “quem não tem mandinga, não carrega patuá”, enfatizando que aqueles que não se permitem ser descolonizados nunca compreenderão o que é ser de terreiro. Portanto, a pesquisa também destaca a importância da espiritualidade como uma dimensão valiosa da nossa identidade coletiva e individual, que deve ser respeitada e valorizada na sociedade contemporânea.

Por esta razão, entendo que ser de Umbanda, de Candomblé, de Macumba, de qualquer religiosidade afro-brasileira, é antes de tudo uma tomada de posição política. Não é fácil afirmar nossa fé num mundo em que ainda há tanta violência e opressão contra nós; é ainda menos fácil manter ativo um terreiro: a resistência é constante – é o símbolo mais potente que se possa entender como sobreviventes.

A violência se expressa em múltiplas dimensões: física, econômica, jurídica, simbólica, cultural, epistemológica. Porém, quem é do axé sabe a alegria que é comer, beber e dançar junto de nossos ancestrais.

Além disso, é importante destacar que as religiões afro-brasileiras desempenham um papel fundamental na preservação das tradições e na resistência contra as opressões históricas

que ainda persistem. A luta é contínua, mas a celebração da cultura e espiritualidade afro-brasileira é um ato de resistência por si só.

Que outros trabalhos e pesquisas se somem a esta. Que nossos pontos sejam cantados e riscados, que os tambores continuem a sustentar nossa vida marcando o ritmo e encantando corpos. Que nossos corpos continuem sendo divinizados pela força mágica e sagrada das caboclas e caboclos. Que as folhas continuem a curar, ensinar, limpar e encantar nossos dias. Que as velas continuem a firmar nossa vida, nossas rezas, nossos pontos.

Que os corpos (in)corporados que gargalham, dançam, fazem benzeduras, bradam, encantam folhas pratiquem sempre o descarrego colonial e dos kumbas que ainda alimentam os preconceitos que sustentam as relações sociais.

E que cada pessoa tenha o direito de explorar sua espiritualidade e encontrar seu lugar de pertencimento, seja através da religião ou de outras formas de conexão espiritual. A celebração da vida e a busca pelo sagrado são direitos fundamentais que devem ser respeitados e promovidos em uma sociedade diversa e inclusiva. Salve sua banda⁵⁹!

⁵⁹ Cumprimento na Umbanda que tem como propósito saudar a pessoa ou entidade em sua linha de trabalho. Pode ser compreendido como “Salve seu lado” ou “Salve a sua crença”.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. – 19. ed. – São Paulo: Saraiva, 2009.

BAHIA, Defensoria Pública do Estado da. **Direitos das Religiões Afro-brasileiras: Um povo, várias crenças**. Salvador: Defensoria Pública do Estado da Bahia, 2016. 36pp.: Il color. 1. Cartilha Religiões Afro-brasileiras. I. Defensoria Pública do Estado da Bahia.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio; SANTOS, Kelly Queiroz dos. Corpo que é, fala, sente, dança. **Cadernos de estudos culturais**. Campo Grande, MS. v. 1. p. 157-178. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13024/9037>. Acessado em 11 de set. 2023.

BHABHA, Home K.. “Introdução – Locais da cultura”. In: . **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 4ª Reimpressão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. Capítulo III – Do epistemicídio. In: _____. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 96-123.

CARVALHO, J. J. de. ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, ano 14, vol. 2 (1), p. 39-76, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/viewFile/23675/19331>. Acessado em 4 de ago. 2023.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialidade**. Tradução Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

CONSTANTINO, Thaís Monique Batista; NETO, Miguel Rodrigues de Sousa. (IN)CORPORAÇÃO: HUMANO E DIVINO NO CORPO MÍTICO... In: **Anais do Congresso Internacional de Estudos das Diferenças & Alteridade**. Anais...São Paulo(SP) Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo, 2021. Disponível em: [https://www.even3.com.br/anais/congressoestudosculturais2021/368585-\(IN\)CORPORACAO--HUMANO-E-DIVINO-NO-CORPO-MITICO](https://www.even3.com.br/anais/congressoestudosculturais2021/368585-(IN)CORPORACAO--HUMANO-E-DIVINO-NO-CORPO-MITICO). Acesso em: 01 mai. 2022.

CORREIA, Paulo Petronilio. Corpo-transe no Candomblé: performance e cotidiano. **ARTEFACTUM – Revista de estudos me linguagens e tecnologia**. v. 8, n.1. 2014. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/247/0> Acessado em 18 de jun. 2023.

DANTAS, Mônica Fagundes. **O enigma do movimento**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

DIOP, Ismael Birago. Ancestralidade. In: MARIANO, Fábio. **Necro Relatos**. 28 mar. 2018. Disponível em: <https://estoriasemcontos.blogspot.com/2012/08/ancestralidade-birago-diop.html> . Acesso em 01 de ago. 2021.

DRAVET, Florence. O imaginário ou a comunicação entre corpo e linguagem: problematização do fenômeno da incorporação no Brasil. **Conexão – Comunicação e Cultura, UCS**. Caxias do Sul – v. 15. n. 30. jul./dez. 2016, p. 287 – 306. DOI: 10.18226/21782687.v15.n30.13. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319696096_O_IMAGINARIO_OU_A_COMUNICACAO_ENTRE_CORPO_E_LINGUAGEM_PROBLEMATIZACAO_DO_FENOMENO_DA_INCORPORACAO_NO_BRASIL . Acessado em 13 de ago. 2023.

FERNANDES, Saulo Conde. Salvos por Cacique Tartaruga: Memória, História e Mito na Umbanda de Campo Grande-MS. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº7 jul-dez, 2014. p.61-82. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/511/352>. Acessado em 10 de abr. 2022.

GONÇALVES, C. B; LOURENÇO, R. Missão Evangélica Caiuá: um ideário de fé e “civilização” nos “confins” de Mato Grosso (1929-1970). **In: CHAMORRO, G; COMBÈS, I. Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. p. 571-586.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

LARANJEIRA, G. C; RIOS, A. M. G. Incorporação: quando o corpo é templo. **Caminhos**. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 109-122, jan./jun. 2019. DOI: 10.18224/cam.v17i1.6807. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6807> . Acessado 15 de ago. 2023.

MARTINS, M. **Dança popular: espetáculo e devoção**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

MATOS, Rafael Mascarenhas. **Nas encruzilhadas do axé**: experiências e representações de gênero e sexualidade em um terreiro de candomblé angola no centro-oeste brasileiro. Fev. 2022. Dissertação. Mestrado em Estudos Culturais. Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais do Campus de Aquidauana da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana, MS.

MEIHY, Murilo; FREITAS, Eduardo. **O jardim de Ossain no reino de Orunmilá**. São Paulo: Arole Cultural, 2021.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>. Acessado em 30 ago. 2023.

PINTO, Altair (org). **Dicionário da Umbanda**. [s.l.]: Editora Eco, 2007.

PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o tempo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 4, 2001. p. 1-25. DOI: 10.1590/S0102-69092001000300003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BZgDYKY47Nn3gdPDwRTzCLf/>. Acessado em 22 de out. 2023.

PREVITALLI, Ivete Miranda. Reflexões sobre a hibridização, sincretismo e tradução no candomblé Angola paulista. **Ponto-e-Vírgula**. Revista de Ciências Sociais. 2013. p. 21-40. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/download/22435/16291/57594>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RODRIGUES, G. E. F. **Bailarino-pesquisador-intérprete: processo de formação**. Lauro de Freitas, BA: Solisluna, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SÁ JUNIOR, Mario Teixeira; NOGUEIRA, Léo Carrer; FERNANDES, Saulo Conde (orgs.). Religiões **Afro-brasileiras**: múltiplos olhares no Centro-oeste. São Paulo: Arché. 2019.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpos-passagens. In: _____. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANTINHO, G. D. D. S. **O corpo mitológico na dança: quando o mito atravessa o corpo**. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos Santos. Corpo e Ancestralidade; ressignificação de uma herança cultural. **Portal Abrace**. s.d. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vcongresso/textos/pesquisadanca/Inaicyra%20Falcão%20dos%20Santos%20-%20Corpo%20e%20Ancestralidade%20ressignificacao%20de%20uma%20heranca%20cultural.pdf> . Acessado em 30 de ago. 2023.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. Corpo e Ancestralidade: tradição e criação nas Artes Cênicas. **Rebento**. São Paulo. n. 6. p. 99-113, mai. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/148> . Acessado em 30 de ago. 2023.

SANTOS, Mauricio dos Santos; HOSHINO, Thiago de Azevedo Pinheiro. Sotaques e sintaxes: acentuando o falar caboclo nas religiões afro-brasileiras. **Afro-Ásia**. n. 62, 2020. p. 391- 15. DOI: 10.9771/aa.v0i62.35680. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/35680>. Acessado em 3 de set. 2023.

SANTOS, S. Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Fogo no mato** – a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas**: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre a política da vida**. Rio de Janeiro, Mórula, 2020.

STEVANIM, Luiz Felipe Ferreira. **Terreiro de caboclo**: a raiz indígena na Umbanda. Porto Alegre: BesouroBox, 2021.

UMBANDA COM SIMPLICIDADE. **A poesia das entidades**. Campo Grande, 13 ago. 2021. Instagram: @Umbandacomsimplicidade. Disponível em: A POESIA DAS ENTIDADES Uma vez Pai Guiné, dando-me uma importante lição sobre a necessidade de paciência, disse-me: “o fruto que se come... | Instagram. Acessado em: 10 nov. 2022.

UMBANDA COM SIMPLICIDADE. **A Umbanda não é pura!** Campo Grande, 28 mar. 2022a. Instagram: @Umbandacomsimplicidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbpW09sOzO9/> . Acessado em 22 out. 2022.

UMBANDA COM SIMPLICIDADE. **Como estudar a Umbanda dentro do terreiro**. Campo Grande, 7 set. 2022b. Instagram: @Umbandacomsimplicidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CiNNLihAaVY/> . Acessado em 22 out. 2022.

UMBANDA COM SIMPLICIDADE. **O que é a Umbanda?** Campo Grande, 8 jul. 2022c. Instagram: @Umbandacomsimplicidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CfwAa2ZAJT8/> . Acessado em 22 out. 2022.

UMBANDA COM SIMPLICIDADE. **O racismo é um problema dos umbandistas também**. Campo Grande, 28 mar. 2022d. Instagram: @Umbandacomsimplicidade. Disponível em: <https://www.instagram.com/Umbandacomsimplicidade/>. Acessado em: 04 jul. 2021.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Ewé**: o uso das plantas na sociedade iorubá. Odebrecht; São Paulo: Editora Schwarcz, [1995?].

ANEXOS I

ENTREVISTA I

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Diego Pimentel

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 31

3. Profissão: Estudante

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

() ensino superior completo

(X) pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: () Mulher cisgênero heterossexual

(X) Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

() Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

() Travesti

() Pessoa intersexo

() Pessoa não-binária

() Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: *Praticamente 10 anos.*

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Sim, fui evangélico. Pertenci, não pertenço mais. Foi... na infância, praticamente uns 7 anos.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

Sim, minha família toda é evangélica.

9. Tempo em pertence ao templo religioso: *8 anos.*

10. Ocupação no templo religioso: *Sou médium de incorporação.*

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclas e caboclos):

Eu trabalho principalmente com 7 Flechas. Também, eventualmente, também trabalho com o Caboclo da Pedra Verde. E Caboclo Ogum Beira-Mar, eventualmente.

12. Qual o seu guia de frente?

Pai Guiné. Ele é a entidade que tá mais próxima de mim. Antes mesmo de eu conhecer a Umbanda e desenvolver a mediunidade, eu já tinha contato com ele. Através da intuição, através de uma voz que eu escutava em momentos chaves da minha vida, através de sinais da natureza, por exemplo via nuvens no Ceú que induziam ideias e informações. Formatos de árvores, de plantas, que traziam conhecimento e sabedoria, que mais para frente eu senti era ele que desde o começo estava me acompanhando. Então é aquele que tá mais perto de mim, foi o primeiro que desenvolvi, no começo era só preto velho que eu desenvolvia e aquele que comanda a minha mediunidade. Para qualquer outro guia ter autorização para se manifestar tem que ter autorização do Pai Guiné. No momento de dúvida é ao Pai Guiné que eu tenho que recorrer.

13. Como foi sua chegada na religião?

A princípio foi por curiosidade, mas hoje olhando para trás eu sinto que inconscientemente eu recebi um chamado. Eu saí da igreja evangélica e fiquei alguns anos sem nenhuma religião. Mas eu não era ateu, eu simplesmente me desacreditei, me desencantei da igreja evangélica, e não procurei nada. Fiz a faculdade Ciência Sociais que fez eu reconstruir e reelaborar muitos conceitos existenciais de como eu pensava o que eu sou, a vida, a sociedade, a religião, de tudo que vivia. E ao mesmo tempo me envolvi com militância política. E neste tempo comecei a sentir sentimento de estar perdido, de estar vazio, de estar desorientado da vida. Tinha um amigo meu, uns médiuns da casa da Umbanda e ele me falou da religião sem nem nunca ter feito nenhum tipo de pregação. E eu despertei a curiosidade de participar. Nessa época eu já frequentava a Capoeira Angola fazia dois anos, e na Capoeira Angola, que acredito que é um fenômeno cultural muito próximo da Umbanda, eu já sentia energia, já sentia algo mais forte do que mim, já sentia um chamado à ancestralidade. Já vinha mensagens que eu acredito que tenha vindo lá de uma vida passada e também lá tinha entrado em contato com um tipo de conhecimento, de lógica que era afrocentrada, afro-brasileira. E tudo isso me levou a querer procurar a Umbanda. Eu fui, eu lembro que estranhei quando cheguei e vi, tinha um “Pai Nosso”, tinha imagens católicas. Porque eu não conhecia nada, imaginava que ia ser algo do que eu idealizava que era uma religião afro. Não senti nada na hora, mas por exemplo tomei um passe, quando era 11h, meia noite, na casa de um amigo, que eu comecei a sentir uma sensação de paz muito grande que veio do nada. E eu não sei por que, eu voltei algumas vezes depois. Fiquei vários meses indo sem saber porque, algo levava a ir para lá. Demorei vários meses, quase 1 ano, para eu tomar consciência que eu queria seguir o caminho da Umbanda.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Continuando a história que eu disse na última pergunta, eu frequentei como consulente por muitos anos, por cerca de dois anos, primeiramente eu não tinha nenhuma ligação emocional, eu não falava para mim “eu sou umbandista”. Foi algo meio que gradual até eu tomar esta identidade para mim, até o momento em me vi encantado, apaixonado pela Umbanda, quando despertou muito a vontade de aprofunda nisso. Então comecei muito a me interessar por estudar, eu lia muito, eu assistia muito vídeo na internet sobre isso, eu tinha alguns amigos que estavam na mesma posição que eu, de consulentes que estavam interessados em entrar, a gente estava meio que viciado, a gente falava o tempo todo sobre Umbanda. E junto com isso a minha mediunidade começou a despertar, a mediunidade de incorporação. Porque eu tinha mediunidade de clariaudiência de intuição, que eu conhecia ouvir na minha cabeça uma voz de ensinamento, mas incorporação começou a se mostrar de uma forma bem devagar. Primeira como uma leve vibração, depois como uma meia incorporação, com o corpo tomando forma, até que eu tive uma incorporação de fato. Depois que eu tive as minhas primeiras incorporações como consulente algumas entidades me convidaram a trabalhar na casa. Eu lembro que uma delas fez o convite e falou para eu pensar. Eu fiquei uma semana pensando, refletindo, até eu tomar a decisão de entrar na casa. Então eu solicitei a entrada, no Pai Oxalá a gente tem que preencher uma ficha. Eu lembro que foi muito demorado para conseguir essa ficha, demorou vários meses, eu quase desisti, quando eu falei, porque toda semana eu pedia, pedia, não tava pronta, não estava impressa essa ficha. Na hora que eu falei “não vou mais pedir, chega”, daí a cambone chefe, a Cris entregou para mim sem eu pedir. Depois que eu preenchi a ficha e entreguei, teve outro período de grande espera, tive que esperar vários meses, tive que fazer 3 palestras, tive que fazer uma entrevista, eu sei que ao todo, para eu vestir o branco e entrar na casa levou 8 meses. Eu lembro que foi muito interessante porque na gira

antes de eu entrar na casa, eu tomei passe com o Exu da mãe Jandira e ela, sem eu falar que ia entrar, ela falou “seja bem-vindo, vai começar uma nova fase para você, me recebeu, me acolher naquele momento.” Foi muito bonito, e com isso entrei na casa.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

A incorporação é o momento em que a gente tem a oportunidade de entrar em contato íntimo com as entidades. Sempre penso que uma intimidade tão grande quanto a gente tem com um namorado, com parceiro nosso, sem a questão do lado sexual, mas é um nível de intimidade muito grande. Que você sente a entidade por dentro de você e te envolvendo como um todo. A incorporação é este encontro que a gente tem com os guias espirituais. Eles já estão nos acompanhando desde que a gente nasceu, mas naquele momento há uma oportunidade de sentir de forma muito intensa, quase como se tornasse tangível, concreto. E com isso, uma jornada, um processo interno de desenvolvimento pessoal que também é emocional, que também é espiritual. E ao mesmo tempo a incorporação é a oportunidade de acolher todos os que buscam ajuda. O terreiro e a Umbanda nos ajudou, nos acolheu quando precisou, e no momento que a gente a gente se tornou mais maduro, que a gente tem mais condições, a gente se torna um que vai poder ajudar as outras pessoas, que vai poder acolher, poder levar sabedoria, uma harmonização, um descarrego, um processo de cura. É uma oportunidade de ajudar, e nesse movimento, trazer significado para nossa vida, de trazer sentido. Tem aquela pergunta: “qual o sentido da vida?”, não acredito em uma resposta única, mas pela incorporação a gente tem uma dessas respostas, que é eu ser um elo com a espiritualidade. Que me ajuda e me torna um instrumento para ajudar tantos que precisam naquele momento.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

A incorporação pode ser um tratamento pessoal para nós. Quando a mediunidade começa a despertar, mesmo fora do terreiro, a gente como a passar por uma série de desequilíbrios na nossa vida, eu por exemplo, tinha uma sensibilidade que não tinha controle. Eu lembro, por exemplo, de uma pessoa que eu me relacionei por um breve momento, me olhou com uma cara feia, com um sentimento muito ruim, aquilo me atingiu e me abalou por muito tempo. Então a gente tem uma série de sintomas, alguns desagradáveis, e a incorporação pode ser uma forma de tratar isso pessoalmente. A incorporação também pode ser uma fonte de sabedoria, de orientação para nossa vida. É um oráculo pessoal, na medida em que eu converso com a minha entidade, e um oráculo coletivo, na medida em que outras entidades conversam com eles. A incorporação é também uma forma de exercer a espiritualidade, cultivar a espiritualidade. Eu tenho uma visão um pouco universalista de Deus e das religiões, eu acredito que Deus está em todas as religiões, mas se apresenta particular local a cada grupo e cada religião. E na Umbanda, a incorporação é a nossa forma local de se conectar com Deus, de se conectar com o divino. A incorporação é também uma forma de cumprir uma missão espiritual, na medida em que acredito, antes mesmo de eu encarnar eu já tinha a possibilidade e a potência de ser médium. Que este caminho já estava traçado para mim, embora não seja, não era obrigado a seguir este caminho, mas era um caminho que já estava aberto para mim. E na medida em que eu exerço a mediunidade eu me realizo enquanto pessoa, enquanto médium, me realiza enquanto missão espiritual. E a mediunidade é uma forma de exercer a caridade, não só no sentido individual, no sentido de assistencialismo, de dar esmolas, mas no sentido de que estamos numa comunidade, e dentro dessa comunidade, enquanto médium de incorporação, eu tenho um papel, uma posição, eu posso... eu não, as entidades que se manifestam através do meu corpo podem prestar auxílio a quem procura, seja levar um palavra, um consolo, uma sabedoria, uma orientação, seja curar, abrir caminho, libertar, descarregar, seja este processo, estes objetivos que falei anteriormente, cumprir missão, se desenvolver emocionalmente, se tratar. As entidades podem iniciar este passo para os outros, depois eles seguirão sozinhas, mas este primeiro momento incorporação pode fazer isso.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Sim. Isso vai depender de cada linha, no meu caso eu sempre fui um médium que teve um elevado grau de consciência, então nunca tive grandes fenômenos físicos dentro de mim. Mas quando é uma linha de caboclo eu sinto o meu peito crescer, estufar, uma sensação de poder. Quando eu trabalho com criança eu me sinto mais leve, eu sinto menos controle sobre o meu corpo. Quanto é preto velho eu sinto o meu

corpo enrijecido, como se eu tivesse menos liberdade de movimento, como se tivesse mais travado naquele trejeito próprio do preto velho. Eu posso sentir minhas mãos energizadas, como se energias saíssem através dela. A face do meu rosto, ele muda. Eu descubro que a minha expressão facial, o mais comum, o padrão que ele fica, não é uma coisa natural minha, mas o que eu desenvolvi ao longo da minha história. E há outras possibilidades de expressões faciais que na incorporação ela se manifesta. A voz altera, o timbre, o jeito de falar, às vezes sem eu perceber. Eu sinto em todas as entidades, antes delas incorporarem, eu sinto a aproximação através da minha mão direta, como se ela começasse a tremer. Por exemplo, na questão eu sinto normalmente a energia na mão direta, ela subindo, ela vai crescendo até que chega uma hora que eu não resisto mais, eu sinto como se fosse uma explosão e é quando o corpo toma a forma do caboclo.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Sim, eu sinto primeiramente a entidade, como se ela estivesse logo atrás de mim. E fosse maior do que eu, e durante os atendimentos das entidades, elas recorrem às diferentes energias dos Orixás, que também são divindades. Então o meu caboclo pode cantar e chamar por Ogum, e Oxum, por Obaluê, e essas energias passam por mim, passam pelo meu corpo para chegar a quem precisa.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

Primeira, é preciso sacrifício e disciplina. Eu preciso ter certeza que segunda e sexta eu vou ter esses horários disponíveis pro terreiro. Se for para não é, é quando não posso mesmo. Não posso me dar ao luxo de “hoje eu to com preguiça, não vou, hoje eu quero ir para a festa”. Então eu sei que eu tenho este compromisso que eu aceite. Então o médium de incorporação é um sacrifício. Inclusive em já tive brigas em relacionamentos anteriores com pessoas que não aceitavam que segunda e sexta eu estava sempre no terreiro. Eu fui até chamado de fanático por causa disso. Eu também tenho que cumprir preceito, neste dia que eu vou trabalhar eu não posso beber, eu não posso ter relações sexuais, eu não posso comer carne, eu tenho que me preparar mentalmente e emocionalmente para isso. Além desses dois dias eu sei que a qualquer momento o meu pai de santo pode me chamar para ajudar ele em algum trabalho. Já aconteceu, quando eu menos esperava, tive que ir no terreiro, tive que ir na casa de alguém participar de alguma ajuda. Ser médium é também preciso me proteger espiritual e energeticamente. Por eu ser médium eu tenho uma abertura maior para o astral. As energias circulam sobre isso altera o meu humor, o meu emocional, então eu tenho que estar sempre vigilante para não ser influenciado por energias e presenças negativas, para eu me manter conectado com as entidades, com os orixás, com a espiritualidade superior, para manter uma energia firme e forte. Eu por ser médium de incorporação, por ser um dos médiuns mais velhos da casa, por ser parte de uma casa que é referência como o Templo de Umbanda Pai Oxalá, eu tenho que ser sempre o exemplo, ter uma postura moral onde quer que eu esteja, Se eu for em qualquer lugar e fizer uma besteira e ser reconhecido como médium do Pai Oxalá, isto vai afetar não só a minha imagem, como a imagem do Pai Oxalá e da Umbanda como um todo, então eu tenho que ser um exemplo.

Eu estava falando mais do que ele exige, né. Ser médium exige eu estar me preparando, me aperfeiçoando. Eu procuro estudar sempre, meditar, orar, tomar banho de ervas, fazer firmeza. Tem um lado que é muito bom nisso, eu aprendo muito e eu adquiro muita sabedoria. Eu expando a minha consciência, não numa coisa vertical, mas horizontal, num patamar que eu nem imaginava. Ela me traz conhecimento o tempo todo. Eu me sinto amparado, protegido e acolhido pelas entidades que me acompanham. Então, eu posso estar num momento que sinto uma tristeza muito grande, mas neste é quando eu sinto um abraço das entidades que me acompanham, colo, um carinho, um palavra me lembrar que eu não estou sozinho, que a dor não vai durar para sempre, que eles estão do meu lado. Ser médium de incorporação é também me sentir realizado toda semana, por mais que seja difícil que seja trabalhar, às vezes você está cansado, com preguiça, indisposição, mas você vai lá e fica 5 horas em pé, cansa muito, mas quando termina você se sente realizado, você diz “puxa! Que bom que eu fui lá, que bom que eu ajudei todas essas, quanto coisas eu aprendi, quantas coisas novas eu vi, isto é muito bom.” Isso realiza a gente, isso nossa vida de sentido, de alegria, de sorriso, de felicidade, de encantamento. E como médium de incorporação eu me sinto um porta-voz da sabedoria das entidades. O Pai Guiné tem todo um conjunto de sabedoria que tem me ensinado há muitas décadas e eu sinto como um portal que posso passar para frente esta sabedoria que me ajudou muito, assim como a

sabedoria de 7 Flechas, Treme Terra, 7 Caveiras, Pedrinho. Isto me traz muita realização e sentimento bom.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

A primeira característica é que foi muito lento, o desenvolvimento já é lento de uma geral, mas eu relação às outras pessoas foi muito lento. Desde o momento em que eu fui consulente, até o momento em que fui liberado para o atendimento foi uns 4 a 5 anos, e depois disso ainda muita coisa aconteceu. Comecei a desenvolver primeiro como um... no caso médium de incorporação, a outras já estavam presentes...como um médium de incorporação eu comecei no terreiro, eu sentia uma vibração muito leve. Eu lembro que a primeira menção a isso foi com o Caboclo Ventania, ele falou para mim “tá se aproximando de você um povo muito formoso”, antes disso ele tinha cantado para preto velho, e eu não entendi nada. Mas foi a partir desse dia que bem de leve, bem de leve, eu fui sentindo a energia de preto velho. Ele sempre cantava para preto velho. Depois de 1 ano sentindo essa vibração, teve um dia como consulente que eu tomei passe com o pai da casa, o Pena Branca, e quando o corpo meu corpo se encurvou ele tomou a forma de um preto velho. Depois entrei pro terreiro como cambone, eu camboneava. No final das giras, eu fazia questão de me consultar com uma entidade e incorporar. E com isso foi se desenvolvendo gradualmente. Foi um ano só recebendo preto velho, depois eu comecei a trabalhar com caboclo, demorou muito tempo para eu sentir segurança pro caboclo vir como ele vem hoje. Hoje ele se ajoelha no chão, bate o peito no peito, levanta o braço quando incorpora. Antes disso ele dava um leve encurvada e batida no peito, demorou muito tempo para ganhar essa confiança. Eu lembro que eu tinha muita insegurança, eu achava que tinha mediunidade menor do que os outros, porque eu via os outros se desenvolvendo muito mais rápido, e eu era direcionado a cambonear do que a incorporar. Eu vi gente que entrou junto comigo, e em pouco tempo, nas giras públicas, já era direcionado para incorporar desde o início, e eu era voltado para cambonear. Até que um dia eu estava firmando com o Caboclo 7 Flechas, e o Caboclo 7 Flechas me falou que o que eu já tinha naquele momento já era suficiente para ajudar, já era suficiente para trabalhar. Ele falou assim que a incorporação não era como um choque elétrico que quanto mais tremesse mais real era. Ele puxou a minha orelha, que eu estava esperando a entidade viesse de uma forma que meu corpo ia se mexer, que a entidade tivesse toda uma movimentação corporal que eu tivesse certeza que ela estava lá. E ele reforçou que eu não podia me apoiar emocionalmente nessas manifestações corporais para eu crer que eu já estava incorporado, que já era suficiente, foi quando eu ganhei confiança da minha própria mediunidade, da minha própria capacidade de ajudar os outros. E foi a partir disso que as coisas avançaram para frente, depois veio criança, depois veio exu, depois veio baiano, e depois de muitos anos que fui liberado para o atendimento, e depois de ser liberado para o atendimento minha mediunidade começou a desenvolver muito mais ainda, e muitas entidades e linhas começaram a se apresentar. O desenvolvimento nunca acaba, eu estou desenvolvendo, eu ainda estou aprendendo muito.

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

Eu ganhei mais confiança em mim mesmo, nas minhas próprias capacidades. Eu aceitei valores espiritualistas. Então eu estava antes de entrar no terreiro muito perdido, estava tacando “foda-se” para os valores hegemônicos, cristãos da sociedade. Com a incorporação, e não só com a incorporação, mas a vivência como um todo dentro da Umbanda comecei a aceitar esses valores. Eu lembro, por exemplo, estava lendo o Evangelho Segundo o Espiritismo, hoje eu já não sigo tanto o evangelho, sigo outros valores a partir do terreiro, mas na época foi muito importante. Mas eu lembro que li uma vez e não consegui, por causa dos valores morais que estavam lá, tinha uma grande resistência dentro de mim. E com a vivência dentro da Umbanda comecei a retomar vários valores éticos, morais, espirituais dentro e começar a segui-los. Eu comecei a ter muito, uma intuição. Não sei se isso seria subjetivo, mas confiei a mais na minha intuição, a confiar no que sinto, no que eu escuto. Eu me sentia muito perdido e comecei a mais clareza do meu caminho, e dentro do meu caminho, minha identidade, passei a me reconhecer como médium, e tudo o que traz ser médium. Da questão de ser porta-voz das entidades, fazer parte de uma comunidade, exercer um trabalho.

22. O que diferencia a (in)corporação de caboclas e caboclos daquela de outra entidade?

Essa é uma grande incerteza que eu tinha quando estava começando, nos meus primeiros passos. Por que nunca sabia qual entidade que vinha. Lá no Pai Oxalá, no que chamamos de linha de direita, pode vir tanto caboclo quanto preto velho. Eu lembro que eu ficava muito inseguro de incorporar na frente do Conga por causa disso, porque eu não sabia qual dos dois era. E quando alguém ia me perguntar o que eu ia incorporar isto me constrangia um pouco. E eu não sei explicar como, eu só sei que hoje eu sei qual dois vai vir. Tem gente que diz que quando é preto velho sente dor nas costas ou é caboclo é muito forte, eu não tenho isso não, eu simplesmente sei. É como se fosse um tipo de mediunidade, eu sinto que o conhecimento é transmitido de uma vez toda para mim, tá lá dentro de mim. Os caboclos têm os movimentos corporais mais direto, como se fosse mais quadrado, mais em linha reta. Tem uma postura mais altiva, passa forma, passa firmeza, passa energia, vitalidade. Alguém que tá disposto a ir para batalha, disposto a enfrentar o que está para enfrentar. Para mim é isso, algo mais militar.

23. Como você sabe que a/o caboclas e caboclos está presente?

Primeiro pelo movimento que ele faz na hora de incorporar. Cada entidade faz um movimento totalmente diferente, então quando é caboclo ele costuma se ajoelhar, bater no peito, como eu falei antes a energia sobe pela mão direita e explode através de mim, principalmente no peito. Com o tempo eu comecei a identificar, é como se você tivesse um sexto sentido, que é a sensibilidade. E quando você tá começando a desenvolver isso é muito confuso, você não tem certeza, você só sabe que é energia, com o tempo você sabe se esta energia é agradável ou desagradável, tá trazendo paz ou confusão e ansiedade. E com o tempo o que é uma energia indiferenciada se torna uma energia diferenciada. Você começa a identidade se é energia de caboclo, se é energia de preto velho. É como se fosse o olfato, eu sinto cheio e sei que é cheiro de café, eu sinto o cheiro e sei que é cheiro de maçã, mas eu não sei descrever o cheiro o que é cheiro de café, da mesma forma que eu sei descrever o que é um desenho, que sei falar os traços, as cores, a luz, eu não consigo descrever um cheiro. Só sei dizer que é uma energia agradável, uma energia que traz força, uma energia que traz confiança, mas eu sinto que está presente e sei quem que é. Tem hora que eu não tenho certeza, que pode ser uma entidade que eu não estou familiarizada, mas quando eu já conheço eu sei quem é.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o caboclas e caboclos com a/o qual trabalha?

Quem eu vejo quem é o Diego hoje, tem o 7 Flechas do lado. A identidade dele faz parte de mim. Eu não sou apenas eu, eu sou a pessoa que trabalha com o 7 Flechas. Mais do que isso, eu sou um discípulo dele. Eu sou o Diego que por muitos anos tenho aprendido com ele. Aprendido com ele não só sobre espiritualidade, mas como viver no mundo, como tem postura no mundo, como um pai, um mestre, que é rígido, que tá mostrando o caminho para mim, me acolhendo, me protegendo, sem passar a mão na minha cabeça. O caboclo é também como se fosse um parceiro, porque além de médium de incorporação eu também sou um escritor sobre a Umbanda. E nestas coisas que eu escrevo tem muita inspiração das entidades ou eu escrevo o que as entidades me ensinaram e o 7 Flechas foi um dos que mais me ensinou. Como eu falei anteriormente ele me ensinou muito sobre incorporação, sobre mediunidade, muitas vezes ele tava falando sobre o que eu deveria escrever. E o 7 Flechas também... porque assim, no Pai Oxalá, a linha que a gente mais trabalha é caboclo, como se fosse a entidade básica assim. Quando não é caboclo é como se fosse uma linha diferente, quando é caboclo é uma linha comum. Ela é a entidade básica, é como me sinto.

25. Como você compreende o trabalho da/o caboclas e caboclos na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

O caboclo vai querer associar o caboclo a figura do índio. Mas na Umbanda, uma característica que identifico dos caboclos é eles serem intermediários aos Orixás. Por que as outras linhas estão mais associadas a um Orixás. Os pretos velhos estão muito ligados à linha das almas e Obaluaê, os Exu ao próprio exu, as crianças, mas tem a própria questão das crianças, mas os caboclos tem uma certa versatilidade. Tem os caboclos de Oxóssi, de Ogum, de Oxalá, de Iansã. Então os caboclos tem uma capacidade de trabalhar com todas as linhas, e isso que identifico como uma das suas principais características. Seres porta-voz dos Orixás, mestres de diferentes energias. Eles são também muito

diferentes entre si, é muito difícil falar sobre o caboclo em geral, mas são vários caboclos, cada um tem suas características únicas, alguns são muitos sérios com as palavras, outros falam muitos, outros são brincalhões, alguns trabalham com ervas, um mais com oração. Então eles cheios de mandiga, de fundamento, de segredo, de magia, mas cada um é muito único entre si. De certa forma estão muito ligados à natureza, às ervas, aos rios, cachoeira, matas e à figura do indígena, de alguma forma faz referência a eles. Caboclo não é a mesma coisa que o índio, caboclo não é a mesma coisa que o caboclo histórico, a mistura do índio com o branco, mas de alguma forma faz referência aquilo que o terreiro, o médium entende o que é o índio, o que é o caboclo. Muitas vezes a gente vê isso de uma forma estereotipada, e outras formas vemos de uma forma muito única, muita autêntica, que traz uma relação com a terra, com a natureza, com as forças vivas da natureza.

26. Quem é a/o caboclas e caboclos pra você?

Eu acho que é a mesma coisa que eu falei na pergunta anterior, né, de uma forma geral. Caboclo para mim é dos meus mestres espirituais, é um daqueles que estão me acompanhando desde muito antes de eu nascer, um parceiro de trabalho espiritual, alguém que eu possa recorrer, pedir ajuda, alguém que eu tenho a honra de receber em meu corpo, que tenho a felicidade permitir que outros recebam um pouco dessa energia maravilhosa, dessa sabedoria, desses ensinamentos, dessa cura.

27. Qual a lição mais significativa que a/o caboclas e caboclos te ensinou/ensina?

Foi o que eu falei anteriormente, de não idealizar sobre o que deveria ser mediunidade. De não ser algo que eu estava criando expectativa, de ser uma força que subitamente controle do meu corpo, que de repente eu veria meus braços e minha boca falando sozinhos, totalmente fora do controle. Mas eu aceitar o que é natural para mim, sem eu me forçar, e entender que este natural tem força, tem poder, capaz de me ajudar e me transformar e ajudar a transformar aqueles que passam por ele.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

A mediunidade é uma experiência muito única e pessoal para cada pessoa. Embora a gente esteja todos dentro da mesma coletividade que é o terreiro, que tenha os mesmos ensinamentos sendo passados, as mesmas tradições e doutrinas sendo passado, cada pessoa vai estar experimentando a incorporação de forma bem única. Ela é uma jornada pessoal, íntima e interna, mas que de alguma forma se relaciona com toda a minha história de vida. Ela faz o encontro do que tá fora, o macro, com o micro, o que tá dentro, o interno. E com o caboclo surgindo a partir desse processo, cada pessoa vai ter uma relação única e individual com o caboclo. É muito difícil dentro da Umbanda a gente falar do caboclo de forma única e geral. Mas como eu me sinto por dentro o que é caboclo. Então não tem como eu falar da Umbanda como um todo, mas só a partir dessa experiência. E quando eu estou respondendo às perguntas eu vejo o que tá na minha cabeça e o que estou sentindo. E tem muita coisa que estas perguntas evocam que eu não consigo transformar em palavras, então é muito mais do que eu respondi, muito, muito, muito mais. E talvez se a gente fizesse esta entrevista daqui uma semana, as respostas seriam muito diferentes.

ENTREVISTA 2

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Diego Paulino

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 25

3. Profissão: Estudante

4. Escolaridade: () analfabeto

- () ensino fundamental incompleto
- () ensino fundamental completo
- () ensino médio incompleto
- () ensino médio completo
- (X) ensino superior incompleto
- () ensino superior completo
- () pós-graduado/a
- () outros. Qual? _____

- 5. Gênero:** () Mulher cisgênero heterossexual
 (X) Homem cisgênero heterossexual
 () Mulher cisgênero homossexual
 () Homem cisgênero homossexual
 () Mulher transgênero
 () Homem transgênero
 () Mulher transexual
 () Homem transexual
 () Travesti
 () Pessoa intersexo
 () Pessoa não-binária
 () Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: *Faz uns 5 anos que faço parte da religião, mas ativamente como estilo de vida, como uma forma de viver 3-4 anos.*

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Não, não. Eu até tentei, até tentei muito, porque minha mãe era muito evangélica, então ela me levava para todo qualquer tipo de igreja. Eu nunca gostei, sempre achei que as pessoas estavam falando coisas que elas queriam e não que fosse da vontade de Deus, então não acreditava em religião. Eu acreditava em Deus, sabia que existia algo maior, só não sabia o que, mas não acreditava no que as pessoas falavam, então não acreditava em nada. Então quando eu entrei na Umbanda, quando uma entidade falou comigo tudo de olho fechado, eu fiquei assim “como você pode me ler se tá de olho fechado”. Aí aquilo ficou na minha cabeça e eu fui pesquisar, fui atrás, e aí me identifiquei muito com aquilo.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

Não, não, nenhum, zero. Ou é da igreja evangélica ou católica ou não é.

Thaís: “Ou é evangélica ou católica, mas eles frequentam?” Diego: Isso. Frequentar também não. Um dia frequentou, mas não mais.

9. Tempo em pertence ao templo religioso:

Faz uns cinco anos, desde quando eu me identifiquei. Eu fui em um terreiro só em São Paulo que foi antes desses 5 anos. Aí eu tive essa curiosidade quando voltei de São Paulo, eu fui no Pai Oxalá e já fiquei lá. Então todo tempo de Umbanda foi lá.

10. Ocupação no templo religioso:

Minha ocupação é complicada, porque assim, eu vou lá não como por obrigação, eu vou lá não porque assumi um compromisso e tenho que fazer, eu sou assim, se assumi um compromisso tenho que cumprir de verdade, se não for fazer de verdade, nem assume. Eu vejo lá como um lugar que me faz bem... e que... é,, um lugar eu posso fazer bem para as outras pessoas também. Apesar de ter sim uma responsabilidade, eu não vejo como uma obrigação. E... por isso que chego... normalmente eu sou um dos primeiros a chegar, porque eu gosto de ajudar a limpar, gosto de fazer tudo e também um dos últimos a ir embora e acho meio perigoso só ficar o Pai Luís e a Glaucy lá ... não sei se dá para colocar

os nomes, mas...eu acho muito perigoso eles ficarem lá fechando sozinhos, sabe. Então eu acabo ficando lá esperando para ir embora todo mundo junto. Então minha ocupação lá é isso, eu vou porque gosto de lá, me sinto bem fazendo... por que eu acho que o trabalho espiritual assim... a Umbanda e a caridade. Ela não é só incorporar e atender. Eu acho que tem muita coisa antes disso que ajuda muito no desenvolvimento da própria pessoa. Então é isso, não sei se te respondi.

Thaís: você tem algum cargo?

Diego: Não... ah tenho, tenho, ia falar não, mas tenho. Eu sou Ogã, eu sou atabaqueiro, sou médium de incorporação, médium de atendimento, e só.

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclas e caboclos):

Tem o principal que é de frente é o Caboclo 7 Flechas, que ele atende, vem todas, quase 100% das giras. E existe um outro caboclo também que me ajuda, mas ele é mais pra mim do que para os outros. O caboclo 7 Flechas é para mim e para os outros. Ajuda muito os outros. Mas existe outro caboclo também... o Caboclo 7 Ondas, que ele vem muito raramente, mas quando ele vem, ele troca com o Caboclo 7 Flechas. Desincorpora um, incorpora outro brevemente e depois vai. Então é raramente Caboclo 7 Ondas vem. Mas a maioria é só o 7 Flechas.

12. Qual o seu guia de frente?

Meu guia de frente é ele também). É ele também. É meio confuso até para mim. Sei que não é o foco falar de Exu. Mas a energia do meu caboclo e do meu exu são muito parecidas. Então às vezes eu acho que é a mesma entidade que troca de polo energético para trabalhar. Às vezes não. Mas a energia deles são muito parecidos. Mas o meu guia de frente é o Caboclo. Tanto que eu tenho tatuagens e tudo mais.

13. Como foi sua chegada na religião?

Isso foi meio complexo, porque como eu disse, eu não acreditava em nada, eu achava que as pessoas falavam o que queriam falar para tentar manipular os outros e é isso. Normalmente é isso que acontece em muitos lugares. Por isso que eu não ia em nada. Aí um dia, quando eu estava em São Paulo, com uma ex-namorada minha, ela chamou para ir num templo de Umbanda junto com um irmão dela, que o irmão dela estava indo. Acho que ela tinha ido uma vez. Daí eu aceitei, super-cético. Tipo “ah, beleza, vamos lá”. Aí eu perguntei como que era, e eles falaram que o caboclo ia incorporar e atender. Aí eu falei “beleza, vamos lá”, mas no meu pensamento era “ele vai me olhar, vai me ler corporalmente, vai ver como está minha postura e isso e aquilo e vai falar tudo o que eu quero ouvir ou como eu estou me sentindo. Então beleza, vou pronto para saber que não vou gostar disso”. Aí quando fui lá era um terreiro que trabalhava com magnetismo, então a gente não podia cruzar dedo, perna, braço, nada. Você ia com a entidade que estava liberada no momento, então o magnetismo seu e o da entidade iam se atrair e vocês iam conversar. E foi o que aconteceu. Eu estava lá, muita tortura, sem cruzar nada, porque fala que não pode fazer, então me dá vontade de fazer. Aí eu cheguei lá na entidade, estava o caboclo incorporado de olho fechado, senão me engano um ramo de alguma planta, não lembro o que que era, uma árvore lá, mas era um elemento natural no meio das pernas dele. E eu colocava as pernas em cima desse mesmo ramo. Ele não abriu o olho em momento algum. Falou comigo só de olho fechado. Só que a primeira pergunta que ele fez foi “o que que você tá fazendo aqui”. Aí eu falei “vim conhecer né, fui convidado, vim conhecer”. Aí ele falou “você tá numa casa de mortos e não acredita”. Aí eu fiquei “o que que é isso?”. “Como é que você sabe?”. Porque nesse lugar que eu fui, a única pessoa que eu conhecia era a minha namorada. Eu tinha acabado de conhecer o meu cunhado que morava em São Paulo e fui pra lá. Então não tinha como saberem dessas coisas. Aí isso me chamou, me despertou, “como assim você sabe disso?”. Aí começou a falar um monte de coisa que eu estava sentindo, que eu passei a vida toda e ninguém nunca soube. Aí ele falou que nem precisa entrar em contato com meus guias que ele só estava lendo minha aura. Aí aquilo que me deixou em choque, e eu saí de lá em choque realmente. Tipo, que que é isso? O que tá acontecendo? Como isso pode existir? Por que até então eu achava que era só isso que a gente tá vendo e pronto acabou. E não né, existe muito mais do que isso. E isso criou uma grande dúvida sim, e eu sou muito curioso, e eu fui pesquisar. Fui pesquisar. A gente voltou pra cá e ele me chamou para ir no Pai Oxalá. E lá eu fui, gostei, me identifiquei. Porque eu não gosto de nenhum lugar que faz mal, o que tenho algum tipo de troca para o bem, sabe, sacrifício essas coisas, eu não acredito. Então como lá não é assim, eu fiquei lá.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Isso é engraçado, porque eu já estava indo há um bom tempo como consulente, e teve um momento que comecei a sentir assim, eu sempre tivesse essas sensações espirituais muito forte, só que não sabia que era espiritual, eu só achava que era intuições e pronto e acabou. Hoje eu entendo que são interações espirituais assim que eu tenho, quase a todo momento. Eu estava indo e estava sentindo que tinha que ir de branco, eu sentia, eu era o único consulente lá todo de branco, de calça e blusa branca. Eu não sabia porque, mas senti, tinha que ir de branco, tinha que ir branco. Beleza, vamos de branco. Aí nisso, eu comecei a incorporar como consulente mesmo. E até o caboclo Pena Branca do Pietro, eu sempre ia com ele, e ele até pedia para me deixar lá firmando um pouco, então eu ficava lá firmando um, dois atendimentos, aí depois me desincorporava e eu ia embora. Aí nesse período ele me chamou para fazer parte da casa. E eu não tinha certeza se queria porque sabia da responsabilidade, não sabia que era tanta, mas sabia que tinha uma responsabilidade e compromisso. Eu falei “eu acho que não estou pronto”. E nisso eu fiquei negando durante 6 meses, e durante 6 meses eu fui estudar tudo o que era Umbanda, o que são os guias, o que são os Orixás, tudo, tudo, o que é elemento, tudo o que eu pude estar eu estudei durante esses 6 meses antes de eu aceitar. Porque eu sabia que ia mudar muito quando aceitasse entrar, porque eu até tinha falado, eu ainda namorava estava menina que me apresentou a Umbanda, eu falei pra ela que estava interessado em entrar, e ela falou que era muita responsabilidade, que ia ter que abdicar de muita coisa e aquilo e aquilo. E hoje eu vejo que não é tão assim. Mas, aí na época eu acabei, uma das coisas que acabou me “ralentando” nesse processo foi ela, estar namorando com ela e tal, mas aí depois eu falei “não é você que vai fazer, sou eu, então eu vou”. Daí eu aceitei, e entrei.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

Descrever todo esse processo é complexo né. Mas incorporar pra mim é quando você médium – eu – passa por um processo de resguardo energético – normalmente é isso né no terreiro – procuro não fazer muita coisa para resguardar minha energia, para elevar e ficar o mais puro possível, o mais forte energeticamente porque ali é um momento de muita doação, então a incorporação realmente é essa aproximação entre eu e meu guia que eu permito que ele, através de mim, ajude outras pessoas. Então é isso mesmo de ser médium, de ser um meio para isso. Não que se você não existir vai acontecer do mesmo jeito existe toda a importância. Incorporação é isso mesmo, eu tentar elevar o máximo minha energia, e ele juntar o máximo da energia dele comigo, e a gente se acopla. Porque quando estou incorporado eu não sinto que estou de lado e o meu caboclo tá fazendo. Parece que é tudo um só, não sinto uma diferença. A incorporação é eu permitir que o caboclo chegue até mim, acople as energias para trabalhar para o bem.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

Exatamente este, única e exclusivamente para fazer o bem às pessoas. E para mim mesmo, porque não adianta você querer ajudar os outros sendo que você tá mal e doente. Ele sempre fala isso, o médico não vai ajudar o outro se ele tiver doente. Então o médico tem que se cuidar os outros para depois os outros, é a mesma coisa. Então é isso, é para ajudar as pessoas a viver melhor, a se curar, principalmente se curar, tanto psicologicamente, quanto sentimental, espiritual, tudo isso, para as pessoas ficarem bem. Única e exclusivamente para o bem

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

O rosto, principalmente o rosto. Meu rosto fica com uns jeitos que não é meu. Eu sinto meu corpo todo leve, eu não sinto nada pesado e nada muito diferente. A não ser quando ele anda, porque ele tem um jeito peculiar de andar, que eu não presto mais atenção. Antes eu prestava atenção, para eu tentar não mistificar aquilo, para eu não fazer porque vi alguém fazendo. E eu já nem penso nisso e ele faz do jeito dele. Eu reparo muito o jeito de olhar, as características do rosto que é muito forte para mim, a boca fica mais tortinha, o olho não abre tanto, fica com olho mais fechado, eu acho. Porque tem gente que diz que fica com olho muito aberto. E para mim parece que tá fechadinho.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Esse é o ponto. Eu não sinto que estou mais próximo da energia divina. Eu sinto que aquilo é energia divina. Tudo isso que eu falo aqui faz muito sentindo para mim, eu falo para as outras pessoas, é o que eu aprendo com ele, que ele fala para mim e para outras pessoas. Ele diz que tudo que é vivo, tudo que é orgânico, é porque Deus deu um pedacinho da essência dele para que aquilo pudesse ser vivo. As árvores, as plantas em gerais, os animais, tudo, toda a natureza, ela tem a essência de Deus. E a essência de Deus é o divino, então todos nós somos divinos. Então naquele momento eu me sinto conectado com um ser muito mais elevado e muito mais consciente do próprio poder, sabe, que é o meu caboclo. Ele sabe muito disso. E eu uso a minha energia divina com a energia divina dele para a gente fazer isso. A gente é Deus, todo mundo é Deus, tudo é Deus. A gente toda a energia, até a energia dessa dimensão que a gente vive, a terceira dimensão, 3D, com todo este conhecimento e percepção da energia que a gente junta para fazer o bem.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

A primeira coisa é complicada, muito complicado. Porque parece que é muito fácil fazer um negocinho, incorporou, você não tá mais ali, quem vai fazer é a entidade, não é assim. Eu pelo menos sou consciente, sou um médium consciente. Então é muito mais difícil, no começo foi muito difícil entender que é a entidade fazendo as coisas e não eu tentando ser a pessoa que faz ali as coisas. Isso foi difícil. É um jeito maravilhoso de se conectar à espiritualidade porque a incorporação é um processo direto, muito direto, você e a entidade no mesmo lugar. Às vezes quando eu estava na consulência, eu ficava me perguntando “porque ele tá ali parado só? O que ele tá fazendo? E hoje quando estou firmando eu sei que acontece um milhão de coisas na minha cabeça, no meu corpo, nas visões que eu tenho, em tudo. Existe uma conversa gigantesca que tá acontecendo ali, uma troca energética muito louca, que eu acho que acontece de outras maneiras, mas na incorporação é muito mais forte. Então eu acredito que ser médium de incorporação é difícil e complicado, mas é maravilhoso também. E quando você entende que aquilo não é só para você. Porque se você só para você, porque você vai incorporar? Então não tem motivo. E tem um perigo nisso. Se você é médium de incorporação, você pode estar passando em qualquer lugar e tem um espírito perdido buscando ajudando, ele vê que você pode ajudar ele, ele vai tentar e se você não tiver muita firmeza na cabeça, no seu espiritual e tudo mais, você pode acabar incorporando isso sem querer. Então existe um perigo nisso também. Ócio que não é só isso... incorporei do nada. Existe toda uma preparação para isso, não é não quero e acontece. Eu nunca tive uma incorporação involuntária. Eu acho que é porque eu tenho... não sei. Mas é isso, mais ou menos isso.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

Eu acho que não teve um momento em que eu falei “agora eu sou médium”. Eu acho que isso foi acontecendo ao longo de minha vida inteira. Porque eu nunca tive, sabe essas pessoas que tem medo de espírito e tudo mais, eu já senti, que existiam bons e existiam ruins, igual a tudo, porque é isso que gera equilíbrio, porque se não existir coisa ruim no mundo a gente não precisa estar encarnado. Porque é o equilíbrio, a gente tá aqui para viver o equilíbrio. E não tem problema você errar, não tem nada. Na minha cabeça nunca foi isso de “agora sou médium, agora sou isso e aquilo”. Isso foi acontecendo ao longo do tempo. Quando eu entrei no terreiro, quando eu fiquei esses 6 meses estudando antes de entrar no terreiro. Eu tentava entender a minha própria energia, neste processo de pesquisa da Umbanda. Eu tentei entender a minha própria energia com a energia das minhas entidades. Eu não invocando elas, eu ficava parado no meu quarto, sentado, de olho fechado, pensando “o que é, como é, me mostra sua energia, mas não incorpora, mas me mostra sua energia”. Isso foi criando um processo muito íntimo meu com minhas entidades, sabe. Principalmente, mas caboclo, preto velho, exu principalmente, tanto que eu e as outras linhas fui incorporar nos terreiros. Mas estes eu tive muito mais aproximação energética antes mesmo de entrar no terreiro. Então tive todo esse processo de canalização que eu sentia a energia deles de fato. E às vezes eu deixava tudo escuro, eu fazia isto quando estava só eu em casa, eu abria o olho, olhava no espelho, e tinha um caboclo ali, tinha isso e aquilo, e eu ficava “caramba”. Eu via aquilo e não via que estava incorporado, porque eu estava 100% consciente, meu corpo não estava mexendo sozinho igual acontece na incorporação. Eu estava ali super consciente, mas sabia que ele estava ali porque eram coisas boas. Então quando eu entrei no terreiro, eu tentei não levar aquilo que eu fazia para lá, porque o terreiro existe toda uma doutrina, existe todo

um porquê e como fazer, mas eu já tinha esta aproximação energética com as entidades, então eu vi que foi um processo muito rápido quando eu entrei. Já comecei a incorporar, já começou a atender, e isso e aquilo, foi atropelando uma coisa e outra, e foi tudo muito rápido até eu fazer tudo o que eu faço hoje. Como você falou, é bastante coisa, é realmente bastante coisa, eu nem sei mais o que fazer. Só sei que este processo de desenvolvimento foi tão leve e respeitoso, eu respeitando as entidades, elas me respeitando, dentro dos limites de cada um, que foi maravilhoso. O tempo passou tão rápido que não sei.

Thaís: pergunta extra para você. Você tem clarividência?

Diego: Este é o ponto. Se eu falar, você vai dizer, exagero. (risos) Até porque não tem como saber, é de confiança. Eu ouço as coisas, eu vejo as coisas, que vai acontecer, o que tá acontecendo também nas outras, simultaneamente, só que eu não vejo no meu olho. Vem a imagem na cabeça. Eu sinto a presença, incorporo. Desses muitos tipos de mediunidade, eu tenho muitos acoplados, e às vezes é muito difícil lidar. Porque é muita coisa ao mesmo tempo, mas às vezes também é maravilhoso, por qual caminho eu vou, porque sei que todos os outros vão dar ruim. Às vezes eles até brigavam comigo “cara, ouve sua intuição. A gente tá falando para você ir para lá, vai”. Às vezes eu ia de teimoso, e dava errado, então eu falava “então tá”. Tem gente que enxerga as coisas de fato, que vê duas pessoas de fato. Eu não vejo assim. No meu olho tem a imagem de você aqui, isso aqui, a bicicleta o que a gente tá vendo. Mas na minha cabeça tem a imagem de alguém aqui, se tivesse, BAHH, a roupa, os jeitos, os trejeitos, tudo. Mas no meu olho eu não estou vendo, estou vendo aqui. Aí eu sinto a presença, e às vezes tudo, cheiro, estas coisas.

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

Sim, por que assim, eu nunca tive uma baixa autoestima. Na verdade, sim, quando eu era mais novo, eu sempre fui muito magro, então bullying normal, todo mundo passou, isso me deixava chateado. E depois que eu cresci, óbvio, eu nunca liguei mais pra nada, eu não ligo pra ninguém. Quando eu comecei este contato espiritual muito forte de incorporar, e não só incorporar, mas entender que existe uma espiritualidade comigo e tudo mais. Todas as coisas que vinham do outro para me afetar, não me afetavam, sabe. Não afetam de jeito nenhum, porque eu penso assim, beleza. Se eu sou tão merecedor de ter, não ter porque não é posse, mas estar acompanhado desses guias lindos e maravilhosos que já curaram pessoas só pelo toque. O que é alguém que tá tentando me chamar de feito, sabe. É muito banal para mim, isso não chega, isso não toca. Essa percepção de que eu sou muito merecedor de viver as coisas e eu só vivo o que eu quero, isto é muito forte depois de que eu tive todo este contato. Por que se eu tiver passando por uma dificuldade muito grande, e todo mundo passa obviamente, e achar que aquilo é sofrido, que aquilo tem que ser sofrido, então vai ser sofrido. Mas se eu dizer que não mereço passar por aquilo sofrendo, eu mereço passar por aquilo rindo, então é assim que eu escolho viver as coisas, não sei se alguma vez você me viu triste no terreiro, porque eu nunca estou. Eu escolho dizer “beleza”. Por exemplo, hoje eu falei para a gente marcar duas horas porque minha cunhada teve um AVC e está internada na Santa Casa, eu voltei de lá agorinha, almocei e vim para cá. Não estou triste, porque é fluxo, as pessoas estão vivas, elas estão à mercê de tudo, eu posso passar por isso, e todo mundo pode, mas nem por isso eu vou sofrer por isso, a gente tenta ajudar do jeito que pode, eu trabalhando no terreiro, eu indo lá tentando ajudar, tudo, eu vou continuar fazendo isso rindo, porque eu escolho isso, eu não acho que a gente tem que sofrer para tá vivo.

22. O que diferencia a (in)corporação de caboclas e caboclos daquela de outra entidade?

Para mim as incorporações acontecem nesta essência de acoplamento energético e se tornar um. Mas óbvio que existem as energias. Mas quando eu incorporo caboclo eu sinto uma energia muito forte como se meu caboclo tivesse 2 3 metros de altura, enorme, enorme, enorme, fortíssimo e que nada pode derrubar ele. E por que do 7 Flechas? Ele me disse que é porque ele tem permissão de trabalhar com todas as linhas de Umbanda. E quando eu incorporo e traz, pega, junta todas as coisas, ele pega todas as linhas e todas as portas, e traz para ele e bate no chão e lança sua flecha. Eu tenho essa imagem quando incorporo caboclo. Ele é muito forte e muito leve ao mesmo tempo. Ela não é densa. Ela não é pesada. E muita calma também e respeitoso. É diferente da energia de Exu, que também é muito calma

e respeitosa, só que quando incorporo Exu, que meu Exu, ele faz isso no Exu, eu o vejo abrindo seu trabalho, eu vejo tudo que tem lá pra baixo, todas as dimensões mais pra baixo que ele trabalha. Eu descobri estes dias que é por causa disso que ele não firma vela, ele abre, o que ele vai fazer antes, daí ele trabalha, e quando ele vai desincorporar ele fecha. A diferença é as imagens que vem na minha cabeça, uma das coisas, e a energia deles, que é muito características. O caboclo é muito forte. Ele é altivo, ele muito firme em tudo que vai falar. O Exu já é mais tranquilo, ele é mais malandro. Ele já é mais brincalhão. O preto velho ele é muito, muito calminho, muito paz e amor. Todos são, mas o preto velho é muito mais, porque ele fala muito baixinho. Tudo isso vem para mim, os trejeitos, o jeito dele andar, que é mais calmo. Despreocupado, que não precisa se preocupar com as coisas. Essas são as diferenças.

23. Como você sabe que a/o caboclas e caboclos está presente?

Eu acho que eu já tenho um reconhecimento energético dele, de tanto incorporar e tanto entrar em contato mesmo sem incorporar. Acho que isso já me é muito familiar, por que quando eu... eu já tive que incorporar uma vez fora do terreiro, uma única vez, até porque eu não queria, mas eu falei “se eu não fizer isso, alguém morre, sabe”. Por que chegou realmente a este ponto, de alguém querer cometer suicídio. E foi num trabalho na casa do meu primo, ele é quimbandeiro, ele só trabalha com exu muito pesado, ele tinha firmado exu na casa dele. E estava muito pesado para esposa dele lá, porque ela não aguentava, não estava aguentando, queria cometer suicídio e tudo mais, e ele pediu ajuda. E eu pedi licença para Deus, e para todos os guias, e chamei o Caboclo 7 Flechas. E a mesma energia do terreiro foi lá, com o mesmo respeito, com o mesmo tudo, e aí que aconteceu que ela está bem, desistiu, soltou o que tinha que soltar, ficou bem. A diferença é que, é como se existisse duas pessoas, dois irmãos gêmeos, que você sabe que um é mais calmo, e o outro é mais bravinho. O Caboclo 7 Flechas é muito mais calmo, só que ele não leva desaforo para casa, ele não tá nem aí. Falar para ele para provar alguma coisa, colocar ele à prova, dizer “quero ver se você tá incorporado mesmo”, ele não dá para trás, ele não tá nem aí. E o Caboclo 7 Ondas é muito diferente, ele é mais incisivo, ele é muito mais bravo, vamos dizer, por isso que ele só incorpora para mim, não fala com outras pessoas, ele é muito forte. Essa é a diferença. É uma energia calma e forte ao mesmo tempo, uma energia muito empoderada, que não precisa passar por cima dos outros quando incorporo o caboclo 7 Flechas.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o caboclas e caboclos com a/o qual trabalha?

É complicado falar isso, porque estou pensando nisso agora. Durante os trabalhos, eles vão soltando uns negócios, do meu caminho e porque eu vim, e tudo mais isso e aquilo. E eu fico assim “não é possível, é muito para uma pessoa só”. Aí ele fala “não, é isso mesmo”. Daí vai vindo, vai vindo as coisas, e vai só confirmando, eu sinto como se fôssemos irmãos muito próximos ou quase que a mesma pessoa vivendo em dimensões, porque é uma energia muito muito muito igual e muito compatível, é como se fosse a mesma pessoa. Por isso que quando to incorporado eu sinto que é um só. Apesar de eu saber que ele pode ter ou não encarnado, mas tem uma energia tão semelhante com a minha que é como se eu só desse uma passagem para algo muito mais elevado trabalhasse ali, mas não muda a minha essência, não muda nada, não muda o que eu penso, só me fortalece.

25. Como você compreende o trabalho da/o caboclas e caboclos na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

Não sei muito a diferença, porque acho que todas as linhas são para abrir caminhos, são para curar, são para instruir as pessoas, levar muita sabedoria, e tudo mais. Apesar dos polos energéticos e tudo mais, acho que todas elas fazem a mesma coisa. Só que os caboclos são muito mais naturais, muito mais da natureza. Acho que eles ensinam muito a respeitar a natureza, a respeitar o momento natural das coisas. Não precisam de muita erva, tomam água, usam muitas coisas naturais. Preto Velho já usa um pouco, só que Exu usa coisas mais trabalhadas, o marafo, a pinga, já é mais trabalho. Os caboclos trabalham mais a energia da natureza, esta energia da terra. Eu acho que é isso, acho que é mais a energia da terra, esta é a diferença que eu vejo e sinto isto também.

26. Quem é a/o caboclas e caboclos pra você?

Para mim os caboclos são, os caboclos em geral, vou falar no geral. Eles são seres que encarnaram ou não, mas existem. São energias que existem, ou espíritos, independente. São muito evoluídos. Num patamar que eu coloco na minha cabeça, que eu não sei porque sei, mas sei, é assim. Deus, ponto, não tem mais nada além de Deus, porque Deus é tudo. E depois de Deus, na religião da Umbanda são os Orixás, depois os caboclos, depois os pretos velhos, depois os erês, e nãnnãnnã. Isso nas dimensões energéticas e depois exu que é mais próximo da gente. Então eu acho que os caboclos são seres mais elevado, mais próximos de Deus e que também têm as energias dos Orixás muito mais presentes neles, por isso que eu acho que é muito mais difícil alguém incorporar caboclo do que Exu. Porque a energia dos Orixás são a essência da energia de Deus concentradas em uma coisa, sabe, que são as 7 energias concentradas em uma coisa, e você vai sentir aquela energia concentrada que é muito difícil. Até psicologicamente isto interfere muito. Então para mim os caboclos são estes que são mais próximos de Deus e trabalham num local mais elevado e que a gente não consegue entender e que eles precisam se diminuir muito para nos ajudar aqui. E o Caboclo 7 Flechas, não sei, para mim ele tem uma energia muito forte Oxóssi, não sei se um dia ele foi a encarnação de Oxóssi, uma das né, porque eu acho que existem várias e vivas hoje, energias da essência do Orixá, sabe, eu acho que isso existe. Até porque me foi dito ontem (risadas) que isso é possível. Por isso que existem as histórias dos Orixás, sabe, porque a essência se manifestou em uma pessoa para existir as várias histórias.

27. Qual a lição mais significativa que a/o caboclas e caboclos te ensinou/ensina?

É muita coisa, deixa eu pensar. Mas existe uma música, eu vou procurar a letra e colocar aqui. Vou colocar um pedaço, fala tudo o que fala para mim, que eu aprendi, e eu levo para minha vida [procura música, não acha, decide falar]. Aqui fala:

“nunca revele o segredo da alma a ninguém, jamais

Não, não deseje, não propague o mal a alguém, jamais

Divida a sabedoria sem olhar a quem

Não roubará a fé daqueles que já não tem

Filho, não siga o caminho sem ver, não siga não, jamais

Entregará a humanidade para a queima no fogo? Jamais”

Isso resume tudo. Ter sabedoria para onde eu vou. Ter convicção do que fazer, do que eu quero para minha vida. Pensar de fato, não roubar a fé das pessoas, não colocar a minha fé como se fosse a única, e como se esta religião e a espiritualidade que faz sentido para mim fizesse sentido para todo mundo. Mas também não deixarem as pessoas se ferrarem por não acreditarem no que eu acredito. Se eu posso ajudar eu vou a ajudar. Foi o que eu fui fazer hoje. E que eu venho fazendo a vida inteiro, mesmo sem saber. Eu ajudo as pessoas independente se elas acreditam em mim ou não, se elas acreditam no que eu acredito ou não. É fazer o bem para o próximo, e se for para fazer o mal não faz nada. E tem a convicção de viver a sua vida, porque quem vai viver é você. Ninguém vai viver sua vida por você, você escolhe o caminho que vai, você que escolhe o tema, tudo, você vive o quer. Outra coisa que eles façam muito é “aproveita a vida”. Você não está aqui para ser perfeito, está aqui para viver, você tem que aprender o que é amar, o que é sofrer. Você sofrendo, você vai aprender a ser forte. Você sendo forte você vai ajudar outras pessoas a ser forte. Eles falam muito de aproveitar a vida. Quer sair, sai, quer ir para a festa, vai. Mas tem sabedoria e força naquilo que você vai fazer.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

Não sei se você teve isso ou recebeu, porque eu acho que a espiritualidade dá muitos presentes espirituais para a gente, até como formas de pontos de trabalho, do tipo de você receber algo em sonho e quando acordar está no seu corpo o que sonhou, e aquilo que de fato acontece. Vou contar um relato que aconteceu comigo, um dos milhares, por isso que acredito que recebo muita energia de caboclo. Das muitas coisas que meu caboclo faz o que acredito que mais faz é curar. Curar independente do que for, mas é a cura. Teve uma vez que eu estava durante a pandemia que eu estava passando com uma barra gigantesca, uma dificuldade enorme. E eu decidi pra minha vida que eu não queria mais passar por aquilo então eu terminei os ciclos que estavam me fazendo mal, que tinha um relacionamento que estava me fazendo mal, a gente terminou, na amizade, foi tudo bem maravilha. Isso foi uma das coisas que eu aprendi, de fazer tudo na sabedoria, para não estragar ninguém, mas não deixar que a vontade

do outro te prejudique, sabe. Aí eu dormir, beleza, neste dia, no que eu dormi eu vivi 3 anos neste sonho, eu sei de cada destes 3 anos. E eu estava vivendo literalmente em lugar que era outro lugar. Na Umbanda a gente chamada de Aruanda, né, eu estava nesse lugar. Eu estava no mundo espiritual fazendo muito trabalho em todas as camadas energéticas, com caboclo, com preto, exu, com tudo, tudo. E no último a gente estava... é como se fosse aqui, mas não casa, não tinha. Era muito mato, grama baixinha, e tinha uma árvore enorme, gigantesca. E tinha como se fosse um chefe de falange, não sei se era um Orixá, um chefe lá de todos os caboclos que estavam lá reunidos. E eu estava agradecendo por todos os trabalhos que fiz nestes 3 anos. E ele falou que toda cura que eu usei nas pessoas ele me apresentou com aquela cura para a vida, que eu poderia curar qualquer pessoa que eu encontrasse, e me deu um pontinho na mão. Aí eu olhei assim e falei “cara, obrigado!” Aí, beleza eu acordei. Eu acordei assim “caramba, o que foi isso?” Eu olhei para a minha mão, o ponto na mão. Na noite anterior não tinha. Olha, tá vendo este ponto vermelho? Ele some, mas volta. Desde esta noite isto tá aqui. Acontece muito isso. Tem pessoas com dores e eu de alguma forma encostar na pessoa mesmo sem pensar, mesmo sem pedir para Deus mesmo sem invocar energias e as pessoas melhorarem. E eu pensar “caraca! Toma cuidado hein!”. Sempre isso, toma muito cuidado. É muito cuidado, mas eu sempre vejo que é muita responsabilidade. Eu tento não deslumbrar, sabe. Eu estou falando aqui porque existe toda uma proteção em torno destas informações, né. E acho que agrega muito, talvez, para o trabalho. Mas eu não saio falando tudo isso para as pessoas. As pessoas vão achar que eu sou Deus, sabe. Eu não sou Deus, eu sou só uma pessoa que consegue fazer uma coisinha, sabe para ajudar e é isso.

ENTREVISTA 3

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Gustavo

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 26

3. Profissão: Cozinheiro

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

(X) ensino médio completo

() ensino superior incompleto

() ensino superior completo

() pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: () Mulher cisgênero heterossexual

() Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

(X) Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

() Travesti

() Pessoa intersexo

() Pessoa não-binária

() Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: 5 (cinco) anos.

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Sim, já fui espírita e brevemente católico. Mas hoje levo os ensinamentos. É porque como a gente sempre fala sobre plano astral, pela doutrina espírita ter uma doutrina mais sobre essa parte astral eu consigo entender um pouco melhor por já ter uma doutrina espírita, documentada né? Mas não levo o espiritismo mais como religião principal. Foram por 3(três) anos.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

Meus pais são católicos não praticantes. Minha mãe é um pouco mais crente, assim. Ela acredita mais. Meu pai é meio agnóstico, assim. E meu irmão é umbandista também.

9. Tempo em pertence ao templo religioso: 5 (cinco) anos.

10. Ocupação no templo religioso: Não, apenas um colaborador. E médium de atendimento.

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclas e caboclos): Caboclo Beira-Mar

12. Qual o seu guia de frente? É o Beira-Mar

13. Como foi sua chegada na religião?

Eu já tinha o chamado dentro do espiritismo pra eu conhecer a Umbanda, em específico o Pai Oxalá. Já tinham me falado sobre o Pai Oxalá, já tinham me falado que era muito bom, que trabalhava muito sobre desobsessão, limpeza nas giras de esquerda. Pessoas que iam no centro espírita que eu frequentava iam só na gira de esquerda só para a limpeza. Mas depois que saí do espiritismo fiquei 1 ano parado, tentando me descobrir para qual religião eu iria porque eu não estava me encontrando no espiritismo. Aí um dia eu falei “é o momento”. Eu acho que a primeira gira que eu fui acabou sendo a de esquerda inclusive, de exu e pomba-gira, e depois de lá não saí mais, só abracei com tudo e disse que é aqui que pertence, onde minhas raízes sempre estiveram.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Eu sempre quis atender, era queria muito participar da corrente, da família Pai Oxalá, porque foi um lugar que me ajudou muito. E eu queria retribuir o favor pro mundo, para as pessoas que passam ali. Mas também fui entendendo com o tempo que precisa dar um tempo e ir trabalhando a espiritualidade, trabalhar o meu pessoal, antes de ajudar os outros também. Então foram dois anos de muito muito foco espiritual e muito... uma rotina, toda sexta estava lá cedo para pegar minha ficha, porque eu abracei a Umbanda na época que encontrei de uma forma muito grandiosa. Eu ia atrás, queria estar à par de tudo o que acontecia e aos poucos comecei a ficar conhecido e amigo de umas pessoas do terreiro. Tinha um evento do pai Oxalá e eu participava, mas não era da corrente ainda, e o pai foi me conhecendo, as pessoas da roda foram me conhecendo também. E eu estava com o desenvolvendo acontecendo de certa forma, e acabou que o pai me chamou para fazer uma entrevista para entrar, eu recebi uma ficha, esperei ainda meses para entrar, estava muito ansioso. E depois que entrei ainda fiquei um bom tempo como cambone, aprendi muito como cambone, é um momento muito interessante estar ali na firmeza do chão da terreira. Mas você vê que ainda tem muita coisa para aprender, não é só porque está ali dentro que acabou o desenvolvendo. No final do ano de 2021 recebi o chamado do pai para atender. Eu falei “meu deus, não acredito que chegou”. Mas a abracei, abracei porque era algo que sempre quis. E o pai sempre estava ali a gente e olhando pela gente, e era o momento que tinha que acontecer mesmo. Foi tranquilo no geral. Eu levei muito à sério desde que entrei no Pai Oxalá. No centro espírita já era algo que trabalha pelo próximo, a caridade, mas faltava alguma coisa. Então eu fazia do desenvolvendo, mas parece que ainda não era ainda o que era para mim. E quando eu conheci o Pai Oxalá, eu senti a vibração, senti que aquilo realmente pertencia a minha pessoa, aí eu me entreguei o máximo possível de coisas certas. Preceitos, banhos, uma rotina de tratamento, querendo ou não os passes são tratamento que você vai fazendo para ajudar no seu desenvolvimento físico e psicológico e no astral e tudo mais. Então segui bem à par para chegar no atendimento ao público.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

É um momento sagrado que eu posso ter contato direto com a espiritualidade, e poder não só contribuir com a minha jornada espiritual, mas poder ajudar os outros com o espiritual das pessoas também. E ajudar que as pessoas e o terreiro possam contribuídos possam ser ajudados de pouco em pouco, porque qualquer passe, qualquer trabalho, qualquer gira é um tratamento diário, aos poucos. É a caridade de uma forma mais pura.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

Além do trabalho, o meu objetivo também da incorporação... eu gosto de também de não deixar de cuidar das áreas, e a área astral é uma coisa que eu sempre gostei de cuidar, mesmo quando eu era menor eu não sabia o que espiritualidade eu sempre tentei me manter bem, próximo do bem-estar espiritual. Quando em acreditava em Santos, eu rezava para Santos. Depois que eu comecei a acreditar nas entidades de luz do espiritismo eu tava sempre tentando meditar e estar perto deles. É cuidar do meu astral também.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Sim, sim. Na verdade, acho que há estágios do desenvolvimento. Quando eu comecei o desenvolvimento, no começo eu não sentia nada. Nada, nada, nada. Era só uma forma de aliviar o stress do dia-a-dia e receber uma mensagem interessante. Mas aos poucos você vai sentindo, você vai criando mais sensibilidade ao que vai acontecer no seu corpo, parece que vai abrindo a sensibilidade no seu corpo aos poucos, pelo menos comigo foi assim. Sensações de... agora feita teve gira de preto velho, você vai sentindo... não cansaço mas suas costas ficam um pouco mais curvadas. Já no momento que você pisa na terreira, ou uma agitação quando é gira de caboclo, sozinho, você nem tá agitado, você tá tranquilo. Você vai sentindo a proximidade dos guias que estão te acompanhando naquele dia. Outra forma física que eu sinto é conexão com os chakras, se você tiver bem irradiado eu consigo sentir o chakra frontal irradiando bastante, eu sinto latejando, ou o meu coração sempre tá acelerado. Então quando tá perto de incorporar meu coração está explodindo, pela boca eu nem consigo mais cantar, ou atrás das costas, no peito, ou na direção do umbigo. Na direção do umbigo eu sei que é proximidade do preto, quando é Maria Padilha esquentar, eu sei que ela tá perto.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Sim. É como se você sentisse luz que te traz bem-estar. A gente vai sentindo energias normalmente em dias bons e em dias nem tão bons. Só que quando você tá perto do caboclo, você já está acostumado com a energia dela ou está se acostumando com a energia, você vai sentindo... até falei com meu terapeuta este dia... uma ansiedade que traz bem, que traz felicidade. Porque normalmente quando meu coração acelera da forma da forma que acelera na hora de incorporar ele seria uma pequena crise de ansiedade, mas é algo que só abraço, só aceito, é importante porque é uma sensação que me deixa angustiado.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

Ser médium de incorporação, para mim, é estar um pouco mais perto dos meus guias, já falei que gosto de manter essa proximidade, eu não gosto de deixar uma área da minha vida sem cuidados.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

Diz que já falou anteriormente.

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

O Gustavo de 2019 que entrou para a gira, que entrou para a terreira não é o mesmo Gustavo de hoje em dia. A incorporação é aprendizado constante. Momentos que você tá apenas sentindo a energia do preto velho, caboclo, da entidade, e até quando você acha que não tá conversando, não tendo diálogo, você tá sendo mudado, o seu psicológico, alguma coisa, fisicamente. Essa mudança ela vai acontecer principalmente com os diálogos que você tem com suas entidades. Quando você tem essa conversa direta com a entidade, ela vai conversando, vai te falando, às vezes até dando uns puxões de orelha, já é um momento que você vai percebendo algumas coisas, ou então você não percebeu e ele realmente

precisa te falar aquilo, pelo menos para mim é assim. Ele fala que já passou por esta situação, por exemplo, já viu que é dessa forma, e você não percebeu. Pelo menos comigo, a incorporação com o caboclo é muito direta. Primeiro ele mostra sempre com ações formas que poderia mudar ou poderia aprender. Aí que continua e não to vendo a resposta, aí ele vem e fala. Se for para falar, ele fala mesmo.

22. O que diferencia a (in)corporação de caboclas e caboclos daquela de outra entidade?

Muda tudo, tudo. Eu sou muito abençoado, não que isto seja um mérito, de ter proximidade com alguns guias que trabalham no terreiro. Mas você consegue, nem que seja só os arquétipos, formas de bradar na hora de incorporar, meu caboclo já chega batendo a mão no chão e agachando, preto vem encurvado mas nem tudo, ou a Padilha que roda e dá risada, mas cada um vem de uma forma diferente, e são forma deles mostrarem a linha deles, a energias, mas não significa que seja algo extremamente necessário. Se, por exemplo, o caboclo não bater no chão não significa que ele não chegou, ele vai tá ali, vai estar presente da mesma forma.

23. Como você sabe que a/o caboclas e caboclos está presente?

A gente tem este sentimento. Por exemplo, comigo, eu tenho este bater do coração, que é muito característico, toda vez. Esta irradiação das costas. Eu vou sentindo o esquentar da minha nuca, das minhas costas, atrás do umbigo, os chakras da costa é onde sinto a irradiação, é onde eu sei que ele tá por perto. E para finalizar a incorporação na frente do Conga que é onde ele realmente faz a chegada dele, que é como se fosse uma confirmação de que o caboclo está ali.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o caboclas e caboclos com a/o qual trabalha?

Ele me acompanha todos os dias, todas as horas, todos os momentos da minha vida, mas sei que ele tem alguns importantes para fazer. Mas eu tento estar o mais próximo possível dele. Momentos de angústia rezar, nem que seja uma conversa. Eu tento não ter uma relação tão formal assim, só porque são entidades de luz. São amigos espirituais mesmo, são pessoas que eu levo como amigos que me ajudam durante o momento de evolução. Não é algo que só por serem de luz que estão tão distantes de mim. É algo que, mesmo que seja uma oração, não tem uma formalidade, é algo mais despojado. O guia tá do lado, é só conversar,

25. Como você compreende o trabalho da/o caboclas e caboclos na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

Para mim o caboclo é mais dinâmico, eu já falei o meu caboclo trabalha de uma forma muito direta, ele trabalha na linha das águas também, mexe muito com os sentimentos. É interessante que por ser atendimentos aleatórios sempre cai atendimentos sentimentais assim para mim. E quando eu tenho a permissão de lembrar eu sempre percebo que é algo relacionado a sentimentos e angústias que a pessoa passa. De uma forma bem mais dinâmica e um pouco mais direto. Ele precisa fazer o descarrego, ele faz. Lógico que ele fala, ele conversa, ele dá toques para a pessoa ficar atenta da situação. Mas se ele precisa cortar alguma coisa, ele precisa ajudar, quebrar um ciclo da vida dele, ele vai direto ao ponto. Diferente do preto velho, por exemplo, ele é mais mansinho, ele faz a mandiga dele, mas enquanto a pessoa vai conversando, a própria pessoa no diálogo, ele dá passe na pessoa. Diferente da pomba-gira, ela é um pouquinho dos dois, mas é mais fundo, é mais denso na situação;

26. Quem é a/o caboclas e caboclos pra você?

É o que eu falei, é um amigo espiritual que eu tenho, que me ajuda e tem me ajudado muito. Não levo ele como alguém inalcançável que você olha e nunca vai ter uma proximidade astral se um dia desencarnar, mas é um ser de luz, amigo e me ajuda e tá comigo sempre.

27. Qual a lição mais significativa que a/o caboclas e caboclos te ensinou/ensina?

Não é uma lição tão objetiva, talvez, mas a forma que ele sempre traz o estado de ser mais objetivo e mais sincero, mais honesto com os meus sentimentos. Eu falei que ele trabalha bastante com os sentimentos, com as linhas das águas, então ele tenta deixar as coisas mais claras possíveis para conseguir ser feliz e é isso.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

Se permitir conhecer a Umbanda porque ela é uma religião que só vem trazer o amor cada vez mais, a Umbanda que realmente prega isso, a Umbanda que realmente está aí ajudando o próximo. Eu acho que essa permissão é realmente necessária para as pessoas conhecer. A pessoa não precisa mudar de religião, só precisa conhecer um pouquinho a Umbanda.

ENTREVISTA 4

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Luanna

** O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.*

2. Idade: 31 anos

3. Profissão: Enfermeira

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

(X) ensino superior completo

() pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: (X) Mulher cisgênero heterossexual

() Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

() Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

() Travesti

() Pessoa intersexo

() Pessoa não-binária

() Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: 12 anos

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Era católica né, mas depois saí do catolicismo, era muito pequena né, e entrei na Umbanda. Meus pais foram para lá e segui.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

Não, todos são umbandistas.

9. Tempo em pertence ao templo religioso: 12 anos

10. Ocupação no templo religioso: *Médium de incorporação e atendimento;*

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclas e caboclos):

A primeira vez que recebi foi o Caboclo Caçador, depois deu passagem para a Cabocla Jurema

12. Qual o seu guia de frente? Cabocla Jurema.

13. Como foi sua chegada na religião?

Eu era muito pequena, tinha meus 8, 9 anos. Aí a mãe começou a frequentar o terreiro, e me levava. Aí foi indo, minha mãe sempre me levava. E quando eu completei 15 para 16 anos eu chorava demais, queria desmaiar. Meu pai não achava certo aquilo, minha mãe me levou no médico, para ver não tinha algum problema, se era labirintite, alguma coisa assim, não tinha nada. Aí um dia o meu pai conversou com o Pai Mongelli, disse que ia fazer um trabalho para mim. Aí foi que as entidades falaram que eram as entidades que já estavam... com 16 anos que comecei a incorporar. Mas eu não poderia entrar na corrente porque eu era menor de idade e meu pai e minha mãe não deixaram. Ai quando eu completei 17 anos, 17 para 18, eu entrei.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Toda esta etapa, este processo que passei de passar mal, passava lá na consulência quando entrava para tomar passe melhorava. Daí dos meus 18 anos, entrei, entrei na corrente, comecei a desenvolver. É totalmente diferente. Quando a gente está na consulência é uma visão dali, totalmente diferente de quando tá lá dentro. Foi tranquilo, além de ter o apoio dos meus pais, tinha do pai Mongelli, da corrente, eu fui apresentada como até hoje é, médium novo. Como era mais nova, eu fui bem acolhida, eu tinha uma base ali, eu tive um apoio. Hoje a gente até comenta com os novos que entram, é diferente quando a gente vê uma pessoa que não tem uma família ali dentro. É totalmente diferente, eu falo “gente do Céu”. Foi difícil. Foi, passei altos e baixos ali, passei. 3 vezes tive que me afastar e voltei, às vezes acontece isso na vida da gente. Às vezes a gente entra e fala “aqui é meu lugar”, vai passar alguma coisa ali, você vai ter que parar, isso é normal. Então o acolhimento foi bem tranquilo.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

Ah menina, é uma energia muito boa, é um fluído muito bom. Eu falo assim por mim, que eu Luana, antes de começar, entro no terreiro, já sinto, sinto aquela leveza. Quando começa os trabalhos. Quando o Pena branca começa a incorporar. Quando a mãe recebe a Jurema, eu sinto uma energia muito forte, eu não se é por causa da falange que é muito próxima. Eu já começo a sentir ali, ela perto de mim, os seus fluidos. E não só dela, das outras entidades também, cada entidade é diferente, fluído de uma para outra, a energia é diferente.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

O objetivo da incorporação, da vida mediúnica. O primeiro passo é... o que o médium está fazendo ali. Eu acho que todos médiuns assistas, que tem a possibilidade e que tem entidade. Não existe médium cambone falar assim “eu não tenho entidade”. Você tem entidade sim, ela tá ali perto de você. Às vezes o cambone ele tá auxiliando, mas às vezes ele também tá trabalhando ali, então. Eu acho esse dom das entidades virem ajudar, aliviar. Acho que quando termina os trabalhos eu falo “graças a Deus”, parece um alívio.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Sinto. Da cabocla é mais tranquilo, mas eu sinto às vezes. Às vezes quando eu desincorpo eu não lembro mais, tem coisa que apaga. Chega aqui em casa e eu falo “o que que aconteceu aquele dia?”, eu não sei o que aconteceu sexta feira. Sabe eu sentar e não conseguir lembrar, parece que apaga, é muita muito diferente.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Sim, sinto.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

Eu acho que é devido a entidade, a entidade que está ali perto, que vai, que vai precisar de mim também ajudar. É complementar a pergunta que fez anteriormente, duas anteriormente, acho que é isso.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

Demorou. No começo eu dava muita tontura e chorava, chorava demais. Aí o Pai Mongelli fez trabalho para mim e falou que eu tinha que começar o meu desenvolvimento né, foi girando, eu fui nas giras, até receber. Não foi na primeira vez e a entidade já veio ali. Foi tudo uma etapa, tudo um ciclo. Aí as entidades começaram a vir devagar, o primeiro caboclo que veio foi o Caboclo Caçador, uma entidade muito pesada. A entidade mais pesada, caboclo mais pesado que um caboclo. Eu acho que fique 1 ano, 1 ano e meio firmando, mas firmando. No começo a gente ficava do começo até ao final, não tinha aquele trâmite da entidade falar “eu preciso subir”. Era até o final. Aí deu a passagem para Cabocla, após dar a passagem para Cabocla Jurema ela começou a auxiliar, aí mais para frente que ela começou, foi liberado o passe. Mas assim, meu pai, minha mãe falam. Como meu pai era cambone chefe, minha sempre ficava muito próximo, o pai teve aquele cuidado comigo, com a entidade, sempre perto. Eu tive todas aquelas fases, meninas, meu pai era assim, parecia que era porcelaninha ali. Acho que ele tinha medo de vir alguma coisa pro lado. Foi desse jeito. O meu foi bem lento, devagar. Até então, para nós a entidade falar, dar o nome, demorou muito. No começo, meu caboclo, o Caboclo Caçador, ele não falava. Meu pai falou que nunca escutou o Caboclo Caçador falar, não falava. Cabocla Jurema não, Cabocla Jurema já começou a falar, parecia que era. Faz tempo hein, faz tempo que não sinto ele.

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

Muda algumas coisas, acho que muda algumas coisas. Parece que a gente cria mais maturidade, mais sabedoria. Às vezes, a gente estamos passando coisas difíceis. Menina, às vezes eu falo para a mãe, “mãe, eu estou, eu quero fazer alguma, uma arte” e ela “sossega, para”. Independente, dificuldade financeira, profissional, já passei muito, no começo quando fui morar sozinho foi muito difícil. Sabe, quando você não tem força e rápido você cria uma força que nem você sabe onde cria esta força. Hoje eu sei de onde, eu acho que amadureci muito depois da vida mediúnica. E não é só devido ao espiritismo, o espiritismo ensina muito, cada dia é um dia de aprender, é um dia de aprendizado. Eu falo que cada dia estou melhor, menos erros e menos falhas como todo ser humano, né. Porque nós somos médium, nós vamos errar, nós vamos passa dificuldades. Eu falo isso. Falo para minha irmã: “você acha que só porque vai pro centro sua vida vai andar perfeita? Não vai andar.”. Porque você vai errar e você tem coisas para carregar. Eu acho que as dificuldades diárias todo mundo tem, é levantar a cabeça, pedir proteção, pedir auxílio e seguir.

22. O que diferencia a (in)corporação de caboclas e caboclos daquela de outra entidade?

É fácil menina, porque a Cabocla é alta, ela é bem alta. Então às eu estou lá na corrente e “ahhh”. Sabe quando de repente você vê um vulto, algo se aproxima de você, é ela. Então assim, os meus pés, parece que estou pisando em pedreira. Às vezes em estou na corrente, levanto um pé, levanto o outro, parece que estou pisando em pedra. E eu a sinto bem alta, ela é super alta. As outras entidades não. A preta velha é muita dor nas minhas costas, muita dor nas minhas costas. Eu até comento né, em Cosme e Damião (risos). Quando é baiano, ali na corrente eu já fico bêbada, bêbada, bêbada. A pomba-gira não, quando eu estou na corrente, eu sempre cuido dela, mas eu sinto muita dor no meu ouvido. Porque a risada é muito, lá do fundo eu sinto, entendeu. E Cosme e Damião é bem mais tranquilo. Sabe, vai passando o tempo, você vai começar a ver qual parte. Povo D’água, povo d’água louca de chora. Eu tenho povo d’água cruzado com Mamãe Iemanjá e Oxum, né. É aquela coisa muito... eu comecei a diferenciar por aí. Sempre que eu estou na corrente a Glaucy pergunta “é caboclo?” É caboclo. A Martha veio perguntar “Luana, você não trabalha muito com preto velho”. Eu falei assim “é uma linha que eu amo, eu amo trabalho com a vovó”, mas eu sinto uma energia na desincorporação de Cosme e Damião, é uma energia muito forte quando estou desincorporando a preta velha. E eu evito. Tipo, eu sei que a gente tem que segurar e ter firmeza, mas é uma entidade que não é de vir. Uma entidade que você tá desincorporando tá vindo outra. Não é bom segurar entidade, eu não seguro entidade, de qualquer forma ele vai vir. É uma linha que deixo para perto de agosto. Final agosto eu começo a trabalhar preto velho, tiro um pouco o meu caboclo, porque eu dou passagem para Cosme e Damião. Porque eu não consigo, menina, é uma energia muito forte de Cosme e Damião quando estou com preto velho.

23. Como você sabe que a/o cabocla/o está presente?

No começo, menina, juro para você, sabe quando seu coração começa a disparar, não sei se você tem isso. Eu sentia um batimento aqui no coração, na garganta. E eu falava “isso não é normal”. E bem perto dava vontade de ir no banheiro. E um dia eu comentei com a Glauce, e a Luana falou “Luana, o Luiz é assim também”, Menina, agora melhorei, mas sem brincadeira, antes de começar o trabalho eu vou no banheiro, mas na hora que a Dona Jandira vai incorporar... mas eu já comecei a pensar sobre isso, mas acho que é, deve ser alguma coisa. Mas o coração fica naquela, naquele batimento acelerado mesmo. No começo eu achava que era medo, mas não é medo. Parece que é adrenalina, alguma coisa, principalmente caboclo. Parece que cabocla é bem acelerada. Então acho que é isso, é tudo um jogo de energia.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o cabocla/o com a/o qual trabalha?

Olha, tudo que eu venho passando eu converso com ela. A primeira imagem que eu comprei foi dela. Vou te contar uma coisa. Uma vez, eu fui na chácara da mãe da Karina, aí chegamos na chácara, e a Karina falou assim para mim “amiga, vamos lá no riacho?” E eu falei “vamos sim, amiga”. Aí fomos na mata, porque bem grande a fazenda da mãe ela, a chácara. Entramos na mata. E a gente sabe que quando a gente entra na mata a gente tem que pedir licença né, e a gente estava tão empolgada que para ver o rio, o riozinho que passa lá. E fomos todo mundo, eu, ela, minha irmã e dois amigos nossos. Entramos toda empolgada, vi aquele rio entrando dentro da água, sabe, tirar foto, tudo tirar foto. Aí falamos “vamos então almoçar”. Quando olhei pro lado, tinha uns pés de bambuzal, do outro lado do riozinho. Aí falei “pera aí amiga, antes de sair vou tirar do lado daquele bambuzal”. Então tá, atravessei o rio e fui tirar foto, tirei a foto no bambuzal, atravessei e vim embora. Chegamos lá para almoçamos, e voltamos para campo grande, cheguei em casa. “mas Mãe”, na época eu morava com a minha mãe, “mas mãe, me deu uma dor de cabeça”, uma dor de cabeça, uma dor de cabeça que eu não estava aguentando. Meu olho estava vermelho com a dor de cabeça. Tomei dipirona, tomei paracetamol, não aliviava, minha cabeça parecia que ia explodir, parecia que estava desse tamanho. “Luana, mas você foi aonde?” “Mas mãe, eu só fui lá, não tomei Sol, não tomei nada”. Aí minha mãe falou “cadê o seu pano?”, aí peguei o pano de cabeça do amaci, menina, enrolei o pano de cabeça do amaci e deitei, deitei na minha cama. Sem brincadeira, em 5 minutos eu dormi. Eu sonhei que eu voltei lá, pedi licença, e toquei no pé de bambuzal, tinha vários bambuzais, sabe. Eu tive que tocar em cada bambuzal, para aí voltar. Quando eu acordei, cadê a minha dor de cabeça, não tinha. Estou falando para você... então assim, entrou numa mata, tem que pedir licença. Mas eu falei assim, “mas mãe, acho que não é só isso que me deixaram com dor de cabeça”. E a minha mãe “Luana, pode ser sim”. Mas aquele pé de bambuzal me chamou muita atenção. Até comentei com o pai Luiz “Pai, aconteceu isso”. E ele até fala “Luana, você tem muita forte a ligação a ligação com a sua cabocla”, referente a isso né. Às vezes eu estou em casa e falo “Ah Cabocla Jurema, me ajuda, me dá conselho, sabe”. Por mais que ela seja brava, ah ela é brava. Às vezes, minha irmã ia tomar passe, ela falava “pode avisar, pode avisar”. A Jennifer falava “Luana, cabocla jurema mandou avisar para você, você tomar juízo, para você começar a prestar atenção no que tá fazendo, para você tomar os seus banhos de descarrego”. E às vezes, menina, eu esqueço mesmo, é uma rotina corrida para mim. E eu não gosto de tomar banho de descarrego à noite, não tomo. E às vezes eu preparo de manhã e quando para o plantão eu tomo de manhã mesmo, às vezes eu chego de noite, chego de noite tomo banho para ir pro centro. Eu não tomo mesmo, tomo de dia. Sabe, eu tive muito problema no começo por causa disso, sabe. Uma vez que aconteceu comigo, lá no centro. Eu tinha aquela guia que eu tenho, sabe, era maior. Cada miçanga era 7, hoje eu fiz só de 3 pequenas. Diz que a cabocla... eu incorporei a cabocla, quando a cabocla, passou, deu a volta para cumprimentar todos os orixás. Ela chegou na frente da senzala, na hora que ela foi cumprimentar, diz que foi miçanga para todo lado, estourou a miçanga todinha. Aí a finada Dona Inize foi nela e “a senhora quer recolher”, diz que não era para recolher, era para deixar. Então, quando eu desincorporei, “cadê a minha guia?” (risos), eu sentia mais do que a cabocla. Eu tenho uma ligação muito forte com a cabocla Jurema. Às vezes eu chamo, chamo mesmo, falo “Cabocla Jurema, me ajuda. Me ajuda, me guia, me dê conselhos, sabedoria”. Então. É isso

25. Como você compreende o trabalho da/o cabocla/o na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

Eu acho que é um misto de fator, Thaís. Eu acho que depende o que o consulente ele vem na busca. É que a cabocla Jurema ela é mais... hoje eu falei para a Dona Jandira, eu não sei se o da senhora é assim. Não sei se é porque é caboclos, caboclas, eles têm aquele jeito mais... não grosso, mas “pronto, falei”. Não fica muito igual a preta velha... a preta velha não, ela é mais, fala a coisa, o caboclo não, o caboclo é assim, assim, e pronto. Então acho que depende do que o consulente vem buscar, acho que eles estão ali para ajudar em toda a fase, tudo o que pode ajudar o consulente, né. Se um consulente vai atrás de um problema financeiro, profissional. Acho que amoroso eles já jogam ali pro lado da esquerda (risos). O Leo veio me falar, diz que chegou um consulente para a cabocla, e veio falar que estava passando problema com, não sei se era namorado, não sei o que era, e a cabocla já mandou procurar lado esquerda, a entidade, diz que ia ter um trabalho de esquerda, para conversar sobre isso. Nem lembro o que ela falou. E o Leo ficou prestando atenção. “Luana, a cabocla falou para o consulente que procurar ajuda, que ia ter ajuda, diz que chamou o Leo, perguntou quando ia virar a banda, que era para conversar com a Pomba-gira, que eles iam se resolver”. Já é um pouco assim né. Eu isso assim comigo, eu não sei os outros médiuns, mas os caboclos são um pouquinho mais sérios, bravo. A cabocla Jurema é muito brava, não tem esse negócio... às vezes até eu (risos) ela é brava, até a Martha falou para mim “Luana, sua cabocla é brava”.

26. Quem é a/o cabocla/o pra você?

Aí entra aquela coisa... caboclos né. Às vezes a palavra caboclos não é o substantivo feminino masculino. Acho que caboclos é uma falange inteira de caboclas e caboclos. Estão todos com o mesmo objetivo, isso é fato né. Gente, caboclo na Umbanda é uma coisa muito... é para descrever? Receita banhos, ajuda na cura, alivia, dá conselho, acho que conselho é uma palavra muito forte para eles. “Ah, a entidade me deu conselhos” ... não, acho que a entidade mostra o que é certo e o que é errado. Acho que conselho, conselho você tem de uma amiga, de um pai, de uma mãe. Acho que entidade não te dá conselho, entidade te direciona pro caminho onde a pessoa quer seguir. Se você quer seguir este caminho, tudo bem, se você quer seguir outro, tudo bem, você que se vira. Mas eu, eu dei minha opinião, eu dei a minha sugestão que você pode ir, você pode fazer, eu acho que é isso.

27. Qual a lição mais significativa que a/o cabocla/o te ensinou/ensina?

A sabedoria, eu levo muito isso. Por mais que eu tenho... eu não sei se é porque eu admiro muito a cabocla por isso, a garra, a força, a sabedoria que ela traz, muito, muito mesmo. E quando a cabocla foi direcionada para o atendimento. Sabe, tem coisa que você consegue, você consegue, porque assim, a incorporação em geral, tem coisa que você lembra e tem coisa que você não se lembra. No começo, eu estava naquela fase, será que sou eu, será não sou eu, eu tinha muito isso. O que ela falava para mim, parece, aquilo eu guardava para mim, e guarda até hoje. Então eu falo, a minha cabocla é muito sábia. Ela tem uma sabedoria enorme. A sabedoria, a paciência, ensina muito, muito, muito. Porque eu sempre fui, eu mudei muito, eu não tinha muita paciência nada, eu aprendi muito, e aprendo. Todo dia é dia de aprendizado. Nas segundas-feiras que é pros médiuns novos eu estou ali, quando eu posso eu estou ali sim. Às vezes eu incorporo, às vezes não. Às vezes eu falo “vou incorporar não”. Não é certo, não é certo, porque todo centro... as segundas feiras são para todo mundo, porque todo dia, todos nós estamos em aprendizado, independente se é médium novo, se é médium iniciando, começando a dar passe, independente. E médiuns antigos todos estão ali, as entidades, as entidades são as mesmas, vai ajudar, vai ajudar o aparelho, né, e a pessoa mesmo ali. Acho que é a sabedoria, ela é muito sábia, eu levo muito isso.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

Eu nunca entrei em outro terreiro. Nunca de fato sair do Pai Oxalá, entrar em outra casa e depois voltar, porque o Pai Mongelli sempre falava, a porta sempre esteve aberta, quem quer sair, que saia. Ele sempre falou isso, o Pai Mongelli, sempre deixou bem claro, ele nunca segurou nenhum médium ali dentro. Já saiu muitos médiuns, já entrou muitos médiuns, aí. Às vezes a gente acha que tá tudo bonitinho aquela corrente, daí começa a sair, meus Deus, aquela multidão, entendeu. Então assim, eu

tenho um amor muito grande pelo Pai Oxalá. Não é... eu gosto muito do Pai Luís, tenho um respeito muito grande, eu amo muito o Pai Luís. Gosto dos médiuns. Para mim são todos iguais, para mim todos tem o mesmo objetivo, as entidades têm o mesmo objetivo, são irmãos né. Tinha que mudar algumas coisas ali, sim, tinha. Tinha que ter uma diretoria, tinha de ter que... tudo assim. São coisa que adianta falar hoje em dia? Não, porque a gente vai falar e não vai acontecer. Então às vezes não é nem...é um desgaste falar. Então a gente fica quieto e pronto. Já deu vontade de sair, já. Já deu vontade de falar “Mãe, próximo trabalho não vou, vou pedir para sair”, já. O que me segurou ali? O peji. Quando eu chego lá, parece que minha cabeça... menina, os problemas estão tudo ali, parece que lá existe, entendeu. Quando eu bato a cabeça naquele altar, ele me dá uma força tão grande, eu falo “obrigada”, a gente agradece, me ajuda. Já deu vontade já, já. Já fui chamada para outro centro, já e já. Às vezes a pessoa fala “vem aqui”, não, aquela coisa, aquela ligação, vai cortar o cordão umbilical, não vai, não vai. Então, cada um tem uma fase, ah sei lá, eu falo, meu pai se afastou quando tentou voltar, não conseguiu, saiu de novo. São fases, entendeu, são aprendizados para nossas vidas. Eu falo que o Pai Oxalá, além de ser um centro conhecido, um centro ótimo, e bem falado por todos, o Pai Oxalá é uma escola, porque ele prepara muitos médiuns para abrir sua casa, entendeu. O médium no peito e fala “eu sou Pai de Santo”. Você é Pai de Santo, parabéns, mas você tem que entender de onde você saiu. A pessoa nunca lembra como ela entrou, ela lembra como ela tá saindo. Parabéns, que tenha prosperidade na sua casa, que segue sua vida, que faça o mesmo objetivo e o mesmo princípio. Eu já falei e repito, e se você quiser colocar no seu questionamento, você pode colocar, porque são coisas que você também vivenciou e você também sabe.

ENTREVISTA 5

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Pai de Santo

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 48

3. Profissão: Psicólogo

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

() ensino superior completo

(X) pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: () Mulher cisgênero heterossexual

(X) Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

() Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

() Travesti

() Pessoa intersexo

() Pessoa não-binária

() Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda:

Eu não tenho uma data precisa, porque foi tão doida a minha forma de entrar, porque eu não esperava, mas acho que tá entre em 18 a 20 anos.

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Não.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

No micro familiar, não. Que é eu, a Glaucy e a Débora. No macro, o espiritismo kardecista. A gente ouve de uns tios que são evangélicos. Mas a base por parte da minha mãe é kardecista e por parte do meu pai que eu tive mais contato que está entre Umbandistas e Kardecistas. Só com Umbanda que trabalho.

9. Tempo em pertence ao templo religioso:

Ativamente, é a o tempo que tenho de casa, 18 a 20 anos. Agora como lembrança, eu sempre estive desde pequeno, desde que eu sou gente nestes bancos que estão até hoje dormi muito neles.

10. Ocupação no templo religioso: Pai de Santo. Tem a parte administrativa, as duas frentes.

11. Nome da entidade com a qual trabalha (cabocla/o): Caboclo Pena Branca, só ele.

12. Qual o seu guia de frente?

É o Caboclo Pena. Por mais que quem se manifestou primeiramente, que firmou foi o preto velho, mas é o Caboclo Pena Branca que se identifica como de frente. O Guia Chefe.

13. Como foi sua chegada na religião?

Eu acho que até comentei rapidamente com as pessoas que estavam querendo entrar que às vezes a gente vai pôr um caminho, mas vai por outro. Por mais que indiretamente eu sempre estive aqui no terreiro, mas eu não me sentia preparado, podemos usar esta palavra, ou não me via lá dentro. E nessa questão de não querer assumir esta responsabilidade pelo grau de seriedade, eu também não sentia nada durante o passe, mesmo na época da faculdade que vinha com frequência, na pós faculdade. Não me via como realmente fazendo parte, como integrante. Ai eu falo que eu tive de alguma forma, acho que valeu para mim, mas valeu para todos, mas cada um absorveu o que tem que ser. A minha irmã mais nova resolveu fazer evangelho na casa dos meus pais, minha mãe, ela, minha irmã mais velha, minha tia que é espírita, irmã da minha mãe e uma prima, duas primas. Ficávamos entre 6 a 8 pessoas, às vezes iam uns convidados, mas inicialmente, primeira sessão, era 6 ou 7. Meu pai que eu me lembre nunca incorporou, mas era mesa branca, tinha um copo. Minha tia que abria e fechava, meu pai dava os seus momentos de reflexão. E na primeira oportunidade quando eu estive, quando sentou, e falar “se tiver algum irmão que quiser se manifestar”, e eu, “mas quem será que vai se manifestar, vai se manifestar em quem?”. Minha irmã era espírita, incorporava, ficava perto, mas nunca me lembro dela fazer parte da religião lá. E eu “ué. nunca sinta, quem vai se manifestar?”. Achei que poderia ser meu pai, até minha tia que em algumas reuniões acontecia, e minha mãe que também algumas vezes acontecia. E eu senti vibração, abri o canal, chorei bastante, copiosamente, é uma coisa surreal, eu não parava, parecia que era infinito. Fui acalmando, daí foi minando eu acredito. Nós tivemos essa forma de fazer duas vezes ao mês, aos domingos, neste período antes das 9h. E nestes trabalhos, em todas sessões, eu virei esponja né, foi zombeiro, foi psicografando, este quadro lá no início né, fui passando por lapidações. Eu lembro como, eu não posso dizer certamente, mas considero curiosamente como sendo, mas eu não posso dizer 100%. Minha vó, que já tinha falecido há muitos anos, por parte da minha mãe e acho que meu tio, se não me engano, e que algumas entidades que se manifestavam, que veio neste dia, numa situação atípica que aconteceu lá. Minha prima tia que estava passando mal, e minha mãe que também estava tentando puxar, isto todo mundo sentado. Eu sinto no final das contas estava meu exu que é o mesmo até hoje, 7 Encruzilhadas, incorporou, sei que que ele falou algumas coisas, levantou, isto eu me lembro, foi até a porta da frente, deve ter colocado acho que era isso, água,

sal grosso. Ele já chegou se apresentando, e sou 7 Encruzilhadas, daí o meu pai foi cambonear ele, foi de boas, fez, levantou, fez desta forma, foi o primeiro relacionado à relacionado. Mas pro final desse tempo que ficávamos, das sessões, lá pro finalzinho nós paramos de ter os encontros, veio o meu preto velho, mas foi o meu pai que falou “Pai Gregório da Guiné”, “sim sou eu”. Ele também falou alguma coisa, eu não sei o que, mas sei que ele falou assim, quando é para lembrar ele deixa: “tá na hora desse filho entrar na casa”. Isso no domingo, eu passei a correr, na hora do almoço, atrás da roupa, correndo para comprar roupa. Foi assim, a gente não quer para um lado, eles dão um jeito da gente correr pro outro. Você não quer por esse, pega um caminho mais longo, mais largo, mas você vai chegar aqui.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Ele quem me intimou, porque o caboclo não tinha manifestado em nenhum momento, exu só veio essa vez, para você, como veio tantas outras manifestações em mim falando que eu deveria ser feito, olha quanto tempo demorou para o preto velho chegar em mim e falar. É aquele negócio de ensinamento, de alinhamento, de trabalho, de acreditar, quando fosse a hora. Se o preto velho chegasse de cara, logo no início, eu ia falar “será?”, talvez eu fosse, mas quem sabe, vai saber, é questão de tempo, saber que hora que eu devo, que hora que a entidade deve se apresentar e orientar e indicar o que deve ser feito. Quando eu entrei, eu já entrei mergulhando mesmo. Porque uma vez que eu entrasse era seriedade né, fazia parte de uma instituição, e no dia que eu entrasse não era para ficar de oba oba né. Era questão de questão responsabilidade muito grande, e responsabilidade de encaixar isso na minha realidade né. Não estava com esse interesse, tive que mudar muitas coisas, não estava querendo esta responsabilidade, mas surgiu.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

Eu vou tentar não conceitualizar o que às vezes a gente vê em literatura. Eu vou falar um pouco do que eu como pessoa, para a gente evitar conceitualização que vemos em literatura. Mas para mim acho que é um momento tão... tão único, no sentido de incorporar é uma realização da mediunidade, não... mas eu vejo aquilo como um encontro, talvez um encontro reencontro de uma entidade, um astral, em relação ao corpo físico, em desenvolvimento e fazer crescimento pros dois lados em prol de ajudar as pessoas. Muitos vão tentar conceitualizar incorporação é energia, não sei o que, vou falar de sentimento. Para mim, é um momento único, porque para mim, quando estou neste propósito, para mim é brevidade, até o Diego no final “agradeço”, maravilha, fico feliz, a gente gosta, mas para mim aquilo é uma missão e eu não faço com peso, ainda mais pra vocês. Com o consulente, lógico, mas para vocês, os médiuns da casa, eu me desdobro, eu faço o que for possível. Já tive casos de sair tarde da noite, e ir não sei aonde e resolver, essas coisas né. Isso, sendo bem objetivo, não vou falar assim, “é uma vibração que vem, que recebo, que junta e pá, ok”, mas queria falar algo nesse sentindo, neste momento, quando chegar na sexta, para estar eu quero fazer o meu melhor, sempre o melhor. Quando a bato a cabeça no altar antes de incorporar sempre agradecendo, sempre peço conexões, sempre peço que temos uma ótima incorporação, não só a minha, mas todos nós.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

Incorporo para... é uma missão, e essa missão não tem peso, essa missão, como eu falei, a gente aprende também, a gente sente também, saber como utilizar e que momento. Se eu precisar incorporar todo dia para situações específicas, vai ser preciso, mas a gente sempre tem uma cautela para evitar uma questão de desgaste, queira ou não queira há um desgaste, exige bastante. A gente sabe que não pode ser uma coisa habitual, a gente sabe que não pode ser uma coisa que “ah, não estou legal”, às vezes a pessoa manda uma mensagem no whats App “ah, não estou legal”, então pera aí, vou incorporar aqui, e agora que estamos aqui, vamos dizer que a câmera está ligada, vou fazer uma incorporação à distância, virar isso... não, tem o momento certo na hora certa, a gente tem que usar com parcimônia, saber utilizar a energia com parcimônia.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Estou tentando desmembrar... vamos falar a questão de linguagem. Eu sinto uma linguagem mais específica, aí depende da entidade, mas é mais raciocinado assim, a entidade, o caboclo por exemplo, é um gatilho que aperto e não paro. Ela gosta de me ouvir, mas quando ele fala, fala e não consigo

meio raciocinar, é uma coisa “lololololo”. Eu percebo essa aceleração da fala, a tonalidade também. Questões físicas, eu sinto mais irradiação corpo arrepiar, é muito ocasional, não é sempre. Emoção, vira e mexe eu sinto uma coisa, dá uma embargada, independente se é festa ou não, depende muito do que tá naquele momento, naquele dia. O jeito físico é muito peculiar, o jeito de andar, o jeito de se movimentar, é muito característico. O jeito também de não ficar com os olhos abertos, eu não sei porque assim, eu nunca fiz uma pergunta direta, eu sei que é mais uma questão de sentir. Minhas entidades trabalham muito com essa... mas sempre foi assim, foi desde de início, o preto velho eu brigava muito, eu falava “eu quero abrir os olhos, eu quero abrir os olhos”, e não conseguia. E às vezes ele, abre, enxergava alguma coisa, mas acho que o trabalho é uma questão de só ouvir, não quer ficar vendo. É uma coisa assim, eu to naquele momento para te ouvir, não para te ver, interessante, eu sinto. Mas todas as linhas, sempre assim, mas obviamente ele abre o olho de vez em quando, dá uma espiada (risos).

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Sim, estamos próximos demais, ficar curtindo essa energia tão boa. Eu sempre senti como se fosse aquele momento de estar a entidade acoplada como se fosse força divina, os orixás, irradia, sinto bastante.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

É aquele que está apto pelo menos para atividade de atendimento. Mas obviamente... vou tentar classificar assim. Todos somos médiuns, como sabemos. Todos temos o processo da incorporação, que a manifestação necessária para isso, não necessariamente o atendimento precisa para confirmar e saudar o médium de incorporação, mas eu digo que é uma questão de estar apto mentalmente, apto emocionalmente, de alguma forma. Apto para canalizar essa energia para incorporar. Hoje eu já tenho um pouco mais de facilidade de conseguir isso com mais rapidez, que é a prática, que é o tempo. No começo, às vezes eu não chegava no horário, devido uns processos de correria, e eu chegava, tinha que firmar e incorporar, e eu “Não, espera um pouquinho”. É aquele negócio de falar preciso de um tempo, sentir onde estou, para... também é importante, mas hoje eu não preciso disso não. Hoje eu sinto que, virou a chave, funciona, é isso. Incorporação é isso, receber uma entidade, qualquer que seja para o desenvolvimento mútuo, dessa parceria médium e entidade, para o propósito, propósito obviamente da caridade, do atendimento às pessoas.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

Sim, a gente vai mudando muito coisa. Aprender algumas coisas relacionado à, Sempre tive um pouco deste fator, mas não tão percebido, da questão do cuidado com as pessoas, do respeito, da ética, sempre tive. Mas parece que a partir do momento que você começa a ter esta missão fica mais manifestado lá na frente. Então uma das coisas que percebi é ouvir mais, ser mais paciente, mais consciente. Saber como ser firme [queda conexão] ...sentir que vai ter pessoas que não vai gostar de mim, e está tudo bem, não tem que ficar... em qualquer lugar, em qualquer instituição, e tá tudo bem, e não tem como. Eu era muito preocupado com isso, a pessoa não fala comigo, não gosta de mim, e eu ficava preocupadíssimo com isso. Hoje, ainda tem alguma coisa, faço o possível para ser agradável, mas não fico mais choramingando por isso. E foram alguns ensinamentos neste sentindo, onde você está, aprender que nem tudo são flores, aprender que tem que ser mais firme, mais presente, mais participativo, aquilo que eu já tinha, demonstrando como ser mais ainda.

22. O que diferencia a (in)corporação de cabocla/o daquela de outra entidade?

São as características físicas, que é o jeito de incorporar, o jeito de falar, e o jeito peculiar de conduzir a falar, conduzir a energia e a fala. São pelo menos esses três pilares que são mais característicos. Porque cada um tem sua característica, é o jeito de andar, o jeito de incorporar, desincorporar, o jeito de falar. Como era Exu, como falavam, que era muito pior, que era muito cultural, ele me cansava muito, ficava muito [som grave de rosnado], e gente do céu, eu fiquei um bom tempo assim, parece que não saía disso. Hoje a gente vai desenvolvendo, vai aprendendo, hoje ele traz mais suavidade. Antes ele

ficava o tempo inteiro com as mãos em forma de garras para trás, ficava ali horas daquela gente, mas ele tem, quando precisa ele faz isso. Mas diminuiu bastante, era bem mais, bastante mesmo, ficava até com dor de garganta, senti que forcei. Muda, exatamente, porque ele carrega essas energias, não tem nada a ver com o caboclo, nem com o preto velho, totalmente diferente. Às você pode falar “parece que é a mesma coisa”, você pode até ter a sensação, mas eu sinto que já é outra coisa.

23. Como você sabe que a/o cabocla/o está presente?

A hora que ele chegou (risos). Mas é bem isso, é praticamente isso, eu não preciso ficar pensando, no sentindo de que ficar bobeando assim ... é caboclo. Não tem que ficar assim “será que vai vir alguma coisa, será que vai alguma outra entidade, será... cara, é aquilo”. Eu sei que é inerente, eu que é aquilo, é inexplicável, eu sei que é aquilo, não tem que ficar na hora “é caboclo ou preto velho? Se é exu, qual exu que vai vir?” Caboclo eu só tenho esse. O que acontece, já vai falar para alguns de vocês, é algumas vezes, momentaneamente, muito rapidamente, após incorporar caboclo, eu sentir uma irradiação visual, que eu me vejo, o braço principalmente, o jeito, como se eu tivesse vendo o meu pai. É a sensação que eu tenho, ou o braço, ou o jeito de falar, como se fosse ele. Às vezes até incorporado eu olho eu vejo assim, e às vezes até o jeitinho de falar, mas é o momentâneo, vem o meu caboclo e aí ele dá um espaçozinho para a irradiação e “shiiii” tchau, só para dizer “estou aqui”, mas faz tempo que não sinto. Muito doido, primeira vez eu senti isso, eu falei “não, que isso”, aí eu não sei relacionar o meu entendimento, que eu fico com uma unidade só, não sei se é o meu pai ou o caboclo dele. Vem uma coisa só, independente de quem seja, mas a sensação é que era ele. Como se tivesse num pequeno pedaço daquele momento que era ele, vendo-o, sentindo que era o braço dele.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o cabocla/o com a/o qual trabalha?

É um amigo para todas as horas, um a amigão. Uma amizade, eu falo assim que quando comecei a tomar passe eu tomava passe só com a entidade do meu pai, o Caboclo Beira-mar. Mas uma vez ou outra... 79% das vezes era com uma entidade do meu pai, mas eu gostava muito da incorporação da irmã dele, a minha tia, a tia Tereza. E qual que é o caboclo dela? O Pena Branca. Eu tocava o ponto para ela incorporar... este ponto agora, ponto lindo... e ela tinha um jeito peculiar de andar, meio rapidinho, incorporava e já saía, um jeito bem, aquilo para mim eu achava fantástico. E eu falo, quem influenciou quem? Será que eu vendo aquilo me identificava? Ou já existia e por simplesmente por ver aquilo e identificava por já existir esta irradiação presente né. Eu falo que foi com os dois. Daí eu comecei a tomar passe com ela por muito tempo, então eu tomava passe com minha tia, o caboclo Pena Branca. Mas eu não sabia, não sabia que era ele. Não à toa que nestes dois anos mais firmando preto velho do que caboclo, o caboclo não tinha nome. O caboclo, nesses dois anos, devo ter recebido umas 10 vezes, quando tinha trabalho interno, e não era sempre. Segunda e sexta eram abertos aos públicos, trabalho interno, gira interna era assim... quando surgia. Quando tinha algum atendimento, aí surgia os convites, “vai ter tal atendimento, quer ir?”. Aí chamava, aí não tinha como incorporar preto velho, porque era atendimento. Eu não atendia em si, mas fazia parte do momento. Eu tinha que ser caboclo, eu incorporava, tá bom. Aí um dia ele se apresentou.

25. Como você compreende o trabalho da/o cabocla/o na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

Se considerar os caboclos as entidades que trabalhamos, são entidades que estão ali para, pelo menos na minha concepção, pregar caridade, o amor, acolhimento, são médicos das almas. São entidades que estão ali para realmente para dar um acalento, dar um braço, um abraço. Eu falo até o abraço é uma coisa que inicialmente eu “como assim, abraçar?”. É um pouco da psicologia, na época do início, quando eu fazia, falava assim, principalmente psicologia analítica do Freud, falava “tem que tomar cuidado com o abraço, não sei o que”. De alguma forma eu tinha uma certa resistência, hoje algumas pessoas pedem um abraço, e a minha entidade abraça também, qualquer um que seja. Já abraçaram o meu, o meu caboclo, eu não lembro preto velho, Cosminho também, baiano eu não lembro. Mas o caboclo é mais “ah, você quer um abraço?”, olha (risos). O abraço faz bem, é muito terapêutico, mais uma lição. Mais uma lição que ele passou.

26. Quem é a/o cabocla/o pra você?

Estou falando dessa forma bem mais subjetiva, tá? E bem objetiva. Caboclo é um ser que tá trabalha com a gente, nos auxilia, e nos engrandece, e nos faz bem. É difícil, é raramente, vou falar que nunca aconteceu, porque nunca aconteceu, vou falar “nossa, sai mal da incorporação do Caboclo Pena Branca”. Tenho um cansaço, dependendo do que for, mas é físico. Mas agora minhas entidades como a gente ouve – surra né – a gente ouve historicamente em outros terreiros “a entidade deu surra no médium”, eu nunca ouvi isso. E nem acho que deve ter, porque não é por esse caminho. Então o caboclo é um mensageiro, é alguém que está ali nos ajudando, nos evoluindo, nos cuidando neste trabalho que temos como missão ajudar o próximo.

27. Qual a lição mais significativa que a/o cabocla/o te ensinou/ensina?

Saber a ficar tranquilo, calmo a todo tempo. Até no atendimento dá aquela... “como conduzir aquela situação” ... acaba sendo tranquilo, né, confiando lógica. Mas acho que calma no dia a dia. Mas acho que foi o preto velho que me deu uma baita de uma lição alguns anos atrás, eu lembro que ele falou 3 palavras, era um momento bem chato na época. Das 3 palavras só me lembro de uma por incrível que pareça, eu nem anotei, que absurdo. Acho que é por isso, acho que algumas coisas estão tão lá dentro que eu não fico preocupado, não tenho que anotar, eu quero viver. Mas das coisas que ele falou eu lembro desta, que é conquista. “O que que ele quis dizer com essas palavras?”, e era conquista. E era relacionado ao espaço onde eu estava, ao meu espaço como dirigente. “Vou conquistar o que? Não seria reconquistar, não seria outra forma?” Aí eu falei “eu nunca me posicionei de fato como dirigente. Muitas coisas que passei foi de fato por causa disso, por eu não me posicionar. Existia a figura do Pai ainda, mesmo depois do falecimento dele eu tinha ainda esta visão. E eu preciso me posicionar. Então não preciso reconstruir, eu nunca construí, como que vou reconstruir. Eu tenho que começar do zero, não tenho que começar de onde alguém iniciou, tenho que construir o meu caminho, e não continuar o passo dos outros. Pode tomar como uma lição, como história, mas tem que fazer os seus passos, construir os seus passos. E foi esta palavra, acabou sendo a que ficou registrado, a que não esqueço. E foi difícil aquele dia, como você ainda está incorporado, e vai alguém pedir bênção, vai não sei o que, é uma gira interna, e vai não sei, não sei o que, estou tentando me concentrar aqui com o preto velho, eu não ia e ia até que foi.

28. O que é terreiro?

Terreiro é um espaço de trabalho, onde nós nos reunimos para executar a Umbanda como nós a praticamos, onde nos concentramos em relação ao espaço da pessoa, para que possamos receber as pessoas, onde nesse espaço do terreiro tem os fundamentos compostos, fundamentados lá, altar, ponto de força. E dali a gente se reúne pra convergir energias, através do momento, e usando no caso a incorporação e essa relação com a entidade, para atendimento.

29. Gostaria de saber se você pode me contar um pouquinho a história de formação do terreiro do seu início até os dias atuais.

Eu tenho algumas atas da época. Falava-se sobre a incubação, até se não engano a mudança de nome, que era Cacique Tartaruga do Pará, da Mãe Alzira. Meu pai não era nem pai pequeno, eu acho, eu não lembro. Porque tinha o Pai China, o Antônia China Neto. Daí o meu pai virou Pai Pequeno. O China saiu, aí o meu pai entrou. Mas quando ele assume, tinha uma história, não sei se em 75, 77, eles mudam o nome. Porque o nome era Cacique Tartaruga do Pará, e não era ali, e era da Mãe Alzira, o carregava o nome dela, da entidade ela. Ela sai, não sei por qual motivo, aí ficou aquela questão, e eu não sei se foi por eles mesmo enquanto dirigentes, enquanto corpo mediúnico tomar esta decisão e mudar de nomes, ou exigência ela, ou alguma orientação espiritual dizendo que ali fecha-se um ciclo e abre um novo, e aí um novo templo, e mudar o nome. Aí muda para Templo de Umbanda Pai Oxalá, aí fica esta história. E como eu me lembro, sempre foi naquele espaço, nunca mudou, dizem “era ali no estacionamento, desmontou, e montou ali, era para frente, no fundo”, sempre foi ali. Algumas mudanças foram feitas de posicionamento, todas as imagens eram no altar. A parte de Oxóssi, de Xangô, a sala dos Pretos velhos, Ogum, Iemanjá. Oxum, Yansã, não tinham. Eram todas juntas ali naquele espaço do altar, do peji. E foram mudando, foram fazendo né. Eu não fazia parte nesta época, eu não sei se isto tá em ata, talvez tenha, mas também em certo momento pararam de produzir. Ou quando existisse não era registrava. Mas os problemas só mudaram de ano, mas são os mesmos. Algumas questões que eles

passavam nós passamos também. A questão do médium que faltava, aquelas coisas. Aquilo que não muda. Mas historicamente era assim, a estrutura é a mesma, o lugar do altar é o mesmo, o chão foi mudado, a muretinha é a mesma, aqueles pilares de sustentação da consulência não existia, foi colocado. Ali profundo eu não lembro 100%, mas já existia, mas ali a cambonagem, a salinha onde guarda vassouras são dois banheiros. Eu lembro quando a criança quando ia no banheiro dos médiuns era um corredor, tinha quarto, tinha umas coisas... tinha uma sala administrativa ali onde era o Exu, era aberto ali, era umas salas. A entrada era pelo lado ali onde era o vermelhão, estruturalmente. Era mais gente, muito novo, tinha bastante integrantes, tinha bastante criança, tinha bastante adolescentes. Eu me lembro muitas estripulias, brincadeiras, quando estava nos atendimentos, era o passe das crianças, a gente tomava, e ia brincar, brincava nos estacionamento com a molecada com os filhos dos outros médiuns.

30. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

Não.

ENTREVISTA 6

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Pietro Lara.

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 37

3. Profissão: Arte-educador

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

(X) ensino superior completo

() pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: () Mulher cisgênero heterossexual

(X) Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

() Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

() Travesti

() Pessoa intersexo

() Pessoa não-binária

() Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: *Eu entrei na Umbanda em agosto de 2013.*

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Eu sou umbandista, né, eu falo que sou umbandista. Mas eu vou em várias religiões. Eu vou no espiritismo, eu vou no Santo Daime, vou no xamanismo, vou no mahikari, vou na igreja católica, vou na igreja evangélica. Eu gosto de ir em alguns que falam sobre Deus, gosto de pesquisar sobre Deus, gosto de pesquisar técnicas diferentes da que eu uso no terreiro, do que a gente aplica no terreiro. Porque acho que Deus é infinito, então gosto de ir em Templo. Às vezes eu não estou me sentindo legal, é um dia que não tem terreiro, vou no centro espírita, vou no terreiro, faço muito isso. Estou sempre peregrinando por aí nos templos. Mas sou umbandista, trabalho na Umbanda.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

A Umbanda é uma herança da minha família né, os meus avôs foram umbandistas, meu avô trabalhou no Templo de Umbanda Pai Oxalá, ajudou a construir, a assentar os tijolos, na época que não tinha nada, era bem simples. E depois que meu avô saiu do Pai Oxalá montou um terreiro lá na casa da minha mãe, aí o meu tio que o era médium que tocava o terreiro lá em casa se converteu, virou adventista, daí minha família meio que saiu da Umbanda, aí voltou comigo. Eles eram umbandistas, mas hoje minha mãe fala que é católica, o pessoal fala que é católico, eles não mexem com Umbanda, mas a Umbanda voltou comigo e é isso.

9. Tempo em pertence ao templo religioso.

Desde que eu entrei fui direto no Pai Oxalá, nunca fui em outro lugar, porque eu comecei a incorporar espíritos em casa, aí o meu avô falou “você vai lá no Templo de Umbanda Pai Oxalá, que é onde eu trabalhava e que eu conheço, então você vai lá”. E chegando lá já me senti em casa, já me identifiquei automaticamente, já sabia que ali era o meu lugar, então nunca fui em outros.

10. Ocupação no templo religioso:

Um cargo em específico não. Eu sou médium de incorporação e sou Ogã. Eu tenho funções que tenho que cumprir lá dentro e trabalho na corrente especificamente.

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclo/o):

Eu trabalho com o Caboclo Pena Branca, que é um caboclo das matas da linha de Oxóssi, mas também, em um momento do ano, quando chega a festa das águas, eu incorporo o caboclo Conchinha, que é um caboclo das águas. São os únicos caboclos que se apresentaram para mim e que eu incorporei até hoje.

12. Qual o seu guia de frente?

Não tenho muito esse negócio de guia de frente, as pessoas falam um monte, cada um interpreta de um jeito. A primeira entidade que eu recebi foi Exu, porque eu estava recebendo em casa e na rua, então manifestou exu. Depois preto velho, depois caboclo. O caboclo é a entidade que mais trabalho né, acho que é porque tem mais agilidade, mais força, então acabo trabalhando mais com caboclo. Então eu não sei como seria isso de guia de frente, porque eu vejo todos como iguais, desde o exu, cosminho, baiano, eu, não tenho mais distinção, mas o caboclo eu acabo atuando mais com ele. Não que eu tenha mais proximidade, eu tenho proximidade com todos, porque eu sempre estou conversando e recorrendo a eles, mas Caboclo Pena Branca é o que a gente mais atua junto dentro dos atendimentos.

13. Como foi sua chegada na religião?

Olha, se você me falasse assim sobre espíritos, que espíritos existiam, coisa e tal, não tinha nada a dizer sobre isso. E às vezes quando eu não tenho conhecimento sobre uma coisa e não pensava nada sobre isso. E a Umbanda e espírita, se me falasse, era normal, eu escutava e saía sem dar opinião. Ai tinha esta herança espiritual da minha família, eles eram umbandistas e quando eu tinha 8 anos minha avó fechou o terreiro que tinha lá na minha casa e foi dar as imagens, porque meu tio que trabalha se converteu, virou adventistas, casou com uma mulher adventista, eles iam parar de trabalhar, porque meu tio que incorporava. Eu quando eu tinha 8 anos eu falei para muito vó assim, eu lembro muito bem, eles estavam saindo com as imagens assim, igual cortejo em formiguinha para doar para outro terreiro, eu falei para minha vó “vamos ficar com a imagem de São Cosme e Damião”. Ai a minha vó sempre continuou fazendo a festa de São Cosme e Damião todo ano e me falava “faço a festa por causa de

você, porque você me falou para ficar com a imagem e fazer a festa”, então a Umbanda saiu de casa, mas a gente ficou com a imagem de São Cosme e Damião que a gente tem até hoje. É uma imagem muito antiga, tem mais de 50 anos, é linda. E minha vó continuou fazendo a festa, e então a Umbanda permaneceu lá através da festa de São Cosme e Damião. E daí quando eu fiz 28 anos, eu comecei a manifestar espíritos em casa, acordava incorporado em, na rua, têm uns 3 eventos que bebi, gostava de beber muito, quase um alcoólatra. E eu comecei a incorporar esses espíritos na rua, ver a aura das pessoas, comecei a sentir uma força sobrenatural em mim, fazia umas coisas com as mão, aplicando passe, naquele momento ali da minha vida eu sabia que Deus estava me chamando, alguma coisa estava acontecendo comigo, alguma coisa sobrenatural. Até um dia que... até arrepio... teve um dia que comecei a sentir essa força sobrenatural de novo, era como se pudesse combater o mal, como se tivesse força para combater o mal, eu senti que eu podia pegar o mal e subir até o céu e jogar ele lá de cima. Eu ficava assim caçando o mal, mas tudo energeticamente, não no campo físico, mas metafísico, na questão da energia mesmo. Então um dia estava lá na minha casa, na casa da minha mãe, sentado bem onde era o terreiro, eu vi um exu, comecei a incorporar e falar “errrrrr”, eu me vi incorporando na Umbanda umas 200 vezes, aí eu fui conversar com o meu avô, porque meu avô já teve terreiro, trabalhou no Pai Oxalá, e sempre ficava esta coisa do terreiro lá no meu inconsciente, no fundo falando [voz de sussurro]: “vai no terreiro” (risos). Não dava muita atenção para esta voz, porque minha era oposta a isto. Daí eles foram me buscar na rua mesmo os espíritos, eu não estava dentro do templo, não estava dentro de religião nenhuma. Mas sinto quando eles foram me buscar já tinham esgotado as minhas experiências mundanas, e precisava mesmo era trabalhar para Deus. No fundo, eu estava querendo entender Deus mais. Antes disso, antes de começar a incorporar, um pouco antes, eu falei com um amigo meu pastor, eu fui lá na igreja dele. Você sabe quando você está querendo chegar mais pertinho de Deus? Daí eu falando com o meu amigo pastor eu pensei “eu não me identifico com isto aqui, ele fala umas coisas, mas eu não concordo com umas coisas que ele diz”. Então eu comecei a manifestar uns espíritos. E quando eu cheguei no Pai Oxalá, eu já cheguei incorporando, eu já estava maduro nisso, eu estava incorporando em casa, na rua, eu acordava incorporando. Uma vez acordei com a mãos para cima fazendo assim [som de estalos], falei eita pega, e não conseguia baixar a minha mão, não tinha controle sobre a minha mão, então foi isso, eles foram me buscar. Aconteceram outras coisas, é um caminho cheio de detalhes, mas resumidamente é isto.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Quando eu cheguei lá para ser consulente eu já me apresentei como médium da casa, eu não me via como consulente, entende. Já cheguei lá querendo trabalhar, eu lembro que sentava no primeiro banco, era o primeiro lugar que tinha após a muretinha, e eu já de branco, eu ficava meditando o trabalho inteiro. E as pessoas me perguntavam porque eu ia de branco, porque eu ficava meditando. Eu falava assim “não sei quem vai entrar, quem tá na fila para entrar, mas eu vou entrar primeiro que todo mundo, porque eu cheguei para trabalhar, desculpa galera, vou passar na frente de vocês”. A minha vontade de estar lá era muito grande, ninguém quer entrar mais do que eu, ninguém vai tomar o meu lugar. Umas piras minhas, umas paranoias (risos). Mas eu já cheguei não me vendo como consulente, mas como médium da corrente fora da corrente, entendeu. Daí quando eu encontrei o Pai Mongelli, ele ficava na muretinha, toda vez ele me falava algo diferente, aí ele me falou “já veio uniformizado hoje” (risadas). Ele sempre teve muito bom humor, um cara muito culto. E quando ele falava eu ficava encantado. Quando eu encontrei o Pai Mongelli, falei “cara, encontrei, o meu mestre”. Eu nem sabia que ele tinha, que ele era ator, que era professor, que a gente tinha a mesmo caminho sabe, uma trajetória parecida. Eu sempre gostei de pessoas mais velhas, mais experientes, sempre gostava de conversar, de aprender, eu fazia isto muito com os meus avós, principalmente relacionado a Umbanda. Então quando eu cheguei lá, eu nunca me vi como consulente, eu já me vi querendo trabalhar, eu queria muito. Tanto que minha ascensão na casa foi muito rápida, eu vinha de branco, eu já estava incorporando, Pai Mongelli falava: “este é cavalo”. Um dia ele me perguntou “você é artista?”, eu falei que sou e ele “ahh tá explicado!” Porque os artistas têm a sensibilidade né, a arte trabalha no sentido de acordar o nosso espírito né, então isso favoreceu bastante né. Daí eu cheguei lá, O Pai Luís pediu para a cambone chefe me dar a ficha de inscrição, de preenchimento, e a cambone nunca chefe nunca trazia esta ficha, daí eu falei “não vou mais pedir essa ficha pra essa mulher. Quer saber, minha ficha já tá preenchida lá no astral, lá com Deus, não preciso preencher esta ficha. Esta mulher tá por fora, não sabe nem o que está acontecendo.” Eu nunca preenchi esta ficha, porque ela nunca me deu e

entrei depois, nunca cheguei a preencher. Já cheguei muito determinado, quando comecei a incorporar espíritos em casa, comecei a espíritos, essas coisas, eu fiquei bem fanático. Eu estudava à noite na UEMS, fazia Artes Cênicas, eu também tenho a minha faculdade, eu não falava em outra coisa a não ser Umbanda, espíritos, entendeu? Eu ficava o dia inteiro lendo assim, extremamente fanático, eu lia 1 livro, 2 livros em 3 4 dias. Não parava de ler, não parava de falar disso. Eu só ficava fazendo isso, só queria saber de terreiro, de espírito.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

Incorporação é magia de Deus, é você incorporar a magia de Deus, é incorporar a energia de Deus, Eu acho que ela está muito além de você só incorporar espíritos, mas é você incorporar a energia da água, do fogo, do ar, da terra das plantas. Eu já tive a experiência em que eu incorporei a energia de plantas. Eu vejo como um milagre, sabe, é algo que a gente não consegue explicar muito, mas que a gente sente. E eu acho que quanto mais perto de Deus você está, mais você consegue incorporar estas energias, sentir estas energias, porque elas são muito subjetivas né. A energia de Deus é a maior força do universo, no entanto é uma força muito delicada, é uma força que não faz para ninguém, é uma força que cuida de tudo e todos. Então incorporar para mim é isso, incorporar é energia divina, energia de Deus, energia de Jesus, do amor. E eu amor incorporar, eu sou viciado em incorporação, o que gera em mim. Eu sinto que cada vez que incorporo eu me aproximo de Deus. Eu ancoo mais a energia de Deus e do amor em mim então eu tenho que fazer isso 300 milhões de vezes até chegar lá, chegar cada vez mais pertinho de Deus. Incorporar energias da natureza do Universo, e não só espíritos.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

A gente incorpora os espíritos, a gente vai incorporando-os muitas vezes para trabalhar, e às vezes nós temos a visão de “vou trabalhar para ajudar os outros”, quando a gente está só se ajudando. A gente não consegue dimensionar o que isso repercute nos outros, mas que nós falamos de nós, os médiuns, as pessoas que trabalham, eu acho que a gente começa a incorporar os valores desses espíritos, a forma de ver o mundo, a forma de pensar, isto vai mudando a gente, vai mudando a nossa visão. Cada vez isso vai ancorando mais. Não é vou lá, incorporo um dia e já tá tudo resolvido, não. É muito gradativo, é contínuo. Deus é um caminho infinito, que a gente só começa, não acaba, não tem uma linha de chegada, não tem fim; É muita informação, é muita coisa para aprender. Quando eu comecei a incorporar lá no terreiro, a incorporar em casa quando cheguei lá no terreiro, eu praticamente tive abrir mão de quem eu era, dos meus amigos, da minha família, das minhas ideias, das ideias que eu tinha sobre a vida, das minhas crenças, dos meus hábitos. Eu tive que abandonar tudo, entendeu, para chegar em Deus, para fazer o trabalho. Não por que as entidades me pediam, Deus me pedia, mas é porque me falava isso, entende. Então eu mudei radicalmente, eu mudei radicalmente. Eu fazia parte de um grupo de teatro, que era de uma galera bem anarquista, gostava de beber e de zoeira e tudo mais. Não que isso sejam um mal, não tem nada demais nisso, mas eu abri mão de tudo, renunciei absolutamente tudo para seguir a Deus, tipo, eu renasci, foi um novo nascimento. Então o Pai Oxalá ele marca o meu encontro com Deus e aí eu comecei a incorporar esses valores, entendeu. Eu comecei a entender a mensagem de Jesus, a estudar mais a mensagem de Jesus, a aprender com Jesus. Antes eu não tinha uma opinião formada sobre Jesus. As pessoas falavam sobre Jesus e eu falava “será que Jesus existiu mesmo?”. Eu não pensava sobre essas coisas, sobre Jesus, sobre espírito, sobre Umbanda. Aí a gente começa a incorporar esses valores, a essas mensagens que esses espíritos trazem, os Orixás, a Umbanda trabalha muito com a natureza, então a gente começa a aprender mais com a natureza, a observar, refletir mais. Passei mais a ficar mais comigo, a minha vida mudou radicalmente depois da incorporação, mas é um caminho longo. É o humano né, as coisas que a gente aprende, as coisas que nos são repassadas, a energia que nossos pais projetaram sobre nós e nossos avós projetaram sobre nossos pais, toda essa estrutura da sociedade, quando a gente chega lá percebe que foi um grande equívoco, a forma como fomos educados, como a gente foi ensinado. Então a gente precisa de desconstruir, a tirar essas coisas foram colocadas sobre nós, e a gente não faz isso num estalido de dedo, numa incorporação, é contínuo, é gradativo, é infinito, então é aos poucos né, a gente está sempre aprendendo né, cada dia que pisa no terreiro, que a gente incorpora, a gente tá se desconstruindo um pouco, chegando mais perto de Deus, entendeu, isso não para. Não me vejo parando, só indo. O bom que a gente vai indo lá tantas vezes, vai fazer 9 anos que eu vou agora em agosto, é um considerável,

mas ainda assim é muito pouco, diante de Deus e diante de tudo que há no terreiro, tantas informações, tantas energias. Bom que passa todo este tempo, eu olho para trás e penso, “já mudou bastante, já melhorou bastante, é isso aí, tem que continuar”.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Ah, com certeza muda, porque eu recebo essas energias da entidade né, essas energias do astral, de Aruanda, na natureza, isto mexe com todo o meu corpo, é como se eu tivesse sujo e chegasse e tomasse um banho de cachoeira na cachoeira mais linda do mundo, sabe. Terreiro para mim é o melhor lugar do mundo, não tem nenhum lugar que eu me sinto tão bem como lá. Então eu sempre entro de um jeito e saio de lá, entro eu e saio um pouquinho mais Deus, aprendendo. Tanto que tem ali na entrada no terreiro, quando os médiuns chegam para trabalhar, tem a Mamãe Oxum lá, dali para frente eu tento não ser mais eu, deixar meus pensamentos, as minhas preocupações, as coisas que eu trago comigo, e as minhas demandas internas, eu tento não mais pensar nelas, eu deixo Deus se manifestar, colocando meu corpo e meu aparelho à disposição de Deus, vai ancorando essa energia aos pouquinhos, de pouquinho em pouquinho sabe, a gente vai subindo os degraus na escala da montanha. Então eu to sempre me transformando no terreiro, mesmo que a gente seja muito resistente mesmo que eu seja teimoso, porque o ser humano é teimoso. Quando fala assim “Pietro, você tem que deixar de ser o Pietro”. A gente não consegue, eu tenho minhas ideias, a gente tem as ideias fixas, eu sou assim, mesmo a gente sendo essas pessoas teimosas, resistentes com as mudanças e transformações que Deus quer, com aquilo que Deus quer para nossa vida, com o plano dele, então as coisas vão acontecendo, estou sempre me transformando no terreiro. Acho que não teve um dia que saí ruim de lá. Posso ter saído de lá vendo vários monstros, vários demônios meus que eu tenho que enxergar, que eu tenho que ver, que eu tenho que reconhecer, mas sair ruim, não. O terreiro vai operando esta transformação na gente né, principalmente quando a gente permite, quando a gente tá aberto, quando a gente busca, quando a gente quer isso.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Sim, com certeza. Sinto que vai ancorando esta energia, vai vindo as inspirações, os pensamentos. Eu às vezes cheguei a pensar que a mensagem recebe não é uma mensagem de texto, uma mensagem falada, a entidade falou isso, Deus falou isso, Pietro falou isso. Não, ele traz essa energia, esses cristais de luz que vem descendo do Céu em forma espiraladas, energias cintilantes, sabe, cores celestiais que só existem lá na dimensão espiritual, que só Deus pode fazer, mas eu sinto que essas energias vem vindo e o nosso aparelho, o médium né, ele vai traduzindo isso de acordo com as suas experiências e necessidades, de acordo com ele entende, com as informações que ele tem, se bem que Deus mostra muita coisa que a gente não tem né, às vezes imagens e tudo mais. Eu sinto que eu sou Deus, já senti isto muitas vezes, que eu sou a palavra de Deus, entendeu, que eu sou a mão de Deus, a cura de Deus. Jesus fazia isso né, ele ancorava a energia de Deus e curava as pessoas através da palavra, através da natureza, dos elementos, só que Jesus tinha um aparelho que era puro e limpo né, então ele tinha acesso direto. A gente ainda tem esses bloqueios, essas coisas que a gente coloca em cima, a vaidade, o ego, o apego material, as crenças humanas, a forma como a gente foi educado. E a aos poucos a gente vai conseguindo tirar, vai se dissipando, aos poucos né. Porque isso que a continuidade é importante, constância, disciplina, mas eu sei que quando estou lá, eu coloco meu corpo, meu aparelho à disposição de Deus, quando eu bato a cabeça no altar, ali me ofereço para Deus, eu tento ser Deus, não eu, ser instrumento de Deus, como se fosse a sua mão.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?

Para mim, médium de incorporação... eu sinto que quanto mais perto de Deus a gente tá, quanto mais a gente se entrega para ele, fala assim “Deus, eu estou 100% disponível para você”, mesmo que a gente não esteja 100%, porque a gente nunca vai estar 100%. Quando eu recebi este chamado, eu meio que coloquei minha vida à disposição de Deus. Se ele falar agora “quero te levar agora, subindo”, vou dizer “vamos embora”. Eu só tento aceitar e compreender aquilo que Deus me traz, as informações e missões. Acho que quanto mais a gente entrega para Deus, melhor vai ser nossa incorporação, melhor vai ser nossas mensagens. Acho que passa pelo querer, pela busca, pelo merecimento. E mais do que incorporar os espíritos, é incorporar os valores divinos, os valores celestiais, a prática do amor, para

a gente se ajudar, e conseguir ajudar o próximo. Enfim, o próximo não é só quem a gente ama, quem a gente quer, mas às vezes pessoas que nos ofendem, pessoas que fazem o mal para a gente. Jesus fala para quando baterem na sua face para dar a outra, eu não consigo dar a outra, eu já quero dar na cara da pessoa na hora. Mas aos poucos venho tentando mudar isso, no sentindo de não levar as coisas pro pessoal, é o processo das pessoas. Para mim, falar de incorporação é falar de mediunidade, porque é um todo, é você estar apto para receber as mensagens de Deus, é você estar apto para renunciar as coisas do Mundo, estar apto você estar ali na rua, e Deus sabe que você está ali e pode contar com você, sabe. Se acontecer alguma coisa com algum estranho ele sabe que você vai parar o que está fazendo e vai dar assistência para aquele irmão; Então o terreiro não é só nos dias de trabalho, mas é 24h. Eu falo que o terreiro não sai de mim, eu não saio do terreiro, eu durmo e acordo no terreiro o tempo inteiro, eu sinto esta força muito presente na minha vida. Isto não significa que eu sou perfeito, que eu sou santo, apesar que a palavra santo significa “estar junto de Deus”, então neste aspecto eu considero Santo, porque eu me considero junto de Deus. Eu sei que estou junto de Deus, eu me mantenho na presença dele o tempo inteiro. Às vezes ele fala que eu tenho coisa para e eu teimo, aí eu digo” É, Deus, não valeu a pena”. A mediunidade, eu falo, é a porta de entrada para Deus. É a faculdade de Deus, faculdade mediúnica, quando a gente começa a entender as leis do universo, as leis da natureza, como elas acontecem, como elas se aplicam, a gente começa a ter uma melhor compreensão das coisas, e uma melhor clareza, então isso ajuda muito a gente no nosso processo, sabe. Às vezes você tá num lugar assim, você tá com uma dificuldades, e com a mediunidade você consegue ter clareza do que fazer, do que é certo, do que é errado, você começa ter discernimento, não que você vai fazer o que é certo sempre, às vezes você vai fazer o que é errado, sabendo que é errado, e toma peia, sabendo que vai tomar peia. Mas é aprendizado. Dessa forma que a gente vai crescendo, errar também é aprender, o erro é nosso mestre, acho que mediunidade é isso. A incorporação é uma das facetas da incorporação, umas das caixas de ferramentas. Tem a ver com você ouvir espíritos, ver as coisas da dimensão espiritual, coisas sobre você, coisas da vida passada que você vai acessando, coisas do futuro. Você vai acessando muitas coisas através da mediunidade. Eu, na verdade, não sei como as pessoas vivem sem a mediunidade. Na verdade, eu sei, porque eu vivi assim. Eu vivia dando volta em torno de mim mesmo sem chegar a lugar nenhum. Mas acho que a mediunidade é uma benção, é muita divina, é um milagre de Deus, eu só sou grato a Deus por ter me chamado.

20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?

Olha, quando eu recebia, eu fiquei meio fanático. Eu não tinha nenhuma informação sobre espíritos ou não, não tinha nenhuma opinião sobre isso, sobre Jesus, se existia ou não, não tinha opinião sobre estas coisas. Eu gostava de conversar com Deus no meu íntimo, às vezes tomava uns goró, ficava muito doido, comecei a ficar falando com Deus, andava na rua que nem o Noé, andando e falando. Mas eu sempre tive isso de gostar de trabalhar, de ajudar as pessoas, de me envolver. Sempre tive muita iniciativa para ajudar o próximo. E nesse primeiro momento, quando eu comecei a receber os espíritos, eu já cheguei no terreiro, eu lembro quando abriu as cortinas do terreiro e eu vi pela primeira vez aquele altar maravilhoso, lindo e mágico, eu chorava copiosamente, não parava de chorar, eu chorava muito. Eu falo o dia que um lugar despertar este sentimento, essa emoção, essa sensação, eu mudo de lugar. Mas ei que isso não vai acontecer, eu sei que meu lugar é lá. Mas naquele momento eu senti que estava encontrando Deus, imagina você sentir que encontra Deus, aquilo mexe muito com você. E eu fiquei bem fanático, eu lembro que eu lia um livro atrás do outro, não conseguia parar de ler, eu ficava vendo vídeos, filmes de Santos, Jesus, um atrás do outro, eu ficava horas, eu não cansava, eu ia dormir de madrugada fazendo isso, parei a faculdade, abandonei o grupo de teatro, abandonei amigos, entrei nessa caverna, nesse lugar, e fiquei estudando muito. Completamente dedicado a Deus. Às vezes eu começava a meditar, ficava horas meditando, às vezes dormia meditando. Às vezes meditando, meu espírito saía do meu corpo e eu via eu mesmo meditando e as coisas no espiritual andando assim. Foi um transição bem forte e abrupta, porque eu lembro que parei com tudo, com tudo que eu fazia, não pensei duas vezes na hora de parar, eu parei, eu estava indo no terreiro, mas só o terreiro não estava me alimentando. Precisava conversar com o pastor, com o padre, eu passava em todos os lugares, entendeu. Eu ia de segunda a segunda, eu ia em casas espíritas, centros religiosos, templo, e eu comecei a fazer isso sozinho, comecei a peregrinar sozinho, porque às vezes eu chamava as pessoas e as pessoas não estavam na mesma busca do que eu. Tipo, o chamado era meu, não era das pessoas, então era

comigo. Eu fiquei completamente fanático, eu demorei uns 4 anos para me libertar desse fanatismo. Porque eu fiquei bem radical, eu queria curar todo mundo, eu queria levar todo mundo(risos). Eu comecei a interferir nos processos das pessoas, sabe. Eu falava “você tem que ir no terreiro, você tem que ir, é Deus, cara”. Eu não parava, eu só falava disso, eu fiquei bem fanático. Depois que 4 anos que comecei a voltar, sabe, a me socializar de novo com as pessoas, a falar de outras coisas. Se bem que hoje em dia eu ainda não consigo falar sobre outras coisas, meu assunto é mais Deus, espiritualidade, minha filha, arte e fica muito isso. Às vezes eu até converso com as pessoas, mas meu lugar de conversa é esse. Falar de incorporação, falar de Deus, é a coisa que eu mais gosto de fazer.

O teatro em si eu nunca larguei, eu larguei o grupo que fazia parte. Depois que larguei o grupo, eu comecei até a desenvolver o meu próprio trabalho, eu montei o meu próprio grupo, montei o meu próprio espetáculo. E quando eu montei o grupo e espetáculo também, eu já criei ele para também ser um instrumento de Deus, levar as mensagens de Deus, colocar a serviço de Deus também este trabalho.

21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?

Sim, muitas coisas, muitas coisas. Por exemplo, o Pietro de antigamente gostava muito de bar, de festar, de ficar curtindo assim. Hoje em dia eu não tenho mais essa vontade, já sei que não é o meu lugar, não é mais a minha essência. A minha essência é estar no terreiro, trabalhar no terreiro, é tá me curando. Hoje mais do que nunca to nesse processo de autoconhecimento, de cura. A gente sempre vai procrastinando né, sempre vai deixando para frente, sempre vai deixando para amanhã. Mas esse amanhã nunca chega, e o universo sempre vai colocar a gente neste lugar, principalmente quando você tá trabalhando no templo de Deus. Mas é mais isso, porque eu era um frequentador assíduo de bares, gostava muito de loucuras, e hoje eu não faço mais parte de mim, não faz mais sentindo na minha vida, nenhum. Não que eu não possa ir, curtir com a galera, tinha uma época que eu não ia, que bar para mim era coisa do demônio (risos), mas hoje eu estou já me desconstruindo assim. Eu sou 8 ou 80 né, escorpiano, uma coisa ou outra.

22. O que diferencia a (in)corporação de caboclo/o daquela de outra entidade?

Eu acho que o caboclo tem uma energia que é mais firme, é mais forte. Eu vejo assim, se fosse para visualizar um caboclo, um vejo um corpo bem forte, bem atlético, bem firme e muita determinada, muito consciente também. O caboclo traz essa força, uma força que é perceptível, que te dá muita energia. É uma energia que é, digamos, mais objetiva. Se a gente tem que ir ali, a gente vai logo, não tem que dar muitas voltas. Eu já tive várias fases de incorporação, nessa minha primeira fase que eu chegava no terreiro era uma incorporação muito forte, que eu não tinha nenhum controle sobre o meu corpo, sobre os meus movimentos. Cheguei uma vez no pastor e falei “será que isso é certo?” Porque eu também ficava me questionando, me perguntando sobre essas questões. E um dia lá em casa eu pensei “será que eu não to doido da cabeça que eu estou incorporando espírito? Será que eu não estou viajando? Será que eu não to delirando?”. A gente fica se perguntando, né. Eu não sabia de nada e de repente estava incorporando espírito... daí um dia eu estava em casa nisso de se questionar, o caboclo veio assim e colou em mim, lá em casa, incorporou em mim. Ele começou a falar comigo, cara, eu não tinha controle sobre meu corpo, sobre minha fala, sobre minhas mãos. “Então caboclo, já entendi, entendi, é verdade, é verdade. Não faço isso de novo” (risos). Então no começo eu tinha umas incorporações que era muito forte, que eu respirava, e as pessoas falavam que davam para ouvir minha incorporação no terreiro inteiro, então era muito forte. E tomava todo o meu corpo, eu não tinha controle sobre os meus dedos, eu não conseguia me movimentar. Então hoje, como já incorporei muitas vezes, eu consigo manipular melhor essa energia, no sentindo da técnica. Eu já tenho que uma técnica que me permite fazer uma incorporação, eu to com a energia ali, eu que ele tá comigo, mas ela não precisa vir inteiro, a gente tá junto. Às vezes eu falo que nem preciso incorporar para trabalhar, a gente faz isso pelo guia, como a Umbanda trabalha incorporada, mas as coisas são muitos sutis, sabe. A questão dos trejeitos, as coisas que eu fazia muito, hoje não faço mais. É como se eu falasse “vamos atender essa pessoa aqui, então a gente pode atender juntos, eu aqui, você ali”. Mas é um rito né, incorporar, claro que incorporar faz muito sentindo, porque mexe com o meu corpo etéreo, os meus chakras. Então quando essa energia, essa energia que é maior do que a minha, tá num grau de consciência maior do que o meu, se acopla em mim, ela deixa um pouco dela em mim, e para mim isso

é importante também. Aí que eu falo que vai ancorando esta força do caboclo, vai ancorando esta sabedoria, da humildade, da leveza do preto velho, da mansidão do preto velho, vai ancorando esta energia da brincadeira da criança, da alegria, de não levar tudo à sério, de chorar, mas depois rir. De machucar, valei, já sarou, vamos embora, vai ancorando essas energias, então a incorporação é importante nesse sentindo. Mas eu já trabalho com uma coisa bem mais sutil do que era, já abrandou muito mais. Mas se precisar chamar a força eu sei, eu chamo ela, invoco ela. Então eu fico manipulando, fico controlando isso. Mas no começo era muito forte, de eu dizer “meu corpo não tá nem aguentando esta energia de tão, tá bom, já senti que você é forte, dá para parar, dá para reduzir”. Já chegou vezes de eu sentir que meu corpo ia explodir, ia desintegrar, ia desmaterializar. Eu fazia incorporações muito fortes, entende. Mas hoje é muito sutil, é você ir controlando, você já tem a técnica, vai aprendendo a mexer com isso, a fazer a coisa.

23. Como você sabe que a/o cabocla/o está presente?

Quando eu comecei, eu ficava em casa com as minhas entidades, a gente ficava treinando, ficava manipulando, como que vai dar passe, como que vai fazer isso, eu fiquei bem fanático, mais ou menos como se eu tivesse entrado numa caverna e ficasse lá com eles. Treinando e estudando, aprendendo sabe, sobre magia, hoje a gente tem muita afinidade. Conheço elas de longe, a gente se comunica muito, a gente se autodesenvolve muito. Eu busco muito a presença deles, não é só no terreiro, é na minha vida, eu fazia isso lá no começo. Eu falo que eles são os meus melhores amigos, a gente tá sempre conversando, a gente conhece o nosso amigo à distância... a energia dele, o cheiro dele, a forma dele. Quando ele vem. Eu tenho um negócio que às vezes vejo espíritos obsessores, às vezes eu sou meu próprio obsessor, mas os espíritos obsessores não conseguem chegar muito perto de mim. Eu os vejo pensar em quem eu sou, no que eu faço, no meu trabalho, e eu me auto obsidio muitas vezes, mas espíritos obsessores não têm esse poder comigo, porque como me coloco à disposição de Deus, Deus sabe que pode usar a hora que quiser, então eu sinto que tenho muita proteção, sou muito abençoado, tenho um campo de força ao redor de mim, e as minhas trocas com as entidades são constantes, ele me falam muita coisa, sou muito grato a todos. Desde exu, a todos os espíritos. Então a gente muito intimidade, muito afinidade, então é muito próximo ali. Então no pensando a gente já tá trocando, já chegamos nesse pensamento rápido, é fazer assim [estalo] e já tão junto comigo, entende. A gente é uma coisa só, um time, um organismo, eu falo até que eu me coloco até assim com Deus, eu dou do time de Deus, Deus anda comigo, a força e o poder de Deus andam comigo. Se eu fizer assim [estalo] já tá comigo, não preciso ir lá e incorporar, e fazer rezar, acender uma vela, é coisa instantânea, se precisar [assobia], já baixou, entendeu?

24. Como você descreveria a sua relação com a/o cabocla/o com a/o qual trabalha?

Unha e carne. Unha e carne

25. Como você compreende o trabalho da/o cabocla/o na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

É um trabalho que dá essa força, sabe. Dá essa força, essa firmeza. A primeira impressão que eu tinha do caboclo quando incorporei é “cara, esse espírito é forte”. Ele tem muita força. Eu senti essa força dentro de mim. Eu já tive incorporações que foram num nível mais elevado, 70, 80 %, que parecia que meu corpo ia explodir, eu falei “caraca!”. Eu falei assim “eu quero que você mostra a sua força” e ele veio e mostrou e eu falei “tá bom, já chega, porque não to aguentando”. Então eu vejo o trabalho de caboclo como muita força, é o que dá força para sustentar nossas provas, as nossas missões, a nossas batalhas internas, aquilo que a gente veio fazer aqui, sabe. Ele nos dá essa força., é determinado. Ele tem postura, uma postura bem firme. É tipo falar “mano, aqui você não vai passar, aqui você não vai passar, desiste, porque aqui você não passa”. Eu falo que tem a força de um exército num homem só, numa entidade só. Resumindo, é um trabalho de força, de firmeza mesmo, de firmar os cavalos, de transmitir essa força e essa firmeza pros consulentes também. O trabalho de caboclo é força.

26. Quem é a/o cabocla/o pra você?

Quando eu vi o meu caboclo, a primeira vez que eu o vi, ele não tinha a forma de um índio. Eu não trabalho muito com essas formas tipo de índio, de preto velho, de criança, até porque o espírito ele já

teve muitas existências, ele já foi homem, mulher, sabe, ele já foi negro, europeu, asiático. Então eu não trabalho muito com formas. Eu não vejo uma entidade com penacho lá. E a primeira vez que o caboclo se manifestou, e até por isso eu não trabalho com forma, porque foi a forma como ele se apresentou para mim, a primeira vez que eu vi a entidade no campo extrafísica, na dimensão espiritual, etérica, ele se apresentou para mim, ele só era uma silhueta dourada cintilante sabe, um amarelo ouro, não tinha uma forma. E no coração dele era o centro da energia dele, que fazia assim “Voonn”, essa energia que saía do coração irradiava para todo o ser dele, sabe, para todas as extremidades, “voonn”, ia mandando essa energia, “voonn”, ia fazendo esse barulho, que é a batida do coração. A pulsação. Aí se iluminava através do coração, toda vez que batia o coração fazia isso, eu até me arrepio, é uma energia forte. E aí ele chegou perto de mim, eu já estava sentado, e eu o vi na minha frente, eu estava de olhos fechados. Era bem nítida, é bem diferente da minha mente estar criando, porque as revelações são assim, tem uma revelação de Deus, que é clara, nítida, incontestável, que sua mente não tem como criar isso. Mas a clarividência também pode passar pela imaginação, porque é muito sutil. Uma imagem que fica muito na sua cabeça, a clarividência também vem pela imagem, mas ela vem também de uma forma bem nítida que só Deus pode mostrar, e naquela vez Deus estava me mostrando o caboclo, e eu só via o esta luz, esse amarelo ouro, uma silhueta que irradiava, era 3d. E eu só sentia o cheiro de charuto dele, sabe. Ele só chegava perto de mim, ele não falava nada, eu só sentia sua presença, sua luz, gigantes poderosa que às vezes só de chegar perto de mim eu começava tremer. Porque isso já mexia como o meu corpo físico. Como a gente é um aparelho, a gente se conecta com essas vibrações um pouco mais altas. Até se acostumar vai dando uns pane, vai pondo o aparelho em choque. Então é isso, nunca me apeguei às formas de preto velho, de caboclo, eu sei que é um espírito que teve muitas existências, e se apresenta como índio porque ele age em harmonia com a natureza, ele tem conhecimento da natureza, da magia da natureza, e aplica este conhecimento para nós e para as pessoas, ele aplica isso. Então daí faz sentido ele se apresentar como um caboclo, um índio, porque um índio né reverencia a natureza, cultua a natureza, mas ele já foi tudo, já teve vários nomes, várias existências. Acho que quando a gente começa a buscar a Deus, a gente vai deixando de ser Deus, deixa de ser eu para ser unidade, eles já estão nesse lugar da unidade. De tá conectado com o todo e usar a energia do todo ao nosso favor, ao favor do todo.

27. Qual a lição mais significativa que a/o cabocla/o te ensinou/ensina?

São várias, não dá nem para enumerar uma. O que fica para mim mesmo é não desistir, não desistir, você seguir em frente. Saber que tem essa energia de Deus, do universo ao seu favor, e à medida em que você se coloca do lado você também se torna muito poderosa, você se torna imbatível, ninguém vai te parar, sabe. Principalmente se for para fazer as coisas em nome do amor, em nome de Deus. Eu busco hoje fazer as coisas em nome do amor, em nome de Deus, e as demandas chegam até mim não só no terreiro, mas extra terreiro também. Eu falo que nessa época que eu estava fanático eu estudei muito sobre santos, muito sobre a vida dos santos, comecei a pesquisar, fui atrás das histórias dos santos. E numa dessas histórias eu percebi que os Santos estavam à disposição de Deus. O próprio São Francisco a família era rica, tinha várias posses, ele saiu pelado de casa e saiu andando para seguir o caminho de Deus. O cara abandonou tudo. A gente tem que renunciar a nossas ideias, os nossos bens materiais, que às vezes é tão apegado a eles. São Francisco saiu pelado de casa para seguir a Deus como ele recebeu o chamado e montar a igreja de Deus, as ordens franciscanas, coisas que ele montou enfim. A mensagem do caboclo é isso, você ser útil a Deus, você se colocar à disposição de Deus, ser um instrumento da obra dele. Você levar a obra de Deus, você levar a mensagem de Deus. E à medida em que você vai fazendo isso, você vai também transformando sua vida numa obra de Deus. Na medida em que você ajuda a curar as pessoas, você também vai se curando. Tudo passa por você. Eu falo que a gente ajuda as pessoas, mas na verdade, está se ajudando. Eu vejo que na verdade só eu que sou beneficiado nisso, porque eu venho me transformando. Às vezes eu já queria até mudar de nome, queria que as pessoas nem chamassem pelo meu nome, eu queria já não ter mais identidade, ter redes sociais. Queria que minha história fosse apagada, eu apago muito as minhas histórias, eu apago muito as minhas memórias, porque eu já nem me identifico mais como Pietro, entendeu. Às vezes eu não me identifico mais, eu já estou num lugar que nem tenho mais muita identificação com os humanos na terra, com os assuntos dos humanos. Cada dia mais eu penso que vim de outro lugar, vim aqui para trabalhar, para anunciar a obra de Deus. Jesus disse: “vai e leva minha obra”, eu escutei isso e respondi “vamos

embora, vou levar a obra de Jesus”. Eu não me identifico muito com humanos, entende. Eu queria só queria só me tornar Deus já, tipo agora (risos), me iluminar. Mas é isso, eu venho buscando cada vez mais a minha cura, despertar, me desconstruir, buscar iluminação. Às vezes a gente fala: “vou buscar a iluminação”, mas a iluminação está tão distante, chegar onde Jesus chegou, eu considero que a partir do momento que você se coloca na presença de Deus você já é um iluminado, porque a luz dele vem e te ilumina. É como a luz do Sol, buscar um lugar ao Sol. Você já é iluminado, é porque às vezes a gente não percebe. Deus já de tudo para a gente, deu a água, deu a terra, deu nosso corpo, a oportunidade de trabalhar, a oportunidade de agente crescer e evoluir. A gente não vai se a gente não quer. A gente já é muito iluminado, a gente que não percebe.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

A nível de incorporação, a nível de terreiro, a nível de mediunidade, é isso. A gente estar perto de Deus cada dia mais. Não adianta a gente falar de espíritos, falar de incorporação, falar de terreiro, se no dia-a-dia a gente não consegue ser uma boa pessoa, se a gente não dá bom dia para as pessoas. Se a gente passa tem uma pessoa passando fome, sabe que ela está necessitada, não importa porque, se a gente não estende a mão. Se passa alguém está chorando, a gente não se sensibilizada, não para escutar aquela pessoa. Acho que a incorporação, a mediunidade, ele passa por isso. Eu vejo assim, é um caminho que vai se afunilando cada vez mais, vai se afunilando cada vez mais. Quanto mais a gente vai andando, mais a gente vai querendo chegar lá, a gente vai tomando gosto por isso, por estar na presença de Deus. Porque a gente vai sentir aquela paz, aquela tranquilidade que nem sabia que existia sabe. De repente uma coisa que era um problema, que te tomava por inteiro, já não é mais um problema, ele deixou de existir, entende. Saber que a gente nunca vai morrer, saber que a morte não existe, que a gente tem uma visão totalmente equivocada sobre a morte, entendeu. Saber que a gente nunca vai morrer. Enfim, estar à disposição de Deus, sabe. Eu quero muito estar perto de Deus. Às vezes eu digo, cara, terreiro para mim é o melhor lugar do mundo. Ah tem uma coisa, já é uma informação científica, não sei se alguém vai falar sobre isso, porque a molécula do espírito se chama DMT, e a gente produz ela com a meditação, agente produz ela com ayahuasca e a gente produz ela com a incorporação também. Então quando a gente incorpora, a gente entra num estado meditativo. O transe mediúnico, a catarse mediúnica, ela produz este DMT, por isso que a gente se sente bem, todo mundo que vai lá se sente bem, porque ela vai produzindo este DMT que é a molécula do espírito, e a gente mais sensível, mais tranquilo, mais humano, sente mais em paz, sente mais o amor, sente mais um monte de coisas. Cada vez que a gente produz DMT a gente vai acordando o nosso espírito e o nosso espírito o que é, a centelha divina, é a criação de Deus, é a imagem e semelhança. O espírito tá conectado com o todo, é o nosso eu superior, a gente tá numa unidade. Eu falo que sou muito viciado em DMT (risos), antes era viciado em álcool, agora em DMT, em incorporação. Gosto muito de estar na dimensão espiritual, sabe, de navegar na dimensão espiritual. Às vezes eu gosto muito mais de lá do que aqui, mas eu estou aqui, tenho que aceitar, tenho que trabalhar a matéria, fazer as coisas do mundo. Mas eu gosto muito da dimensão espiritual, gosto muito de meditar. Às eu vou meditar, fico horas lá, não quero voltar, ah como é lindo aqui, por que tenho que voltar, meu espírito tá lá navegando. Então pra mim é isso, mediunidade é uma benção, uma benção, um milagre. Venho me curando através dela também, venho trabalhando, venho fazendo muitas coisas. A gente não tem como falar de mediunidade, o Pai Luís fala muito isso, sem fazer a reforma íntima, né cara. A gente tem tanta coisa para reformar, nós humanos, com as crenças humanas, nossa educação, a forma como a gente foi criado. Nossa família na escola, fora dela. Então a gente no terreiro e fala “caraca, vou ter que desaprender tudo que aprendi, tudo o que me ensinara”. A gente não é educado pro amor, entendeu. A palavra espiritualidade... fui ouvir essa palavra muito depois de velho. Não ouvia palavra espiritualidade, não ouvia a palavra mediunidade, não ouvia isso. Uma palavra que chegou em mim lá no terreiro, depois de velho, tinha 28 anos quando comecei este desenvolvimento. Mas eu sinto que hoje a gente, depois da pandemia principalmente, entrando numa nova era. Eu sinto que muitas pessoas estão sendo chamadas, pessoas inimagináveis. Já não dá tempo mais, já não tem mais tempo de espera. A procrastinação acabou, a gente tá tendo que fazer agora. Hoje jovens escutam a palavra espiritualidade., mediunidade muito mais cedo que eu, acho que as coisas estão acontecendo antes. As crianças estão nascendo, a minha filha é super médium. Ela vê coisas, fala coisas, ela fala coisas assim que eu sei que é de cima, que ela

não tem consciência para falar. Às vezes ela solta essas mensagens. Às vezes, do nada, ela tá aqui em casa e começa a cantar “amém, meu pai, proteção para sua banda”. Do nada ela solta “eee juremê”. Então filha já está no terreiro, eu fui descobrir isso com 28 29 anos, nessa transição. Milha já nasceu dentro do terreiro, então ela tem outra perspectiva já. Já chegou muito mais pronta, muito mais preparada, com muito mais informação do que eu cheguei. Então mediunidade e espiritualidade ela sabe o que é, ela sabe o que é passe, já ensinei a dar passe, ela já dá passe nela. Então, acho que a gente tá caminhando, o mundo tá avançando, mas tem muita coisa para a gente fazer, as demandas sempre vão chegar quando a gente está disponível para Deus, elas vão chegar das maneiras inesperadas possíveis, quando a gente tiver sozinhos em casa vai bater na porta. E Deus tá testando se a gente tá preparado, apto, pronto ou não, entendeu. Testando nossa fé, nosso coração, nosso amor. Sempre vai ser um tiquinho, porque o conhecimento de Deus, da mediunidade, ele é muito infinito. Eu falei as coisas de mim, mas você tem a sua história, outro vai ter a sua história, nada se repete. Não tem regra, não exceção. Não tem certo ou errado. Cada um é de um jeito, cada um se manifesta de um jeito, cada um vê de um jeito. A manifestação é infinita mesmo. A mediunidade não se repete, as vidas não se repetem, as histórias não se repetem. Sempre vai ser um tiquinho.

A incorporação é como você chegar no precipício, certo, e você ter que pular de cabeça lá. Sabe aquela coisa do kamikaze, aquela pessoa que pula, porque Deus ele é esta imensidão. A mediunidade é isso, você tá com essa mediunidade e você tem que pular neste precipício, neste desconhecido, sem saber o que você vai fazer. E no começo a gente não consegue jogar. né. Acho que não vou falar do precipício, vou dar outro exemplo para ilustrar. É tipo um iceberg, a gente só vê a pontinha do iceberg. E grande parte dele tá submersa né. E a gente tem medo de dar este mergulho, que é sair do controle. E no começo a gente vai com medo mesmo, vai indo, vai indo, só que a gente vai começando a gostar disso. Tem uma hora que a gente não quer sair lá de baixo, a gente quer descobrir cada vez mais. Isto é o quanto a gente consegue se entregar para Deus, o quanto a gente consegue confiar em Deus, de uma maneira cega, sem questionar, sem titubear, sem pensar duas vezes. É chegar na frente do altar e se jogar no precipício. Vai, vamos ver. E às vezes o racional atrapalha muito, né. A gente ficar pensando atrapalha muito. Eu uma coisa que me ajuda demais é que toco atabaque, sou Ogã. Às vezes eu estou pensando muito, racionalizando muito, porque é problema, questão humana, tudo que a gente traz das nossas demandas externas. E quando eu chego no atabaque, quando eu começo a toca, é tipo, meu, lá no terceiro ponto não estou lembrando mais quem eu sou. Todo o meu mental saiu já, é tipo um espaço vazio, e isso me ajuda muito, tocar e cantar. E Às vezes eu falo “cara, hoje estou sem energia. Hoje eu vou pegar leve no atabaque. Deus, vou pegar leve no atabaque, estou cansado”. Mas quando eu chego lá, eu não consigo. “É a minha que você quer? Então tá, vai tudo, vai meu corpo e alma”. Eu entrego tudo. Eu falo isso sempre e chego lá entrego tudo o que eu tenho. Vou sempre entregar tudo para Deus. Isso é gradativo. Hoje você entrega 2 min, amanhã 10, aí de repente você começa a sentir essa sensação de que quer entregar tudo. Vai mudando, quando mais você entregar, mas você vai acessar. E a experiência com Deus é muito pessoal, não tem como a gente explicar. Às vezes a gente está num lugar que é muito místico, mágico, como Deus se manifesta para cada um, como cada um acredito. Às vezes a pessoa vai incorporar espírito, mas ele nem acredito em espírito, eu já vi isto já. Vai lá na casa de Deus, mas não acredita na magia de Deus. Então cada um tem o seu processo, não tá certo nem errado. E quando a gente começa a entender Deus, entender nosso processo, a gente também começa a entender o processo do outro, respeitar, e a interferir menos também. Deixar que cada um cuide do seu processo, porque não se repete. Às vezes o que é bom para mim para o outro não serve, cada um vai de um jeito. Uma informação técnica que eu acho importante, que a galera não atua muito sobre isso... o espírito tá numa dimensão espiritual, no etéreo, ele vem pelo ar. E para a gente incorporar, a gente precisa invocar este espírito através do ar, entendeu. E eu descobri isso rapidinho, logo que eu cheguei lá. Veio a intuição “vou respirar fundo e vou chamar este espírito”. Mas pra que eu fui respirar fundo, veio forte demais. Daí falei “caraca, ele vem pelo ar”. E sempre que vou incorporar eu chamo pelo ar. E o Pai Mongelli, uma época ele fez um negócio comigo, ele falava assim, eu já sabia que o espírito vinha ar, eu chamava pelo ar, incorporava pelo ar, chamava a força mesmo, e o Pai Mongelli “você vai firmar sua entidade, incorpora!”. E ele “chama de novo”. Eu incorporava, e chamava o espírito de novo, fazia incorporação dentro da incorporação, fazia isso várias vezes, daí que eu vi a força aumentando. Eu estava incorporado, eu fazia incorporação, eu ia chamando cada vez mais a força. Então através do ar, a gente vai condensando a energia do espírito em nós. Ah, você está sentindo 30%

a entidade, você quer chamar, aumentar para 40, para 50, até onde você consegue ir, até onde é permitido, até onde você pode acessar, então vai ser sempre pelo ar, para a gente sentir a força. Você vai chamando pelo ar, vai chegar a hora que você vai ela tomando o seu corpo assim pelo ar. Então eu faço isso, estou lá sutil, trabalhando com a entidade, bonitinho, mas quando eu sinto que preciso, às vezes a coisa aperta, preciso da força dela mais, eu já [fungada], aí eu vou chamando, sempre chamando pelo ar. Eu falo, tá eu e a entidade, café e leite, mistura café e leite, dá um pingado. Sempre dá um pingado. Nunca vai ser só o café, nunca vai ser só o leite. Não tem como eu sair, não tem como a entidade sair. Eu tenho um amigo que é médium que fala assim “ah não cara, eu fico lá esperando, eu só falo quando a entidade fala”. Eu me fundo com a entidade, não tem essa, eu não saio, a entidade não sai, a gente tá junto, a gente conversa. Eu acolho todos os pensamentos que me vem, porque se eu to dentro do terreiro eu sei que estou sendo inspirados até mesmo nos meus próprios pensamentos. Então eu ajo de maneira bem espontânea, utiliza minhas experiências, minhas informações. Tem horas assim que eu sei que não é meu, vem umas coisas que sei que não são minhas experiências, mas eu não fico nessa nóia não, deixa a coisa fluir. Bem espontâneo. Eu estou dentro do terreiro, eu sou Deus, Deus tá me usando, tá usando o aparelho, tá usando a entidade, tá usando todo mundo. E é isso, eu não fico “entidade, e aí, o que a gente vai falar para ele agora?” Não, o negócio é fluxo, entendeu, é fluxo. Porque se eu coloco o racional, eu estou bloqueando este negócio, eu bloqueio a incorporação, eu bloqueio o corpo. Eu começo a pensar demais, eu procuro não pensar. Vem e foi, vem e foi, vem e foi. É bem espontâneo.

É porque é muito sutil, mas a gente pode transformar esta sutileza em força, porque depende da gente querer essa força. Eu era uma pessoa que queria, que chamava, “vai, me mostra sua força, quero ver a sua força, quero ver se é verdade essa porra”. É porque tá no nosso corpo. Qual que é a via de acesso ao nosso corpo para a gente incorporar? É pelo ar, não tem outra forma. Eu faço isso no meu dia a dia, quando estou precisando de força, de qualquer coisa de energia, eu chamo a força pelo ar

ENTREVISTA 7

Bloco 1 - Questionário qualitativo

Questionário para ser aplicado com médiuns de incorporação – participantes da pesquisa.

1. Identificação*: Aprendiz de Oxóssi

* O/A participante da pesquisa decidirá se sua identidade será divulgada, conforme Inciso V do Art. 9º da Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016, e, caso opte por não divulgá-la, ele/a mesmo/a decidirá como deverá ser identificado/a na pesquisa.

2. Idade: 27 _____

3. Profissão: Professor

4. Escolaridade: () analfabeto

() ensino fundamental incompleto

() ensino fundamental completo

() ensino médio incompleto

() ensino médio completo

() ensino superior incompleto

() ensino superior completo

(X) pós-graduado/a

() outros. Qual? _____

5. Gênero: () Mulher cisgênero heterossexual

(X) Homem cisgênero heterossexual

() Mulher cisgênero homossexual

() Homem cisgênero homossexual

() Mulher transgênero

() Homem transgênero

() Mulher transexual

() Homem transexual

- () Travesti
 () Pessoa intersexo
 () Pessoa não-binária
 () Outros. Qual? _____

6. Tempo que pertence à religião Umbanda: 8 anos

7. Você pertence ou pertenceu a outra religião além da Umbanda? Se sim, qual? Por quanto tempo?

Fui na Umbanda com os meus pais, acho que com 10 ou 11 anos. Aí o preto velho o preto velho falou que eu ia sair, ia para igreja, mas ia voltar. (risos) Aí fui com a igreja com os amigos, a chamada igreja evangélica, fiquei uns 2 anos, 3 no máximo. Daí fiquei um tempo sem religião e voltei para a Umbanda, como o preto velho tinha falado.

Thaís: foi uns 3 anos que você ficou fora, na evangélica?

Vladimir: Não lembro direito. Daí fiquei um tempo sem religião. Foi em 2014 que eu comecei a frequentar o terreiro e depois não saí mais.

8. No seu convívio familiar existem participantes de outras manifestações religiosas? Se sim, quais?

Os parentes mais distantes, né. Minha mãe também é umbandista, o meu padrasto. Meu pai era ateu, mas já faleceu. Minha vó que é católica e um tio evangélico.

9. Tempo em pertence ao templo religioso: 8 anos

10. Ocupação no templo religioso:

Quando tá incorporado é médium de atendimento, às vezes cumpro uns papéis de médium de atendimento mesmo, que o pai chama para uns trabalhos auxiliares de vez em quando. E quando estou desincorporado cambonei como qualquer outro.

11. Nome da entidade com a qual trabalha (caboclo/o):

Assim, o caboclo de atendimento é o caboclo Tubinambá. Mas tem alguns outros assim, que me acompanham. O Caboclo de Lei, que é de Ogum, que vem às vezes. Aí, tem um mestre muito ancião, converso com ele às vezes ali no terreiro, quando estou meditando, quando estou bem. Bem elevado, Caboclo Aribóia. Que eu saiba é esses, às vezes vem uns que eu nem sei quem é.

12. Qual o seu guia de frente? É o Tupinambá.

13. Como foi sua chegada na religião?

Estava na universidade, aí tinha o pessoal que ia no Pai Oxalá, aí desisti por um tempo e fui. Na primeira vez que fui estava o Pai Mongelli lá na frente, eu fiquei olhando, nem sabia que ele era o pai de santo. Mas senti uma coisa nele, senti a energia da casa, mas fiquei vibrando na energia dele, algo me chamou a atenção. Aí comecei a frequentar, mas foi mais isso. Um pouco pela faculdade, aí uma namorada quase entrou na casa, foi assim.

14. Como você passou a pertencer à corrente mediúnica do Templo de Umbanda Pai Oxalá?

Isso é até difícil falar, mas depois que comecei a frequentar, em 2014, eu fui devagar, não incorporava, comecei a sentir irradiação 1 ano depois, só de preto velho, mas irradiação. E aí, começou a gerar uma vontade maior de fazer parte, eu via que meus amigos incorporavam todos, da turma da faculdade, mas percebia que eles não estavam muito empolgados com isso. Talvez minha ex-namorada estava mais empolgada, mas por razões pessoais que nem lembro não entrou, se afastou depois. Mas eu senti isso, essa coisa, essa conexão, algo maior, querer estar. Às vezes eu trabalha à noite e ia para lá, 10h da noite. Por que antes os portões ficavam abertos até 10h da noite, eu chegava 5 para às 10. E aí eu fui também no Santo Daime, e nos trabalhos lá eu me vi trabalhando na casa, os meus guias e tal e tudo foi me conduzindo para isso. Quando cheguei, pedi. Na verdade, O Caboclo Tupinambá da Dona Meire me levou, quando incorporei pela primeira vez o caboclo, me levou até o Pena Branca e falou que eu estava pronto para entrar. E aí foi me dado a ficha meses depois entrei, em 2016 entrei na corrente.

15. Na sua concepção, o que é (in)corporar?

Incorporar para mim é se abrir para uma consciência maior. Estar receptivo, se preparar para receber uma força maior que vai atuar, né. Vai através de você, mas ele vai atuar para o bem maior. Eu não tenho controle sobre isso, sobre este bem que será feito né, o bem que será feito no dia. Incorporar é esta permissão, de se sintonizar com a fé, mas se esvaziar e tirar o seu, os seus achismos e convicções, para uma coisa maior, sabedoria ancestral possa se manifestar, para mim isto é incorporar.

16. Com qual objetivo você (in)corpora, ou, porque você incorpora?

O objetivo é, primeiro, me sentir parte, como se fosse um reencontro com minha família espiritual. O caboclo é como um pai para mim. Incorporo para sentir parte com ele, é um reencontro com parte da minha família ancestral. Geral um sentimento de pertencimento. Algo que nem sei direito às vezes. E para permitir que esta força possa gerar bem-estar para mim e para aqueles que chegam até ele.

17. Quando você está (in)corporado você sente seu corpo mudar de alguma forma?

Não sei se o meu corpo muda, mas eu sinto que ele muda a forma como ele se expressa, que não é uma coisa natural minha, do Vladmir. Eu sinto que eu fico maior, não que aumenta o tamanho do corpo, mas dá uma sensação que é maior, principalmente o caboclo. Enfim, há uma mudança, que não tenho controle, minha voz, forma de pensar, forma de agir, que é própria deles. Então são essas maior, fico maior, porque eu o sinto, é como se o corpo dele estivesse sobre mim.

18. Quando você está (in)corporado você se sente mais próximo de uma energia divina?

Na verdade, eu sinto a própria divina ali, e eu fico ali passivo, eu sinto que tá atuando através de mim, e dependendo do dia é muito intenso, então eu não sinto que eu estou normal ali mesmo.

19. Como você descreveria o que é ser médium de (in)corporação?**20. Como foi seu desenvolvimento mediúnico quando se descobriu médium de (in)corporação?****21. Você acha que a partir do momento que passou a (in)corporar algo subjetivo seu mudou? Se sim, o que?**

Algumas percepções da minha natureza ficaram mais afloradas, porque eu comecei a perceber que a incorporação foi trazendo mais clareza sobre o meu eu, das minhas oscilações, dos meus sentimentos, da minha natureza íntima, da minha essência. Foi clareando, foi trazendo mais lucidez para mim. E claro, a partir disso eu vou mudando a forma como eu lido com isso, cada vez mais lúcido. E entender o outro também, aprender a entender o outro, perceber a entender uma natureza diferente da sua.

22. O que diferencia a (in)corporação de cabocla/o daquela de outra entidade?

Para mim é diferente, o pai velho, preto velho é uma incorporação mais para dentro. É uma incorporação forte, não sinto que fico maior, é este encolhimento e esta profundidade. Tem os trejeitos deles e a sabedoria dele, que é uma coisa muito massa. É cadenciado. O caboclo é mais expansivo. O exu já é mais aterrado, é uma energia que parece... é uma energia forte, mas é uma energia em espiral.

23. Como você sabe que a/o cabocla/o está presente?

Quando eu consigo estar esvaziado eu consigo perceber a força que se aproxima, o ser né. O ser do caboclo é um ser que me balança e expande minha energia. Eu sei diferenciar, eu consigo, quando estou desincorporado, em prece, sintonizando, eu sinto que é o caboclo, eu sinto na minha mente, na energia próxima dele. No exu é a mesma coisa. E quando estou incorporado, é o caboclo é esta força que consigo sentir né, esta expansão, esta característica dele. Depois de alguns anos eu aprendi a identificar. Quando é o caboclo Tupinambá, quando é o outro caboclo que vem. Então eu consigo quando estou mais esvaziado. E quando vou incorporar pela forma como ele se aproxima de mim.

24. Como você descreveria a sua relação com a/o cabocla/o com a/o qual trabalha?

Caboclo é como eu disse antes um pai para mim. Ele esteve comigo nos momentos mais difíceis de forma muito intensa e próxima. Ele é aquele que eu sinto que me dá coragem, eu sinto que coragem também, saber direcionar minha energia, saber direcionar meus sentimentos, ter o entendimento do tempo também da colheita, das coisas, da hora de se recolher, da hora de seguir em frente. Então o

caboclo, nesta fase da minha, nos últimos anos, há bons anos, é o que vai estar sempre ali à frente das decisões que eu tomar que eu pedi orientação espiritual. A relação com o caboclo é relação como se fosse mestre mesmo. Ele já me contou que já me acompanha desde 1500 e pouco no Brasil. Ele passou a me ensinar lá como encarnado e ele encarnado também. Vem de lá, entendeu? É um mestre para mim, uma relação muito antigo, é como um pai para mim.

25. Como você compreende o trabalho da/o cabocla/o na Umbanda? O que diferencia de outra entidade?

Acho que o caboclo tem a peculiaridade de trabalhar a expansão nossa, eu sinto isso. É aquele que também dá um direcionamento mais direto. Às vezes ele também é profundo, né. Depende da situação. Mas eu sinto que ele tá ali para levantar as pessoas e para ajudar no próprio processo de entendimento das coisas, do amadurecimento, principalmente nas batalhas da vida. Eu sinto isso, caboclo é aquele que amadurece, ajuda a amadurecer, ajuda a entender e que principalmente ajuda a gente a ter saúde física, mental, emocional, espiritual, a seguir o caminho, para saber como ir, para onde ir, e como chegar lá. Caboclo é isso.

26. Quem é a/o cabocla/o pra você?

Caboclo é uma entidade antiga. Que tem uma conexão, eu sinto, muito forte com a natureza, com a mata, que sabe do tempo das coisas, que tem o domínio da mente, da concentração, que sabe domar a si mesmo, que entende dos caminhos abrir. Caboclo é força, caboclo é sabedoria, caboclo é entendimento, caboclo é expansão para a gente.

27. Qual a lição mais significativa que a/o cabocla/o te ensinou/ensina?

São tantas lições, acho que esta talvez. Que apesar de você ter trabalhado para ajudar alguém, e esta pessoa não correspondeu a sua expectativa de melhora, de evolução, a semente foi lançada, que irá germinar no tempo da pessoa. Esta foi uma lição que eu aprendi num momento bem difícil da minha vida. De um parente próxima, e eu via sempre que ela caía, caía, caía, e eu ficava frustrado com isso, e o caboclo falou isso na mente. E foi feito e tem uma importância que você não compreende, e tem uma semente, e os frutos vem com o tempo, e talvez nem nesta vida, mas é uma semente importante. É um processo de evolução que nem sempre é como a gente quer e como a gente espera.

28. Existe mais algum ponto que gostaria de acrescentar e que não tenho sido abordado nas questões anteriores e que seja voltado para as questões levantadas nessa entrevista?

Acho que talvez... talvez, as entidades, os caboclos trazem esta ancestralidade muito forte de pertencimento, principalmente dos povos indígenas do Brasil e não só do Brasil. Mas este pertencimento do todo, não só da família parental, mas com todos que te rodeiam. Saber se harmonizar, saber estar juntos, respeitar a natureza.

ANEXOS II

ENTREVISTA 01

Data: (não foi anotado a data)

Entidade: Caboclo Pedra Verde

Local: Templo de Umbanda Pai Oxalá

Poderia me falar sobre incorporação, sobre a Umbanda e caboclos?

Cada entidade diz uma coisa diferente de acordo com a linha que faz parte. O que a gente faz e age expressam uma curta parcela da espiritualidade. A espiritualidade como força infinita. O que os caboclos fazem é expressar a força que são. A espiritualidade é múltipla, mas quando venho no corpo do cavalo, venho trazer uma força única.

Venho também na linha de Xangô. Sou um trabalho da espiritualidade que traz um aspecto do divino. O que você vê começa abstrato, indefinido, mas que pouco a pouco vai ganhando forma ao me aproximar de você.

A Umbanda não está preocupada com o abstrato, mas traz o divino diante de você. O contato do divino não vai ficar apenas na sua mente, mas vai sentir através do calor, outras do contato com o divino. Esse contato que é indireto, mas também é direto para fugir da abstração.

Incorporação é dentro da infinidade abstrata se tornar singular, concreta com você. Com que homens e mulheres simples se conectem com o sagrado. O que estava nas mãos de poucos sacerdotes possa ser acessado no dia a dia o calor, sabedoria espiritual.

Espiritualidade é trabalho, ação que leva para o mundo um propósito. Quando alguém busca ajuda, não estou aqui para resolver problemas particulares. Uso para que Xangô se manifeste e o coração do consulente possa ser abundante de Xangô. Xangô está na essência até que transborde e faça parte da vida da pessoa. Esse caboclo é intermediário de Xangô, que não é só energia, trabalho, etc, mas o que se conhece como axé, onde começa a mudar o contexto em que está envolvido, o que você chama de caminhos abertos.

Caboclo é aquele que possui postura ereta, não só de postura, mas que expressa firmeza, que tem pés plantados no chão, que tem firmeza e traz a força das matas. Pois a medida que foram destruindo as matas, foram se tornando fracos. Caboclo é terra onde você faz sua morada e aonde está a força onde você faz sua morada. Caboclo é iniciador de transformações com sabedoria, mudança de olhar, valores que trazem firmeza.

O Caboclo tem sua essência, é um ser individual assim como um indivíduo. Ao longo dos anos fui criando força e criando minha energia. Eu envolvo a pessoa e ao mesmo tempo infiltro essa força na cabeça que vai se espalhando e criando uma força e criando forma. Eu crio uma conexão com a minha coroa com a do cavalo e outros pontos também. Essa conexão é como uma ronha que é lapidada devagar, como uma água que vai passando.

Antes de tudo exige-se uma afinidade para que as energias se somem e não haja conflito. AS vezes acontece porque a entidade e cavalo se conhecem há anos, outras porque o cavalo tem afinidade com a energia, outras podem trabalhar várias energias e outras porque houve dificuldade até acontecer.

A incorporação não é a mesma coisa. Usam a palavra para restringir as experiências e acabam fazendo confusões principalmente quando há comparações.

Todo médium incorporado é um altar, um oráculo, templo em que a essência divina se faz presente. Não é esse caboclo que é divino, mas a energia de Xangô que faz presente até vocês.

ENTREVISTA 02

Data: 19 de setembro de 2022

Entidade: Caboclo 7 Flechas

Local: Templo de Umbanda Pai Oxalá

O que é incorporação?

Quando a entidade vem de outro plano, de dimensões mais elevadas vem para a terceira dimensão é onde converge espiritual, físicos, mental, energético e sentimental. O caboclo se aproxima tanto do

médium e o cavalo precisa de cabeça forte. O médium evoluído no tempo o caboclo pode vir e se tornar um acoplamento. Esse acoplamento é quando a entidade não toma o corpo, mas vibra junto. Vibra a ponto de trazer os trejeitos, conhecimentos, mas sem desmerecer o médium. É um ato de respeito mútuo. No acoplamento desrespeitoso o médium sente. Quando o médium faz errado, faz mal para o médium. A entidade fica mais longe e passa a ser o médium. É o acoplamento entidade e médium para que seja feito o desenvolvimento.

Quem são os caboclos?

Os espíritos que estão num grau energético mais próximo de Deus. Traz a força da natureza, jovialidade, de firmamento. A partir do firmamento as pessoas voltam para elas mesmas e entendem que elas mesmas são guerreiras.

Além da energia da natureza e firmamento, vem trazer essa energia de Deus (formosura, amor e calma). Pode fazer desobsessão e encaminhamento dos espíritos perdidos. Os caboclos também fazem transporte, além dos exus. Diferente dos exus, os caboclos transitam em todas as dimensões. Os caboclos trabalham na dimensão terrena para cima e exu na dimensão terrena para baixo. “Muita luz cega”. O caboclo traz muita luz e pode fazer mal. Nenhum é mais que o outro, trabalham em equilíbrio. Quanto mais luz, mais sombra. Quanto mais sombra, mais luz.

O que é o terreiro?

A casa, local onde se concentra as ritualísticas afro-brasileiras. Trazem todos que forma denominados índios, de todos aqueles que já foram e daqueles que estão por vir. É um local onde baixam entidades que se identificam com as ritualísticas.

Os fundamentos são a conexão com a natureza, som do atabaque, todos os elementos da ritualística e trabalha os elementos do fogo, ar e terra.

O local dos fazeres ritualísticos afro-brasileiros. O terreiro evoca essas energias com respeito. Onde baixam todo o povo afro-brasileiro. Afro-brasileiros porque cultuam-se os Orixás que são energias de Deus que são cultuadas.

Como posso descrever os caboclos para quem nunca ouviu falar?

Caboclos são anjos que voltam de onde estão para ajudar. O caboclo traz a imagem do índio que não são aceitas. Os anjos são encarnados numa densidade mais elevada para estarem aqui.

Os caboclos acompanham o médium desde antes da encarnação e até depois. Eles trabalham como guias trazendo intuições para as pessoas. Se resume em fazer caridade por amor. Não porque eu quero, não por obrigação. Todos querem e merecem um caminho formoso.

Os caboclos mostram que não precisa sofrer para viver. Eles vêm trazendo a força e a formosura mostrando que todas as coisas tem o tempo certo para acontecer. A Umbanda é fazer simples, mas que exige muito conhecimento.

ENTREVISTA 03

Data: 03 de outubro de 2022

Entidade: Caboclo Pena Branca

Local: Templo de Umbanda Pai Oxalá

O que é a (in)corporação?

Livre arbítrio. Querer incorporar quando está disposto a estar aqui dentro para o que Deus, Jesus têm para as mudanças. Uns querem mais e outros menos. Tudo acontece em forma de troca, tudo influencia na incorporação. Defeitos e qualidades todos têm.

Quando você bate a cabeça no altar, quando você está disposto a mudar, a prender.

A espiritualidade faz sua parte, está do outro lado vivo e operante, vai depender de quem está do outro lado.

Aqui a gente faz um trabalho coletivo, aquele que entrega o que tem, mas a vida prega peça e nos afasta de Deus, do divino e do bom caminho. Tem muitas formas de manifestar a incorporação: alguns gritam, as vezes não manifesta no corpo.

O que muitos pecam é na materialidade. Alguns chegam com muitas guias, mas a incorporação é única e ninguém incorpora igual. Precisa incorporar não pela mente, mas pelo espírito. Quanto mais você consegue se desligar mais longe vai.

O silêncio é importante. As pessoas as vezes ficam conversando e não silencia a mente para chegar no plano superior. É preciso largar os apegos para chegar no espiritual.

É progressivo: o que você pensa hoje, amanhã já não pensa. Ter cuidado com a casa, com a roupa, com o outro. Tudo está conectado.

As mirongas só são apresentadas para quem realmente está no terreiro. Iniciar e fechar trabalho. Aqui [o atendido] é uma pequena parte do trabalho. Tudo o que acontece no dia a dia reflete no terreiro.

Para chegar na incorporação você passa por outros fundamentos: defumação, ronda (o médium vai preparando a sua mente), o canto, as palmas vão preparando para receber as energias mais elevadas e energias de cura.

Tudo está ligado a quanto está disposto a doar para o outro: o caridade, o amor, o cuidado. Transformar é o que Deus quer, que a gente possa ser movido pelo amor. É preciso morrer para renascer. É preciso abandonar as tendências humanas. Tudo passa pelo aparelho.

Quem são os caboclos?

São entidades que se apresentam como índios. Donos da terra, rezadores que cuidam das estações e agem de acordo com as leis da terra.

Precisa desistir dos estereótipos. No campo espiritual podem ter várias formas, mas mais importante que a forma é o conteúdo. As entidades não estão apegadas as formas e materiais, isso é para os humanos. O caboclo só precisa da presença. O caboclo é a energia do amor. A energia de Deus que habita cada um.

Cada terreiro tem suas maneiras de trabalhar. Aqui se trabalha mais com o silêncio. Se você dança muito você gasta a energia que recebe, mas se você guarda você aproveita mais.

O que é o terreiro?

É como uma escola. As vezes as pessoas querem evoluir e não sabem como e o terreiro é a recepção que conduz as pessoas para Deus. O altar tem várias camadas. Cada vez que você olha, mais para dentro você vai. Esse chão tem muitos fenômenos, para você aprender sobre Deus é preciso aprender com o mais velho. Quando você quer buscar Deus é importante buscar quem já sabe. O terreiro dá essa oportunidade. Se você só fala não está adquirindo sabedoria, conhecimento.

Até que ponto a pessoa quer incorporar? As pessoas querem incorporar, mas não querem mudar. Incorporar é habitar um lugar desconhecido, mas que é preciso ir. Buscar entrar no tom do corrente. Ser junto e não apenas mais. É muito comum as pessoas virem para cá e não entrarem na sintonia e acabam destoando. Quando ficam...

No começo a pessoas descobre e vem com muita energia achando que vai ser fácil, mas para estar aqui precisa estar disposto a aprender e incorporar os valores das entidades, de Deus. Ninguém dá um salto. É um passo de cada vez. Cada dia alguma coisa acontece. Aqui é o lugar do fenômeno mediúnico: só no terreiro as coisas acontecem.